



A GERAÇÃO ABANDONADA

GABRIELE KUBY



ECCLESIAE





Gabriele Kuby

A geração abandonada

Tradução de
Lucas Ferreira Lima



ECCLESIAE

A geração abandonada

Gabriele Kuby

1ª edição — março de 2024 — CEDET

Título original: The Abandoned Generation. South Bend, in: St. Augustine's Press, 2022.

Publicado originalmente em alemão em 2020, por Fe-medienverlags GmbH, sob o título Die verlassene Generation.

Copyright © 2020 by Gabriele Kuby

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Rua Armando Strazzacappa, 490

CEP: 13087-605 — Campinas, SP

Telefone: (19) 3249-0580

E-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

EDITOR:

Verônica van Wijk Rezende

TRADUÇÃO:

Lucas Ferreira Lima

REVISÃO:

Tamara Fraislebem

PREPARAÇÃO DO TEXTO:

Berenice Orviedo

DIAGRAMAÇÃO:

Renan Franciscon Marques

CAPA:

Lucas Gabriel Goes de Macêdo

CONSELHO EDITORIAL:

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Silvio Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA

Kuby, Gabriele.

A geração abandonada / Gabriele Kuby; tradução de Lucas Ferreira Lima — Campinas, SP:

Ecclesiae, 2024.

ISBN: 978-85-8491-244-5

Título original:

The Abandoned Generation

1. Relacionamento conjugal, controle de natalidade, casamento, família 2. Educação das crianças 3. Direitos da criança

I. Título II. Autor

CDD – 241.6 / 649 / 323.3

INDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Relacionamento conjugal, controle de natalidade, casamento, família — 241.6

2. Educação das crianças — 649

3. Direitos da criança — 323.3

♻ ECCLESIAE — www.ecclesiae.com.br

Reservados todos os direitos desta obra.

Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor e do detentor dos direitos autorais.

Sumário

ATORMENTADOS NO CORPO E NA ALMA

CAROS LEITORES,

INTRODUÇÃO: A CRIANÇA — NOSSO FUTURO

1. EU QUERO VIVER — E VOCÊ DEVE VIVER

2. ESTÉRIL POR ESCOLHA: SIM AO SEXO, NÃO AOS FILHOS

Preservativos

A pílula

Uma encíclica profética

Com a natureza, e não contra ela — Planejamento Familiar Natural

3. MULHERES REINANDO SOBRE A VIDA E A MORTE

Apenas um amontoado de células?

Métodos abortivos

O arrependimento nunca vem tarde demais

4. DE PRESENTE A PRODUTO

Artificialmente fértil

Os riscos da fertilização artificial

A montanha-russa do medo e da esperança

O doador de esperma

A barriga de aluguel

5. TORNANDO-SE PAIS

O nascimento

A criança em formação

Pais para sempre

6. CRECHE — SOCIALISMO 2.0

A ofensiva das creches

Unir em vez de escolarizar

Stress constante e cortisol

7. STRESS E SEXO NO JARDIM DE INFÂNCIA

Stress — inimigo da brincadeira

Direito ao sexo?

[Inclusão](#)

[Participação](#)

8. PERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA

[A adversidade da persidade](#)

[O ataque global à integridade dos jovens](#)

[Linguagem enganosa](#)

[A última moda: transgenerismo](#)

9. DIREITOS DAS CRIANÇAS — O ESTADO CADA VEZ MAIS INVASIVO

[Direitos das crianças na Constituição?](#)

[“Custódia” do Estado](#)

[Carta dos Direitos da Família](#)

10. DESUMANIZAÇÃO DIGITAL

[Doentes por causa das mídias digitais](#)

[Solitárias e viciadas](#)

[Cyberbullying](#)

[Fabricantes globais de consciência](#)

11. PORNOGRAFIA — CORRUPÇÃO DA ALMA DAS CRIANÇAS

12. PÓRCIO — O INCRUENTO SACRIFÍCIO DE CRIANÇAS

[Testemunhos do sofrimento dos filhos de pais porciados](#)

[O que diz a ciência sobre o sofrimento dos filhos de pais porciados](#)

[Pais, cadê vocês?](#)

[Duas mães e dois pais — nenhuma diferença?](#)

13. A FAMÍLIA — O BIÓTOPO HUMANO

14. A CRIAÇÃO DOS FILHOS — TORNANDO-OS FORTES PARA O FUTURO

[ENTREVISTA COM JULIA CALINESCU](#)

[CONCLUSÃO: POR ÚLTIMO, MAS NÃO MENOS IMPORTANTE](#)

[NOTAS DE RODAPÉ](#)

Ao riso das crianças

ATORMENTADOS NO CORPO E NA ALMA

Doentes físicos crônicos

26% das crianças e adolescentes são potenciais portadores de alguma doença crônica somática. As que são encontradas com mais frequência entre as crianças são a neurodermatite (8%) e a asma (7%). Uma em cada quatro crianças apresenta alguma doença física crônica e uma em cada dez crianças tem alguma doença mental crônica.

dak Kinder — und Jugendreport 2018¹

Distúrbios mentais

Com uma incidência de 26%, distúrbios mentais e comportamentais estão entre as quatro patologias mais comuns entre crianças e adolescentes.

dak Kinder — und Jugendreport 2018²

20% das crianças e adolescentes são mentalmente vulneráveis

Para aproximadamente um quinto das crianças e adolescentes entre 3 e 17 anos existe o risco da existência de anormalidades psicológicas, e os meninos são afetados de maneira mais significativamente frequente do que as meninas. Os mais comuns são os transtornos de ansiedade, seguidos por transtornos dissociativos agressivos, depressão e TDAH .

Federal Centre for Health Education, Kindergesundheit-info³

Nova morbidade

Uma nova morbidade pode ser vista nas doenças crônicas e agudas, nos transtornos físicos e mentais, no desenvolvimento emocional e mental do comportamento social, e no desenvolvimento motor e cognitivo.

J. Leidel, Entwicklungsstörungen bei Kindern und Jugendlichen, Prevention conference of the German Medical Association⁴

Distúrbios da fala em 42% dos meninos de cinco anos

Em 2017, distúrbios de fala e linguagem foram diagnosticados em 16% dos meninos e meninas com idades entre 0 e 17 anos. O desenvolvimento desses distúrbios ocorre com mais frequência aos cinco anos — em 42% dos meninos e 30% das meninas.

ak Gesundheitsreport 2019⁵

27% de aumento nos distúrbios do desenvolvimento em crianças de 5 a 7 anos

O número de distúrbios do desenvolvimento diagnosticados em crianças de 5 a 7 anos aumentou em 27% nos últimos dez anos; de 28% em 2008, foi para 35% em 2018. Mais de 82% dos diagnósticos de distúrbios do desenvolvimento incluem a fala e a linguagem. Distúrbios do desenvolvimento motor ocupam solidamente o segundo lugar, com 22%.

Heilmittelbericht des Wissenschaftlichen Instituts DER AOK⁶

28% das crianças e adolescentes fazem terapia na região de Rheinland-Pfalz

28% das crianças e adolescentes em Rheinland-Pfalz fazem terapia para tratar doenças e distúrbios mentais em 2018. Isso representa um aumento de 12% em relação a 2009. A maior parte dos diagnósticos

feitos em 2018 foram de problemas com o desenvolvimento da fala e da linguagem (quase 22%), seguidos por distúrbios psicomotores como o TDAH (12%).

Health minister Sabine Bätzing-Lichtenthäler em novembro de 2019⁷

28% dos meninos e meninas de Berlim têm alguma doença mental

Em Berlim, 30% dos meninos e 26% das meninas sofrem com alguma doença mental. Em 2016, em 9% das crianças foi diagnosticada alguma doença mental crônica (ansiedade escolar, 44%; TDAH, 41% — com incidência três vezes mais alta entre os meninos — e depressão, 13% — com duas vezes mais casos entre as meninas).

dak Gesundheitsreport 2019, Berlim

Privação de sono e consumo de mídia

Jovens em todos os tipos de escolas hoje sofrem em decorrência de uma pronunciada privação de sono. Há um encadeamento de efeitos: muito tempo na frente de telas leva à privação de sono, ao *stress* elevado, ao sedentarismo, e a sintomas físicos como as dores de cabeça e dores nas costas, juntamente com o TDAH .

Präventionsradar, Schuljahr 17/1 8, dak-Gesundheit⁸

Sedentarismo

Apenas 35% das crianças se exercitam o suficiente — 40% dos meninos e 31% das meninas.

Präventionsradar, Schuljahr 17/1 8, dak-Gesundheit

Stress

40% das crianças em idade escolar indicaram que muito frequentemente se sentem estressadas. Com 48%, as meninas

aparecem na frente dos meninos, com 33%; *stress* causado sobretudo pela escola. O *stress* aumenta a pressão da circulação sanguínea, produz irritabilidade, perturba o sono e causa dores de cabeça e dores nas costas. 50% deles relatam sentir fadiga e exaustão toda semana ou até com mais frequência. As meninas são mais afetadas do que os meninos.

Präventionsradar, Schuljahr 17/18, dak-Gesundheit

Pobreza

Um quinto das crianças e adolescentes com menos de 18 anos vivem abaixo da linha da pobreza, em lares cuja renda é 60% inferior à renda média.

*Andreas Storm, Beiträge zur Gesundheitsökonomi E, dak Kinder-und Jugend-report 2018*⁹

Educação ruim e stress decorrente de doença

Crianças de famílias socialmente desfavorecidas são mais propensas do que crianças de famílias prósperas a manifestar problemas em seu desenvolvimento físico, mental, cognitivo, linguístico e motor. É menos provável que sejam amamentadas, mais provável que fumem, passem mais tempo diante de telas, dediquem-se menos a esportes, comam menos saudavelmente, tenham mais cáries, mais alergias, muitas vezes apresentem casos de obesidade, passem mais tempo em hospitais e precisem de mais medicações. Pediatras falam de uma “terrível aliança entre educação ruim e *stress* decorrente de doença”.

dak Kinderund Jugendreport 2018

Pais doentes — filhos doentes

Em 2017, 37% de todas as crianças asseguradas pelo Fundo de Seguro Saúde para Funcionários Alemães eram filhas de alguém que havia sido submetido a tratamento por problemas psicológicos. O risco de

desenvolvimento de doença mental na infância aumenta em 80% se um dos pais for portador de doença mental.

dak Kinderund Jugendreport 2019

CAROS LEITORES,

O tema deste livro é o drama enfrentado pela geração mais jovem. Seu objetivo é voltar a direcionar os corações de pais e mães aos seus filhos e filhas, para que estes também direcionem seus corações aos seus pais. Um véu foi posto sobre nossa consciência e nos esconde as dificuldades. Ninguém quer tal sofrimento. Todos buscam um mundo melhor. Quando dermos às crianças aquilo de que precisam, o mundo será um lugar melhor. Por isso temos de retirar o véu.

Sob o véu encontramos a nós mesmos. Pode ser doloroso descobrir que, como pais e mães, contribuímos com o sofrimento de nossos filhos. Há algum pai ou mãe que em algum momento não se dê conta disto? Não há pais perfeitos nem famílias perfeitas, mas há indivíduos que querem crescer enquanto pessoas. Este é o único requisito para tirar proveito da leitura deste livro.

Não falo como quem arroga a si ares de superioridade. Sou filha de pais divorciados e também me divorciei. Isso está dentro das probabilidades estatísticas. O mais novo dos meus três filhos tinha 11 anos quando me tornei mãe solteira. Foi apenas após dirigir a Deus a minha atenção, depois da separação, que os meus olhos gradualmente se abriram e pude entender o significado do matrimônio e da família, quão grande é a promessa de felicidade e o que ela exige que façamos.

Desde então, passaram-se 25 anos. Os obstáculos que uma família desestruturada lançou na estrada da vida se transformaram em desafios para a escalada de uma montanha; através de giros e

reviravoltas, levaram-me a uma ampla paisagem que enche de gratidão o meu coração. A compreensão, o perdão e o amor aumentaram. Depois, tornei-me avó, e estou fascinada pela forma como se iniciam novas vidas. Precisamos protegê-las para fazer do mundo um lugar melhor.

Gabriele Kuby, Páscoa de 2020

INTRODUÇÃO: A CRIANÇA — NOSSO FUTURO

As crianças desempenham um papel redentor na família. Elas representam a vitória do amor sobre o ego insaciável. Simbolizam a derrota do egoísmo e o triunfo da caridade.

— Fulton Sheen

Quão encantados ficamos ao ver uma mamãe pata guiando seus patinhos; uma gata lambendo suavemente os seus gatinhos; um filhote de urso-polar aninhado nas patas de sua mãe; um papai pinguim que passa semanas balançando o ovo sob seus pés chatos e o acalenta sob sua plumagem enquanto a mãe sai em busca de comida! O zelo pelos mais fracos. É assim que a vida começa de novo e outra vez — e nós, humanos, sentimo-nos comovidos com isso.

Ficamos também sensibilizados ante o sorriso de um bebê. Passadas algumas semanas desde o nascimento, sem a influência de pensamento ou julgamento, o bebê nos agracia com um olhar de pura e completa aceitação. Abrem-se-nos as portas do paraíso. Mas, quanto aos cuidados dispensados pelos animais aos seus filhotes, sentimos o mesmo encanto quando vemos uma mãe lactante? Não faz ela grandes sacrifícios desde a concepção até o nascimento? E do nascimento ao

desmame, bem como, de maneira contínua, durante toda a vida? Se ela doa o próprio corpo — sua substância física —, não poderia fazer o mesmo com o seu coração? Contudo, há algo de estranho no ar: as pessoas já não se comovem, não respeitam mães que passam a vida cuidando de seres mais fracos.

O que há de errado? Não somos nós do Ocidente que nos orgulhamos da nossa “humanidade”? Não sacrificamos virgens para aplacar a ira dos deuses, como faziam os astecas. Não assassinamos recém-nascidos se já existem muitos deles ou se têm alguma deficiência, como faziam os romanos. Nos prósperos países ocidentais, não forçamos as crianças a trabalhar, como aquelas que fabricam os produtos baratos que compramos, tampouco as obrigamos a lutar como soldados em uma guerra. Mas será que a nossa cultura é realmente benéfica para as crianças?

Não, muito pelo contrário. Entre um quarto e um terço das crianças e jovens alemãs estão doentes no corpo e na alma — tão doentes que precisam ser tratadas por médicos e terapeutas. Por trás dos números se esconde a tristeza, grande sofrimento existencial das crianças e jovens, com consequências negativas para sua vida pessoal e o futuro de toda a sociedade. Os dados também ocultam o sofrimento dos pais cujos filhos não se desenvolvem, não lhes dão alegria, encontram-se enfermos, apresentam-se agressivos ou estão depressivos, prontos a se esquivar de seus abraços. Crianças cujas psiques estão esfaceladas têm mais problemas na escola, têm mais probabilidade de abandonar os estudos, conseguem pouco ou nenhum êxito educacional, e correm um maior risco de se tornarem viciadas ou de serem algum dia encarceradas.¹⁰ As famílias sempre enfrentaram dificuldades, mas antes do final da década de 1960, uma “infância feliz”, uma “infância sem preocupações”, constituída por um pai, uma mãe e irmãos, um ambiente natural, seguro para as crianças, ainda era o padrão pelo qual as pessoas se esforçavam. Hoje, a destruição da família é incentivada como via de regresso ao socialismo: igualdade do mínimo denominador comum de um povo coletivizado cujo governo fica nas mãos das classes políticas.

Os principais estudos que documentam o sofrimento coletivo da geração jovem o relacionam ao baixo nível socioeconômico e educacional, mas as causas mais profundas não são investigadas. A desintegração da família nunca surge entre as razões, e a palavra “divórcio” em nenhum momento aparece. Supõe-se que medicações e terapia são suficientes para conter o problema. Na melhor das hipóteses, podem trazer alívio, porém são incapazes de deter o avanço em direção a uma sociedade composta em grande parte por enfermos.

Negar-se a aceitar tanto sofrimento nada tem a ver com nostalgia, mas sim com a vontade de viver e com a esperança por um futuro tolerável.

A vida é ordenada de tal maneira que as pessoas em seus períodos iniciais e finais dependem de ajuda, e aquelas que se encontram no meio do caminho são as que têm a força necessária para prestar assistência a esses indivíduos mais jovens e mais velhos. A vida é um fardo, não importando o ângulo pelo qual a encaremos. Uma sociedade humana assume como dever carregar este fardo: zelar pelos fracos, jovens e velhos. Quando os pais cuidam bem de seus filhos, são maiores as possibilidades de que esses filhos cuidem deles quando eles estiverem velhos. Uma sociedade desumana quer livrar-se desse fardo e acaba por entrar numa rota de colisão com a vida propriamente dita.

A palavra “humano” evoca a ideia de que ser bom é característico das pessoas, mas aqui há um erro de linguagem. Ela não descreve a realidade, mas apenas seu potencial — o ideal humano: papais pinguins passam semanas sem comer e mal se movem, de modo que o filhotinho possa crescer dentro do frágil invólucro de seus pés e eclodir no momento certo para se tornar ele mesmo um pinguim e assumir seu posto na dianteira para proteger todo o bando dos ventos uivantes do Norte.¹¹ Não há decisão livre de sua parte por fazer isso. O instinto o conduz à abnegação. Já as pessoas precisam escolher fazer o bem. Não é nada fácil — é uma árdua batalha. Na maioria das vezes preferimos deslizar ladeira abaixo, especialmente nos dias que correm. A subida traz vida, alegria — e um futuro. A descida, apenas tristeza,

depressão, medo, desesperança e morte. Há sofrimento em ambos os caminhos, tanto na subida quanto na descida. Mas para quem sobe, a esperança é a companheira. Para quem desce, a miséria.

Como podemos nos tornar tão humanos quanto os pinguins?

Em nossa sociedade, as crianças são quase sempre retratadas como fardos. E criar e sustentar crianças não é, de fato, brincadeira de criança. É a coisa mais séria desta vida. Grande alegria e sacrifício vêm juntos num pacote duplo. Com a vinda da prosperidade em massa, uma mentira foi vendida a uma geração inteira: que a diversão pura e simples constitui o sentido da vida, e que essa diversão deve vir sem sacrifício ou sofrimento. Um momento após o outro a paternidade derruba essa mentira. Em suas mãos há um pacotinho de humanidade, completamente indefeso e dependente de amor e atenção.

Pode ter de ser amamentado, gritar e agarrar um de nossos dedos, mas não muito mais do que isso. Esqueça dormir a noite inteira. O dia todo é dedicado somente ao bebê. Até a hora do nascimento, a mãe era um ser autônomo, seus desejos eram o compasso de sua vida. Agora, de repente, é o choro de uma criança o que dita as regras. Seu ego foi destronado sem aviso — subitamente *teve de* deixar de governar para começar a servir. E o que é verdadeiramente espantoso: a mãe *quer* isso.

A oxitocina, o “hormônio da felicidade”, é secretada. É também chamada de “hormônio do vínculo”. É secretada durante a união sexual, o nascimento e a amamentação. Uma mãe, que até pouco tempo atrás tinha sua autoestima alimentada por sua atratividade e pelo reconhecimento profissional, olha profundamente comovida e maravilhada para esse recém-nascido. Seu rosto adquire o resplendor do terno amor. Ela se perde ao olhar para a criança a qual deu à luz. O bebê deixou de ser um mistério em seu corpo para se tornar uma maravilha visível em seus braços. A vida nunca mais será a mesma. Ela nunca deixará de cuidar dessa criança. O itinerário da vida agora tem outras coordenadas: Criança — Mãe — Pai. A natureza e a oxitocina

administraram a dose inicial de amor. Afirmar esse amor em todas as fases vindouras da vida requer contínuo crescimento interior, constantes novos tipos de sacrifícios, deixar-se sempre levar por formas novas e mais profundas para dar à criança o adequado nível de liberdade, sem o qual o amor não pode florescer.

A vida se desenvolve de dentro para fora, por si mesma. Alguns dias após o nascimento, a criança olha bem nos olhos da mãe. Há ali um eu dotado de uma alma imortal. Quão incompreensivelmente preciosa é esta pequenina! Quem é esta criança? O que será dela? Quais são os seus dons, suas características, sua missão? A cada nova expressão de vida os pais buscam, às apalpadelas, sinais que possam revelar esse mistério. Ninguém ensina o bebê a erguer a cabeça, a virar-se, a interessar-se por um móvel, sentar-se, gatinhar, esforçar-se à exaustão, subir as escadas ou atrever-se a dar o primeiro passo. Há algo mais encantador do que o sorriso de um bebê, algo mais contagioso que a risada de uma criança? E há festa por todo lado quando Aiden aprende algo novo. Fotos e vídeos são enviados, e avós, tias, tios e amigos ficam fascinados quando Isabella entusiasticamente pisa num charco. Há algo mais belo do que uma criança correndo alegre em direção aos seus braços, rindo por coisas que nós adultos sequer notamos, confiando plenamente em seu papai quando este a lança no ar, sendo toda ouvidos à vovó quando ela conta uma história?

Uma mãe precisa de muita perseverança para alimentar, trocar fraldas, proteger e conversar com um bebê 24 horas por dia sem receber uma única palavra em resposta. Ela sempre tem suas antenas dirigidas à criança e desenvolve um sexto sentido para suprir suas necessidades. Uma completa mudança no ritmo de vida é exigida à mãe, da velocidade frenética do mundo digital, do sistema de recompensas do trabalho profissional e dos prazeres daqueles que não têm filhos, para a constante e paciente presença ao lado da criança. Concomitantemente à alegria de cada novo passo dado pela criança há longos períodos de seca, insônia e horas solitárias com a criança quando o pai sai de casa e só à noite volta, cansado.

Os pais se tornam mais ternos com seus filhinhos, acordam no meio da noite, alimentam-nos, trocam suas fraldas e os embalam até pegarem outra vez no sono. Pais que tiram alguns meses de licença do trabalho para cuidar de seus bebês experimentam o mesmo que as mães e logo desenvolvem seu próprio vínculo com as crianças.

Sim, é estressante aplanar o caminho de uma criança pela vida, sempre zelando por ela e não por si mesmo, às vezes sendo incapaz de reconfortá-la, tendo de somente esperar que passem as enfermidades. Mas é grandiosa a recompensa, infinitamente maior do que o esforço despendido para consegui-la: uma nova criança veio ao mundo. Os pais podem experimentar uma renovação graças ao amor incondicional da criança. Estão agora inextricavelmente ligados à vida em si mesma, e não há como voltar atrás. A criança arrasta os pais consigo em direção ao futuro.

Dentro em pouco, talvez outros deem atenção à criança no berço, ela vá ao jardim de infância, à escola, consiga um *smartphone* e procure um lugar entre as crianças da mesma idade. Mais e mais os pais perdem o poder de moldar o mundo da criança. Bem-afortunados são os pais e as crianças se, nos três primeiros anos, um seguro e indestrutível vínculo se firmou entre eles, de forma a dar à criança a certeza interior: “Eu sou querida”. “Sou amada”. “Estou segura”. “O mundo é bom”. “Posso confiar”.

Por muito tempo, esse foi o curso da vida do pai, da mãe e do filho. Mas o que acontece hoje? Vejamos o que fizemos a nossas crianças. As crianças são o nosso futuro. Vejamos o que fizemos ao nosso futuro.

É doloroso ver a realidade tal como ela é. Somos todos parte desta realidade e contribuímos com sua criação. Porém a dor pode conduzir à decisão de pôr a criança no centro, para servir ao mais fraco, a ela mesma. Isso implica sacrifício — sacrifícios que trazem bênçãos.

Numa sociedade que entroniza as necessidades dos adultos, as crianças não têm vez.

- Crianças são evitadas.
- Crianças são assassinadas antes do nascimento, se consideradas indesejáveis.
- Crianças são produzidas em laboratórios, se são desejadas.
- Crianças são enganadas quanto ao que diz respeito à sua linhagem.
- Crianças são congeladas em embriões e usadas para pesquisas.
- Crianças são esperadas em barrigas de aluguel.
- Crianças são adotadas e criadas por parceiros do mesmo sexo.
- Crianças são deixadas nas mãos de estranhos desde a infância.
- Crianças são sexualizadas já no jardim de infância.
- Crianças são confundidas no tocante às suas identidades sexuais.
- Crianças são sexualmente doutrinadas ainda na escola primária.
- Crianças são encorajadas a “mudar” de gênero.
- Crianças são expostas a *smartphones*.
- Crianças são expostas a pornografia.
- Crianças são sexualmente abusadas em massa.
- Crianças são levadas à orfandade por causa do divórcio.
- Crianças têm crescido no seio de famílias destruídas.
- Crianças têm se entristecido profundamente.
- Crianças têm se tornado doentes.
- Crianças têm sido dopadas com Ritalina.
- Crianças têm tido suas infâncias roubadas de si.

As crianças são o nosso futuro. As crianças são seres humanos. As crianças têm dignidade — desde o princípio.

Devolvamos às crianças a infância, e o futuro a todos.

1. EU QUERO VIVER — E VOCÊ DEVE VIVER

Desde o momento da fertilização, todo óvulo humano é um embrião humano.

— Tribunal Europeu de Direitos Humanos, 2011

A vida — que mistério! A vida em nós. Surge de uma semente, cresce e um dia morre — inexoravelmente. Nenhum ser humano jamais teve sucesso em recriar a vida — Adão e Eva não comeram da árvore da vida. Mas a vida incessantemente dá frutos, desde seu início. Um é alimentado com os frutos dos outros. O fruto encobre a semente que cai sobre o solo, morre e faz brotar um novo fruto.

As sementes têm dentro delas um plano de desenvolvimento. O grande carvalho já estava programado para sê-lo desde que era uma semente. Esta estava destinada a se tornar uma árvore enorme, contando, para isso, com um bom solo para enraizar-se, com o sol e a chuva descendo sobre ela, pois à muda nada acontece enquanto ela ainda é tenra e indefesa. Todo plano para a vida exige condições adequadas para se desdobrar. Para as pessoas, esta é uma rede do destino e do acaso, determinismo e livre-arbítrio, liberdade e providência.

As religiões arcaicas cultuavam deusas da fertilidade e celebravam cultos de fertilidade porque é a mulher quem dá à luz novas vidas. Os israelitas não faziam distinção entre os frutos e o corpo, os frutos e os animais, e os frutos e o campo: “Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais; e as crias das tuas vacas e das tuas ovelhas” (Dt 28, 4). Para eles, a fertilidade é um sinal da graça divina — a infertilidade do corpo, da terra, dos animais, por outro lado, é uma maldição de Deus, através da qual Ele castiga aqueles que desrespeitaram Seus mandamentos e romperam a aliança.

Para os antigos, era óbvio que o próprio Deus abria ou fechava o ventre. Jacó amou Raquel e serviu a seu pai Labão por sete anos para obtê-la como esposa, mas Lia, a irmã mais velha, é que foi colocada na cama quando chegada a noite de núpcias. Deus simpatizava com a desprezada irmã Lia e “tornou-a fecunda enquanto Raquel permanecia estéril” (Gn 29, 31). Quando Raquel queixou-se a Jacó e exigiu: “Dá-me filhos, senão morro!”; Jacó a repreendeu: “Acaso posso eu pôr-me no lugar de Deus, que te recusou a fecundidade?”. Mais tarde, Deus lembrou da infértil Raquel, “tornou-a fecunda” e lhe tirou o opróbrio (Gn 30, 22–23). Ela deu à luz José e, depois, Benjamin.

Essas são pessoas que a Bíblia tira das sombras do tempo de forma tão vívida que as reconhecemos como nossos irmãos e irmãs — tão vividamente, que Thomas Mann pôde escrever um romance de milhares de páginas sobre *José e seus irmãos*. Eles sabiam e criam: “Os filhos são um dom de Deus: é uma recompensa o fruto das entranhas” (Sl 127, 3).

Mas tudo isso é passado. Agora estamos a anos-luz daquilo. Arrancamos fora as raízes da nossa própria natureza e alteramos a ordem da criação. Que existe uma ordem, ninguém pode negar. A ciência descobre suas leis e se aprofunda cada vez mais no mistério da origem da vida. O Papa Bento XVI escreve:

O homem se transformou em produto, o que altera fundamentalmente sua relação consigo mesmo. Ele já não é um dom da natureza nem do Deus criador: é um produto de si mesmo. O homem desceu às nascentes do poder, à fonte mesma de sua própria existência.¹²

Que existe um criador que proveu às sementes os seus próprios planos de desenvolvimento, é coisa que não queremos saber. Preferimos acreditar que a inteligência imperscrutável que descobrimos em tudo resulta de mera coincidência, que essa ordem surgiu do caos sem sentido através de um contínuo e autônomo

desenvolvimento superior, um equilíbrio entre bilhões de organismos e sistemas altamente complexos nos quais pulsa a vida.

Como ocorre com todo ser superior, as pessoas vêm em dois sexos, homem e mulher, e procriam por sua união biológica. O membro masculino se insere na vagina da mulher, libera uma torrente que contém entre 40–400 milhões de espermatozoides com informações genéticas, dos quais o óvulo da mulher geralmente aceita *apenas um*, que se une a ele. Os óvulos da mulher são numerados. Seu corpo não produz constantemente novos óvulos, como faz o homem com espermatozoides. Eles envelhecem e morrem. No instante em que o óvulo e o espermatozoide se fundem, uma nova pessoa é criada, e é colocado em prática todo o programa genético. Deste ponto em diante, o ser humano, assim como todo animal e planta, não precisa de nada mais além de boas condições de crescimento para continuamente se desenvolver, primeiro no ventre de sua mãe, depois como um ser humano independente.

Há por aí discussões acerca de se o zigoto, a primeira fusão entre óvulo e espermatozoide, é já um ser humano que tem direito à vida. Todos os que buscam usar esse embrião para fins de pesquisa argumentam da seguinte maneira: “Somente depois de o embrião ter aderido à parede uterina — após a nidação — podemos dizer que realmente existe um ser humano, ou não antes de doze semanas; ou talvez apenas se o ser formado já for dotado de autoconsciência ou for saudável...”.

Em 18 de outubro de 2018, no caso *Brustle versus Greenpeace e.V.*, o Tribunal Europeu de Direitos Humanos chegou a uma clara decisão: “Todo óvulo se torna um embrião humano a partir do momento em que é inseminado”. E, portanto, tem direito à proteção estatal de sua vida.

O ato da procriação é prazeroso tanto para animais quanto para humanos. Homem e mulher são atraídos um ao outro por uma força capaz de sobrepujar a vontade e a razão para formar uma união

biológica. Mas há uma grande diferença entre animais e pessoas: nos animais, esse impulso irresistível aparece apenas durante o ciclo anual de reprodução. Nas pessoas, a atração sexual independe de um imperativo instintual para procriar. Isto abre espaço para paixões desenfreadas, êxtases de luxúria, dolorosos embates entre o amor e a volúpia, e para o abismo da perversão.

Por óbvio, nós mulheres podemos pilotar aviões, presidir países e empresas, tornar-nos engenheiras ou matemáticas, vencer no karatê ou manter nossas posições como soldados. Ao longo do tempo, as mulheres assumiram as tarefas dos homens quando havia poucos homens para desempenhá-las, como quando milhões de homens foram à guerra, sem nenhuma previsão de retorno. Mas, estranhamente, a vasta maioria das mulheres resiste às tentativas empreendidas pelo Estado para reeducá-las e opta por profissões relativas a pessoas, ensino e auxílio, linguagem e comunicação. Há uma tentativa de dissuadir as mulheres da ideia de que são diferentes e convencê-las de que na verdade são superiores aos homens. Os homens deveriam, então, ceder espaço em posições de liderança — até por cota, se necessário. Todos sabem que os corpos, os espíritos e as mentes de homens e mulheres são fundamentalmente diferentes e se complementam maravilhosamente. Ninguém pode mudar o fato de que os corpos masculino e feminino encaixam-se um no outro como a chave na fechadura, nem que os seres humanos surgem a partir da unificação do óvulo da mulher com o sêmen do homem — seja numa noite de amor, ou num estupro, ou numa placa de Petri. O sêmen do homem deve unificar-se com o óvulo da mulher para que esta dê à luz um ser humano geneticamente único. Hoje, homens e mulheres são considerados intercambiáveis, ainda mais agora que há alegações de que o gênero é uma escolha individual. Vemos imagens de mulheres segurando rifles em riste e homens barbados com barrigas de grávida. Teremos de fato conseguido mais liberdade? O futuro se tornou mais promissor para homens, mulheres e crianças?

O ciclo da mulher

Durante a maior parte de sua vida, o homem é capaz de procriar, ao passo que a mulher só é capaz de fazê-lo em uns poucos dias do mês e apenas numa parte de sua vida. Seu suprimento de óvulos viáveis é limitado. Algo extraordinário, que é somente seu, sucede em seu corpo — da puberdade à menopausa, que em verdade não é uma pausa, mas o fim de sua capacidade para abrigar a vida.

Aproximadamente a cada quatro semanas ocorre uma hemorragia na vagina da mulher, o que em geral é associado a dor e mudanças de humor. Passados alguns dias, o sangramento é interrompido. Isso se repete durante cerca de trinta anos da vida da mulher, entre 450 e 500 vezes, a partir da puberdade. Todas as mulheres desta terra estão sujeitas a esse evento cíclico. Muitas culturas e religiões consideram a mulher “imunda” durante esse período e a submetem a rituais específicos. As pessoas sempre estiveram conscientes de que o ciclo tinha algo a ver com a fertilidade, porquanto a fertilidade da mulher se esvai quando também o faz o sangue. Contudo, o descobrimento do complexo sistema hormonal do ciclo de fertilidade feminino não ocorreu antes do século xx, e apenas gradualmente se infiltrou na consciência geral.

“As mulheres têm filhos”, diz um *site* voltado à educação. “Esta afirmação parece simplista e supérflua. No entanto, é fundamental para tudo o que sucede mensalmente no corpo de uma mulher. O propósito da mudança periódica é sempre criar melhores condições para uma possível gravidez”.¹³

Vejamos mais de perto essa maravilha da autorregulação. Trata-se de uma interação sintonizada de glândulas hormonais no cérebro, da maturação mensal de um óvulo viável no ovário da mulher, e do útero, que a cada quatro semanas se prepara para aceitar um óvulo fertilizado, de modo que durante nove meses seja possível uma criança se desenvolver dentro dele. Se o óvulo não é fecundado, a mucosa do útero é rejeitada e excretada, manifestando-se como menstruação.

O cérebro é o centro de controle da fertilidade da mulher. O responsável pelos acontecimentos é o hipotálamo, uma área específica do mesencéfalo. Na primeira fase do ciclo, a partir do primeiro dia de sangramento, o hormônio gonadotrofina (GnRH) é secretado, assim desencadeando o ciclo de fertilidade. Isso faz com que a glândula pituitária produza o hormônio folículo-estimulante (FSH), que é liberado no sangue. Isso faz o que o próprio nome já diz: inicia o processo de maturação folicular no ovário e aumenta a produção do hormônio sexual estrogênio. O folículo é a vesícula na qual o óvulo e as glândulas hormonais estão localizados.

O estrogênio prepara os órgãos da mulher para a fertilização. O muco no colo do útero se liquefaz e desenha longos fios para o transporte e nutrição do espermatozoide. A cérvice amolece, os órgãos sexuais são melhor abastecidos com sangue, e o tecido mamário pode inchar e se tornar mais sensível.

Vários folículos da limitada reserva do ovário começam a crescer, mas apenas um folículo — o mais forte e melhor — ganha a corrida. Este cresce até 25 milímetros e produz progesterona, que dá o sinal para o folículo rebentar. O óvulo sai do folículo ou, mais precisamente, é expulso do líquido do folículo e se aloja na extremidade fimbriada da trompa de Falópio, e então a ovulação ocorreu. Os outros folículos morrem. O óvulo inicia a viagem de quatro a cinco dias através da trompa de Falópio até o útero, e está pronto para ser fertilizado apenas durante as primeiras dez a doze horas.

O estrogênio produzido no folículo durante a sua maturação dá ao revestimento uterino o sinal para um novo crescimento. Brotam novos vasos sanguíneos, e a membrana mucosa torna-se mais espessa e macia.

Com a ovulação, tem início a segunda parte do ciclo. O “plano A” é a gravidez: o óvulo é fertilizado e se aninha no útero. O “plano B” é: não ocorre a fertilização, todos os estimuladores hormonais da gravidez se encontram retraídos, a membrana mucosa receptiva do útero é

eliminada (menstruação), o colo do útero é fechado com o muco cervical resistente e o ciclo recomeça — e de novo e outra vez por 30 anos, até que os óvulos envelheçam e se esgotem. Quando a mulher tem por volta de 35 anos, a fertilidade já começa a declinar.

Ou o “plano A” entra em ação: um único espermatozoide, dentre 40 e 400 milhões, chega à trompa de Falópio e é captado pelo óvulo. O óvulo e os espermatozoides se fundem e criam um zigoto, que contém todas as informações hereditárias. Um novo ser humano passa a existir.

O óvulo fertilizado é transportado pelos cílios da trompa de Falópio num período de três a quatro dias até o útero e precisa de mais dois ou três dias para se integrar.

Entrementes, o corpo lúteo se forma na cavidade do folículo, que logo produz muita progesterona. Isso transforma o revestimento do útero. São armazenados nutrientes que podem nutrir o embrião por várias semanas, até que a placenta esteja totalmente desenvolvida. Assim que o embrião estiver aninhado, o útero produz HCG, o hormônio da gravidez, que pode ser encontrado no sangue apenas dois dias após a nidação. Ele dispara, sendo o que causa enjoos matinais em muitas mulheres grávidas. A progesterona previne, de maneira confiável, outra ovulação. Eleva a temperatura ao despertar, adensa o muco cervical e a cérvice endurece.

O controle e a interação dos hormônios, sua ascensão e retrocesso, a sincronização exata, a ressonância recíproca e finamente ajustada, funcionam como uma orquestra de câmara tocando uma composição extremamente complexa. A ascensão e a queda, o inchamento e o recuo, crescendo e decrescendo, tudo segue o impulso de um misterioso condutor. Às vezes o violino passa ao primeiro plano, às vezes o violoncelo, e em outras ocasiões a flauta. Eles todos tocam a canção da vida.

Como pode a humanidade — não, não a humanidade, mas os criadores de tendências ideológicas — aceitar a ideia de que a maternidade é meramente incidental para as mulheres, algo que pode ser esquecido e sacrificado no altar da carreira e da liberdade sexual?

Ser fértil, receptiva ao sêmen do homem, dar vida, nutrir e cuidar constituem a identidade mais profunda da mulher. Isso a faz valente como uma leoa, que também é ao mesmo tempo terna e compassiva, profundamente satisfeita e feliz, caso tenha ao seu lado um homem que protetoramente abraça mãe e filho, deixando-se levar pelo milagre da vida, pronto a crescer no dever da paternidade — e a ficar com a esposa e a criança por toda a vida.

Durante nove meses, toda a matéria de que se forma o corpo da criança procede do corpo da própria mãe. Talvez não seja mera casualidade o fato de que as palavras mãe (em latim, *mater*) e matéria sejam tão similares. Inclusive depois do nascimento, a mãe providencia ao filho, ao amamentá-lo, tudo de que ele precisa para crescer. Essa criança, formada de sua própria substância, desperta nela um amor que assombra e traz consigo a mais profunda alegria — tão pequeno, frágil, indefeso e totalmente dependente dela. Com todas as fibras de seu ser, ela quer que seu filho viva. Acaso existe algo que pertença mais a ela do que essa criança, “minha criança”? São necessárias apenas algumas poucas semanas para que o bebê comece a sorrir quando seus olhos se deparam com o rosto de sua mãe. Seu sorriso é como uma janela para o paraíso — nenhum animal sorri, e nenhum robô será algum dia verdadeiramente capaz de sorrir.

Nada disso é fantasia. Não, é o plano da criação que traz vida e felicidade.

Se as mães são agraciadas, também o são os seus filhos. Porém tal afirmação não provoca senão escárnio e ridicularização por parte das feministas sem filhos que militam para ter direito ao aborto. 67% das jornalistas alemãs não têm filhos.¹⁴ Não é de estranhar que elas toquem a trombeta feminista. Nunca foram desafiadas por crianças a superar

seu egocentrismo. Isso não é aprendido no turbilhão das redações, mas sim no processo de aperfeiçoamento do matrimônio e da responsabilidade concernente aos filhos. O outro vem primeiro — o marido ou a mulher, ou o bebê que chora. Isso pode significar ter de levantar cinco vezes numa única noite. A criança, na confiança absoluta que deposita na mãe, não deve ser enganada, porquanto um dia também deverá ser capaz de garantir o bem-estar de outras pessoas.

Todos têm uma mãe — espero que apenas uma. Em suma, se gostamos de viver, temos de ser gratos à nossa mãe, não importa o quanto ela deixe a desejar. Mas as pessoas deixam seu estado de espírito ser determinado pelas dificuldades que encontram pelo caminho e não pelo dom da vida, que a tudo excede em sua superioridade. Essa é a tendência psicológica do nosso tempo. Desceu sobre toda a sociedade como uma nuvem de fumaça. As mães já não valem nada. Hoje, se as mulheres querem reconhecimento, devem trabalhar, e, de preferência, não ter filhos. Se ainda assim tiverem um ou dois filhos, estes deverão ser criados por estranhos desde o nascimento.

A expectativa de vida das mulheres na Europa Ocidental é de 84 anos. Se partirmos do princípio de que a primeira menstruação ocorre aos 13 e a última 30 anos depois, restam então, aproximadamente, mais 40 anos, nos quais a mulher não pode mais engravidar. Aos 40 ela ainda está repleta de vitalidade, sua beleza ganhou em maturidade e feminilidade. Se ela tivesse tido filhos logo após terminar seus estudos formais, eles já seriam, a esta altura, mais ou menos independentes. Enquanto mãe, ela aprendeu um sem-número de coisas: entre elas, superar o seu natural egoísmo juvenil. Ela serviu ao marido, aos filhos, a toda a família e se dispôs ao sacrifício. Agora pode usar suas competências para atingir objetivos ainda maiores.

As pessoas raramente se atrevem a pronunciar as palavras “servir” e “sacrifício”. As mulheres supostamente devem ocupar posições de

poder na sociedade. Elas foram oprimidas pelo patriarcado durante muito tempo. Finalmente, *finalmente*, superamos isso, não é mesmo?

Mas não é necessário que as pessoas — tanto homens como mulheres — *sirvam* ao bem comum? Isso só é possível quando o ego é reprimido. Já não há suficientes pessoas obcecadas por poder, sexo e dinheiro nas posições de liderança?

As mulheres que têm escolhido viver suas identidades de mães raras vezes alcançam as mais altas posições de liderança — e talvez isso não seja o que elas consideram mais importante. Para elas, é mais importante fazer um trabalho significativo, tornar a vida melhor e mais bela — em sua família e para além desta. É isso uma perda para a sociedade? A sociedade não precisa de mulheres que usem sua força e sua energia como doadoras de vida que nutrem e sustentam, encorajam e guiam em direção ao bem? Mais do que os homens, as mulheres veem o quadro geral. Não lhes é tão importante ir do ponto A ao ponto B o mais rápido possível, superando os outros. Elas percebem que algo acontece entre os pontos A e B. São especialistas em “inclusão”. A mulher tem autoridade porque se sacrifica pelo bem de todos.

Porquanto a mulher seja essencialmente receptiva, tem uma maior abertura à dimensão espiritual da existência. Para trazer essa dimensão ao marido, precisa abandonar a luta por poder. O homem escuta o que tem a lhe dizer sua esposa apenas se ela o respeita. As mulheres que se dispõem a fazer isso têm mais chances de ter um bom casamento, filhos saudáveis nos quais possam confiar e uma família feliz e dinâmica.

Mesmo aquelas que não têm filhos, qualquer que seja o motivo, podem ter as qualidades femininas, maternais e vivificantes das mulheres. Mulheres assim recebem o título honorário de “mães”. Um dos mais célebres exemplos é o da Madre Teresa de Calcutá. O que é mais decisivo é que a mulher use sua força vital para servir à vida. O

mundo anseia por amor desinteressado. Quando essa ânsia é satisfeita, duas pessoas ficam felizes: aquela que doa e aquela que recebe.

2. ESTÉRIL POR ESCOLHA: SIM AO SEXO, NÃO AOS FILHOS

Privarei de filhos, destruirei o meu povo por não sair dos seus maus caminhos.

— Jr 15, 7 (600 a.C.)

Vivemos numa época em que a liberdade individual se tornou a maior de todas as virtudes. Queremos reinar sobre a vida e a morte e consideramos isso absolutamente indispensável para nossa liberdade. Trata-se do Eu que decido se e quando terei filhos — e quando não. Meus direitos e minhas necessidades vêm primeiro. Não há nenhum ser superior a mim. Um macaco é meu ancestral, o Nirvana é meu objetivo, e minha vontade é meu reino celestial.

Um dia isso foi diferente. Em primeiro lugar estava o bem-estar da comunidade à qual pertencíamos — a família, a cidade, a nação. O bem estava relacionado ao serviço. E havia tempos em que toda a vida de um sujeito era direcionada a Deus, cujos desígnios o povo desejava compreender.

Hoje, a superioridade individual é permitida e encorajada pelo extraordinário desenvolvimento da tecnologia. Parece que tudo é possível — tudo está sujeito ao poder da vontade humana.

Então, nós mulheres devemos continuar a permitir-nos ser regidas pelo nosso ciclo de fertilidade? Obrigada, Deus, isso já passou! Devem as mulheres ficar à mercê dos desejos sexuais masculinos e do risco da

gravidez? Não! Não! Não! A mulher por si mesma decide se será fértil ou não.

Poucas décadas atrás, haveria dramáticas consequências tanto para a mulher quanto para seu filho se ela ficasse grávida fora do casamento. Exílio da família, estigmatização da criança ilegítima. Maria, mãe de Jesus, poderia ter sido apedrejada se José não tivesse aceitado a ela e à criança. Nas sociedades muçulmanas, existe o risco de vingança. Hoje, aproximadamente 40% das crianças são concebidas fora do casamento. Nas sociedades ocidentais, ninguém se atreve a dizer mais nada a mulheres solteiras que engravidem de crianças ilegítimas. Agora ela se tornou simplesmente uma “mãe solteira”. Em vez de casar-se com o pai da criança, ela talvez se case com o Estado. Cerca de um quinto das mulheres criam seus filhos sozinhas.

A mulher teme engravidar quando não o quer — após uma noite de sexo, até fazer um teste de gravidez, pode ser consumida pela angústia. Uma despreocupada brincadeira na cama não deveria ter consequências para toda a vida.

Para os homens, a involuntária criação de um filho está mais para um pecadilho. Ele pode lidar com isso, mas a mulher não. Para a mulher, deixar-se levar pelas paixões pode alterar seu destino. Pode significar a criação de uma pessoa que durante nove meses cresce em seu corpo e dores de parto para dar à luz um filho que nunca mais abandonará sua órbita espiritual. O homem simplesmente garante à criança o seu sustento.

Cremos agora poder controlar isso através da contracepção. “Eu” decido sobre a luxúria, o amor e a vida.

A noção que as pessoas fazem da contracepção inclui a ideia de proteção. Um acidente pode ser evitado porque alguém estava em alerta. “Oxalá nos proteja o Senhor”, era uma expressão comum que agora se encontra fora de moda no deserto da descrença. Se usamos a contracepção durante a união física entre homem e mulher,

protegemo-nos da desventura de trazer ao mundo uma criança. Se apesar de todas as medidas contraceptivas uma criança é concebida, as pessoas chamam tal ocorrência de “acidente”.

Contracepção, a coisa mais normal do mundo. Coletar o sêmen em uma sacola de plástico, bloquear o acesso ao colo do útero com um diafragma de borracha revestido de espermicida, inserir uma espiral no útero para evitar que este receptivamente deixe o óvulo nele se alojar, ou engolir uma pílula todos os dias são coisas que prometem a libertação de todas as preocupações. Mas somos realmente capazes e temos autorização para sistematicamente separar o ato sexual de seu propósito, a criação da vida humana?

A questão por trás de tudo isso é a seguinte: como podemos entender o mundo em que vivemos? Tem algum significado o mundo ao nosso redor, ou fomos atirados num universo cheio de objetos dos quais podemos tirar proveito e manipular conforme nossos desejos?

Aristóteles disse que todo objeto tem um *telos*, um significado interior e um plano de desenvolvimento. O homem em si mesmo tem seu *telos* interno, e segui-lo torna bem-sucedida a sua existência. O filósofo Robert Spaemann fala de uma forma específica pela qual todo ser vivo está “à procura de algo”. Isso é parte constitutiva da existência do ser.¹⁵ Se respeitarmos essa existência e seu destino interior, o que deve ser será, e se tornará a norma. Quer isto dizer que, para nós, é bom buscarmos o nosso *telos*, e é ruim quando arbitrariamente usamos nossa liberdade apenas para satisfazer nossos interesses, desejos e paixões.

Acreditamos, tal qual Aristóteles, que o cosmos, a natureza, o corpo, têm um sentido interior, um objetivo com volição para ser realizado?

O que isso significa para a sexualidade? Qual é o seu *telos*, seu sentido, seu objetivo? Toda criança sabe metade da resposta: a criação de novas vidas. Isso é aplicável a animais, cuja atividade sexual é regida pelos instintos e limitada a períodos específicos do ano. Entretanto, os

humanos são os únicos animais que possuem livre-arbítrio. Os seres humanos são dotados de uma mente pensante cônica de si mesma, capaz de decidir fazer ou não alguma coisa. Têm um mecanismo interno para distinguir entre bem e mal, chamado consciência. Têm dignidade, porque, de acordo com a tradição judaico-cristã, foram criados à imagem e semelhança de Deus. Têm almas que sobrevivem à morte, conforme ensinam todas as religiões, e têm um coração capaz de amar.

Porquanto uma pessoa não pode separar mente e corpo sem subtrair de si mesma a integridade e a dignidade, a sexualidade tem um segundo sentido básico: a união do amor. Apenas isso possibilita que ela não utilize o outro unicamente para satisfazer sua luxúria. Ninguém quer ser um objeto. As pessoas querem ser reconhecidas e respeitadas tanto no corpo quanto na alma, a qual se expressa através do corpo.

Vejamos agora mais de perto se os produtos mais usados da indústria de contraceptivos — preservativos e pílulas — cumprem suas promessas.

Preservativos

Os preservativos são a forma de contracepção mais frequentemente usada. Hoje costumam ensinar às crianças, a partir de tenra idade, que os preservativos protegem da gravidez, da AIDS e de outras doenças sexualmente transmissíveis, e que garantem “sexo seguro”, ou ao menos “sexo mais seguro”. Quando a realidade nega isso, alegam que a quantidade de preservativos distribuídos não foi suficiente. Mesmo antes da puberdade, crianças em classes mistas aprendem a colocar preservativos em pênis de plástico. Aprendem que é normal fazer sexo

em qualquer momento, da infância em diante. Tudo quanto há de mau será evitado se eles tiverem à disposição esse revestimento de plástico.

Mas isso é mentira.¹⁶ Os preservativos não são seguros, eles se rasgam, deslizam, podem apresentar vazamentos e arrancar pelos, criando pequenas feridas perfeitas para a aparição de doenças. Se cem casais usarem preservativos absolutamente confiáveis por um ano, dois deles conceberão. Com o “uso típico”, o número avança para dezoito. E aí?

Os preservativos também não protegem de maneira confiável contra a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis. É uma roleta-russa. A cada 16 preservativos, um deles falha. Usaríamos paraquedas se um em cada dezesseis paraquedas não abrisse?

Se os preservativos fossem tão seguros quanto as propagandas mundo afora dizem às pessoas, a explosiva disseminação de doenças venéreas seria uma impossibilidade. Nisso estão inclusos a sífilis (hoje mais comum que o HIV ¹⁷ entre homens que fazem sexo com outros homens, na Europa), a gonorreia (com o risco de infertilidade), o papilomavírus humano (com o risco de verrugas genitais, câncer uterino e infertilidade masculina),¹⁸ e a clamídia, a doença sexual mais comumente transmitida (com o risco de gravidez ectópica e infertilidade feminina).^{19 20}

As mulheres podem engravidar apenas em alguns dias do mês. Porém as mulheres e os homens podem contrair doenças venéreas através de todos os tipos de práticas sexuais — vaginal, anal e oral —, arriscando-se a terem câncer, se tornarem inférteis e até a morrerem. A Dra. Helen Singer, fundadora do Programa de Sexualidade Humana na Universidade de Cornell, diz: “Confiar nos preservativos é flertar com a morte”.²¹

Como os preservativos afetam a intimidade entre homem e mulher? Como seria ser afagado por uma mão que usasse uma luva de borracha? Os homens que fazem amor sentem o invólucro de plástico

como uma barreira à união, porquanto querem tornar-se “uma só carne” e não o podem. Isso nos faz levantar a seguinte pergunta: de que forma os preservativos contribuem com a cultura do divórcio que presenciamos em nossa época?

A pílula

Queremos ser saudáveis, viver até a velhice, e morrer com a melhor saúde possível. Ofertas de ar puro, comida saudável, bem-estar e boa forma estão por toda parte. Fumar, um dos caminhos mais seguros para o câncer, já foi proibido na maioria dos lugares públicos por lei e por anos de campanha governamental. Mas, por mais estranho que pareça, os hábitos saudáveis e a preocupação do governo com a saúde pública — especialmente no que diz respeito aos jovens — é jogada pela janela quando se trata de sexo. Por que as mulheres se envenenam todos os dias, voluntariamente, com essa mistura química que interfere no sistema de controle mais profundo de seus corpos?

De acordo com uma pesquisa feita pelo Centro Federal de Educação em Saúde da Alemanha, uma em cada duas mulheres entre 18 e 49 anos toma pílulas naquele país. Adolescentes não têm dificuldades para conseguir prescrições, sem conhecimento dos pais, na primeira vez que visitam ginecologistas. Muitas jovens tomam a pílula quando ainda nem mesmo tiveram relações sexuais porque melhora sua compleição, aumenta o tamanho de seus seios e dá brilho aos seus cabelos. A pílula é posta numa embalagem atrativa, com flores e corações, como se se tratasse de um cosmético.

Normalmente tomamos pílulas para restabelecer funções interrompidas no corpo e reativar processos essenciais para a vida. A pílula faz o oposto: evita a vida e pode até extingui-la.

Que libertação quando uma pilulazinha, engolida diariamente, liberta da responsabilidade de ser mulher! Eu decido pelo meu corpo, não o meu corpo por mim, e não o homem por mim, e não a família por mim, e, definitivamente, não a criança. Que tentação irresistível!

A legalização da contracepção e do aborto, para ganhar controle sobre a fertilidade das mulheres, é a missão de vida da americana Margaret Sanger (1879–1966). Sua motivação era impedir as classes mais baixas — especialmente os negros — de se reproduzir, porque sua taxa de natalidade era mais alta do que a das classes mais altas, dos brancos.²² O nome disso é eugenia, a ideia de tomar medidas biológicas para “melhorar” a humanidade. Em 1921, ela fundou a American Birth Control League, cujo nome em 1942 foi alterado para International Planned Parenthood Federation (IPPF).

Hoje, Sanger seria reprovada e legalmente penalizada por racismo. Mas seus métodos e seu desrespeito pela dignidade humana foram adotados pela IPPF, uma organização global que busca diminuir quantitativamente a população mundial através do aborto de milhões de crianças não-nascidas.

O progresso científico jogou a favor de Margaret Sanger. Gregory Pincus e Carl Djerassi descobriram como o ciclo de gravidez feminino pode ser suspenso por meio da introdução de hormônios artificiais. Os hormônios enganam o corpo, fazendo-o acreditar que a mulher já ficou grávida e, assim, impedem -no de ovular. Viva! As mulheres já não são escravas de seus ciclos biológicos! Foi um progresso extraordinário, mas longe de se comparar à complexidade do funcionamento do ciclo natural de fertilidade feminina. O preço do progresso vem à luz apenas depois, e as mulheres tiveram de pagar com sua saúde física e mental.

A pílula foi testada pela Searle Pharmaceutical Corporation em mulheres incautas de Porto Rico e do Haiti. Alguém nos Estados Unidos parecia pensar que elas eram muitas, e nada ali as protegeria

dos experimentos da indústria farmacêutica feitos de qualquer maneira.

Em 1960, o primeiro produto, “Enovid”, apareceu no mercado americano, e em 1961 chegou à Alemanha Ocidental sob o nome de “Anvolar”. A pílula foi introduzida como tratamento para cólicas menstruais, com a contracepção listada entre os “efeitos colaterais” na bula. A revista alemã *Stern* alardeou o lançamento como “dia histórico” — o que de fato era. Teve início, então, o industrializado declínio dos países rumo ao inverno demográfico. Em dez anos, houve uma clara diminuição no número de nascimentos de bebês, causada pela pílula.

Em pouco tempo, milhões de mulheres engoliam comprimidos todos os dias, os quais os médicos prescreviam de bom grado. As mulheres estavam dispostas a sufocar, enganar e neutralizar seu mais natural atributo — a capacidade de gerar vida —, tendo sido seduzidas pela promessa de sexo sem o temor da gravidez.

Logo os corpos e almas das mulheres tiveram de pagar a conta. O uso da pílula acarreta graves efeitos colaterais. Não existe quase nenhuma doença grave cuja probabilidade de aparecimento não seja exacerbada pela ingestão da pílula: câncer de mama, câncer cervical, danos no fígado, trombose, acidente vascular cerebral, ataque cardíaco, cefaleias intensas, pressão sanguínea elevada, problemas na tireoide, glaucoma, sistema imunológico enfraquecido, fertilidade reduzida, diminuição dos ovários em até 50% do tamanho e abortos espontâneos.²³

Quanto mais cedo se começa a ingestão da pílula, e por quanto mais tempo ela é ingerida, maiores se tornam os riscos. Aumentam enormemente quando outros fatores de risco estão presentes, como o tabagismo e doenças sexualmente transmissíveis.

O maior perigo para as mulheres é o câncer de mama. Estatisticamente, um oitavo das mulheres na Alemanha contrai câncer de mama. Antigamente, três quartos delas morriam, mas hoje —

graças a Deus —, um pouco menos da metade. Quem não conhece casos trágicos de mulheres ceifadas de suas famílias pelo câncer de mama? Estudos mostram que a ingestão da pílula aumenta o risco desse tipo de câncer.²⁴

Para reduzir os riscos, a indústria farmacêutica desenvolveu a “minipílula” trifásica. “Ótimo!”, pensam as mulheres, “menos hormônios!”. Mas a maioria delas não sabe disto: a pílula em sua dose mais baixa pode ainda permitir que haja ovulação e, posteriormente, fertilização. Um ser humano é concebido e então impedido de se integrar ao útero. O óvulo fertilizado não sobrevive ao trajeto em direção à trompa de Falópio ou é rejeitado pelo útero. Com a minipílula, portanto, a concepção ainda pode ocorrer, contudo a implantação é impedida, o que em nada se diferencia de um aborto.

A mulher aceita tudo isso em troca de sexo sem preocupações, mas — que grande ironia! — ela perde o interesse em sexo. Por quê? Porque, nas mulheres, o desejo sexual é também regido pela testosterona, e a pílula suprime a produção de testosterona.

Isso leva a mudanças sutis nos procedimentos de cortejo. O antropólogo Lionel Tiger investigou mudanças no comportamento sexual de macacos que se encontravam sob os efeitos de contraceptivos hormonais.²⁵ Ele descobriu que os macacos machos perdiam o interesse sexual em fêmeas que estavam usando contraceptivos hormonais. Eles ficavam desorientados e a estrutura social do grupo se tornava caótica. Assim que os efeitos dos contraceptivos passavam, voltava ao normal a atração entre machos e fêmeas.

O comportamento de cópula dos seres humanos também parece mudar quando a fertilização feminina está hormonalmente inativa. A pílula reduz os indicadores de atração sexual das mulheres para os homens. Decotes e saias curtas atraem menos os homens do que a fertilidade intacta.²⁶ A pílula altera o cheiro corporal, o que pode resultar num parceiro “incapaz de cheirar” a mulher. Isso muda a

forma de a mulher escolher seu parceiro,²⁷ e até mesmo sua capacidade de interpretar corretamente as expressões faciais desse parceiro.²⁸

A indústria farmacêutica manteve silêncio durante muito tempo, porque nenhum outro produto a faz ganhar tanto dinheiro. E, curiosamente, não parece haver nenhuma preocupação por parte da OMS ou da UE de proteger as mulheres de sérios danos mentais. Quando se trata de desfrutar irrestritamente do desejo sexual, todos os sistemas de alerta falham e todas as luzes ficam verdes.

Então os efeitos negativos sobre o corpo e a mente das mulheres são surpreendentes? Os hormônios artificiais simulam no corpo da mulher exatamente o que ela não quer: a gravidez. A interação extremamente complexa e delicada dos hormônios fica desordenada — e ainda assim se espera que não haja nenhum efeito sobre o organismo ou a intrincada psique da mulher? Em vez de receber com espanto e admiração as descobertas científicas a respeito do miraculoso funcionamento do corpo, eugenistas e prosélitos do controle populacional, feministas radicais e corporações farmacêuticas usam-nas para pôr as mulheres em sua mira, roubar-lhes a fertilidade e prejudicar gravemente sua saúde. E o que é obtido com tudo isso? Constante disponibilidade de sexo estéril e sem preocupações.

Após meio século de uso da pílula, mesmo seu co-inventor, o professor Carl Djerassi (falecido em 2015), cria que se aproximava o fim de sua era. Em 13 de maio de 2008, em um programa de entrevistas alemão, ele foi posto entre uma prostituta e operadora de bordel de 51 anos que utilizara um óvulo doado por uma estrangeira (algo proibido na Alemanha) e o esperma de seu marido para ter um filho, uma psicanalista lésbica que trouxera ao mundo uma criança mediante doação de esperma anônima, e uma ginecologista católica, a Dra. Gabriele Marx, que se recusava a prescrever a pílula a suas pacientes.

Gabriele Marx e Carl Djerassi concordaram em um ponto — o de que a época da pílula estava acabando —, mas por motivos diferentes.

Marx considerava uma irresponsabilidade submeter as mulheres a tão grandes riscos de saúde. Djerassi era de opinião diferente: entre as idades de 18 e 20 anos, a mulher teria os seus óvulos fertilizáveis removidos, congelados e guardados em um banco de material reprodutivo. Assim, ela seria esterilizada para dedicar-se à carreira e para satisfazer livremente suas necessidades sexuais. A isso chamam *congelamento social*, um procedimento oneroso que a Apple e o Facebook financiam para suas funcionárias.

Dessa forma, quando tiverem 40 anos, irão se sentir invadidas pelo sentimento de que falta algo entre as suas conquistas. A criança será a cereja do bolo. Os óvulos poderão ser descongelados, na esperança de que alguns deles ainda sejam utilizáveis. Poderão ser fertilizados pelo esperma do parceiro atual ou de um doador anônimo, diagnósticos pré-natais certificarão de que os óvulos fertilizados não apresentam defeitos, e uma barriga de aluguel carregará um deles. Felicidade perfeita nesta vida! Mas isso é assim tão seguro? A criança esperada atenderá às expectativas?

Djerassi era sagaz: até então havia sido a era do “sexo sem filhos”, e dali em diante entraríamos na era das “crianças sem sexo”, portanto, no Admirável Mundo Novo que Aldous Huxley havia imaginado em 1932.

Não nos consideramos seres racionais capazes de ponderar riscos e evitar o que complica nossas vidas? Quando se trata de sexo, todas as defesas são descarrilhadas. Sabemos por experiência que isso facilmente pode acontecer. As diferentes culturas desenvolveram mecanismos sociais e morais para domar o impulso sexual. Em sua obra *Sex and Culture*, J. D. Unwin mostrou que a alta cultura só pode florescer quando existe uma estrita moralidade sexual. Quando uma cultura desiste de limitar a sexualidade ao casamento, após algumas gerações ela sai do palco da história.^{[29](#)}

Existe um dispositivo 100% efetivo para preservar a dignidade e a saúde de homens e mulheres: sexo apenas no casamento. Impossível!

Irreal! Medieval! “É retrógrado!”, é o que vociferaram as pessoas àqueles que consideram razoável e praticável essa alternativa. “Não”, é o que dizem os “planejadores familiares”, controladores populacionais, educadores sexuais e todos aqueles que se deixaram levar pelo *zeitgeist*: as pessoas são como os animais, que não podem controlar seus impulsos sexuais. Mas isso não é verdade. As crianças podem e devem ser criadas para se tornar esposos confiáveis e pais responsáveis, e para experimentar a sexualidade como uma revigorante expressão de amor inabalável.

Uma encíclica profética

Uma voz solitária se ergueu contra a falsa promessa de “liberação sexual”, a do Papa Paulo VI. Em 1968, contra o turbilhão da época, ele publicou sua encíclica *Humanae vitae* [Da vida humana].

Ele se ateve ao ensinamento da Igreja, de que o homem não deve prescindir de forma autônoma dos dois propósitos do ato conjugal — a união e a procriação (artigos 11 e 12). Simultaneamente, não se deve excluir que os pais possam, “por motivos graves e com respeito pela lei moral, evitar temporariamente, ou mesmo por tempo indeterminado, um novo nascimento” (artigo 10).

Surgiu então uma tempestade de indignação não apenas fora da Igreja, mas também dentro dela. Os teólogos escreveram declarações públicas contra o papa. Muitas conferências episcopais se recusaram a obedecer ao magistério (a Declaração de Königstein, na Alemanha, e a Declaração de Mariatroster, na Áustria), e leigos católicos se organizaram em grupos de resistência (uma petição por um referendo popular na Áustria). Todos podiam contar com os ventos da mídia soprando intensamente suas velas.

A resistência era compreensível. Havia no ar muitas promessas referentes à pílula, que fora disponibilizada apenas alguns anos antes: a vida amorosa das pessoas não seria mais afetada pelas preocupações com a gravidez. Os pais agora poderiam planejar e determinar o número de filhos que queriam ter e espaçar seus nascimentos (daí o nome International Planned Parenthood Federation).³⁰ O número de abortos seria reduzido (mas o contrário aconteceu). Na verdade, considerando a ameaça da “bomba populacional”, a necessidade de evitar a concepção se tornou um truísmo para toda a humanidade.

E aqui o papa teve a coragem de estragar a festa, com suas sérias advertências! Se o ato sexual fosse sistematicamente separado da fertilidade, haveria um rompimento na barragem e suas consequências seriam devastadoras. Paulo VI previu que:

- Haveria “caminho aberto para a infidelidade conjugal e uma queda geral dos padrões morais”.
- Os homens “talvez esquecessem o respeito devido à mulher e, desconhecendo seu equilíbrio emocional e físico, a reduzissem a um mero instrumento para a satisfação de seus próprios desejos, não mais considerando-a como companheira a quem devem dedicar seus cuidados e afeto”.
- O papa também tinha consciência do “perigoso poder” que isso poderia dar às autoridades ao ignorar os princípios morais na tentativa de superar as dificuldades de suas nações. “Quem impediria os governantes de favorecer e até mesmo de impor às suas populações, se julgassem necessário, o método de contracepção que eles reputassem mais eficaz?” (artigo 17).

Meio século depois, ficou claro que os temores do Santo Padre eram proféticos. A contracepção se tornou parte constitutiva da conduta sexual, e as crianças são ensinadas a seu respeito ainda na escola primária. A “lei natural”, que continuava a ser sustentada pelo costume, pelo direito civil e pela sociedade em meados do século passado, foi extirpada dos corações e mentes das pessoas.

Contudo, houve uma coisa que o Papa Paulo não previu em 1968: a mudança demográfica e sua ameaça à sobrevivência das culturas europeia, cristã e ocidental.^{[31](#)}

Com a natureza, e não contra ela — Planejamento Familiar Natural

O Planejamento Familiar Natural, que o Papa Paulo VI recomendou às pessoas, ainda estava em seu início naquela época. Com a maior compreensão do ciclo de fertilidade da mulher, esse se tornou um método confiável de controlar a concepção.

Já vimos ao que leva a contracepção: danos à saúde e à alma, destruição da família, e um crescente suicídio demográfico. Não seria maravilhoso se houvesse uma maneira de decidir o número de filhos e o espaçamento de seus nascimentos de maneira responsável, sem nenhum mal à saúde, à alma e à família? Ela existe, mas tem um preço: a capacidade de autocontrole e disposição para a abnegação, duas características da maturidade humana. O método é chamado de Planejamento Familiar Natural, ou PFN.^{[32](#)}

As pessoas nunca souberam tanto como agora sobre o ciclo de fertilidade hormonalmente controlado da mulher. Pode ser interpretado a partir dos sintomas, em particular uma mudança no muco vaginal e na temperatura do corpo. O óvulo é fertilizável durante um período de 12 horas. Há uma generosa margem de oito dias fora da qual a mulher não pode conceber. Para saber disso, ela tem de monitorar seu próprio corpo por um longo período e elaborar tabelas com anotações dos diferentes números correspondentes a esses sintomas. Por meio do conhecimento e da integração no ciclo natural da mulher, o casal pode favorecer a concepção de um filho ou, por

motivos relacionados à responsabilidade parental, evitar a fecundação. Leva apenas alguns poucos minutos por dia. Mas é extrema a mudança comportamental.

A mulher e o homem já não se consideram senhores da natureza. Eles poderiam evadir a lei natural usando produtos químicos ou outras medidas para travar a fertilidade, mas em vez disso preferem subordinar-se à natureza. O ato sexual deixa de ser sistematicamente separado do seu objetivo de criar novas vidas. O homem e a mulher sempre se entregam um ao outro para expressar seu amor. O homem honra a mulher e os dois, juntos, num ato de humildade, se sujeitam à natureza. Eles tomam consciência da seriedade de sua vocação humana mediante um ato de amor para conceber um filho com um potencial insondável e uma alma imortal. Aceitam um ao outro como mãe e pai de um mesmo filho.

O método sintotérmico

- é confiável
- não atrapalha a fertilidade do homem e da mulher
- não tem efeitos colaterais
- não prejudica o organismo da mulher por interferência hormonal
- não necessita de nenhum tipo de manipulação antes da relação sexual
- não introduz barreiras entre o homem e a mulher
- aprofunda a união através da comunicação livre de amarras sobre sexualidade
- mantém viva a atração sexual mediante a abstinência periódica
- não agride o meio-ambiente com a contaminação hormonal de águas residuais.

Há também alguma desvantagem? Claro, como estas: um dos esposos estava fora da cidade. Os dois anseiam pela companhia um do outro, se abraçam, mas não podem agora dar rédeas soltas à atração, porque

a luz semafórica da fertilidade está verde e ter outro filho simplesmente não seria uma decisão responsável no momento. As mulheres relatam que exatamente no momento da ovulação se sentem tomadas pela concupiscência e lhes é difícil reprimi-la. Homem e mulher não querem constantemente ser limitados pelo ciclo. Suas vidas são estressantes e raramente eles têm a oportunidade de se reunir de maneira relaxada e espontânea. Eles não querem se deixar levar.

Essas dificuldades existem. As pessoas têm cruzeiros a carregar nesta vida, e por mais que tentemos, jamais nos livraremos delas. A tentação diz, com um sorriso traiçoeiro: fazei o que quereis, “vós não morrereis” (Gn 3, 4), enquanto oculta as dolorosas consequências. A voz que nos chama para o bem não esconde de nós a cruz. Mostra uma maneira pela qual as pessoas podem crescer em amor: através da atração erótica, o *eros*, a amizade profunda, *philia*, a renúncia a si mesmo, o amor sacrificial, *ágape*. Traz a profunda felicidade do cumprimento do sentido da vida.

3. MULHERES REINANDO SOBRE A VIDA E A MORTE

*O maior impeditivo da paz nos dias de hoje é o choro dos inocentes
não-nascidos.*

— Madre Teresa de Calcutá, ao aceitar o Prêmio Nobel da Paz em
1979

E se a contracepção não funcionar? Nenhum método químico ou técnico é seguro. Apesar de todos os aperfeiçoamentos técnicos, nosso corpo e natureza continuam a ter a última palavra. Eles são mais fortes. Não obstante os preservativos, os diu's e as pílulas, as mulheres ainda ficam grávidas. E então?

As pessoas criam um monte de motivos para o aborto:

Eu ainda sou muito jovem.

O que diabos vou dizer aos meus pais?

Preciso terminar o ensino médio, a faculdade e arrumar um emprego primeiro.

Posso viver com esse cara a vida inteira? Isso está fora de questão!

Aquilo foi apenas uma aventura.

Eu não quero criar meus filhos sozinha.

Ele não pode descobrir que o traí. Ela não pode descobrir que a traí.

Não podemos lidar com outra criança.

Há milhares de situações que parecem catástrofes quando o ato sexual funciona tal como foi feito para ser — quando produz um filho. Lágrimas amargas, desespero, subitamente estar entregue às duras mãos do destino. As dificuldades de uma concepção indesejada podem ser avassaladoras. Uma mulher que passe por tantas dificuldades precisa de ajuda e pode encontrá-la.³³

Em uma cultura de extremo individualismo, na qual tudo gira em torno de direitos e desejos, existe uma enorme tentação de buscar saídas: livre-se dele, é apenas um amontoado de células, o convênio médico pagará por isso, depois de alguns dias estará tudo acabado e a vida poderá continuar normalmente.

Será?

Aqui estão as estatísticas:

Todo ano, mundialmente, mais de cinquenta milhões de mulheres decidem matar os filhos que carregam em seus úteros. Na Alemanha, de acordo com o Gabinete Federal de Estatísticas, 101.000 o fizeram em 2018. Obviamente, desde 2000, o número de abortos tem diminuído continuamente.

Mas essa informação é altamente suspeita. Por vários anos o Gabinete Federal de Estatísticas acrescentou um esclarecimento a seus dados: “Os resultados e tendências devem ser vistos com cautela”, o que significa que existe, efetivamente, um número considerável de casos não informados. Christian Fiala, ginecologista e diretor de duas clínicas de aborto em Viena e Salzburgo, tem convicção de que “o número anual de gravidezes interrompidas na Alemanha deveria ser corrigido para 200.000 ou 300.000 [...]. Os dados [dos abortistas] são anonimizados e não rastreáveis. Além disso, os dados dos pacientes estão sujeitos a uma estrita confidencialidade médica. Ninguém pode comprovar se foram ou não denunciados em sua totalidade”.³⁴ O professor Manfred Spieker utiliza cálculos meticulosos para chegar a números seme lhantes de casos não informados.³⁵

Em 2018, na Alemanha, cerca de 785.000 crianças nasceram (oficialmente) e 101.000 foram abortadas. A quantidade varia consideravelmente entre os estados federais. A maior parte dos abortos ocorreu em Berlim e em Bremen.³⁶ O assassinato de crianças não nascidas é uma realidade constante nas instituições médicas que cuidam das gestações.

Quase três quartos de todas as mulheres que abortam estão em idade fértil, entre os 18 e os 34 anos, 3% têm menos de 18 anos, e o restante mais de 35, quando a probabilidade de conceber diminui consideravelmente. Cerca de 47% já tiveram um ou dois filhos e não querem uma família maior; 9.000 abortam após o terceiro filho. Quase 60.000 são solteiras e quase 40.000 são casadas. 96% das mulheres que fizeram aborto já tinham feito “terapia”, o que é exigido pela lei. Os outros 3,8% tinham indicações médicas.³⁷

Apenas um amontoado de células?

Na realidade, o útero materno deveria ser o lugar mais seguro para uma pessoa. Contudo, tornou-se o mais perigoso. O aborto é, de longe, a causa de morte mais comum. Em 2008, cerca de três milhões de pessoas na UE morreram em decorrência de aborto, seguidas por aproximadamente dois milhões de mortos por conta de doenças cardíacas e respiratórias.

Não é um direito da mulher ter o controle sobre seu próprio corpo? Tomar o destino em suas próprias mãos, planejar a vida segundo seus próprios critérios e decidir sobre a vida e a morte quando a realidade entra em conflito com seus desejos?

Tudo depende da questão de se “algo” que cresce no útero da mãe é uma pessoa ou não. Não há dúvida de que o Estado deve respeitar a dignidade da pessoa humana e proteger seu direito à vida.

A primeira frase da Constituição da República Federal da Alemanha é: “A dignidade humana é inviolável”. Para que a dignidade de uma pessoa seja preservada, ela precisa viver. Esse é o motivo pelo qual o Estado tem a incondicional obrigação de proteger as vidas de seus cidadãos. O artigo 2º da Constituição diz: “Todos têm direito à vida e à integridade corporal”.

Essa “coisa” na barriga da mãe, surgida através da fusão do óvulo e do espermatozoide, é uma pessoa ou não?

Poderia ser alguma outra coisa? Pessoas criam pessoas, animais criam animais, plantas reproduzem plantas. (Deixemos de lado o fato de que os cientistas planejam ultrapassar essas barreiras mediante o “trans-humanismo”).

Poderia ser uma pessoa *de qualquer modo*? Não até a implantação, não até que o coração bata, não até que o bebê nasça *por completo*,

não até que tenha uma consciência? O que ele é antes disso e o que ocasiona a mudança ontológica completa de um “amontoado de células” para um ser humano?

A jurisprudência alemã deu respostas claras e inequívocas a essas questões. Um ano antes de o parlamento da Alemanha legalizar o aborto, em 1974, o Tribunal Constitucional Federal do país declarou que:

Onde existe vida humana, há dignidade humana; não é determinante se o portador é consciente dessa dignidade ou se conseguiria defender a si mesmo. As capacidades potenciais inerentes à existência humana são suficientes para assentar a dignidade humana.

Em 28 de maio de 1993, o Tribunal Constitucional Federal outra vez declarou que: “O embrião se desenvolve como pessoa, não se torna uma pessoa”. Porém o reconhecimento da dignidade humana do embrião e, portanto, do seu direito à vida não impediu o tribunal de fazer contorcionismos legais para sacrificar a vida do nascituro em prol do direito da mãe à autodeterminação.

Trinta e seis anos mais tarde, depois de muitos países terem legalizado o aborto, o Tribunal Europeu de Direitos Humanos tomou uma decisão semelhante. A razão do processo (*Brustle versus Greenpeace*)³⁸ não foi o aborto, mas o acesso de um cientista às células estaminais do embrião. No horizonte despontavam imprevistas possibilidades de benefícios econômicos, porque se fala de novos remédios médicos. Eis o que disseram em sua decisão: “Todo óvulo humano, desde o momento de sua fecundação, é um embrião humano [...], porque a fertilização basta para pôr em marcha o processo de desenvolvimento humano”.³⁹

A sua, a minha, a vida de todos começa dessa forma. Um óvulo e um espermatozoide se fundem. Um novo ser humano é formado. O plano genético, eternamente único no universo, foi posto em prática e se

desdobrará desde que as condições de crescimento sejam adequadas — antes e depois do nascimento.

As novas descobertas científicas sobre o desenvolvimento do embrião, e as fotografias de seu progresso no útero, são surpreendentes. Que milagre é a formação de um ser humano! A partir da terceira semana de vida, quando o embrião tem apenas 1,5 milímetros, o coração começa a bater, e quando chega a quarta semana, alcança as 113 batidas por minuto. Na sexta semana, o embrião mede 14 milímetros e começam a se formar a cabeça, a coluna, as mãos e os hemisférios cerebrais. Na sétima semana, se desenvolvem os ovários da menina e os testículos do menino. Durante a oitava semana, se formam os átrios cardíacos. O embrião começa a agarrar, a levar os dedos à boca e já se pode ver se o bebê é destro ou canhoto. 90% das estruturas físicas presentes nos adultos já se formaram e assumiram suas funções. Na décima semana, o embrião, agora chamado de feto, já tem unhas e, inclusive, impressões digitais únicas no mundo.⁴⁰

Até a décima segunda semana de gravidez é permitido matar a criança que está no útero — e até o nascimento, se tiver alguma deficiência.

A criança começa a escutar com dezessete semanas. Quando nasce, reconhece as vozes dos pais e as canções que lhe foram cantadas. Está acostumada com sons domésticos, tais como as crianças barulhentas e os latidos dos cães. A partir da 18ª semana, o feto mostra reações de *stress* que em crianças e adultos são percebidas como expressões de dor. Os cientistas calculam de diversas maneiras que a capacidade de sentir dor começa entre a 15ª e 24ª semana de gravidez.⁴¹ A partir da 22ª semana, o cérebro se desenvolve muito rapidamente. O bebê pode sorrir ou parecer sério, chupar o próprio dedo, distinguir entre tons altos e baixos, e reagir aos movimentos de sua mãe. Neste ponto, com um peso de pouco mais de meio quilo, o bebê pode sobreviver fora do útero da mãe. Durante a 28ª semana, abre os olhos. Na 38ª semana, o bebê já sente câimbras no útero, começam as contrações e ele logo

estará pronto para o grande passo em direção a um mundo radiante. Então nasce um ser humano.

Como é possível que na Alemanha e em muitos outros países do mundo o aborto seja legal se a mãe percebe o filho como um fardo descabido ou se antes do nascimento identifica que ele tem alguma deficiência?

O Tribunal Constitucional Federal declarou “ilegal” o aborto em 1993, porém isentou a prática de pena. Com isso, eles quadraram o círculo, ou, como disse o especialista em direito médico Rainer Beckmann, provocaram “um colapso constitucional completado por repetidas novas reformas na lei de aborto entre 1974 e 1993”. Houve duas vítimas, a criança e o Estado de direito. Nos termos do Estado de direito, o Estado deve proteger a vida de todos os seus cidadãos, independentemente de pessoa, sexo ou idade específicos. Sacrificou os mais fracos, os menores, aqueles que não têm voz, ao “direito à autodeterminação” da mãe. No entanto, a mãe que mata o feto não é determinante apenas para si mesma, mas também para outra pessoa que precisará da mãe antes e muito depois do nascimento, até que possa cuidar de si mesma. Ela tem sua própria alma, o seu próprio coração, o seu próprio corpo, as suas próprias capacidades, o seu próprio destino e a sua própria dignidade.

Eu posso experimentar a alegria e o sofrimento.

Eu posso falar e dançar.

Eu posso dar e receber.

Eu posso amar e odiar.

Eu posso perdoar ou me vingar.

Eu posso fazer o bem ou o mal.

Eu posso adorar a Deus ou a mim mesmo.

*Eu sou uma pessoa,
não uma pedra, não uma árvore, não um animal.*

A decisão “ilegal, mas isenta de consequências” exaure o Estado de direito. É como condenar um ladrão e deixá-lo ficar com o que roubou. Quais serão as consequências? A noção de certo ou errado se tornará mais fraca, cada vez mais pessoas cometerão o mesmo crime porque sabem que não serão penalizadas, até que, ao fim e ao cabo, todos deixem de pensar que o crime é errado. O Estado de direito caiu.

Com racionalizações bonitas mas sofisticadas, os tribunais de todo o mundo justificam o abandono da obrigação absoluta do Estado de proteger a vida dos seus cidadãos.

Na Alemanha, a mulher antes de poder abortar o filho deve fazer uma consulta obrigatória. Inicialmente, o Tribunal Constitucional Federal determinou que ela *se consultasse por tempo indeterminado*. O tribunal acreditava que as vidas de crianças não nascidas poderiam ser melhor protegidas por meio de terapia do que pela ameaça de punição.

Foi então sacrificado o direito individual absoluto à vida (altamente incerto) pelo objetivo de possivelmente salvar um maior número de crianças mediante terapia.⁴² Pode, de fato, ter sido essa a intenção do tribunal em 1993, que afirmou em sua decisão:

ii. 3. (1) A terapia serve para proteger a vida não nascida. Deve orientar-se pelo esforço de encorajar a mulher a continuar a gravidez e abrir sua perspectiva à vida com a criança. Deve ajudá-la a tomar uma decisão responsável e conscienciosa. Ao mesmo tempo, a mulher deve ter consciência de que o feto também tem seu próprio direito à vida, para além da dela, e que, portanto, sob o ordenamento jurídico, o aborto só pode ser considerado em situações excepcionais quando o fardo de carregar a criança [...] é tão penoso e extraordinário que excede os limites razoáveis do sacrifício.⁴³

Isso abriu caminho para o aborto sob encomenda, revestido de palavras eufemísticas. O mesmo princípio tático é sempre utilizado quando se trata de grandes mudanças sociais: o sistema de valores existente é confirmado verbalmente, mas abre-se uma lacuna para casos difíceis que despertem simpatia. As exceções pouco a pouco passam a ser interpretadas de forma tão ampla, que logo se tornam prática geral. A consciência moral da injustiça mingua até, por fim, desaparecer.

O mesmo método foi usado para passar da permissão da contracepção em casos excepcionais (Conferência de Lambeth, 1930) para o uso universal da pílula, da legalização da união entre pessoas do mesmo sexo para o “casamento” homossexual, do suicídio como exceção à prática organizada e geralmente acessível da eutanásia comercial (decisão do Tribunal Federal alemão, de 26 de fevereiro de 2020). O que era uma permissão para o aborto em casos excepcionais logo se tornou um alegado “direito humano”.

A terapia para as mulheres que pretendem fazer um aborto deve levar “tempo indeterminado”. A mulher não precisa explicar por que deseja fazer parar de bater o coração da criança viva em seu ventre. Como pode ser possível a terapia se aquele que a procura não revela sua motivação? Por que, nessa terapia, não é feito de tudo para conscientizar a mulher de que um novo ser humano está crescendo dentro dela e de que, apesar de qualquer angústia temporária, ele irá se tornar sua maior alegria? Por que as mulheres que saem à procura do aborto não são informadas sobre os graves problemas mentais e físicos que podem sofrer devido ao assassinato de seus próprios filhos? Quão livre é a escolha da mulher? Ela está sendo pressionada pelo namorado, pelo marido ou pela família? Quanta “autodeterminação” e quanto controle externo estão em jogo aqui?

A exigência de terapia tornou-se uma zombaria quando a Pro Familia foi aprovada como instituição terapêutica. Pro Familia é a maior organização abortista da Alemanha, coordenada internacionalmente pela International Planned Parenthood Federation. Pode uma

organização desse tipo oferecer, de forma válida, terapia por “tempo indeterminado” quando uma mulher que decide abortar é, em verdade, mais um cliente pagante?

As chamadas “leis simples” que acompanham as decisões fundamentais do Tribunal Constitucional pavimentam a estrada para as clínicas de aborto: os planos de saúde pagam pelos primeiros exames e pelos de acompanhamento. No que diz respeito aos mais pobres, os custos são assumidos integralmente pelos planos de saúde e reembolsados pelo governo. Os estados federados são obrigados a oferecer serviços completos de aborto. O empregador é obrigado a continuar pagando salários. Aos médicos é permitido fazer do aborto sua principal fonte de renda. Rainer Beckmann disse: “Já não há nenhuma dúvida de que a legislação e o precedente legal do Tribunal Constitucional Federal destruíram por completo a consciência de que é totalmente errado matar crianças antes do nascimento”.⁴⁴

Isso é demonstrado pela entrega de um prêmio aos médicos abortistas Friedrich Stapf (Munique) e Kristina Hänel (Giessen), que ganham a vida matando crianças não nascidas e há muito vêm lutando, até agora sem êxito, para derrubar a proibição de anunciar os serviços de aborto. No dia internacional da mulher de 2019, eles foram honrados por uma organização de mulheres social-democratas por suas “conquistas extraordinárias rumo à igualdade”. Em 7 de junho de 2019, os dois médicos abortistas foram autorizados a expressar seus letais pontos de vista sobre liberdade de escolha no palco do Münchner Kammerspiele, o teatro mais famoso de Munique.

O mais importante instrumento para a confusão mental e moral é a distorção sistemática da linguagem para manipular a consciência das pessoas.

Um exemplo disso é a palavra “igualdade”. A quem o aborto promove a igualdade? Entre a mulher e o homem, que não pode carregar crianças no ventre? A criança por certo não obtém nenhuma igualdade, porque lhe tiraram o direito humano à vida.

E o “aborto” — que palavra mais estranha! Funciona como um tranquilizante mental para enevoar a realidade de que uma criança está sendo assassinada no útero materno. Algo é “removido”, a gravidez é “interrompida”, como se pudesse ser reiniciada, ou é “terminada”, de forma rápida, indolor e sem consequências — ou assim a mulher é levada a crer. O “término” da gravidez é apenas uma meia-verdade. A gravidez é terminada quando, violentamente, põem um fim à vida da criança.

São eliminados ou o “tecido da gravidez” ou um “amontoado de células”. Para os pais que querem um filho, o “amontoado de células” é uma criança desde o início. Eles comemoram quando o resultado do teste de gravidez é positivo. Alegrem-se contam à família e aos amigos que um *filho* está vindo. E assistem às reações estáticas dos irmãos do bebê ao receberem a notícia — há dezenas de vídeos mostrando isso no YouTube. Eles animadamente mostram a primeira imagem de ultrassom de seu *bebê*. Talvez a coloquem na porta da geladeira, onde seus outros filhos possam ver o novo irmãozinho todos os dias. Nunca lhes ocorre falar de “tecido da gravidez”. E quão intensa é a dor de todos quando o bebê é perdido num aborto espontâneo!

Na Alemanha, a organização que lucrativamente assassina esses bebês no ventre de suas mães, com apoio do governo, é chamada Pro Família, embora destrua famílias.

As decisões judiciais da Alemanha que liberam o Estado de sua principal tarefa de proteger a vida e a integridade física dos seus cidadãos são chamadas de “leis de gravidez e assistência familiar” (1992, 1995), ainda que o aborto não ajude mulheres grávidas ou famílias.

Em psicologia da comunicação, essa técnica é chamada de “ressignificação”. Se uma coisa é colocada num novo contexto, as pessoas a avaliam de forma diferente. O que é negativo de repente parece positivo; por exemplo: um ato que sobrecarrega a consciência

de alguém com a culpa é colocado no contexto do “direito à autodeterminação” e da “escolha”. Mas só é assim até que o ato tenha se concretizado. O que sucede depois foi bem descrito por Goethe em seu livro *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*: “Você culpa o infeliz e depois o deixa sofrer a dor”. Isso caracteriza a síndrome pós-aborto (SAP) e as graves consequências do aborto (veja abaixo).

Métodos abortivos

Vejam os vários métodos pelos quais os embriões são mortos no útero. Até mesmo descrever esses métodos em palavras é um tabu. Ninguém quer saber disso. Ninguém quer estar ciente dessa terrível barbárie. Até os organizadores de congressos religiosos afirmam que isso não deveria ser repassado às pessoas, por ser macabro demais. A imagem é macabra demais, mas não o assassinato — estranho, para uma sociedade que não vê nenhum problema em entreter-se com filmes de terror e jogos de computador repletos de sangue.

Não é melhor conhecer a realidade do que reinterpretá-la ou negá-la? Mas a realidade é mais forte do que a negação. Cedo ou tarde, ela irá nos confrontar de maneira impiedosa. Nossa liberdade aumenta quando sabemos o que estamos fazendo. Mas tome cuidado, o que se segue poderá deixá-lo aterrorizado.

Extração menstrual

O método de sucção caseira nas fases iniciais da gravidez é arriscado, algo do tipo “faça você mesmo”, utilizado quando o aborto é proibido pela lei. A Federação Internacional de Planejamento Familiar distribui esses dispositivos de sucção em países com altas taxas de natalidade e apresenta planos para fabricá-los em casa. Se a mulher teme estar grávida, esse dispositivo é utilizado para sugar o revestimento uterino.

O risco para as mulheres é muito elevado — a prática pode acarretar desde uma perfuração uterina até um aborto incompleto.

Curetagem

Esse é método escolhido após a 12ª semana de gravidez. O útero é dilatado e uma cureta de ponta afiada é inserida na cérvix. O bebê é cortado com essa lâmina e o útero é raspado. O abortista ou a enfermeira assistente verifica se todas as partes do corpo estão presentes na massa sanguinolenta, porque se algo for deixado dentro do útero, podem ocorrer sérias complicações.

O método de sucção

Um tubo de sucção é inserido no útero e ligado a um dispositivo de vácuo que corta o corpo do bebê em pedaços e o suga. Então o útero é raspado. Também aqui é necessário verificar se resta intacta alguma das partes cortadas do corpo.

Do quarto ao sexto mês de gestação esse processo fica mais difícil. O tecido do bebê está agora rígido o bastante, dificultando que seja cortado. O colo do útero tem de ser mais alargado, porque instrumentos maiores serão inseridos. Isso é feito durante um período de um a três dias por meio da inserção de algas laminárias que absorvem o líquido e incham. Nesse meio-tempo, a mulher ainda pode decidir-se por não fazer o aborto. O colo do útero também pode ser estendido em poucos minutos com hastes de aço. Os braços do bebê são cortados com uma tesoura longa e curva e puxados separadamente. O abortista espera a criança sangrar até a morte para então remover o torso. No caso de bebês maiores, a cabeça precisa ser esmagada, para que possa ser arrancada do colo do útero em pedaços. Ao contrário de outros métodos, como o de queima com solução salina, este não dá ao bebê nenhuma chance de sobreviver.

Aborto com soluções salinas

Este método é usado a partir do segundo trimestre, até o terceiro. Os riscos para a mãe são altíssimos, porque a solução salina pode entrar em um de seus vasos sanguíneos.

Cerca de meio litro (200 mililitros) de líquido amniótico é sugado e substituído por solução salina. O bebê engole e inala a solução. Com o passar das horas, sofre uma morte agonizante por envenenamento com sal, desidratação, hemorragias cerebrais e cólicas. Dentro de um período entre 24 e 48 horas, o bebê nasce mediante contrações induzidas. A criança sai do útero queimada, com a pele vermelho-escura. As mães relatam que conseguem sentir os movimentos de desespero do bebê durante a batalha de horas contra a morte.

A “temida complicação” acarretada por este método é a da sobrevivência do bebê. Um caso famoso é o de Gianna Jessen. Sua mãe, então com 17 anos, fez um aborto com solução salina na 30ª semana de gravidez, mas falhou. A criança veio ao mundo com sérias lesões e foi adotada. Alegaram que ela jamais conseguiria andar. Hoje ela é maratonista e defensora do direito à vida, tendo discursado perante a Câmara dos Comuns britânica e o Congresso dos EUA . Sua vida é contada no filme *October Baby*.

Injeção de prostaglandina

No final do segundo trimestre e no terceiro trimestre de gravidez, é injetada uma grande dose do hormônio prostaglandina, que desencadeia contrações precoces gravíssimas, as quais podem durar até vinte horas. A partir das 22 semanas de gravidez, as crianças podem sobreviver a essa forma de aborto, sofrendo, quando é assim, graves lesões. O exemplo mais conhecido é o de Tim, o “bebê Oldenburger”. O médico deu-lhe apenas um ano de vida, mas na verdade ele morreu aos 21 anos, no dia 4 de janeiro de 2019. A sobrevivência de crianças é um problema que pode desencadear uma crise para o médico, pois ele é passível de ser processado por danos caso o aborto falhe.

Aborto com o desinfetante Rivanol

O desinfetante Rivanol contém álcool e é injetado através da parede abdominal para se misturar ao líquido amniótico. O Rivanol penetra na pele sensível e desprotegida da criança no útero e destrói suas células. A elevada porcentagem de álcool é muito tóxica para a criança, faz seu coração parar rapidamente e desencadeia contrações. O resultado é um natimorto de cor amarela.

Homicídio fetal

A criança é assassinada com uma injeção de veneno no coração. Observando o bebê por meio do ultrassom, o abortista enfia uma longa agulha na parede abdominal da mãe, procura o coração da criança, insere nele agulha e injeta uma solução de cloreto de potássio. O veneno impede a contração muscular, fazendo com que o coração pare. A criança morta nasce por dilatação cervical e expulsão com injeções hormonais. Este método é usado com fertilização *in vitro* se mais de um óvulo fertilizado tiver sido implantado e se for desejável evitar múltiplos nascimentos.

Aborto tardio ou parcial (métodos de dilatação e extração)

Esses métodos são usados sobretudo nos Estados Unidos para matar crianças a partir da 24ª semana, até o nascimento, ou, mais precisamente, durante o nascimento real. O abortista usa o ultrassom para localizar a posição do bebê. Ele leva a pinça até o útero, agarra uma das pernas da criança e puxa-a para fora do canal do parto — tudo menos a cabeça. A criança continua viva e dá socos e pontapés. O abortista coloca os dedos em volta dos ombros do bebê, enfia uma tesoura cega na parte inferior da cabeça, abre a tesoura para alargar o buraco, puxa a tesoura e insere um cateter de sucção para sugar o cérebro. O crânio é destruído. Agora a criança pode ser puxada para fora do útero.

A legislação difere de um estado para outro. Na Alemanha, os abortos tardios são legalmente permitidos até a data do nascimento se forem

“indicações médicas” — em outras palavras, se forem considerados um perigo para a saúde física ou mental da mãe. O aborto tardio motivado por deficiência da criança é proibido na Alemanha desde 1995. Contudo, se houver a possibilidade de uma criança deficiente pôr em risco a saúde da mãe no presente ou no futuro, tais abortos são permitidos. Na Áustria, o aborto permanece impune até o momento do nascimento “se existe o risco de a criança sofrer de graves problemas mentais ou físicos”. A seleção eugênica pode, portanto, ser feita sem qualquer ocultação ou racionalização, por meio do assassinato de crianças que de fato poderiam nascer.

Aborto químico por uso da pílu LA ru-486 (Mifepristona)

Ingerir comprimidos parece menos brutal do que se submeter a métodos cirúrgicos. O RU -486 pode ser tomado até o final do segundo mês de gravidez. Uma dose extremamente alta do hormônio sintético RU -486 impede a produção da progesterona necessária para a gravidez. O útero diminui, o que estrangula a criança até a morte. O revestimento uterino murcha e a criança morta é expulsa. A agonia da criança dura muitas horas, durante as quais ela lentamente morre de fome, sede e por asfixia. Há corrimento e o feto geralmente tem seu fim no banheiro.

Os riscos à mulher são ainda maiores do que os dos contraceptivos químicos. Trombose, embolia, câncer de mama, fertilidade prejudicada, sangramentos intensos, ataque cardíaco e arritmia cardíaca podem todos ser o resultado de um aborto químico.

O que acontece às crianças abortadas?

Depois que o abortista ou a enfermeira verificam se a pilha ensanguentada de pequenos ossos e órgãos está completa, eles a descartam como lixo biológico, mandam-na para queima no próprio local, liberam-na para fins de pesquisa ou a vendem com fins lucrativos.

Em patologia, o pequenino ser humano se torna material utilizável. Muito pode ser feito com ele: desenvolvimento de vacinas, tratamento celular antienvelhecimento por meio de injeção de células germinativas fetais, processamento para fazer cosméticos cuja finalidade é reduzir a quantidade de rugas, uso de células-tronco embrionárias na medicina para desenvolver terapias e criar órgãos de reposição, “embora nos últimos 20 anos não tenha se tornado realidade nenhuma das curas que os pesquisadores esperavam das células-tronco embrionárias” (Stefan Rehder).⁴⁵

Nos Estados Unidos, um jovem fez vídeos disfarçado nos quais revelava a lucratividade das vendas de órgãos de crianças abortadas pela Planned Parenthood. Seu nome é David Daleiden, nascido em 1989. Ele ousou expor sozinho as atividades criminosas da gigante do aborto Planned Parenthood. Encontrou o Center for Medical Progress e, durante o almoço, negociou com representantes da Planned Parenthood sobre os custos e as condições respeitantes às partes do corpo de crianças abortadas. Em 2015, um vídeo após o outro veio a público, pondo sob enorme pressão a organização global do aborto.⁴⁶ A campanha “Defund Planned Parenthood” ganhou força: alguns estados dos EUA deixaram de financiar a International Planned Parenthood Federation com dinheiro de impostos, o que levou a um acentuado conflito com a administração do governo Obama. O Presidente Trump, porém, apoiou a campanha. Mas em vez de a Planned Parenthood ser processada por tráfico de órgãos de crianças abortadas, o próprio Daleiden foi processado, porque enganou a IPPF para que esta expusesse a si mesma. Ele corre o risco de ser preso por vinte anos por uso de documentos de identidade falsos. O processo ainda está em andamento.⁴⁷

Um jovem ousou enfrentar a maior organização não governamental que apoia a cultura da morte, a International Planned Parenthood Federation, financiada em bilhões de dólares por alguns dos homens mais poderosos do mundo. Uma verdadeira batalha de Davi contra

Golias. David Daleiden é um herói do nosso tempo, mas a roda da história deve passar da morte para a vida antes que o enalteçamos.

Como foi possível fazer com que o termo “aborto” perdesse a associação com a horripilante realidade? Vimos o que significa o aborto: a criança é dilacerada no útero, desmembrada, envenenada, queimada, sufocada; deve beber salmoura, um ataque cardíaco é induzido; deixam-na morrer de fome e inanição dentro do útero; ela é expelida e deixada sozinha para morrer ou asfixiar-se discretamente. Durante o nascimento, sua cabeça é perfurada e seu cérebro é sugado.

Ao ver as estatísticas, quem pensa em quantas crianças são mortas no seu país, ano após anos? De acordo com o Gabinete Federal de Estatísticas, até o final de 2019 um total de 6.175.000 crianças foram assassinadas — isto é, seis milhões, cento e setenta e cinco mil! Quem pensa nisso quando vê uma reportagem segundo a qual algum país trava uma batalha para legalizar o aborto ou proibi-lo completamente, como na Polônia em 2016? Os abortistas que ganham seu dinheiro matando crianças não nascidas não precisam se esconder — eles exercem sua profissão de forma totalmente legal, em público, e às vezes são homenageados por isso.

Como é que o coração de alguém se transforma em pedra dessa maneira? Se à criança fosse permitido viver, em poucos meses encantaria seus pais com um sorriso.

O arrependimento nunca vem tarde demais

Acabou. A criança está morta. Linda está sozinha outra vez. O alívio vem primeiro: minha vida continua como antes. Mas há nisso tudo um

lado sombrio.

É melhor não pensar nisso. Eles disseram que não era grande coisa. Que eu sentiria um pouco de dor por dois ou três dias e que depois tudo acabaria. Eu tinha o direito de tomar minhas próprias decisões. Não vou contar a ninguém sobre isso. Melhor não pensar nisso. Tom e eu não conversamos durante o jantar. Ninguém quer falar sobre isso. Nós dois estamos irritados. De algum modo, estou com raiva dele, embora ele tenha dito que a decisão foi minha. Trabalho muito, e isso me distrai. Ontem minha colega de trabalho mostrou fotos do bebê de sua irmã. Agi como se estivesse feliz por ela, mas senti um aperto no coração. Então voltou à minha cabeça essa pressão que eu nunca tinha sentido antes. Não durmo bem há algum tempo. Acordo às 3h da manhã, cheia de ansiedade, ainda que não haja nenhuma razão para isso. Às vezes me surgem, repentinamente, imagens de quando eu estava deitada ali, rendida, o médico com luvas de borracha e pinças na mão. Meu relacionamento com Tom piora cada vez mais. Ele não me toca mais. Fala de separação. Ainda bem que não tive um filho com ele — mais cedo ou mais tarde ele me deixaria, de qualquer maneira. Os homens no fundo são inúteis. Eu me dou melhor com Stephanie. Eu costumava acordar e já aguardar com expectativa o que ocorreria no dia. Agora prefiro ficar na cama. Muitas vezes começo a chorar por nada. Não é de admirar que as pes soas queiram ficar longe de mim. Será que valho alguma coisa? Mas vou me recompor e dar uma corrida. Então poderei passar o tempo.

Linda está tateando no escuro, presa em uma densa névoa. Ela não sabe o que há de errado consigo mesma. Não percebe que está sofrendo da chamada síndrome pós-aborto, o impacto negativo do aborto sobre a mulher, que em grande medida é mantido em segredo.⁴⁸ Numa sociedade em que o aborto é apenas uma extensão da contracepção por outros meios, a mulher que abortou não pode ter problemas. Aqueles que a convenceram, os que lhe deram aconselhamento na “terapia”, sem abrir os olhos e o coração para a realidade da criança, aqueles que cometeram o ato sangüinário para ganhar dinheiro, e todos os que tomam o assassinato de uma criança

não nascida como um direito e um ato de libertação das mulheres — nenhum deles quer saber que o aborto não apenas mata a criança, mas também fere mental e fisicamente a mulher. Tal mulher disse não à sua essência, à sua capacidade de dar vida. Ela assassinou o filho e, com isso, a maternidade, uma parte de si mesma. Alguém realmente acredita que isso não trará consequências?

Existem atos — nossos e dos outros — que definem o rumo da vida. Muitas vezes ocorrem num instante, sem que tenhamos consciência da sua extensão, sem que saibamos da responsabilidade pelas consequências da tentação e da sedução, das falsas informações e da manipulação consciente. Eles dão nós difíceis de desatar no fio da vida, diminuindo a liberdade.

Apesar de toda a lavagem cerebral através da deturpação da terminologia, ainda há uma inscrição (Dn 5, 25) que todos podem ler em seus corações — e a ela chamamos *culpa*.

Em nosso tempo, já não se quer mais saber de culpa, mas a possibilidade de assumi-la é uma condição vital da liberdade humana. As pessoas têm livre-arbítrio e podem escolher o bem ou o mal. Um leão não sente culpa quando despedaça um animal, mas um ser humano sente-se culpado quando mata uma criança. Ele fica devendo, àqueles que prejudicou com sua má ação, o autoconhecimento, o arrependimento, um pedido de perdão e a disposição para a reparação.

Hoje é possível capitalizar a condição de vítima. A culpa é dos outros, os outros precisam mudar, os outros devem reformar a si mesmos, os outros devem garantir “espaços seguros”, os outros são amordaçados e punidos se defenderem opiniões consideradas “ofensivas”. Tudo quanto alguém sente como estressante é percebido como sofrimento infligido que confere a condição de vítima, que pode ser explorada.

Por que as coisas são assim? Porque uma sociedade que se afastou de Deus não só se separou do “Deus vingativo”, mas também perdeu o Deus misericordioso. A misericórdia divina só pode ser

experimentada por aqueles que têm consciência dos seus pecados diante de Deus.

A má ação de que tratamos aqui prejudica três relacionamentos: com a vítima, consigo mesma e com Deus.

Se a vítima estiver morta, não poderá ser trazida à vida novamente. Mas a recuperação é possível, a recuperação da relação com o filho falecido, a reconciliação da agressora consigo mesma e com Deus.

A cura começa com o reconhecimento da realidade. Esse processo ocorre em várias etapas, sendo aconselhável procurar ajuda para tanto.

O primeiro passo é aceitar a dor. Isso exige coragem. Até agora, Linda suprimiu sua dor, justificou-se e culpou os outros. Os resultados foram depressão, autodegradação, e distúrbios mentais e físicos de todos os tipos. Linda precisa sair desse nevoeiro se quiser encontrar a cura. A torrente de lágrimas afastará os escombros que antes obscureciam a causa dos distúrbios mentais. *No início*, tudo isso fará com que ela se sinta culpada e desamparada. *A criança está morta. Eu a matei. Eu nunca poderei mudar isso.*

Mas há uma compensação!⁴⁹ Outras mulheres passaram pelo mesmo que Linda e puderam voltar a aproveitar suas vidas. Ela não é a primeira, nem será a última. Há uma fonte purificadora que lhe devolverá a vida plena se nela ela se banhar: está cheia de lágrimas e arrependimento.

Linda cede ao arrependimento, chora sem parar, do fundo de seu coração, e então o milagre acontece. A criança pode viver em sua mente. Linda dá à criança um nome. Ela conversa com o filho e lhe conta sobre a aflição que a levou a matá-lo. E o que fazer com a culpa? Linda de repente sente que precisa ir à igreja. As lágrimas reaparecem, mas agora suaves e ternas. Linda recorda sua Primeira Comunhão, e a confissão que fez quando criança. Ela encontra um padre a quem abre o coração e do qual escuta palavras de cura: *Ego te absolvo* — “Eu te

perdoo”. Uma nova vida pode agora começar. Linda reencontrou seu filho e a si mesma como mulher e mãe. Ela sabe que pode dar vida.

4. DE PRESENTE A PRODUTO

O progresso é o flagelo que Deus escolheu para nós.

— Nicolás Gómez Dávila

Os seres humanos modernos caminham pela terra há algumas centenas de milhares de anos. O homem gerou o homem na misteriosa escuridão do útero feminino. Há quatro décadas um mistério foi desvendado: a ciência conseguiu fertilizar o óvulo de uma mulher com o esperma de um homem num tubo de ensaio. O ato do amor foi substituído pela manipulação técnica em laboratório. A fertilização in vitro (fiv) foi inventada. A primeira criança criada em laboratório, Louise Joy Brown, veio ao mundo em 1978. Mais tarde, em 2015,⁵⁰ mais de 20.000 bebês de proveta nasceriam na Alemanha. É uma tendência em ascensão.

Os métodos de contracepção modernos sistematicamente dissociaram o ato sexual da procriação, e agora a procriação é dissociada do ato sexual.

Isso abriu a porta para a produção de crianças e pôs a humanidade na escorregadia ladeira de uma arrogância cada vez maior no que diz respeito à vida e à morte. Os óvulos e os espermatozoides são agora colocados à disposição dos técnicos da reprodução. Eles podem “colher”, congelar, selecionar, “melhorar” (isto é, modificar) e duplicar (clonar) material genético. Podem congelar um embrião, plantá-lo num útero alugado, utilizá-lo como material de investigação, jogá-lo fora, matá-lo — tudo por dinheiro proveniente do crescente mercado da medicina reprodutiva. O homem agora pode mexer na criação do

ser humano feita por Deus. Será este um progresso bem-vindo, ou será uma extrapolação dos limites capaz de prejudicar a humanidade? O filósofo Dietrich von Hildebrand está convencido de que esta última asserção é verdadeira: “A reverência pelo milagre da nova vida proveniente do mais íntimo vínculo de amor entre duas pessoas é a base para a repulsa por cada destruição perversa, artificial e insolente desse misterioso contexto de amor e pelo surgimento de uma nova pessoa”.⁵¹

Artificialmente fértil

As razões para a utilização de métodos artificiais de reprodução podem variar consideravelmente. Variam desde o sofrimento de um casal infértil que não anseia por nada além de ser bons pais para uma criança, até pessoas solteiras ou do mesmo sexo que estão dispostas a comprar o material genético perdido e roubar da criança sua herança natural.

Se um homem e uma mulher expressaram seu sincero “sim”, então o filho que eles têm juntos é a manifestação de seu amor. Pense no sofrimento quando um dos dois é infértil e sucede que o amor deles não pode culminar em um filho! Eles são dominados por um sentimento de desamparo e seu plano de vida desmorona. Pode ser tão triste quanto se, em vez disso, tivesse morrido uma criança.

Tornar-se pai ou mãe representa o rompimento com o egocentrismo. De uma única vez, o ego é deixado de lado para dar lugar a um pequeno ser indefeso, seu filho. Uma mãe não se pergunta sobre o sentido da vida quando tem um filho em seus braços. Mas essa não é a única forma de superar o egocentrismo e pôr-se a serviço dos outros. A alma quer fazer o bem, e assim fazendo recupera a paz com a própria existência. Após um período de tristeza porque o anseio pela

vida, pelo amor, pelo vínculo e pelo cuidado não pode ser satisfeito com um filho próprio, surgirão outras possibilidades de significado e realização.

Contudo, também pode haver um desvio intencional da natureza em detrimento da criança. A desincorporação da procriação humana resulta na sua despersonalização. A ascendência biológica pode agora ser “diversificada”. Até então, era aplicado o antigo princípio jurídico: *Mater semper certa est*, a mãe é sempre certa. Mesmo que o pai ocasionalmente não fosse conhecido, era a coisa mais óbvia do mundo que uma pessoa tinha pai e mãe. Sempre foi um duro golpe do destino perder um dos dois. Disto os contos de fada fazem eco.

Com a descoberta da fertilização *in vitro*, tornou-se tecnicamente possível e legal roubar voluntária e intencionalmente a herança natural de uma pessoa. Todos querem saber de onde vieram, de quem é o material genético que herdaram e que “capital inicial” define a sua identidade. A adesão a um sistema familiar conferia à pessoa uma identidade social. As crianças adotadas muitas vezes procuram os seus pais biológicos depois de saberem que os seus pais — por mais amorosos que sejam — não são os seus pais “verdadeiros”. Crianças criadas com material genético anônimo também fazem isso. A sua árvore genealógica é substituída por um cheque em branco genético.⁵² A criança se torna um produto com um número e uma etiqueta de preço. Este é o maior golpe imaginável à sua dignidade.

A dignidade de uma pessoa reside na sua singularidade pessoal: todos os que já amaram foram afetados em seu íntimo pelas pessoas que amaram, e ninguém mais em todo o mundo poderia substituí-las. É isso que os pais sentem com o bebê recém-nascido, embora sua identidade ainda seja um completo mistério. Em contrapartida, um produto comercial é selecionado com base em critérios de qualidade e é intercambiável.

Nós, humanos modernos, que acreditamos ter alcançado níveis de humanidade anteriormente inatingíveis, sentimos repulsa quando

vemos pessoas serem compradas ou vendidas, tanto nos mercados escravagistas do passado como no tráfico de seres humanos hoje. Ninguém quer ser vendido como um produto. Ninguém quer descobrir um dia que seus componentes genéticos foram comprados, que cresceu num útero alugado e nasceu de uma pessoa que não era sua mãe. A abolição do direito à vida através da legalização do aborto seguiu-se à abolição do segundo direito humano básico: o direito da criança aos seus pais biológicos. A criança indefesa é sacrificada aos desejos egoístas dos adultos. Alguns matam a criança indesejada, enquanto outros violentam a natureza para conseguir a propriedade de uma criança. Para as pessoas de hoje, o eu substituiu Deus. Isso atravanca o caminho para a aceitação do destino, a submissão ao que é dado e a descoberta de um novo sentido para a vida.

Hoje, a idade média das mães de primeira viagem é de 30 anos, e, portanto, o dobro do tempo desde o nascimento até a maturidade sexual. Por uma década e meia a maior preocupação das mulheres que fazem sexo desde a juventude é: *filhos não!* Devem ser evitados!

Quando uma mulher decide abandonar a pílula, quando está concluída a sua formação profissional, quando ela encontrou um homem que quer ser pai, quando seu rendimento é adequado, sua casa é grande o suficiente, e o casal finalmente disse “sim” à procriação, acontece cada vez mais de um dos parceiros descobrir ser infértil. Que choque! Que infortúnio!

De repente a cortina é descerrada e a vida fala na própria alma. A vida quer continuar, quer criar vida, sempre começar de novo — mas e se não for possível? Ao longo dos anos de contracepção, o homem e a mulher sentiram que eram os senhores da vida e da morte. Agora, de repente, a vida está no comando e não coopera. Tristeza. Desamparo.

Ou, pergunta-se o casal, talvez não estejamos tão indefesos. Seu desejo de conceber ainda pode ser realizado? Os pais nos *sites* de clínicas de reprodução parecem tão felizes! Poderíamos fazer a fertilização em laboratório? Juntar o sêmen e o óvulo numa placa de

Petri e depois implantar o embrião? Comprar sêmen num banco de esperma? Ou o óvulo de alguma outra mulher... Queremos tanto uma criança! Ela terá uma boa vida conosco.

Cada vez mais casais se encontram nessa situação, porque a infertilidade tem crescido entre homens e mulheres. Na Alemanha, tal como nos Estados Unidos, uma em cada cinco mulheres não tem filhos, algumas porque não os querem, outras porque já não podem tê-los.

Em apenas algumas décadas, o anseio insatisfeito pelas crianças impulsionou um negócio de bilhões de dólares. Na Alemanha, as 150 clínicas de reprodução artificial desenvolvem atividades de gestão territorial. A demanda por bebês está aumentando.

Quem precisa da reprodução artificial? Aqueles que lutam contra a infertilidade, aqueles a quem faltam óvulos e/ou sêmen e/ou um útero para gerar uma criança?

- Um homem e uma mulher que querem ser pais mas não o podem porque a fertilização não está acontecendo e o embrião não se implanta: desde que o óvulo e o sêmen estejam intactos, não é preciso comprar nada. Em vez disso, entregam o óvulo e/ou sêmen ao laboratório e esperam ajuda técnica para a fertilização e a implantação. A criança, se alguma nascer, será parente de ambos os pais (fertilização homóloga).
- Um homem e uma mulher, um dos quais é infértil: eles têm de comprar o óvulo ou o sêmen de outra pessoa (fertilização heteróloga). A criança nunca conhecerá um de seus pais biológicos.
- Uma mulher que ainda não encontrou o homem certo ou que quer uma carreira antes de se tornar mãe: ela sabe que seu estoque de óvulos é limitado, reduz dramaticamente após os 35 anos e perde vitalidade. Por isso, quando jovem, ela tira os óvulos e os congela a 196°C negativos, para descongelá-los e fecundá-los em laboratório (*congelamento social*) aos 40 anos.

Se o parceiro certo ainda não apareceu, ela terá de comprar o esperma de algum anônimo.

- Uma mulher solteira que não tem companheiro mas ainda assim quer ter um filho: ela precisa comprar o esperma. A criança nunca conhecerá seu pai biológico e crescerá sem pai.⁵³
- Dois homens homossexuais que se tornarão pais: eles têm de comprar o óvulo e alugar um útero. A criança nunca conhecerá sua mãe genética ou a mulher em cujo ventre viveu até nascer. Nunca terá uma relação materna, mas haverá até seis adultos que poderão reivindicar os direitos parentais: a mãe genética, a mãe de aluguel, o marido desta (na maioria das situações legais), o pai biológico (se o sêmen for comprado), e os dois pais legais.
- Duas lésbicas que se tornarão mães: elas têm de comprar o esperma. A criança jamais conhecerá seu pai e crescerá sem ele. As duas mulheres podem compartilhar a maternidade: uma cede o óvulo e a outra o útero para carregar o filho.

Há uma batalha pela legalização de todos esses cenários no mundo inteiro. Aqueles que mais interesse têm nisso estão no mercado multibilionário da medicina reprodutiva, os cientistas que usam “embriões excedentes” da reprodução artificial para fins de pesquisa, e todos aqueles que desejam realizar o sonho de ter um filho, seja qual for o custo.

E custa muito. Somente os ricos podem permitir-se fazer a reprodução artificial. É preciso considerar o alto custo de 50.000 dólares, dependendo da quantidade de óvulos, do esperma e da clínica. Nos países pobres da Europa Ocidental e da Ásia, existem pacotes baratos com tudo incluso: voo, hotel e três ciclos de fertilização *in vitro* a partir de 40.000 dólares.

A reprodução artificial não custa apenas dinheiro. Acarreta sérios riscos à saúde da mãe, da mãe de aluguel e da criança; custa a vida de milhões de embriões; custa à criança o direito aos seus pais biológicos; e custa aos seres humanos a sua dignidade.

Os riscos da fertilização artificial

Existem vários métodos de fertilização artificial. Os dois mais comuns são a fertilização em placa de Petri e a ICSI .

Na fertilização *in vitro* (FIV) clássica, os espermatozoides e os óvulos se misturam num tubo de ensaio. Assim como na procriação natural, o óvulo tem a opção de qual espermatozoide escolher. Devido à qualidade do sêmen geralmente sofrer uma degradação contínua, a fertilização em proveta muitas vezes não funciona. Então é utilizada a *Injeção Intracitoplasmática de Espermatozoides* (ICSI). Sob a deslumbrante luz do laboratório, o médico seleciona, através do microscópio, um espermatozoide que lhe parece especialmente vigoroso, introduz uma agulha hipodérmica no óvulo e lhe faz a injeção.

Cerca de 60 a 80% dos embriões assim criados apresentam danos cromossômicos e não são capazes de se desenvolver.

Os embriões excedentes são criopreservados a -196° em nitrogênio líquido, quer dizer, congelados, às centenas de milhares, todos os anos. Esses embriões são produzidos porque três óvulos costumam ser fertilizados, mas apenas um ou dois são implantados. A maioria desses embriões criopreservados ficam “órfãos” e acabam sendo descartados. Se os pais doam os embriões excedentes para pesquisas, muitas clínicas de reprodução lhes oferecem descontos.

É muito raro que a gravidez se produza na primeira tentativa, e, em mais de 80% dos casos, não ocorre nem na última tentativa. Somente entre 15% e 17% das fecundações artificiais resultam no nascimento de uma criança. Quanto mais velha for a mulher, menor será a probabilidade. Em média, são necessários cerca de vinte embriões para ocorrer uma implantação bem-sucedida. Isto significa que quase todos eles devem morrer na primeira etapa de sua existência, para que a “criança desejada” possa, sob grandes riscos, nascer.

Naturalmente, as pessoas que querem ter filhos querem-nos saudáveis. Então, por óbvio, o embrião criado artificialmente se submete a um controle de qualidade para comprovar se apresenta sinais de enfermidades hereditárias ou incapacidades antes de ser implantado na mulher. A isso chamam diagnóstico pré-implantação (DPI). Para um DPI são necessários aproximadamente sete embriões. Os embriões são examinados para a detecção de defeitos e incapacidades, e, se for preciso, separados. Assim, o médico se torna um seletivo eugenista, que decide ainda numa fase inicial quem é e quem não é digno de viver.

Neste ponto, ainda são apresentadas outras opções: deve o bebê ser menino ou menina? Seus olhos devem ser azuis ou castanhos? Loiro ou moreno? Pode ele ser considerado um doador de tecido ou órgãos para um irmão já vivo que se encontre enfermo? Este também pode ser um motivo para a reprodução artificial. Na Alemanha, que tem uma lei de proteção a embriões bastante restritiva, isso não é possível, mas os pais podem viajar aos Estados Unidos e, por 140.000 dólares, adquirir um bebê saudavelmente projetado.⁵⁴

A montanha-russa do medo e da esperança

A mulher, ou o casal, que faz uso dos métodos de reprodução artificial embarca no que pode ser considerado uma montanha-russa de esperança, ansiedade, humilhação, alegria e medo que dura cerca de um ano e que em quatro de cada cinco casos termina em profunda decepção. Se todas as tentativas de ser dona da vida e da morte fracassam, não sobrarão mais que a forçada aceitação da impotência. Para aqueles que se resolvem pela tomada do caminho da fertilização

artificial com o fim de fazer a natureza realizar os seus próprios desejos, nada pode ser pior do que o fracasso.

O *site* do Centro Federal de Educação em Saúde da Alemanha não esconde os riscos que o casal pode correr. A organização não pode ser suspeita de rejeitar a reprodução artificial. Analisa, sem escusas, os riscos e o *stress* para o corpo e a alma, até chegar às “complicações graves”. Diz que:

Os tratamentos de fertilidade eletivos podem estressar gravemente a mulher, o homem e prejudicar a relação dos dois. Os exames e os efeitos colaterais dos medicamentos podem ser exaustivos. Ademais, durante esse tempo o casal deve dedicar grande parte de seu tempo às exigências da terapia — às vezes por vários anos. As consultas de controle e os tratamentos são difíceis de conciliar com as obrigações laborais. Isso é especialmente verdadeiro quando o casal deseja manter o tratamento em segredo perante seus empregadores e/ou colegas de trabalho. O fardo financeiro também pode ser pesado.⁵⁵

Primeira fase da angústia — a colheita dos óvulos

A estimulação hormonal é extremamente estressante para a mulher. Na natureza, normalmente apenas um óvulo fica pronto para a fertilização a cada ciclo. Para a fertilização artificial a mulher deve liberar o máximo de óvulos possível, pois o desgaste é considerável. Muitos óvulos — fertilizados e não fertilizados — cedo ou tarde perecem.

Como o corpo da mulher é forçado pelos suplementos hormonais a produzir mais de um óvulo, pode ocorrer a “síndrome de hiperestimulação”. Os possíveis efeitos colaterais são náusea persistente, líquido no abdômen, distúrbios de coagulação sanguínea, falta de ar, sensação de calor excessivo, tontura, distúrbios de visão e depressão. Também existe o risco de infecção bacteriana dos ovários e lesões na bexiga e nos intestinos durante a retirada do óvulo.

Os óvulos e o sêmen obtidos por meio de doadores em geral devem ser congelados e posteriormente descongelados. Apenas uma pequena parte deles sobrevive.

Segunda fase da angústia — a implantação

Se houver sucesso na fertilização, são transferidos ao útero dois ou três embriões. A rodada seguinte de espera temerosa começa. São necessárias duas semanas de exames diários e mais injeções hormonais até que o médico possa dizer se a mulher de fato engravidou ou se o embrião morreu.

E se não funcionou — o que é bastante provável —, a maior provação ainda está por vir. O convênio médico paga por três ciclos, mas os médicos que se beneficiam de cada novo ciclo podem recomendar a continuidade dos procedimentos. A difícil decisão pode se transformar em um pesado fardo para o casal, cujos horários e vida íntima ficam em segundo plano, dando lugar a meses de tratamento e a ordens médicas. Para a maior parte dos casais, isso altera o relacionamento e a sexualidade.⁵⁶

Terceira fase da angústia — gravidez

Por vezes sucede que um, dois ou talvez três embriões produzidos artificialmente sejam implantados no útero, dando lugar então à ansiedade: “a criança vingará?”. Muitas mulheres têm essa preocupação, mesmo quando se trata da procriação natural, porque os abortos espontâneos não são incomuns. Com a procriação artificial, os riscos de aborto espontâneo são consideravelmente mais altos: mais da metade das gravidezes artificialmente induzidas terminam em abortos espontâneos ou em gravidezes ectópicas.⁵⁷ Durante meses, quando não anos, o casal fizera de seu desejo por um filho o principal assunto de suas vidas: a mulher passa por vários ciclos de tratamentos extremamente exaustivos, finalmente recebe a notícia de que está grávida, para, mais tarde, descobrir que perdeu outro filho. Ira, aflição,

dor, vergonha, dúvidas sobre si mesma. Muitos casais se separam por isso.

Há, todavia, outro dilema especial que a mulher por certo não considerou enquanto longamente desejava ter um filho. Devido à implantação com frequência dar errado, geralmente são “transferidos” vários embriões ao útero. O que fazer se dois ou três tiverem êxito? Os gêmeos ou trigêmeos não eram parte do plano. Deste modo, é levada a cabo a “redução embrionária”. A mulher fez sacrifícios gigantescos para engravidar. Agora, em seu útero, palpitam os corações de várias crianças, porém, se ela quer apenas uma, deve decidir quais serão assassinadas.

A menor delas? A mais fraca? Deveria manter o menino ou a menina? Quem decide? O médico ou a mãe? O casal queria ter uma criança — não matar uma —, mas gêmeos ou trigêmeos? Fora de questão!

Os bebês excedentes são mortos com uma injeção de cloreto de cálcio feita através da parede abdominal e do útero até os seus coraçõezinhos. A criança sobrevivente permanece no útero da mãe junto de seu irmão morto até a hora do parto. Se o irmão morto não foi “absorvido”, é expulso no momento do nascimento. Quais poderiam ser os efeitos colaterais para uma criança que se desenvolveu ao lado do cadáver de seu próprio irmão?

Quarta fase da angústia — diagnóstico pré-natal

Uma criança deve ser saudável e inteligente, dar orgulho aos seus pais. São altas as chances de uma criança criada artificialmente apresentar anomalias. A triagem antes da implantação não descarta, de maneira adequada, a possibilidade de a criança ser deficiente. Portanto, a mãe costuma realizar também o diagnóstico pré-natal (DPN).

Até 2012, isso era possível somente com a retirada do líquido amniótico, o que aumentava muito o risco de perda do filho. Ainda

outro dilema para a mulher é o de decidir entre a vida e a morte: para abortar uma criança deficiente ela deve correr o risco de perder uma criança saudável. 95% de todas as crianças diagnosticadas com Síndrome de Down são abortadas. Dentro em pouco, não haverá mais nenhuma.

Desde 2012, existe um simples exame de sangue que revela, com um elevado grau de certeza, se uma criança tem ou não Síndrome de Down.⁵⁸ Muitos convênios médicos pagam por esses testes porque assim poupam nos custos relacionados a crianças deficientes. Mas também aqui é possível que um resultado positivo esteja errado. Imagine que a mulher descobre, *após o aborto*, que assassinou um filho saudável... Ela conseguirá ser feliz nesta vida?

Quinta fase da angústia — nascimento

A maior parte das crianças nascidas de FIV vêm ao mundo muito cedo, muito pequenas e têm de ser retiradas por cesariana. Sua vida costuma começar dentro de uma incubadora. As crianças nascidas de FIV têm o dobro de probabilidades de nascer pesando menos de três quilos (mesmo quando nasce apenas uma), o que triplica o risco de problemas de desenvolvimento.⁵⁹

O parto é arriscado para toda mãe. Graças aos avanços da medicina, a morte da mãe e da criança durante o parto é cada vez menos frequente. Para as mulheres que querem forçar a natureza por meio da reprodução artificial, os riscos são consideravelmente mais altos: muitos cortes vaginais, lacerações no útero, histerectomia não planejada, transfusões de sangue, transferência para cuidados intensivos. Quando é usado o óvulo de outra mulher e este óvulo é inserido fertilizado, cerca de 30% de todas as gravidezes apresentam graves complicações.⁶⁰ Os temores de uma mulher por si e por seu filho têm aí sua justificativa.

Sexta fase da angústia — danos a longo prazo para as crianças nascidas DE fiv?

Era imenso o desejo de ter nos braços um filho saudável e de, cuidando dele, encontrar sentido para a vida. Mas a criança terá saúde e se desenvolverá normalmente? Será que a natureza aguentará todas as intervenções feitas no processo extremamente complexo e aperfeiçoado da procriação humana? Pesados suplementos hormonais, fertilização invasiva por perfuração do óvulo, cultivo dos óvulos e espermatozoides em solução nutritiva, congelamento e descongelamento do óvulo, do sêmen ou do embrião, e depois a massiva estimulação hormonal para implantação e recepção, baixo peso ao nascer e nascimento prematuro — sem mencionar os fatores psicológicos e espirituais no início da vida.

Desde o primeiro bebê de proveta, produzido em 1978, mais de quatro milhões de crianças fertilizadas *in vitro* nasceram no mundo inteiro. A maioria delas é saudável, graças a Deus. Os poucos estudos realizados em humanos criados artificialmente ainda não permitiram acompanhá-los ao longo de suas vidas, mas mostram que tais pessoas correm alto risco de sofrer com defeitos congênitos, danos a longo prazo devido ao baixo peso ao nascer, nascimento prematuro,⁶¹ elevada pressão arterial e envelhecimento precoce das artérias.⁶²

E quais são as consequências psicológicas a longo prazo? O primeiro grande estudo sobre o assunto foi realizado na Universidade de Copenhague e chegou a esta angustiante conclusão:

Para as crianças fruto de tra [tecnologia de reprodução artificial], o risco de esquizofrenia e psicose foi 27% maior, o de ansiedade e de outros transtornos neuróticos como anorexia foi 37% maior, o de transtornos comportamentais, 40%, e o de distúrbios do desenvolvimento, como o autismo, 22%, se comparadas às crianças nascidas por meios naturais.⁶³

O doador de esperma

O doador de esperma não é um doador, mas um vendedor de seu próprio esperma. É difícil compreender as motivações de um homem que vende o seu esperma, tornando-se, assim, pai de inúmeros filhos que jamais conhecerá, com os quais não terá nenhuma relação e para os quais jamais será um verdadeiro pai. É esse um bico cuja finalidade não é senão a de ganhar uns poucos dólares a mais, ou há satisfação pessoal em ser pai de muitos filhos sem quaisquer vínculos ou responsabilidades?

O doador de esperma atenta contra sua própria dignidade, vende uma parte de si destinada a criar filhos e filhas que enriqueceriam e completariam sua vida. Mas entre o pai e seus filhos se interpõe um obstáculo intransponível: em vez de amor, responsabilidade e completude para a vida, vêm o dinheiro, a distância e a solidão.

Uma mulher que compra esperma de um estranho para criar seu próprio filho quer ter certeza de que o produto é de alta qualidade. Ela quer que ele seja vigoroso e tenha as propriedades genéticas desejadas, boa saúde, boa aparência, inteligência, uma cor de pele específica (a cor branca continua a ser a preferida), e às vezes cores específicas de olhos e cabelos. Os bancos de esperma disponibilizam perfis de doadores para seus clientes fazerem suas escolhas.

Para que o banco de esperma garanta qualidade aos compradores, o doador de esperma é selecionado meticulosamente. Deve preencher um questionário de várias páginas e fornecer informações sobre as condições de sua saúde, as condições de saúde das últimas três gerações de sua família, sua posição social, seu nível educacional, a profissão que exerce, e os seus interesses. Quanto mais eficiente e precisa for a triagem, mais alto será o preço do esperma.

Se o homem tiver passado em todas as análises, poderá entregar sua amostra na sala de masturbação do banco, abastecida com pornografia

para estimulação. A contagem de espermatozoides por ejaculação é conferida. Nas últimas décadas, a quantidade caiu, em média, pela metade, e além de tudo é consideravelmente mais baixa na masturbação do que durante a relação sexual.

Uma vez que seu esperma é aceito, o sujeito recebe um contrato anual com cláusulas padronizadas: ele deverá entregar esperma ao menos a cada duas semanas. Suas condições de saúde são constantemente verificadas. Para que ele não perca interesse na masturbação remunerada, o banco, no momento da assinatura do contrato, paga apenas uma parte do valor acordado. Em caso de existência de riscos para a saúde, o contrato é anulado.

Se o doador aceitar revelar sua identidade ao comprador, o preço aumenta.

É possível que nos arredores do banco de esperma haja muitas crianças que estranhamente se parecem umas com as outras. Sem saber, elas são meias-irmãs. Se o destino quiser, podem se apaixonar sem sequer desconfiar que estão praticando incesto.

Em 2017, o parlamento alemão pôs fim à dissolução total da linhagem com a “Lei de regulação do direito ao conhecimento da linhagem familiar no caso de uso de esperma heterólogo”. Foi criado um registro nacional de doadores de esperma, no qual as crianças criadas a partir de julho de 2018, e com mais de 16 anos, podem solicitar nome, data de nascimento, nacionalidade e endereço (naquele mesmo momento) de seu pai genético.⁶⁴ Todas as crianças criadas antes disso têm em suas identidades, no lugar de um pai, um buraco negro. Elas nunca descobrirão quem é seu pai.

A barriga de aluguel

Até que a ciência consiga desenvolver um útero artificial, algumas pessoas só conseguirão satisfazer o seu desejo de ter filhos mediante o aluguel do útero de outra mulher. Este é mais um avanço na reprodução artificial. Depois da dissociação entre sexualidade e procriação, entre procriação e ato sexual, da separação da criança e seus pais genéticos, agora a criança é também apartada de sua mãe biológica, e a mãe é apartada da criança que por tantos meses cresceu tão perto de seu coração.

Uma barriga de aluguel pode ser procurada em variadas circunstâncias. Os cenários vão desde casais que não podem ter filhos em decorrência de complicações médicas, parceiros do mesmo sexo que, por razões naturais, não podem gerar uma criança, até estrelas de Hollywood que querem poupar seus corpos dos percalços da gravidez.

Se o embrião for constituído a partir do material genético produzido pelo cliente, ainda assim estará ligado aos seus pais. Talvez ele nunca saiba que foi criado em laboratório, implantado numa mulher de nome desconhecido e carregado por ela até o nascimento. (Entretanto, graças à psicologia, sabemos que segredos de família só podem ser guardados por um tempo).

Se ambos os componentes do embrião forem comprados e o útero alugado, a criança não terá nenhum relacionamento com os pais clientes, mas terá muitas ligações invisíveis com os “pais” que nunca conhecerá e cujos nomes nunca saberá: os doadores do óvulo e do esperma,⁶⁵ a barriga de aluguel e — dependendo da situação jurídica — o marido desta última.

Uma criança carregada por uma barriga de aluguel cresce sozinha e sem amor num útero alugado. Antes, o útero de uma mulher era um lugar idílico, de completa segurança, que enchia o coração humano de um insaciável desejo de unidade perfeita. Já para a criança carregada por uma barriga de aluguel, o útero é uma escura masmorra onde não penetra nem um único raio de amor ou de esperança, porque a mãe sabe que deve dar o filho a estranhos imediatamente após o

nascimento. Ela deve se abster de toda e qualquer relação com a criança que se agita dentro dela. Não deve demonstrar nenhuma alegria ou afeto, pois isso inevitavelmente se transformaria em uma grande fonte de sofrimento após o parto.

Em sua maioria, as crianças que se desenvolvem num útero alugado deixam esse lugar escuro e solitário ainda precocemente, por cesariana, e assim suas vidas têm seu ponto de partida dentro de incubadoras — onde os recém-nascidos ficam abandonados pelo coração materno.

Uma criança criada de maneira natural conhece os batimentos cardíacos da mãe, seu cheiro, sua voz, as canções que ela cantava, o sabor do seu leite. Tudo isso dá segurança após o choque do nascimento. A criança é recebida por um rosto sorridente. O hormônio da felicidade, a oxitocina, corre por todo o corpo da mãe, o bebê encontra seu seio, pressiona contra ele o seu narizinho e suga do corpo materno o líquido de que necessita para viver, por fim caindo num sono profundo e satisfeito. O filho produzido no corpo de uma mãe de aluguel jamais terá essas experiências.

Sabemos disto desde o início: o nascituro foi concebido para depender de relacionamentos, vínculos e aprendizagem.⁶⁶ Os embriões são capazes de ouvir, saborear, cheirar e sentir através do tato. O pesquisador da fase pré-natal Peter Fedor-Freybergh escreveu: “O nascituro bebe, fuma, ama e odeia junto com sua mãe, experimenta a alegria e o sofrimento com ela. Sente seu coração bater, tem medo quando ela está com medo [...]. Sua vida depende dela e da vida dela”.⁶⁷ Como será para uma criança que sua mãe suprima para com ela todo o contato emocional durante a gravidez? Que sentimento subjacen te irá ficar marcado nesse bebê? O isolamento no útero se torna abandono quando nada é familiar à criança após o nascimento.

De que maneira isso funcionará para a mãe cliente que não carregou o filho em seu ventre? A gravidez deveria ser um período de preparação para a missão de ser mãe — implica uma direção

totalmente nova para a existência, cujo centro já não pode ser a própria mãe, mas sim, agora, o bebê indefeso. Hoje, no entanto, mãe e filho se tornaram estranhos um para o outro. O hormônio da felicidade, a oxitocina, não é secretado e os seios da mãe não produzem nenhum leite. Quão feliz ficará a mãe ao acordar à noite para acalantar o filho que chora? A mãe adotiva terá a mesma percepção hipersensível com relação a todas as expressões da criança? Todos os sacrifícios que devem ser feitos por uma mãe, neste caso, serão compensados por uma profunda alegria?

Talvez a criança não permaneça com quem a comprou porque, no seu país de origem, é proibida a utilização de barrigas de aluguel e há impedimentos àqueles que tentam ultrapassar a fronteira com a criança — o que já ocorreu com um casal italiano que tivera um filho produzido com espermatozoides comprados. O Tribunal Europeu de Direitos Humanos decidiu que o Estado tinha a custódia, após o que a criança foi mandada para a adoção.⁶⁸ O caos jurídico é tão grande quanto o caos da linhagem com o qual a criança irá se deparar no futuro.

A pandemia do coronavírus trouxe um problema totalmente novo: as crianças foram encomendadas, mas não recolhidas, porque as fronteiras estavam fechadas. Em maio de 2020, centenas de bebês de mães substitutas estavam à espera de ser recolhidos pelos seus compradores.⁶⁹

E como são as coisas para a mãe de aluguel? Em geral, elas são mulheres de países pobres cujas dificuldades financeiras as levam a vender sua capacidade de gerar filhos, a alimentá-los com sua própria substância física e, ao fim e ao cabo, sofrer com as dores do parto.

Além do desgaste físico, a mãe de aluguel se submete a mais riscos de saúde do que a média das mulheres, como por exemplo:

- Pressão alta com risco de acidente vascular cerebral durante a gravidez e depois dela;
- Diabetes gestacional;

- Pré-eclâmpsia com interrupção prematura da gravidez por cesariana;
- Complicações de nascimento com risco de vida, transfusões de sangue e transferência de mãe e filho para utero;
- Graves rupturas na vagina;
- Histerectomia não planejada.

O que fará uma mulher na Ucrânia recebendo um rendimento médio anual de 3.000 euros, vivendo em extrema pobreza, ao ver no metrô um anúncio no qual há a promessa de um pagamento de 16.000 euros para ela alugar seu útero?

Os clientes residentes em países ricos solicitarão os seus serviços. A Índia, que já foi a grande fábrica de bebês do mundo, com 3.000 clínicas de reprodução, proibiu a maternidade de substituição em 2019, e a Tailândia em 2015. Mas os negócios se encontram em franca expansão em países como a Ucrânia e a República Tcheca.

O contrato da barriga de aluguel⁷⁰

A mulher deve ter chegado à maioridade legal e já ter tido seus próprios filhos. Ao assinar o contrato, ela concorda em seguir as orientações da agência e em lhes dar total controle sobre sua vida durante a gravidez. Ela concorda em realizar um aborto se os médicos considerarem necessário ou se os potenciais pais assim o desejarem. Aceita a “redução de embriões”, mas deve carregar as múltiplas crianças até o fim, se isso for solicitado pelos médicos. Se ela própria for responsável pelo aborto ou se recusar a abortar, deverá pagar 200% do valor do contrato.

Ela deve fornecer aos pais dos clientes informações muito precisas sobre sua situação social e de saúde e pode ser contatada e examinada por eles a qualquer momento. Ela própria se sujeita a sanções, caso obtenha informações sobre os seus clientes.

Ela não deve fumar nem beber álcool, e deve tomar medicamentos, incluindo chás de ervas e remédios alternativos, aprovados pelos médicos da agência, e seguir as especificações dietéticas. Durante o tempo de vigência do contrato, ela não poderá sair de sua cidade ou utilizar transporte público sem autorização prévia. Deve evitar o desgaste físico e mental e, caso pratique atividades físicas, obter aprovação para estas. Não deve pintar o cabelo. Os animais devem ser abandonados. O descumprimento de tais obrigações resulta em dramáticas penalidades financeiras.

No início do sétimo mês, ela deve se mudar para um quarto que lhe for atribuído pela agência e não deverá cuidar dos próprios filhos.

Ela deve devolver a criança aos pais clientes ou à equipe do hospital imediatamente após o nascimento e nunca mais ter nenhum contato com ela.

Ela recebe a primeira metade da remuneração na assinatura do contrato e a segunda metade na entrega da certidão de nascimento e do passaporte da criança. Em caso de aborto espontâneo nas primeiras seis semanas, ela recebe 3% do valor contratual, 10% entre a 22ª e 30ª semanas e 50% em caso de natimorto. Se o útero precisar ser removido, ela receberá 20% adicionais. O seu útero vale, portanto, 3.200 euros. O cliente deve pagar pelos cuidados médicos até um mês após o nascimento do bebê.

A mãe de aluguel tem ciência dos riscos em que incorre, mas ainda assim é questionável até que ponto as mulheres, a maioria das quais com baixo nível de escolaridade, compreendem o que aceitaram. Os potenciais pais são obrigados a aceitar crianças que apresentem anomalias, que sejam muito pequenas ou que estejam muito abaixo do peso, e que tenham problemas genéticos, doenças hereditárias ou outros distúrbios de desenvolvimento.

Se a mãe de aluguel revelar qualquer informação sobre o conteúdo do contrato, terá de pagar uma multa de 200% do seu valor e ainda

poderá ser processada.

A maternidade de aluguel como “trabalho de amor”

A brutal degradação da mãe de aluguel e da criança parece menor quando se trata de uma mulher que, pela bondade de seu coração, esteja disposta a ajudar um casal infértil.⁷¹

A irmã de Nick — vamos chamá-la de Susan — é mãe de dois filhos, mas não conseguia mais suportar ver os sofrimentos de seu irmão porque a esposa deste, Jane, que já tinha dois filhos resultantes de uma relação anterior, não podia conceber filhos com ele. Durante um ano inteiro, a geladeira ficou cheia de comprimidos e injeções, e o único assunto de suas conversações foram as tentativas fracassadas de fertilização *in vitro* e abortos espontâneos que repetidamente lançavam o casal num tenebroso mar de esperanças frustradas e depressão cada vez mais profunda. Susan queria ajudar.

O óvulo de outra mulher foi comprado, fertilizado por Nick e implantado em Susan. Durante esse período, ela fez anotações em um diário:

3ª semana

Sinto-me mal o tempo todo — tenho dores de cabeça e estou exausta. Tenho de tomar hormônios, antibióticos, aspirina e ácido fólico. O pior de tudo é a depressão. Normalmente, sou uma pessoa feliz.

8ª semana

Estou grávida de gêmeos.

11ª semana

Queria montar um quarto para os bebês, comprar-lhes algumas coisas, um carrinho, mas eles não são meus filhos. É melhor eu não me apegar a eles. Preciso manter-me fria e distante.

15ª semana

Contei aos meus filhos o que está acontecendo. Minha filha pergunta: “Você não vai me abandonar, vai?”. Meu filho é hostil e inacessível. A professora pergunta o que há de errado. Não dizemos o que está acontecendo.

19ª semana

Vejo mãozinhas e pezinhos no ultrassom e sou sacudida por soluços. É insuportável imaginar-me voltando da clínica para casa sem filhos.

25ª semana

Nick me pergunta: “Como estão meus filhos?”. É como levar uma punhalada no coração. Eles estão montando um quarto para os bebês e comprando as roupas das crianças, para quando elas voltarem para casa. Jane contratou uma babá, pois quer voltar a trabalhar logo.

30ª semana

Tenho de transferir legalmente a paternidade para Nick e Jane. Tudo em mim resiste, mas tenho de cumprir com o acordo.

33ª semana

Minha pressão arterial está muito alta. Uma intoxicação durante a gravidez parece aproximar-se, e, portanto, a necessidade de uma cesariana. Ao meu redor já se faz presente uma enorme equipe para realizar o parto. Parece sério.

Nascimento

As crianças são muito pequenas, precisam ser levadas à incubadora para ser alimentadas artificialmente. Tenho de ficar no hospital por dez dias. Estou exausta e Nick muito triste. Nick me leva para casa, de

metrô. Não consigo parar de chorar. É como se eu tivesse tido um aborto espontâneo e os dois filhos nascido mortos.

Prós e contras

Como seres humanos com livre-arbítrio, sempre que tomamos decisões, tentamos pesar seus prós e contras. Imaginemos uma escala. Em um dos lados estão os custos da reprodução artificial e, do outro lado, os benefícios.

CUSTOS

- Degradação da criança;
- Apagamento da linhagem familiar;
- Aviltamento dos vendedores dos componentes biológicos;
- Humilhação para a mãe de aluguel;
- Riscos para a saúde mental da mãe e para sua saúde física durante a colheita do óvulo, sua implantação e o nascimento da criança;
- Riscos de longo prazo para a saúde mental e física da criança;
- Riscos para a saúde mental e física da mãe de aluguel;
- Seleção do material genético;
- Consumo de embriões;
- Eliminação dos embriões;
- Congelamento dos embriões;
- Caos nos relacionamentos;
- Custos de aproximadamente 50.000 dólares.

BENEFÍCIOS

- Em menos de 20% dos casos, realização do desejo de ter um filho.

Para qual lado se inclina a balança? De um lado, há uma montanha de danos, riscos e degradação, e do outro, apenas o desejo de um adulto de ter um filho. Sim, é muito triste um casal não poder ter um filho, mesmo que tenha as condições necessárias para cuidar de uma

criança e queira dar a esta tudo quanto ela precise. Que o amor que desejam dar a um filho os previna de tirar-lhe sua linhagem natural.

Os casais que conseguiram produzir algum filho com material genético de outra pessoa ou mesmo com uma barriga de aluguel também compraram, assim, a felicidade? O que os pais dirão ao filho quando ele perguntar sobre o pai e a mãe e, posteriormente, descobrir a verdade?

- Por que não tenho pai?
- Por que não tenho mãe?
- Quem é meu pai?
- Quem é minha mãe?
- Por que tenho dois pais? Qual deles é o verdadeiro?
- Por que tenho três mães? Qual delas é a “minha”?
- Como fui concebido?
- Por que nasci em Praga, ou Kiev?
- Por que me entristeço com tanta frequência?
- Por que adoço com tanta frequência?

O professor Ulrich Kutschera, que se define como um “investigador ateu da evolução”, diz:

No decurso da evolução dos mamíferos, ao longo de 150 milhões de anos, o vínculo mãe-filho tornou-se o mais forte que existe. Se a criança for deliberadamente privada de sua mãe enquanto relação primária (como ocorre com os homens homossexuais), ou se houver alguma tentativa de substituir o pai biológico por uma mulher, haverá a violação do direito humano mais elementar que existe.⁷²

O desejo de ter filhos não deve se tornar uma obsessão, de modo que os direitos e a dignidade da criança (e do fornecedor genético) sejam desconsiderados. Ninguém tem direito a ter um filho, mas este tem direito a seus pais biológicos. Aqueles que produzem crianças artificialmente com material genético de outras pessoas negam a existência desse direito humano, e, com isso, a “ecologia humana”. Em

22 de setembro de 2011, o Papa Bento XVI lembrou isto ao parlamento alemão. Ele disse:

Há também uma ecologia da humanidade. O homem tem também uma natureza que deve ser respeitada e não é passível de ser manipulada de acordo com a vontade. O homem não é apenas liberdade autocriadora. Ele não cria a si mesmo. Ele é intelecto e vontade, mas também é natureza, e sua vontade é corretamente ordenada se ele respeitar a própria natureza, ouvi-la e aceitar-se tal como ele é — alguém que não criou a si próprio. Desta forma, e de nenhuma outra, consegue-se a verdadeira liberdade humana.

5. TORNANDO-SE PAIS

*As crianças são um quebra-cabeça de Deus, o mais difícil de resolver,
mas o amor, se houver dedicação, pode resolvê-lo.*

— Friedrich Hebbel

Simona diz: Queríamos muito ter um filho. Reservei em minha alma espaço para um filho, relegatei minha vida profissional para o segundo plano e decidi: não preciso de mais responsabilidades profissionais! Não devo alçar voos mais altos na carreira. Quero uma família e quero filhos. Nós queremos uma família. Nós queremos filhos.

Eu já sabia antes mesmo do teste: estou grávida!

Por um longo tempo, sem dizer uma palavra, nós nos entreolhamos, sabendo que nada mais seria como antes. Nosso primeiro lampejo de alegria — misturado com angústia. Tudo ficará bem?

Durante algum tempo, mantivemos segredo. Meus seios ficaram sensíveis. Não suporto o cheiro de arroz integral! Estou com vontade de comer rolinhos de salmão e mousse de chocolate! Todas as manhãs me sinto enjoada e perco peso. Deixei de beber álcool, e fumar é algo que ficou no passado. Trabalho normalmente, mas minha motivação tem diminuído aos poucos. Já não parece tão importante.

As pessoas ao meu redor pouco a pouco percebem a mudança e tenho de dar a notícia: há um bebê a caminho. Todos a quem digo que estou grávida ficam radiantes de alegria.

Lemos livros e vemos filmes sobre o surgimento da vida. As imagens dos primeiros meses são um pouco perturbadoras, pois quando penso em uma “criança”, vejo um bebê na minha frente, não um ser estranho com uma cabeça gigante e enormes órbitas oculares. Mas quero saber o que acontece lá embaixo.

Na quarta semana, o coração começa a bater, e no segundo mês o cérebro começa a se desenvolver. Todos os órgãos já estão lá, começando a fazer o seu trabalho.

A criança agora tem por volta de quatro centímetros, mas já tem os dedos dos pés e das mãos e pode mover seus braços e pernas. No ultrassom, posso vê-la chupando o polegar. Vou às lágrimas. Há de fato um bebê em meu ventre.

As principais ultrassonografias foram agendadas, a primeira entre 9 e 12 semanas, a segunda entre 19 e 22 semanas, e a última perto do final da gravidez. A mãe e o bebê são examinados para ver se tudo está correndo conforme o planejado.

Se você ler os diversos panfletos espalhados pela sala de espera, poderá ficar bastante chateado com tudo o que pode dar errado. Eu poderia ter pré-eclâmpsia, um envenenamento durante a gravidez, “que representa uma ameaça à vida da mãe e do feto”, ou diabetes gestacional, toxoplasmose — poderia contrair um parasita que causa parto prematuro ou fatal. Parece que há em cada esquina, à espreita,

um monstro que pode engolir meu filho. Alguém me aconselhou a parar de comer laticínios crus porque eles podem conter listeria, que pode causar meningite e envenenamento do sangue em recém-nascidos. Verifico os riscos: segundo o Instituto Robert Koch, ocorrem 300 infecções por ano, 8% das quais atingem bebês, isto é, 24 delas. Em 2015, a Alemanha viu nascerem 737.575 crianças. Cerca de 0,003% delas tiveram infecção por listeria. Então eu como todo tipo de queijo.

Tenho mesmo de saber tudo?

Após três meses, gradualmente paro de me sentir mal. Aos poucos vai se formando uma barriga de grávida.

O médico nos pergunta se queremos saber o sexo do bebê. Pensamos a respeito: isso deve permanecer em segredo até o dia do parto? Ou talvez seja bom saber com antecedência se será menina ou menino, porque precisamos comprar coisinhas de bebê para um ou outro... menos mistério, mais envolvimento?

Não, não queremos saber. Queremos manter o entusiasmo, sem estragar a surpresa.

O médico continua.

Quero um exame mais detalhado? É para detecção antecipada de defeitos e doenças hereditárias. Se houver evidência disso, o líquido amniótico pode ser examinado. O líquido amniótico contém informações genéticas sobre a criança.

Para remover o líquido amniótico, o seguro saco amniótico do bebê deve ser perfurado com uma agulha. Em 1% dos casos, isso causa um aborto espontâneo — na Alemanha, cerca de 700 crianças morreram em decorrência desse exame.⁷³ Tanto os diagnósticos positivos como os negativos podem estar errados.

Com o fim de detectar Síndrome de Down antecipadamente, agora existe o exame pré-natal. Consiste em coletar uma amostra de sangue,

sem necessidade de perfurar o saco amniótico. O teste ajuda a determinar com maior precisão se a criança tem Síndrome de Down, mas também não é 100% confiável.

E se o resultado for positivo, o que acontece? O médico diz que, nesse caso, não preciso continuar com a gravidez até o fim.

Sério? Devo abortar o meu filho?

Precisamos de tempo.

Essa é uma decisão terrível de se tomar. Se ao menos eles não nos tivessem perguntado! Ah, se esses testes não existissem! Matar a criança que finalmente consegui conceber? E se, após tudo isso, descobrirmos que se tratava de uma criança saudável? Um pensamento horrível.

E se o teste revelar que a criança tem Síndrome de Down?

De repente, deparamo-nos com uma questão demasiado complexa para nós: a criança deve viver ou morrer? Lemos a respeito e perguntamos por aí. No ponto de ônibus, vemos uma mãe de uma criança com Síndrome de Down. Os dois conversam e riem juntos. Seria realmente um desastre?

Através da *internet*, conhecemos Catherine MacMillan, uma jo vem que engravidou aos 18 anos, quando acabara de ingressar na escola de música. Ela não se sentia preparada para ser mãe, sua relação com o pai do bebê era incerta e ela pensava em abortar. Então, na 26ª semana, veio o diagnóstico: Síndrome de Dandy-Walker — três quartos do cérebro não tinham se desenvolvido adequadamente.

Para os médicos, não havia dúvidas de que era preciso “interromper a gravidez”, como dizem, matando a criança. Catherine não deveria arruinar sua própria vida!

Mas assim que ela sentiu a criança em seu corpo, teve certeza: a criança tinha de viver. Isto quer dizer que Catherine devia estar à altura do desafio — ela constantemente teve de justificar essa decisão.

Em 31 de março de 2010, Sara nasceu. Ela estava gravemente incapacitada. Mas seu coração, não. Sara era capaz de amar. Sara não conseguiria falar, mas poderia interagir com patos na lagoa. Ela não aprenderia a cantar, mas conseguiria encontrar inexprimível alegria na música. Sua alegria contagiante conquistou todos quantos a conheceram.

Catherine começou a defender publicamente o direito das crianças à vida. Ela também deu palestras e mostrou fotos de sua filha amada e extremamente amorosa, Sara. “Coração derretido”, foi como o pai de Catherine descreveu a relação da filha com a criança.⁷⁴

Certa manhã, quando Sara tinha 6 anos, Catherine encontrou-a morta na cama. Algo totalmente inesperado. Um punhal perfurou o coração da mãe.

A dor sentida naquele momento, e depois, só aumentou a determinação de Catherine em lutar para que fosse permitido às crianças deficientes viver.

Procuramos mais um pouco e encontramos também testemunhos de pais que chegaram aos seus limites mentais e físicos para cuidar de filhos deficientes. O que deveríamos fazer?

Conversamos demoradamente, ficamos em silêncio, colocamos as mãos na minha barriga.

De súbito, ficou claro para nós: apesar de tudo quanto possa acontecer, não queremos fazer testes. Não queremos ser os senhores da vida e da morte. Isso é demais para nós. Não abortaremos a criança em nenhuma hipótese. Se a criança tiver alguma deficiência, aceitaremos. Tomar essa decisão tirou um pesado fardo dos nossos ombros.

As estações ferroviárias não estão sendo reformadas para ficar livres de obstáculos? Os locais públicos não têm banheiros para deficientes? Não estamos cada vez mais surpresos com as incríveis conquistas das pessoas com deficiência nas paraolimpíadas? A discriminação contra os deficientes não é proibida por lei? Mas assassinar crianças deficientes antes de nascerem é permitido... Quanta hipocrisia!

A pergunta do médico então nos trouxe algo bom: se o bebê realmente for deficiente, estaremos preparados.

Estamos esperançosos quanto ao que vai acontecer. Foi mesmo a criança que pressionou os pezinhos contra a minha parede abdominal? Logo não há mais dúvidas — o bebê dá chutes e se mexe de um lado para o outro. Minha barriga fica cada vez maior. Estou carregando uma criança no meu corpo, uma pessoa, um grande mistério. Um estranho orgulho toma conta de mim quando estou andando pela rua. Não escondo minha barriga. Vejam! Eu estou carregando uma vida!

Arrumamos o quarto da criança, montamos o berço que fora meu, no qual, antes, minha mãe me colocara.

Uma amiga me dá um livro: *The Female Brain*, de Louann Brizendine.⁷⁵ “Leia isto! Então entenderá o que está acontecendo com você”. Estou impressionada: todas as mudanças que tenho percebido — físicas e mentais — têm a ver com mudanças no cérebro e no eixo hormonal. Novos circuitos estão se formando no cérebro para o comportamento maternal. “Essas mudanças resultam em um cérebro motivado, extremamente atento e ativamente empenhado na proteção do filho, o que força a mãe a alterar suas respostas e prioridades na vida”. Os estranhos desejos durante a gravidez, a hipersensibilidade aos sons, a necessidade de dormir, a falta de motivação, o esquecimento — eu costumava ser tão organizada! —, tudo isso é desencadeado por novos hormônios produzidos pelo feto e pela placenta, os quais chegam até o cérebro. Descubro que a partir do sexto mês de gravidez meu cérebro — temporariamente — encolhe. Duas semanas antes do

parto, volta ao tamanho normal. O cérebro é desligado para se transformar em “cérebro de mãe”.

Minha barriga cresce sem parar. Enfim posso parar de trabalhar. Limpo o porão, costuro cortinas para o quarto do bebê, encomendo camisetinhas, calças e fraldas pela *internet*. Compramos um carrinho. Muitas vezes fico apenas ali sentada, coloco a mão na barriga, canto alguma música e conto ao meu filho sobre a família em cujo seio ele nascerá.

Mark está trabalhando muito, como sempre, mas tirou duas semanas de folga para acompanhar o parto. A parede abdominal fica mais tensa e cada vez mais dura, como uma prancha — um exercício inicial para as contrações. Esta barriga ainda pode ficar maior? Torna-se difícil subir escadas, calçar sapa tos ou carregar sacolas de compras. O tempo está passando.

O nascimento

Estranhamente, não tenho mais nenhum receio quanto ao nascimento do bebê. Está chegando a hora do parto e é inevitável. Eu me rendo. A criança mal tem espaço para se mover e já passaram dois dias da data prevista. Chegou a hora. As contrações ocorrem em intervalos regulares. Dirigimos até o hospital — sabemos o caminho. Eles permitem uma visita introdutória para os pais.

Um minuto e meio, uma pausa, um minuto e meio, uma pausa... A próxima contração e a seguinte, passando por mim como ondas do mar. O colo do útero se abre. O saco amniótico estoura. Só há uma coisa a fazer: render-me completamente ao que está acontecendo e, ao mesmo tempo, cooperar com todas as minhas forças. Passividade e atividade se misturam. Empurre, respire, empurre novamente, respire

outra vez... É um furacão, a força elementar da vida à qual estou me rendendo. A parteira diz que a cabeça já é visível. Empurro novamente, com toda a força, e no momento seguinte o bebê se move por si mesmo, num movimento de espiral, e é pego pelas duas mãos.

“É um menino!” — a primeira proclamação de sua futura identidade. O recém-nascido grita e imediatamente é colocado em água morna. Ele relaxa e abre os olhos. Aos poucos, o cordão umbilical para de pulsar. O médico entrega uma tesoura a Mark, e ele corta o cordão que ligava a criança à mãe. Olhamos profundamente na alma um do outro. A criança está deitada nua sobre meu peito. Meu filho! Alguma coisa já me pertenceu mais do que esta criança?

Mark passa a primeira noite comigo, conosco, na clínica. Espantados, olhamos para o nosso grande mistério. Quem é você? Qual será o seu caminho na vida? A parteira vem e coloca o bebê em meus braços. Ele pode sugar, e então surgem as primeiras gotas de leite espesso e amarelo. A criança dorme na dobra do meu braço, e eu com ela. Em algum momento da noite, a enfermeira aparece e o coloca no berço ao meu lado. Acordo com cada pequeno som. Observo e observo, cheiro sua cabecinha, e absorvo sua fragrância.

A criança em formação

Uma criança veio ao mundo. O mundo ganhou uma pessoa. De uma só vez, duas pessoas diferentes se tornaram pais — pai e mãe. O foco de sua vida agora é outro, uma criança pequena e indefesa, que depende completamente dos seus cuidados, de modo que, agora, sua vida está atrelada à da criança. A vida os catapultou para uma nova etapa. Até a gravidez, tudo girava em torno deles mesmos. Com o nascimento, o pai e a mãe são obrigados a dirigir sua atenção para o filho recém-nascido.

Não há dúvida: é estressante trazer uma criança ao mundo. Um dos efeitos colaterais mais comuns é a privação de sono. Feliz é a mulher cujo marido a apoia, dando-lhe espaço e tempo, reconhecimento e amor, para que ela se sinta segura e possa se dedicar plenamente ao filho. Mês após outro, o pai assume um papel cada vez mais importante na vida do filho. Ele também se esforça para dar mais atenção à família, em lugar da vida profissional.

Depois de dar à luz o primeiro filho, a mãe não imagina como lidaria com um segundo, mas quando este chega, ela fica mais tranquila, e, quando vem o terceiro, tudo já se transformou em rotina para os pais.

Com cada fibra do seu ser, os pais esperam que a criança prospere. Mesmo que a individualidade única da criança ainda não tenha se desenvolvido, eles percebem a existência de um tesouro ilimitado quando olham para ela, e o pensamento de que possa advir qualquer infortúnio é como encarar um abismo.

A criança é única. A singularidade é um princípio da criação. Não há dois flocos de neve iguais! Mas a criança é mais do que única: é uma pessoa. Uma pessoa difere de todas as outras criaturas porque tem dignidade e é dotada de inteligência, capacidade de autorreflexão e livre-arbítrio — pode decidir se quer fazer o bem ou o mal. Os dons espirituais de uma criança pequena, os exemplos que lhe são dados e a sua educação desempenham um papel importante no uso que fará de seu livre-arbítrio na vida. Que responsabilidade indescritível é colocada nas mãos dos pais!

As crianças pequenas ainda não conseguem falar, mas podem sorrir radiantemente, adormecer com alegria, ou chorar e gritar, deixar de dormir e de comer. Podem ser motivo de profunda alegria para os pais ou um fardo que leva seus nervos ao limite. Podem descobrir o mundo com efervescente alegria, ou tornar-se agressivas, tristes e apáticas. Nos primeiros anos de vida, podem desenvolver um sentimento inerente de confiança ou podem começar a vida com profunda

desconfiança em si mesmos, nas outras pessoas e no mundo. Nem tudo está nas mãos dos pais, mas muita coisa está.

A pessoa começa o percurso da concepção até a morte com uma segurança idílica, flutua no líquido amniótico, consegue tudo o que precisa através do cordão umbilical, é incessantemente embalada, ouve a voz da mãe, compartilha de seus sentimentos. Se a mãe está cheia de esperança, alegria e expectativa, a alma do bebê resplandece. Se ela estiver preocupada, ansiosa e estressada, a alma da criança ficará envolta por uma sombra.

O nascimento é um choque. De repente, e de maneira dolorosa, o bebê é catapultado para um mundo que é luminoso e barulhento, e no qual suas necessidades básicas demoram a ser atendidas. O corpo é experimentado como uma fonte de dores. A criança recém-nascida pode sugar e agarrar um dedo com suas mãozinhas. Pode chorar e gritar. Dentro de poucas semanas, poderá sorrir. Depende de cuidado amoroso durante 24 horas por dia. A criança foi solta no mundo e de nada precisa com mais urgência do que de um vínculo físico e emocional com a mãe. O que faz uma criança recém-nascida se sentir segura? A pele macia e quente da mãe, o seu seio, de onde flui o leite, a sua voz confiável, o seu olhar reconfortante e amoroso, ser carregada e embalada em seus braços, dormir perto dela. Em tudo isso, a criança aprende através dos sentidos: a mamãe está ali. Estou segura. Está tudo bem.

Existe algo mais comovente do que o sorriso de um bebê? Nessa pequena criatura vive uma alma amorosa que irradia de seus olhos e brilha em seu rosto. Um ser humano! Um grande mistério. O que será dele? Mãe e bebê são uma simbiose única e harmônica.

A necessidade externa e a dependência do bebê correspondem ao amor biológico, hormonalmente acionado, da mãe. O hormônio da felicidade e do vínculo, a oxitocina, é produzido em grandes quantidades na mãe e no filho durante o nascimento e a amamentação. Cheia de amor, a mãe olha para o rosto do pequeno e vê a criança mais

linda do mundo. Ela ouve todos os sons e reage imediatamente. Surge uma leoa, pronta para resgatar seu filho das chamas, se necessário.

Nesse vínculo seguro, a criança recebe tudo. O bebê quer e deve ser cuidado com amor 24 horas por dia, sete dias por semana, e as suas expressões de vida e necessidade exigem uma reação imediata e sensível. Se ninguém reagir ao choro do bebê, de modo a tranquilizá-lo, ele cairá em ansiedade existencial. O volume, o tom e a urgência do choro aumentam de minuto a minuto, até que o pânico se instale. A mãe pode adivinhar o estado emocional do filho e geralmente sabe o que há de errado: fome, dor de estômago, necessidade da presença materna, sono. Para ela, a única coisa que pode e deve ser feita é ajudar a criança o mais rápido possível e, assim, acalmá-la. Se ela falhar, será muito estressante. A mãe faz tudo isso sozinha, se estiver em boas condições, e a criança vai descobrindo as coisas por si mesma. Ninguém precisa ensinar nada disso à mãe ou à criança.

A necessidade de segurança existencial não é própria dos bebês, mas sim um impulso básico das pessoas até seu último suspiro. O que não faríamos, que compromissos não assumiríamos em prol da segurança material e da aceitação social? O desconhecido evoca medo, o conhecido proporciona segurança. O bebê necessita da mãe como lugar de segurança, que no ambiente familiar logo se expande também para o pai, os irmãos e avós.

Quanto mais seguros os vínculos, com mais curiosidade, coragem e alegria a criança explora o mundo, ousando aventurar-se cada vez mais longe da mãe. Necessita de uma “coleira” que se desenrole, que permaneça ligada à mãe durante as suas explorações lúdicas, e cujo comprimento ela mesma possa determinar. Assim, ela não precisa gastar nenhuma energia para se assegurar da presença da mãe, e aprende tudo rapidamente.

Em nenhum outro momento da vida uma pessoa aprende tanto em tão pouco tempo quanto no primeiro ano de vida. O peso do cérebro

aumenta em 500 gramas. As estruturas mentais estão indelevelmente impressas no cérebro.

A aprendizagem é impulsionada pelo retorno. Entre mãe e filho existe um fluxo constante de microcomunicação, que a criança absorve com seus afinados sensores. Aprovação, alegria, riso, deleite — balançar a cabeça, suspirar, aborrecer-se —, as atividades da criança recebem respostas imediatas através das reações da mãe. O professor Theodor Hellbrugge, famoso pediatra, observou: “Cada mudança no rosto da mãe — mesmo a mais sutil — é percebida e imitada pelo bebê [...]. Quase se pode dizer que a primeira linguagem ocorre na comunicação visual entre mãe e filho”.⁷⁶ A criança precisa de respostas constantes da mãe e de uma reação sensível às suas inquietantes emoções, as quais a própria criança ainda não consegue controlar. A regulação das emoções ocorre por meio da reconfortante reação da mãe. Esse conforto proporciona segurança, confiança, coragem, ajuda e proteção, das quais surge então a base segura da confiança básica.

Essa segurança e comunicação constante com a mãe gera sinapses no cérebro. O cérebro da criança gradualmente desenvolve estruturas firmes e modos de operação através de experiências tidas na primeira infância. Se faltar amor, haverá partes vazias no cérebro, como a ciência já demonstrou mediante processos de imagem.⁷⁷

Ninguém mostra à criança como se virar, engatinhar ou andar. Ninguém exige que ela se esforce para agarrar um objeto ou para subir escadas. Cada conquista é comemorada, não apenas pelos pais, mas por todos com quem a alegria do progresso da criança pode ser facilmente compartilhada através de um celular. Avós, tias, tios, padrinhos e amigos se deliciam com fotos e vídeos: Oba! Ela já pode engatinhar! Consegue ficar de pé! Que maravilha! O primeiro dentinho apareceu! Então, por volta do primeiro aniversário, o primeiro passo. Um grande marco!

A vida está abrindo seu caminho. A própria vida é um trabalho em andamento e podemos ver isso em primeira mão nas crianças

pequenas. Quando uma criança recebe o que precisa, encanta com seu sorriso aqueles que a rodeiam, encanta-os com a sua indomável alegria de viver, sua criatividade, a luz dos seus olhos, o brilho do seu rosto adormecido, a sua aceitação completa e sem julgamento das pessoas e do mundo, o milagre do despertar da sua inteligência, as palavras que cria e o amor que declara. Ter no colo uma criança que relaxa completamente na proximidade física acalenta a alma. Quando o coração da mãe está perto do filho, o mundo também se torna novo para ela. Ninguém a aceita tão completamente quanto seu próprio filho. Este pode ser um caminho de cura para a mãe.

Logo vem a primeira palavra. Durante a expiração, os lábios se juntam duas vezes e a palavra “mamãe” é proferida. E quando o ar é expelido com um pouco mais de força, vem um “papai”. Aos 2 anos, a criança começa a falar, as meninas mais cedo do que os meninos, e aos 3 já são capazes de formar frases inteiras. Observar a criatividade da criança para formar palavras é muito divertido para a família!

Só aos poucos é que se vai desenvolvendo a noção de tempo. No primeiro ano de vida a criança só conhece o aqui e agora. Se alguém vai embora, ele se foi para sempre. Gradualmente a criança forma uma ideia do que vê, e apenas por volta do segundo ano de vida é que essa ideia é armazenada no cérebro para que possa ser reconhecida outra vez. A criança agora sabe que a mãe, que saiu da sala, voltará.

A criança descobre que pode agir no mundo — acender a luz, ligar um brinquedo musical ou construir uma torre. Aprende a orientar-se no espaço, a controlar cada vez mais o seu corpo, a experimentar-se como pessoa autônoma, que pode dizer sim ou não às coisas que vão surgindo em seu caminho. Surge um sentimento de autoeficácia. Se, durante as suas fases de aprendizagem, uma criança não recebe confirmações constantemente — em geral pela felicidade que irradia do rosto da sua mãe —, é diminuída a sua motivação, ela não experimenta a estimulante sensação de pensar “eu posso!”, desenvolvendo, pelo contrário, um primário sentimento de inadequação.

Assim como ficar de pé sozinho é um salto quântico no desenvolvimento, o mesmo ocorre quando a criança diz “eu” pela primeira vez, no terceiro ano de vida. A criança passa então a validar seu livre-arbítrio. A criança deve dizer “não” para existir no mundo como pessoa autônoma, com um eu próprio, e assim, portanto, se instala a desafiadora fase que muitas vezes é chamada de *terrible two*. Assim como a criança aprendeu *sozinha* a engatinhar, andar e falar, ela deve dissolver a simbiose com a mãe para perceber a si mesma como uma pessoa separada dela. Então a criança subitamente consegue fazer cocô e xixi no penico. Os pais precisam ter paciência — muita paciência — em vez de ceder à tentação de exercer qualquer forma de autoridade sobre o filho. *Ter tempo* é a pré-condição indispensável para amar, e assim como a água deve fluir por um cano, o amor flui por meio do tempo.

Pais para sempre

Passados alguns anos desde que a mulher se tornou mãe, aparecem inesperadamente os primeiros sinais de que ela deve controlar um pouco o seu instinto protetor, não para deixar a criança de lado, mas para ouvir e prestar atenção ao que está acontecendo com ela. Deixe o pai assumir sua presença grave e forte na vida do filho; não feche a criança às influências externas, mas também não a deixe indefesa no mundo — trata-se de encontrar equilíbrio. Ser pai é um exercício constante e cada vez mais profundo de desapego — nunca acaba. Significa abandonar as próprias necessidades emocionais, os próprios preconceitos sobre o que a criança deve ou não fazer, as exigências aparentemente óbvias de proximidade, a convicção de que se sabe o que é bom para a criança e a exigência de que ela o faça — um interminável processo de aperfeiçoamento do amor.

Constantemente, há decisões a tomar: vacinas, creche, jardim de infância, voltar a trabalhar, qual escola, quais amigos, quais meios de comunicação, celular ou não. Tudo é difícil numa sociedade que já extrapolou seus limites e espezinha cada vez mais os direitos dos pais.

Antes que você perceba, a puberdade chega. Agora o processo de desapego fica mais sério. Todos os grandes erros cometidos e todas as violações da confiança da criança, no exercício de poder dos pais, serão vingados nessa fase.

Mas mesmo que os pais não tenham cometido nenhum erro grave, ainda assim pode ser difícil. Veementemente, sem nada para lhe tapar a visão, a criança busca trilhar seu próprio caminho. O jovem — que já não é criança — sai de casa para ir à faculdade e depois para o mercado de trabalho. A criança se torna um adulto. Começam os relacionamentos românticos — por mais desordenados que sejam hoje em dia.

O foco da existência da mãe mais uma vez deve ser deslocado, afastando-se dos filhos e voltando para ela mesma. É bom quando a mãe consegue aproveitar a nova fase da vida com alegria e vivacidade. No entanto, suas antenas ainda estão configuradas para captar o que quer que tenha relação com o filho.

Crianças pequenas, pequenas preocupações; filhos crescidos, preocupações aumentadas. Em algum momento, os pais devem perceber que a educação, de sua parte, já terminou. E a preocupação não faz bem às crianças. Elas precisam ter confiança de que se sairão bem no que fizerem. Felizes os pais que conseguem transformar as suas preocupações em orações!

Por fim, talvez venha o casamento. O filho ou filha “deixa pai e mãe e se torna uma só carne” com o esposo ou esposa. Mesmo que o casamento venha depois de anos de amor e romance, tudo agora será diferente. O novo “nós”, formado por genro e nora, agora tem um firme revestimento. Os pais saem do centro e recuam para a periferia.

E que felicidade se nascer um neto! Isso amplia o amor a uma família estendida, a alegria aumenta com a vida mais uma vez começando. A criança é como um ímã no coração da família: atrai forças que se encontravam dispersas para perto umas das outras. Fotos e mensagens sobre as conquistas da criança são enviadas e alimentam continuamente a alegria de viver dos familiares. Para os avós — especialmente a avó — começa a próxima fase de desapego. Ela deve aprender a ser moderada em seus conselhos. A transferência da sabedoria materna ao longo das gerações já não é necessária. As jovens mães obtêm informações em livros, com médicos e na *internet*. Avós experientes são obrigadas a tão somente ficar caladas, retraindo-se e dar presentes.

Todas essas são lições de amor que todos devem aprender nessa faculdade da vida como pais. Se o vínculo está profunda e permanentemente atado ao coração, não há saída: ou crescer no amor, na abnegação e no perdão, ou na tristeza e na depressão. O campo de batalha é a família. Não há modelo que possa nos libertar dessa batalha. Existe apenas a decisão, sempre reiterada, de amar.

6. CRECHE — SOCIALISMO 2.0

A desvalorização da maternidade é a discriminação contra a tarefa mais importante e inalienável para a sobrevivência da comunidade e a esperança para o futuro. É a destruição do seu núcleo central e, portanto, um plano de suicídio.

— Christa Meeves

Em junho de 2019, o unicef, organização de proteção à infância das Nações Unidas, publicou uma lista que classificava a “amizade com as crianças” dos 31 países mais ricos. Os seus critérios para ser amigo das crianças eram: duração da licença parental com salário integral e

cuidados infantis acessíveis “desde o nascimento até o início da vida escolar”. Entre o fim da licença parental (a unicef pede seis meses) e o início dos cuidados infantis financeiramente mais acessíveis (“desde o nascimento”), não deverá haver lacunas, para que “as crianças possam se desenvolver melhor”. A diretora executiva do unicef, Henrietta Fore, diz:

Não há momento mais crucial para o desenvolvimento do cérebro das crianças — e, portanto, para o seu futuro — do que os primeiros anos de vida. Precisamos que os governos ajudem a fornecer aos pais o apoio de que necessitam para criar um ambiente acolhedor para os seus filhos pequenos. E precisamos do apoio e da influência do setor privado para que isso aconteça.⁷⁸

Como é verdade! Nenhum momento é mais formativo para o resto da vida de uma pessoa do que os primeiros três anos. Portanto, precisamos de governos que apoiem os pais na criação de um ambiente em que as crianças possam se desenvolver bem.

Mas será que as crianças podem se desenvolver bem quando a mãe regressa ao trabalho no primeiro ano de vida do filho e os bebês passam a receber cuidados coletivos aos seis meses de idade? Para a agência de proteção à infância das Nações Unidas, a disponibilidade de creches é critério fundamental para um país proporcionar condições “favoráveis à família”. A ONU, a UE e os governos dos países mais ricos concordam: desde a infância, as crianças ficam sob os cuidados de estranhos. Isso é contradito por pesquisadores da afeição e do cérebro, pediatras, psicólogos infantis e cientistas sociais. Eles comprovam que as crianças podem sofrer danos psicológicos e físicos permanentes quando os cuidados de pessoas não provenientes da família nuclear começam demasiadamente cedo.

Até a ofensiva das creches, globalmente orquestrada na política, o cuidado externo coletivo de crianças com menos de três anos de idade era considerado pelos países ocidentais um plano comunista malgrado para a criação do homem socialista. Este deveria

obedientemente alinhar-se com o coletivo e, assim, ajudar a realizar a revolução comunista. O forte vínculo com a família sempre foi o maior obstáculo. Já em 1848, no *Manifesto comunista*, a destruição da família foi promovida como condição para a criação da sociedade sem classes. A integração das mulheres no processo de produção e a coletivização das crianças o mais cedo possível foram a chave para concretizar a utopia socialista.

Cento e cinquenta anos mais tarde, os países ocidentais aderiram ao movimento. Mas o vocabulário mudou. Não se trata mais da “sociedade sem classes” do Estado operário totalitário, mas de “compatibilidade entre trabalho e família”, “educação infantil” e “igualdade de oportunidades”. E a palavra “crèche” começou a ser utilizada em alguns países de língua inglesa — um movimento engenhoso por parte daqueles que consideram a família o maior obstáculo ao paraíso pós-moderno da igualdade, porque mesmo numa cultura descristianizada a palavra “crèche” ainda evoca sentimentos cristãos de segurança familiar.

A ofensiva das creches

Na Alemanha, foi Ursula von der Leyen, ministra da família entre 2005 e 2009, desde 2019 presidente da Comissão Europeia, quem implementou a ampla criação de creches com o apoio dos sociais-democratas, da esquerda, dos verdes, e de associações comerciais — sem resistência das igrejas.

O projeto foi vendido como “liberdade de escolha” para a mãe. Claro, se não houver creches, as mães não podem optar por colocar seus filhos em uma. Mas se uma vaga na creche for subsidiada no valor de 1.000 euros por criança, todos os meses, e as mães que cuidam das crianças em casa não receberem nada, a liberdade de escolha é uma

farsa. A liberdade de escolha só existiria se as mães que cuidam dos seus filhos em casa também recebessem apoio estatal adequado. Mas o subsídio de assistência às mães foi difamado como sendo um subsídio machista,⁷⁹ e nunca foi estabelecido pelo governo federal. As vozes impotentes que alertaram para essa experiência em grande escala, à qual a próxima geração é submetida, foram rechaçadas e ridicularizadas.

Em poucos anos, centenas de milhares de creches surgiram. Para forçar as comunidades a criar creches, em 2013 Ursula von der Leyen invocou o direito legal dos pais a uma vaga na creche.

Esse “direito legal” é o trunfo para a implementação de medidas que irão alterar profundamente a ordem social. Em qualquer cidade, basta *uma* mãe exigir que haja uma creche e a cidade será forçada a construir a creche. Para tornar a obra financeiramente viável, é preciso garantir que a creche esteja lotada.

O resultado: em 2007, 15% das crianças menores de 3 anos frequentavam creches, o que representa 320 mil. Em 2017, o número já era de 33%, ou seja, 760 mil crianças. (A taxa varia entre a antiga Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental em até 30%). Em 2018, o número de crianças atingiu 790.000.⁸⁰ Em apenas dez anos, os poderes políticos e midiáticos concentrados convenceram mais de um terço de todas as mães a deixarem os filhos que carregam no ventre durante nove meses — em cujo bem-estar físico e mental estão concentradas todas as fibras de seus corpos — na frente de um portão e depois de quatro, seis ou até oito horas pegá-los de volta.

Como isso foi possível? Dois fatores merecem especial destaque: a desvalorização, por parte das feministas, à maternidade, e a escassez de mão de obra na economia.

As mães naturalmente protegem seus filhos pequenos quando há alguma ameaça de perigo. Não é questão de coragem, mas de instinto. O enfraquecimento do instinto de proteger a vida é resultado de um

bombardeio feminista contra as mães que já dura décadas. O feminismo radical, concretizado por Simone de Beauvoir (“Acabem com a escravidão da maternidade!”), a guerra aos homens, às mães e às crianças, na luta pelo “direito humano” ao aborto. A mulher solteira, sem filhos, sexualmente promíscua, que se esforça desesperadamente para chegar aos gabinetes executivos, fala de igualdade, mas quer mesmo é poder. Isso não combina com a gravidez, a amamentação e os cuidados que devem ser dispensados a uma criança pequena — tarefas para as quais as mães estão biologicamente preparadas.

As mulheres podem agradecer à “libertação das mulheres” pelo fato de valerem apenas o que seus trabalhos lhes pagam. Cuidar de crianças não conta como trabalho. A mulher que o faz não recebe nenhum reconhecimento, nenhum alívio financeiro e nenhum tipo de subsídio, apesar de fazer o trabalho mais importante de todos. Ela dá vida a crianças que não só sustentarão as aposentadorias de uma população cada vez mais envelhecida, mas das quais depende o futuro de toda a sociedade: da sua existência, do desenvolvimento das suas competências e do seu caráter.

Esse campo arado pelas feministas é um terreno fértil para as sementes da propaganda das creches:

- Você merece a autorrealização.
- Um trabalho remunerado é o que lhe dá valor.
- A criação dos filhos e a carreira são compatíveis se você colocar as crianças na creche.
- As crianças pequenas precisam ser escolarizadas.
- Os cuidadores profissionais podem fazer um trabalho melhor do que você.

Será mesmo? Vejamos mais de perto.⁸¹ A principal crise existencial dos países ocidentais é demográfica. Nascem pouquíssimas crianças para substituir a população existente. A pirâmide etária está se transformando em um cogumelo — o número de idosos continua crescendo e o de jovens, diminuindo. O Instituto de Berlim para a

População e o Desenvolvimento descreve a mudança numa linguagem dramática: “Em alguns distritos, no ano de 2035, poderá haver um nascimento para cada quatro funerais. Em muitos lugares, é mais provável que os habitantes se encontrem num cortejo fúnebre do que acompanhando o primeiro dia de aula de seus netos”.⁸²

A mudança demográfica conduz a uma escassez de mão de obra no mercado, que não pode ser remediada pela imigração em massa de trabalhadores insuficientemente qualificados — para não mencionar a dissolução do patrimônio cultural. Num artigo muito comentado no *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, “Die dunkle Seite der Kindheit” [O lado negro da infância], o pediatra Dr. Rainer Böhm explica os interesses econômicos:

A “ofensiva das creches” alemã em muito se deve ao grande *lobby* político e ao trabalho de relações públicas das associações comerciais, que, devido à evolução demográfica, estão tentando mobilizar reservas de trabalho mesmo entre pais jovens. Assim, as publicações de institutos relacionados a negócios tentam, muitas vezes, encaixar a “disponibilidade de vagas em creches” na definição do termo “amigo da família”.⁸³

É dispendioso permitir que as mulheres abandonem o trabalho produtivo durante alguns anos e seus empregos ainda assim sejam mantidos. Por isso elas têm de ser convencidas a fazer algo contrário a suas naturezas: afastarse da criança pequena que carregaram no ventre e conceberam, entregá-la a estranhos e voltar ao trabalho o mais rápido possível. Isso então colmata um buraco demográfico, poupa dinheiro ao empregador e é positivo para as receitas fiscais e as contribuições para a segurança social. Como isso pode ser aceitável para a mãe?

1. Desvalorizam a mãe e o trabalho da maternidade e dizem que a “autorrealização” profissional traz mais felicidade. “Por que você não está trabalhando?” ou “o que você faz para viver?” são perguntas comumente feitas a mães que dão tudo de si

pelos filhos, 24 horas por dia. Elas precisam de muita resistência mental para não se sentir inferiores quando lhes são feitas essas perguntas.

2. Sugerem que “trabalho e família podem ser combinados” se ela mandar os filhos para a creche o mais rápido possível após o nascimento. Na verdade, isso cria um sistema de hiper-*stress* que deixa muitas mulheres doentes. De acordo com a propaganda das creches, isso supostamente até aumenta a taxa de natalidade — lógica estranha: se você conseguir se separar do seu filho o mais rápido possível após o nascimento, isso será um incentivo para ter mais filhos. O demógrafo Herwig Birg brinca: “A correlação estatística entre a taxa de natalidade e o número de cegonhas é provavelmente superior à suposta relação com a taxa de emprego das mulheres”.⁸⁴
3. Colocam sob pressão financeira os pais que decidem contra os cuidados infantis precoces do Estado: as creches são subsidiadas com cerca de 1.000 euros de dinheiro de impostos todos os meses. Se a mulher trabalha fora de casa, tem direito a uma pensão. Se ela própria cuidar de seu filho, não recebe absolutamente nada após um ano do subsídio parental.⁸⁵ Com ou sem creche, a maioria das famílias depende de dois rendimentos, porque, estatisticamente, na Alemanha rica, as famílias com três ou mais filhos estão ameaçadas de pobreza. Um total de 25% de todas as famílias com três ou mais filhos e 42% dos pais e mães solteiros devem se contentar com menos de 60% do rendimento médio nacional.

O cuidado externo coletivo a crianças pequenas supostamente cria “oportunidades iguais”. O Ministério das Famílias diz:

Todas as crianças devem ter oportunidades iguais de descobrir quem são e de desenvolver os seus talentos. O apoio antecipado a crianças em creches contribui significativamente para a igualdade de oportunidades. E deveria contribuir para a igualdade de condições de

vida: no Oriente e no Ocidente, no campo e nas cidades, nas regiões ricas e pobres.⁸⁶

O Instituto Federal de Estatística bate na mesma tecla:

Bons cuidados infantis e um incentivo inicial a todas as crianças estão entre as principais tarefas para o futuro da Alemanha. São fatores importantes para o desenvolvimento das crianças e para a igualdade de oportunidades. Serão criadas vagas em creches de alto nível em todo o país — especialmente para crianças abaixo dos três anos. É uma meta compartilhada pelo governo federal, pelos estados e pelas comunidades locais.

“Bons cuidados infantis”, “impulso inicial”, “tarefa primordial para o futuro”, “igualdade de oportunidades”, “alto nível” — quem pode resistir a essa cornucópia de promessas que o Estado despeja sobre os pais?

Franziska Giffey, a ministra da família alemã (2018–2021), que pretende impor uma *obrigação legal* das creches para crianças a partir dos três anos de idade, introduziu a “Lei da Boa Creche”. Os estados receberão 5,5 bilhões de euros do governo federal até 2022 e poderão utilizá-los conforme julgarem necessário. Isso não resultará numa grande melhoria de qualidade, porque os bilhões também serão usados para isentar completamente as famílias que recebem assistência social de pagar taxas de creche. O ministério afirma que disponibilizará crédito para 1,2 milhão de crianças. Isto por si só cria uma necessidade que ultrapassa várias vezes o valor de 5,5 bilhões de euros.

Não são estabelecidos padrões de qualidade para a proporção criança-trabalhador ou para o tempo de permanência em creches. A falta de pessoal será compensada com assistentes e estagiários — mas, frequentemente, um cuidador terá de lidar com dez crianças pequenas sozinho. A proximidade física, o contato visual, a conversa e a reação

imediatas às necessidades do bebê são impossíveis mesmo que haja a melhor das intenções.

A “Lei da Boa Creche” pretende expandir o número de creches e criar uma “oferta baseada nas necessidades para os pais que trabalham em turnos, com a extensão dos horários de funcionamento de creches” — a creche deve, portanto, também funcionar à noite. Medidas como essa não tornam boa qualquer creche, mas aumentam os danos causados às crianças pelo cuidado governamental dedicado a elas desde a mais tenra idade.

O cuidado coletivo de crianças pequenas por parte de estranhos não produz oportunidades iguais, mas sim uma existência extraordinariamente desigual entre as crianças que crescem no meio da segurança familiar, com atenção amorosa dos pais, e as que têm de viver sem a mãe desde a primeira infância.

Unir em vez de escolarizar

Do que as crianças precisam para aprender bem? Qualquer pessoa pode responder a esta pergunta a partir de sua própria experiência — sem se aprofundar em nenhuma teoria da aprendizagem psicológica. Precisamos nos sentir seguros, protegidos e aceitos. Ninguém consegue transmitir melhor esse sentimento nos primeiros três anos de vida da criança do que a mãe: o mesmo rosto, a mesma voz, o mesmo cheiro, o toque terno, sua presença constante e sua reação imediata — resumindo: *o vínculo a uma pessoa específica*.

Se — Deus não o permita — a criança perde a mãe, também pode ser outra pessoa, desde que ela seja estável e presente em seu amor.

Os renomados pesquisadores da área de educação Sir Richard Bowlby (Reino Unido), Allan Shore (EUA), Steve Biddulph (Austrália) e tantos outros confirmam isso cientificamente: quanto mais segura a criança se sente, mais curiosa e corajosamente ela explora o mundo, e mais cedo se expande o seu círculo de pessoas de confiança. Sem a existência de um vínculo seguro, não existe confiança básica, e, sem esta, há uma fragilidade profunda e duradoura na fundação da personalidade da pessoa.

CRIANÇAS PEQUENAS PRECISAM DE VÍNCULOS, NÃO DE ESCOLARIZAÇÃO

De todo modo, a educação e a criação dos filhos não são plenamente possíveis até que, no quarto ano de vida, o cérebro tenha atingido um certo nível de maturidade (a formação do córtex pré-frontal), e essa maturidade é mais facilmente alcançada quando a criança sabe que está segura e é amada. Se não for esse o caso, até a composição física do cérebro muda: o hipocampo, que controla os processos de aprendizagem e pensamento, é menor nos adolescentes que cedo foram deixados em creches o dia inteiro, se comparado ao dos cérebros das crianças que eram cuidadas por seus pais.⁸⁷ O psiquiatra Hans-Joachim Maaz, que cresceu na Alemanha Oriental comunista, conhece, por experiência própria, os devastadores efeitos psicológicos da creche coletiva durante o dia inteiro, e escreve:

A psicologia do desenvolvimento, pesquisas em educação, infância e desenvolvimento cerebral chegaram a uma mesma conclusão — que a qualidade da criação das primeiras relações com a criança é crucial para o desenvolvimento da personalidade. Isto permite afirmar com segurança que o cuidado dispensado à criança na primeira infância não tem a ver com a escolaridade, mas com as relações. Crianças menores de 3 anos não podem ser escolarizadas.⁸⁸

Elas também conseguem dar início a relacionamentos com crianças de sua idade. De acordo com as recomendações do UNICEF, uma criança já pode ser mandada à creche aos seis meses, idade em que

ainda não desenvolveu a autopercepção, a noção de tempo e não consegue falar e nem mesmo dizer “eu”. Então, como ela pode se relacionar com outras crianças? Uma criança pequena precisa de uma pessoa de referência fixa, normalmente a mãe, de um ambiente confiável, de pessoas que reajam às suas expressões de dor, que conversem com ela, percebam e aplaudam suas conquistas.

Para atenuar a transição de um lar seguro, em que a criança pode ver, ouvir e tocar a mãe (e o pai, os irmãos, os avós e o gato), concedem-lhe um tempo de adaptação que pode durar alguns dias ou algumas semanas. Com a mãe, a criança deve conhecer o novo ambiente e “ligar-se” o mais rápido possível a uma creche. Mas pouquíssimas crianças pequenas fazem isso. Elas gritam, choram, agarram e soluçam. “A criança apenas precisa superar isso”, é a frase usada para sugerir aos pais que tudo é completamente normal e vai passar. Mas não passa, a não ser que a criança se resigne porque ninguém reage ao seu sofrimento. Todas as manhãs a criança tem de passar, outra vez, pela dor da separação.

Ela tem de competir com outras crianças pela atenção e pelo contato físico com as funcionárias da creche, contato do qual depende. É ela uma criança fofa e simpática que consegue o que precisa ou uma criança tímida que desiste rapidamente? Existe alguma pessoa que lhe seja uma referência constante? Há rotatividade entre os funcionários da creche. Eles saem de férias e, assim como as crianças, muitas vezes ficam doentes. Para uma criança pequena, que nem sequer desenvolve a noção de tempo até os 2 anos de idade, isso significa que não só a mamãe se foi, como também sua substituta. A criança pode então se deixar levar pelo desesperador sentimento de abandono.

As crianças pequenas não obtêm aquilo de que verdadeiramente necessitam se forem deixadas sob cuidados externos coletivos antes dos 3 anos de idade. A sua confiança de base é prejudicada. A intensidade e a profundidade do golpe dependem de muitos fatores, incluindo a “resiliência” da criança. O que é certo é que nenhuma criança entre 0 e 3 anos deixaria a mãe por vontade própria e a

substituiria por funcionárias de creche desconhecidas e por um grupo de estranhos da sua idade, se fosse possível perguntar-lhe o que prefere. Mas ninguém pergunta, e as crianças não são capazes de intervir em nome de suas próprias necessidades existenciais. Elas só conseguem chorar, gritar, recusar-se a dormir, a comer, a brincar, dar socos, morder, cair em estado de apatia, olhar para o nada com olhos tristes e vazios e ficar doentes.

Confiáveis estudos científicos⁸⁹ sobre os efeitos a longo prazo da ida às creches cedo demais mostram resultados que ninguém desejaria nem mesmo ao seu pior inimigo:

- As crianças cuidadas por pessoas de fora da família têm mais problemas comportamentais na adolescência.
- Quanto mais tempo uma criança passa por dia na creche, mais agressiva ela se torna. Na maior parte das vezes, a qualidade dos cuidados não importa. Aos 15 anos, elas tendem a ter comportamentos mais arriscados e impulsivos.⁹⁰
- Na adolescência, há maior incidência de comportamento criminoso entre aqueles que, quando crianças, passaram mais tempo em creches.
- Essas crianças ficam doentes com mais frequência.
- Costumam apresentar menos satisfação com relação à vida.
- São marcadas pela agressividade, pela desobediência, pela falta de autocontrole e por comportamentos violentos, quando o tempo na creche é excessivo.⁹¹
- Crianças que não têm nenhuma ligação com ninguém recorrem indiscriminadamente a adultos para obter um pouco de segurança física. É anulado o impulso natural da criança contra a transgressão dos limites dos adultos — um sintoma alarmante em tempos de desenfreado abuso sexual.⁹²

As crianças que experimentam vínculos seguros, por outro lado, têm grandes vantagens na vida:

- Têm mais autocontrole, não entram em pânico imediatamente diante da adversidade e conseguem lidar melhor com situações tristes.
- Podem buscar objetivos de longo prazo, o que significa que são capazes de renunciar a gratificações imediatas para atingir metas mais elevadas.
- São menos propensas ao abuso de drogas.
- Atingem níveis educacionais mais elevados.
- Tendem menos à obesidade.
- São mais adaptáveis e resilientes na superação de problemas interpessoais.
- São capazes de manter relacionamentos mais duradouros.⁹³

O desenvolvimento da linguagem depende do vínculo. Somente os humanos são capazes de representar o mundo em terminologias e de se comunicar com outros seres de sua espécie em uma linguagem altamente complexa e em constante evolução. Quem acompanha uma criança em seu desenvolvimento linguístico fica maravilhado com esse milagre.

A criança aprende a falar com a mãe. Logo nas primeiras semanas, o bebê começa a formar sons e a ler esses sons nos lábios da mãe. O bebê se sente seguro quando reconhece sua voz após o nascimento e está constantemente ligado à mãe pela forma como os dois se comunicam. (As ricas nuances de expressão de uma determinada *língua nativa* quase nunca podem ser alcançadas numa língua estrangeira).

Para que o bebê possa compreender nuances de expressão, é necessário que a mãe esteja presente e fale com ele. Na creche, o direcionamento da atenção, com contato físico e visual, não passa de 30 minutos por dia. A criança está em um grupo da sua idade que também não consegue falar, sentindo falta de suas mães, enquanto um barulho ensurdecedor impera.

Não surpreende, portanto, que cada vez mais crianças apareçam com distúrbios de fala no jardim de infância. 16% de todos os meninos e

meninas entre 0 e 17 anos sofrem de distúrbios de linguagem e fala, e entre as crianças de 5 anos, 42% dos meninos e 30% das meninas são afetados.⁹⁴ As causas sociais — sobretudo o tempo na frente de telas (ver o capítulo 11) — são muito mais comuns do que as causas médicas. Nos últimos dez anos, segundo dados da empresa de assistência médica alemã AOK, o número de distúrbios do desenvolvimento diagnosticados em crianças entre os 5 e os 7 anos aumentou em 26,5%. Desses, 82% são distúrbios da fala e da linguagem.⁹⁵ Quase um em cada quatro alunos da primeira série recebe tratamento fonoaudiológico.⁹⁶

O professor Manfred Spreng, pesquisador do cérebro, alerta:

Após o nascimento, se o vínculo comunicativo vital entre mãe e filho não for estabelecido e mantido suficientemente bem e por tempo suficiente, as capacidades imitativas do bebê e da criança pequena não se desenvolvem plenamente e as falhas nos processos de aprendizagem na primeira infância podem levar à apatia (essa desesperança induzida é um tipo de resignação na primeira infância, ou mesmo uma espécie de depressão).⁹⁷

Stress constante e cortisol

As crianças que são deixadas em creches sofrem com *stress* persistente, o qual pode fazê-las adoecer física e mentalmente. Existe um sistema hormonal altamente complexo que começa no hipotálamo e na glândula pituitária, no córtex adrenal, para produzir cortisol, o hormônio do *stress*. Acentuados níveis de cortisol podem ser facilmente encontrados em amostras de saliva (os de longo prazo, em amostras de cabelo). Experimentos com ratos demonstraram que quando níveis de cortisol são secretados cronicamente, em *stress*

contínuo, o desempenho da memória e a capacidade de aprendizagem diminuem, porque o cérebro não tem tempo para relaxar e se regenerar. Não é diferente com as pessoas.

Os padrões normais de cortisol mostram um aumento no despertar, uma queda contínua ao longo do dia, e uma diminuição completa pela noite, até cessar. Na creche, esse padrão se inverte: o nível de cortisol é mais baixo pela manhã e ao longo do dia vai aumentando consideravelmente. Então a criança não consegue descansar à noite.

Não se trata de um distúrbio temporário que some nos dias de folga da creche ou no período de férias. As crianças que frequentam creches continuam a apresentar níveis elevados de cortisol na adolescência, e quanto mais tempo passaram sob os cuidados de pessoas de fora da família, mais elevados são esses níveis de cortisol.

A constante hiper-atividade do sistema hormonal de *stress* pode causar alterações permanentes no cérebro, as quais diminuem o desempenho do aprendizado e da memória e levam a um estado depressivo. Mas pode, também, levar a uma condição semelhante a um trauma: assim, o nível de cortisol fica permanentemente muito baixo. O professor Serge Sulz, chefe do Centro de Psicoterapia Integrada (CPI), numa palestra intitulada “Kinderkrippe als toxischer Dauerstress für Kinder” [O tóxico *stress* contínuo das creches às crianças], afirma: “Esse é o resultado da entrega completa do eu, da experiência da inevitabilidade e da ausência de oportunidades para realizar qualquer ação. O *stress* é experimentado, mas a (normal) resposta de luta ou fuga não é mais desencadeada pelo cortisol”.⁹⁸ Essas são, portanto, as crianças “fáceis de cuidar”, que “se adaptaram bem”. O Wiener Krippenstudie [Estudo de Creches de Viena] demonstrou: após cinco meses, as crianças colocadas em creches aos 2 anos de idade apresentavam um perfil de cortisol médio diário qualitativamente comparável aos valores medidos em crianças de 2 anos em orfanatos romenos na década de 1990.⁹⁹

A criança é submetida a uma rotina diária cronometrada na creche. Em horários determinados, as crianças devem comer todas juntas, brincar, sair para tomar ar fresco, dormir ou ter suas fraldas trocadas em apenas um minuto. Que cuidadora, por mais que deseje, tem tempo para lidar com as necessidades de cada criança? O fato de que não pode fazê-lo a deixa descontente. Um estudo da situação encontrada nas creches mostra o seguinte:

Comportamento “desajustado”, que inclui chorar, gritar ou desobedecer, expressões faciais inexpressivas, isolamento, perambulação sem rumo, evasão de contato visual, incapacidade de brincar, falta de interesse por brincadeiras, diversões e outras coisas que são oferecidas diariamente, bem como o afastamento dos outros, o desejo de feri-los ou de ferir a si mesmos — tudo representa uma tentativa de estabelecer contato com o cuidador. A criança tenta por todos os meios disponíveis chamar atenção, satisfazer a sua natural necessidade de ter vínculos seguros. Contudo, esse tipo de busca por relacionamentos muitas vezes termina de maneira abrupta. Como o funcionamento diário da creche seria prejudicado e o tamanho dos grupos simplesmente não permite a interação intensiva com cada criança, os cuidadores devem intervir e tentar suprimir o comportamento “desordeiro” da criança o mais rápido possível. Ao mesmo tempo, o fato de o comportamento da criança ser uma reação à falta de cuidado do cuidador, sendo a expressão de uma necessidade existencial que se impõe a tudo mais, é ignorado.¹⁰⁰

A intensidade com que uma criança reage ao “tóxico *stress* contínuo” na creche (e no jardim de infância, ver capítulo 8) depende de muitos fatores. Os mais importantes são: a situação familiar (vínculo, educação dada pelos pais, possível negligência); a idade da criança no momento da separação da mãe; a proporção criança-trabalhador; a disponibilidade de uma pessoa para criar vínculos consistentemente com essa criança dentro da creche, e a duração desses cuidados.¹⁰¹

Muitas crianças ficam na creche o dia todo. De manhã, são arrancadas do sono, e à noite esperam — completamente exaustas —

por seus pais e mães. Elas passaram por mais de um turno de cuidadores. A dor das crianças que são levadas para casa por último é dilacerante. Quando se sentam sozinhas em suas cadeirinhas e esperam, temem ter sido esquecidas para sempre. Quando a mãe ou o pai finalmente chegam, elas estão totalmente exaustas, assim como os pais depois de um dia de trabalho. Mesmo à noite, o nível de cortisol não diminui.

O dia a dia na creche não é estressante apenas para as crianças, mas também para os cuidadores. Mesmo se esforçando ao máximo, eles não conseguem satisfazer as exigências das crianças e de seus pais, e acabam por experimentar o *stress* contínuo. Todo pai sabe como é difícil enfrentar o choro, os gritos e a desobediência de crianças pequenas. Nas creches, muitas crianças costumam chorar ao mesmo tempo e os cuidadores ficam impossibilitados de atender a todas elas. Eles serão capazes de continuar a demonstrar afeição pelas crianças, ou, pelo contrário, começarão a praguejar, ameaçar e aplicar punições?

O nível de ruído nas creches é tão elevado que o empregador deve fornecer proteção auditiva aos cuidadores, de acordo com um relatório sobre *Saúde nas creches*.¹⁰² Esse ruído excessivo é uma das causas dos numerosos distúrbios psicossomáticos encontrados entre os cuidadores. Eles dificilmente têm alguma oportunidade de se afastar, mesmo que brevemente, do ensurdecador barulho dos grupos de crianças. Surgem então os habituais sintomas de *stress*: tensão, irritabilidade, distúrbios psicossomáticos (problemas gastrointestinais e circulatórios, dores de cabeça), e quando o *stress* dura mais tempo, também a insatisfação com o trabalho, a depressão e a estafa. “Conflitos com os pais das crianças” e “pouco reconhecimento” também são mencionados como estressantes.

É assim que cuidadores adultos e instruídos reagem à vida diária na creche. Sem falar na situação das crianças — cujas tenras orelhinhas ainda precisam se acostumar com o mundo ruidoso, sem nenhuma chance de se afastar do “barulhento trabalho em grupo”.

Toda mãe sabe o quanto é estressante cuidar de apenas duas crianças em idade pré-escolar, como é irritante para os nervos quando uma criança chora e grita, quando está infeliz, quando não dorme, come mal ou fica doente. Como uma funcionária de creche, que tem um trabalho mal remunerado e nenhum vínculo com as crianças pequenas, deve lidar com cinco ou mais delas que precisam ser forçadas a se adaptar a um ritmo de vida pré-determinado?

Os cuidadores reclamam que sofrem com a pressão exercida pelos pais das crianças. Se algo der errado com seu filho, a culpa deve ser do cuidador. Muitas vezes, os pais não querem saber muito sobre como vão as coisas na creche ou com os seus filhos. Muitos cuidadores prefeririam mandar uma criança que apresenta problemas para casa, com a mãe, porém assim haveria pressão da administração da creche. Eles são aconselhados, então, a contar aos pais apenas coisas agradáveis ocorridas ao longo do dia, para não os incomodar.

Criar filhos é um desafio constante ao caráter. As mães e os pais nem sempre são completamente afetuosos, pacientes e sensíveis, mas em geral amam seus filhos, sentem alegrias com eles e estão dispostos a fazer sacrifícios em prol de seu bem-estar. Nos primeiros anos, a mãe convive com o filho numa delicada e simbiótica unidade. Será que um estranho deveria realmente se intrometer nesse relacionamento, que é o mais íntimo de todos? Que tipo de personalidade o cuidador tem? Que feridas sua alma carrega desde a infância? Em contato com as necessidades insatisfeitas das crianças pequenas, essas feridas irão se abrir. Nem mesmo uma boa educação é capaz de evitar isso.

É alguma surpresa que tanto as crianças quanto os cuidadores contraíam constantemente doenças infecciosas? O *stress* contínuo enfraquece o sistema imunológico. Um estudo dinamarquês realizado com 140.000 crianças em idades entre 0 e 5 anos mostrou que aquelas que são mandadas a creches recebem tratamento hospitalar por infecções respiratórias duas vezes mais frequentemente do que as crianças criadas em casa.^{[103](#)}

E como ficam os pais quando vão buscar os filhos depois de um dia de trabalho? A jornada de trabalho profissional não é um passeio no parque. A mãe (ou pai) também se estressa. Mais do que tudo, precisam agora de uma noite relaxante. Mas levam para casa uma criança triste e exausta, que expressa sua insatisfação de todas as maneiras possíveis. Nem a mãe nem o filho estão em condições de passar os momentos juntos como um feliz “tempo de qualidade”, porque a criança pequena precisa de *quantidade* de tempo — 24 horas por dia, 7 dias por semana, para sermos exatos. Como você pode se alegrar com seu filho estando sob tanto *stress*? Como é que uma mãe que não vê o filho na maior parte do dia consegue realmente conhecê-lo e desenvolver sensibilidade para com ele? Ela e a criança estão sobrecarregadas. Ela pode facilmente ser atormentada por dúvidas sobre sua competência como mãe — talvez, pensa, o cuidador treinado esteja fazendo um trabalho melhor do que o dela.

Normalmente, ninguém conhece o próprio filho tão bem quanto a mãe. Mas, para isso, ela precisa de tempo e espaço, e de segurança espiritual e material. A falta desse tempo para se dedicar aos primeiros anos dos seus filhos, e em vez disso a existência de um sistema de subsídio ao sistema socialista de cuidados externos, no valor de milhões, é uma decisão política que prejudica toda a sociedade.

O instituto do professor Sulz desenvolveu 38 critérios para avaliar o risco das creches para crianças e indica esse risco com sinais semafóricos — vermelho: prejudica as crianças; amarelo: questionável; verde: bom.¹⁰⁴ Conclusão: 93% das creches prejudicam as crianças.

São diversos os fatores que determinam o grau de privação de que sofre uma criança no tempo em que é forçada a ficar com estranhos. O atraso de cada mês na chegada à creche reduz a probabilidade de haver danos à mente. Cada hora a menos na creche também reduz esses danos.¹⁰⁵

Os autores aconselham: não deve haver creche nos dois primeiros anos de vida da criança. Nenhuma creche durante todo o período que

compreende os três primeiros anos de vida. Creches em que haja mais de duas ou, no máximo, três crianças por cuidador não devem ser permitidas. Sem troca das pessoas de referência. Isto significa que se a situação familiar normal — mãe e um ou dois irmãos — puder ser emulada, a criança não sofre danos. Em condições “ótimas”, ela poderia até chamar sua cuidadora de “mãe”. Mas que mãe iria querer isso?

Ademais: se uma criança tiver um vínculo com um cuidador em circunstâncias favoráveis, ambos terão de se separar de qualquer modo quando a criança tiver de ir para o jardim de infância. Uma criança de 5 anos já sofreu, portanto, duas separações de sua pessoa de referência mais importante, o que deixará cicatrizes no seu subconsciente. *Posso confiar em alguém? Serei abandonado sempre que me aproximar de alguém? Você também vai me abandonar?* A confiança básica foi prejudicada.

As consequências negativas dos cuidados externos na primeira infância atingem sobretudo os filhos de pais solteiros. Cerca de 60% deles são beneficiários da assistência social. Naturalmente, eles têm de trabalhar e colocar os filhos na creche. Consideremos o seguinte: uma mãe solteira normalmente se separa de seu parceiro pouco depois do nascimento da criança, quando não o faz antes — um acontecimento traumático tanto para ela quanto para a criança. Agora a criança também deve se separar da mãe, muitas vezes, todos os dias, porque a mãe precisa ganhar dinheiro para sobreviver. O risco de aparecerem perturbações mentais entre os filhos de mães solteiras é — como é de se esperar — significativamente mais alto do que entre as crianças que cresceram em famílias bem estruturadas. Um estudo diz que existe a possibilidade de “o risco de problemas mentais entre os filhos de pais solteiros e de crianças cujos cuidados são deixados por conta de gente de fora da família ser não apenas aumentado, mas multiplicado”.¹⁰⁶

A creche é um sistema institucionalizado de hiper-*stress* para crianças, cuidadores e pais, que prejudica a todos. Michael Huter, pesquisador e autor especializado em infância, diz: “Se considerarmos

os resultados das pesquisas científicas nas áreas de neurobiologia, psicologia, antropologia e sociologia — de todas as pesquisas sobre a infância que temos atualmente — e os tomarmos a sério, concluiremos que todas as creches devem ser fechadas imediatamente”.¹⁰⁷ O cuidado coletivo na primeira infância é um sistema que embota o coração: os corações das crianças cujas dores não são ouvidas, os corações das mães que não conseguem agir de acordo com o que seu próprio organismo foi programado a fazer, e os corações dos cuidadores, que não conseguem substituir as mães, não importando o quanto desejem fazê-lo. Isso significa que a experiência de ser amado no início da vida — indispensável para o desenvolvimento de uma personalidade saudável — vai por água abaixo. A criança fica em dúvida se é ou não bem-vinda neste mundo, se pode ou não confiar nas pessoas, e se pode ou não acreditar em algo.

Elas se tornam jovens e depois adultas. O que essas crianças irão usar para preencher a lacuna em suas almas quando a adolescência chegar? O mundo lhes oferece bebidas alcoólicas, drogas, jogos de computador, a *internet*, celulares e sexo. Ela será suficientemente forte para resistir à sedução de todas essas coisas e ter objetivos próprios? Como se comportará quando for adulta? Será conduzida a ideologias radicais por um profundo sentimento de fraqueza e privação? Será capaz de amar alguém no casamento e de ser um bom pai ou uma boa mãe?

O enfraquecimento da personalidade em uma parte tão grande da geração mais jovem tem graves consequências sociais. Pela primeira vez, um grupo de trabalho internacional, liderado pelo pesquisador alemão Christian Bachmann examinou o custo potencial para a sociedade como um todo de as crianças não terem firmes vínculos com os seus pais e se entregarem a comportamentos antissociais. O título do estudo em português é: *O custo do amor: Consequências financeiras da falta de apego real em jovens antissociais*. Na verdade, seu título deveria ser: *O custo da falta de amor*, pois o estudo mostra os altos custos para a economia e a sociedade que decorrem da falta de apego entre jovens antissociais.¹⁰⁸

E pensemos também no seguinte: os pais envelhecem. E então serão eles os que precisarão de amorosa atenção. Portanto, cabe aos filhos se sacrificar para amenizar a solidão, o mal-estar ou a demência de seus pais idosos. Mas se o vínculo de amor foi rompido na infância, por que eles deveriam fazer isso? Será que eles não entregarão seus pais a estranhos que, assim como os cuidadores de creches, são pagos pelo Estado?

Não tenhamos ilusões: em uma sociedade pós-cristã, a eutanásia e o suicídio assistido — como já praticados na Bélgica, na Holanda, em Luxemburgo, na Suíça e na Alemanha — estão sendo considerados normais e, mesmo, atos de “caridade”. Na Quarta-feira de Cinzas de 2020, o Tribunal Constitucional Federal da Alemanha removeu todas as barreiras legais para uma nova linha mercadológica — a de assistência a suicídios.¹⁰⁹ Quem pode estar lá para proteger os pais disso, além de seus próprios filhos?

Se na infância — especialmente nos primeiros três anos — for estabelecido um firme vínculo entre pais e filhos, há mais possibilidades de que as crianças resistam aos testes de resistência e caráter que a vida inevitavelmente traz.

A creche é um sistema institucionalizado de hiper-*stress* que prejudica a todos: as crianças, os pais, a família e a sociedade inteira. Portanto:

acabem com as creches!

É um pedido completamente irrealista? Sim! Mas isso não deve impedir-nos de fazê-lo. Todas as grandes conquistas culturais começaram com demandas irrealistas. Não há nenhum futuro na destruição de famílias. São as famílias fortes que criam o futuro.

7. STRESS E SEXO NO JARDIM DE INFÂNCIA

Havia uma colina, em que na relva

Alegrava-me ver passar o verão,

Criança feliz que era — na solidão.

Ao meu redor, o orvalho do prado,

E bem lá em cima o claríssimo azul

Onde brilhavam os raios do sol.

— Julius Sturm, 1816–1896

Mas que belo nome: jardim de infância. Alguns o chamam de “jardim infantil”. Um jardim é um lugar de paz e crescimento, onde o jardineiro garante que as plantas recebam tudo quanto precisam para florescer e encantar as pessoas.

O jardim de infância e a pré-escola deveriam ser para as crianças o que um jardim é para as flores. Pelo menos era isso o que tinha em mente Friedrich Fröbel (1782–1852), inventor do jardim de infância. Ele foi aluno do grande pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi. Para eles, tratava-se de uma educação natural da criança, para que “o poder da cabeça (capacidade intelectual), do coração (moral e religioso) e das mãos (habilidades artesanais) se desenvolvessem harmonicamente”. Muito antes das pesquisas modernas sobre os laços familiares, Fröbel reconheceu o significado especial da unidade vital entre mãe e filho: “nos braços da mãe e no colo da mãe”. Ele escreveu canções maternas especiais para que o amor pudesse fluir na mais íntima de todas as relações humanas. Ainda hoje as ideias dele e de seu mestre são uma rica fonte para professores do jardim de infância.

A brincadeira estava no centro de sua pedagogia, porque Fröbel sabia que: “Uma criança que brinca muito e constantemente, até que a fadiga física a proíba, será um adulto determinado, capaz de se sacrificar tanto pelo seu bem-estar quanto pelo dos outros”.¹¹⁰ A criança aprende brincando. Com poucos objetos, as crianças brincam de acordo com o que dita sua imaginação, com o que vivenciam — o que os adultos fazem, o que se passa na família, o que desejam, o que as assusta —, e brincar é a forma através da qual as crianças se assimilam ao mundo que as circunda. Sem esforço, as crianças criam símbolos para a realidade, que é de suma importância para elas. Uma criança que se sente segura e amada pode brincar sozinha por muito tempo e chorar quando é tirada, para comer ou ir dormir, do mundo que ela mesma criou.

Se você observar uma criança brincando na segurança do ambiente doméstico, verá o que pode significar para alguém ser voltado para o interior.¹¹¹

A criança segue os seus próprios impulsos, permanece com tudo o que desperta seu interesse e mergulha no mundo de sua imaginação. Se ela tiver sorte e o rádio ou a TV não estiverem ligados o tempo todo, as distrações externas serão reduzidas. A criança mentalmente saudável é uma pessoa interiorizada, um espírito livre que majestosamente se move em seu próprio mundo. Para os adultos ao redor, limitados por deveres, adaptações e orientações externas, a criança é um sopro vital de liberdade.

Ao fim do terceiro ano de vida, um novo patamar é alcançado: ambos os hemisférios cerebrais estão em pleno funcionamento. A criança diz “eu”, sinalizando assim a primeira etapa da autoconsciência. Ela agora percebe outras pessoas como seres independentes dela e pode se comunicar com elas. Ela consegue, em geral, controlar seus órgãos excretórios. Desenvolveu certa noção de tempo, de modo que se torna capaz de lidar com o período em que fica separada de sua principal pessoa de referência. Em suma, a criança estará pronta para a pré-

escola se nos primeiros três anos tiver tido suficiente proximidade parental no ambiente doméstico.

A partir deste momento, as crianças realmente precisam de outras crianças com as quais possam brincar — especialmente os 30% de crianças que crescem como filhos únicos na família. Assim que o filho mais novo atinge este ponto, a mãe pode voltar a trabalhar durante meio-período e os pais podem esperar que a criança floresça e esteja pronta para a escola primária aos 6 anos de idade. A pré-escola dará à criança suficiente liberdade para desenvolver ainda mais sua capacidade de brincar? Trata-se de uma pré-condição para a preparação escolar.

Stress — inimigo da brincadeira

São cada vez mais frequentes as queixas sobre as deficiências cognitivas das crianças que ingressam na escola; e sua capacidade de brincar é cada vez menor. (Para os efeitos desastrosos do consumo de mídia, consulte o capítulo 11). Pesquisas sobre brincadeiras mostram que as crianças que brincam intensamente lidam melhor com seus próprios sentimentos (controle emocional), comunicam-se melhor com outras crianças e adultos (competência social), têm melhores habilidades motoras e podem se concentrar e aprender melhor.

A máxima “as crianças precisam de escolarização”, usada para sugerir aos pais que eles não são suficientemente competentes para criar seus filhos, determina cada vez mais o dia a dia pré-escolar. As instituições educacionais públicas reagem aos déficits de desenvolvimento das crianças ingressantes na escola aumentando os requisitos de escolaridade. Isso deixa a todos estressa dos. E não há maior inimigo da brincadeira do que o *stress*.

Crescer num ambiente com vários irmãos (apenas 12% das famílias hoje têm três filhos, e apenas 4% têm quatro ou mais), brincar livre na natureza, brincar na rua com os filhos dos vizinhos, momentos não planejados, sossego, oportunidades de isolar-se do grupo por um tempo, comer e dormir de acordo com o seu próprio ritmo — tudo isso acabou.

Será que as pré-escolas e os jardins de infância de hoje ainda refletem o ideal de um jardim protegido no qual o frágil broto de uma criança entre os 3 e 6 anos pode florescer e prosperar? O *stress* das crianças da creche com menos de 3 anos lhes é traumático, mas também pode sê-lo para crianças entre os 3 e os 6 anos. Diminui a capacidade de aprendizagem e a alegria da criança na vida, além de causar perturbações psicológicas. “Crianças estressadas não aprendem”, diz o pediatra Herbert Renz-Polster, que colocaria essa frase nas fachadas de todas as pré-escolas e escolas primárias.¹¹² Elas não aprendem porque não têm tempo para brincar como querem.

O *stress* aparece nas crianças em forma de distúrbios comportamentais e sintomas físicos. Um fundo de seguros alemão determinou que “as crianças pequenas estão agora, mais do que nunca, sob a pressão dos prazos e do desempenho. Os pedagogos relatam quase unanimemente que as crianças de hoje são mais agitadas, mais agressivas e se comportam de forma mais estranha do que há alguns anos”.¹¹³

A experiente cuidadora Ilona Böhnke diz:

O que as crianças do jardim de infância têm de cumprir todas as semanas deveria ser proibido até para adultos. O dia das crianças está perfeitamente cronometrado, apesar do enorme barulho e da confusão, que são permanentes em grupos de 25 crianças. As crianças têm de operar e atuar em diversas “áreas educacionais”. Quando os pais vão buscá-las na escola, ou elas estão totalmente extenuadas ou extremamente nervosas. A infância como imaginamos não existe mais.¹¹⁴

Um dos principais fatores de *stress* é o ruído. “O silêncio alimenta e o ruído devora”, é um ditado de Reinhold Schneider que a associação Nestbau e.V. coloca em sua página inicial. A associação diz o seguinte:

Mesmo que todas as crianças de um grupo brinquem pacificamente, o nível de ruído é sempre maior do que o do ambiente doméstico. As crianças nunca ficam quietas. Além disso, há advertências e explicações dos cuidadores e gritos altos muitas vezes entremeados por choros. É muito estressante e também influencia negativamente o desenvolvimento da linguagem: os estímulos e sugestões de linguagem são filtrados de forma inadequada em ambientes barulhentos, ou sequer são filtrados. Como resultado disso, a fala das crianças é muito pouco clara ou é esparsa.^{[115](#)}

Como essas crianças podem satisfazer suas necessidades de sono? Um sono adequado, profundo e tranquilo é indispensável para o desenvolvimento saudável da criança. Sem isso, o *stress* não pode ser aliviado e a produção de hormônios de crescimento diminui, com consideráveis consequências para o desenvolvimento físico e a maturidade cerebral, afirma o Dr. Manfred Spreng, estudioso do cérebro.^{[116](#)}

Direito ao sexo?

As necessidades das crianças giram em torno de comer, dormir, brincar e ser amorosamente cuidadas — não em torno de sexo. Por que isto precisa ser dito? Porque no processo de “libertação sexual”, que tem sido promovido desde sua eclosão, por volta de 1967, foi proclamado o direito da criança à sexualidade, que os pais e cuidadores devem, evidentemente, satisfazer.

Os estudantes sexualmente liberais do final da década de 1960 na Alemanha também queriam liberar as crianças para o sexo e promoviam e praticavam sexo na frente delas, sexo com elas e sexo entre elas. Na década de 1980, o Partido Verde defendeu a legalização do sexo entre adultos e crianças.¹¹⁷ Não resultou em nada, mas a regulamentação governamental obrigatória contribuiu muito para promover a sexualização das crianças a partir do jardim de infância.

Os revolucionários sexuais europeus dos anos 60 tinham carta branca. Quase ninguém além da perspicaz Christa Meves lhes fez oposição. Ela rapidamente desmascarou os revolucionários sexuais e incansavelmente alertou sobre as calamitosas consequências do que estavam fazendo e defendendo.¹¹⁸ As igrejas deveriam ter proclamado a doutrina do amor holístico e decidido compor um grupo de resistência, mas não o fizeram e até hoje nada fazem a respeito.

Um dos principais defensores da sexualização infantil foi Helmut Kentler (1928–2008), cujo livro *Sexualerziehung*¹¹⁹ [Educação sexual] recomenda, para crianças em idade pré-escolar:

- Masturbação, a começar na primeira infância;
- Eliminação do tabu do incesto, para haver sexo entre pais e filhos;
- Apoio à existência de brincadeiras sexuais na pré-escola e na escola primária.

Kentler trabalhou como perito judicial. Como forma de “reabilitação”, transferiu jovens criminalmente culpados para a supervisão de pedófilos, que abusaram deles durante anos. Kentler defendeu publicamente a utilidade disso para o desenvolvimento da personalidade dos jovens.

Kentler não era um criminoso que agia sozinho — operava numa ampla rede política e social que alcançava profundamente as elites alemãs e era apoiada pela influente União Humanista. O pântano pederástico no internato de elite Odenwaldschule foi resultado disso.

De 1976 até sua ascensão à condição de emérito em 1996, Kentler foi professor na Universidade Técnica de Hanover. Vinte e três anos depois, em 2019, a instituição publicou um relatório de investigação sobre a sua influência. Na introdução, o professor Epping, reitor da universidade, falou da “culpa que pesa particularmente sobre as instituições envolvidas e possíveis cúmplices. A Universidade Leibniz de Hanover repudia a minimização dos crimes de violência sexual contra crianças sob qualquer justificativa científica, e condena veementemente esse delito”.¹²⁰

Em junho de 2020, a Universidade de Hildesheim publicou outro estudo sobre a atuação de Kentler nos serviços de assistência social a crianças e jovens de Berlim.¹²¹ Os pesquisadores chegaram à conclusão de que Kentler modelou três décadas de serviços de assistência social a crianças e jovens em Berlim.

O abuso homossexual de crianças oficialmente organizado estendeu-se, portanto, até o terceiro milênio e não se limitou de forma alguma a Berlim, pois, com a cooperação de pessoas como Gerold Becker, diretor do Instituto Max Planck para a pesquisa educacional, espalhou-se por toda a Alemanha.

Um fiel aluno de Helmut Kentler é Uwe Sielert, que foi professor de educação sexual na Universidade Christian Albrecht entre 1992 e 2017. Na Wikipédia, Helmut Kentler é descrito como “figura paterna” de Uwe Sielert.¹²² Em um *festschrift* para Uwe Sielert, de Frank Herrath, com o título *Como cultivar um campo educacional*,¹²³ a primeira frase diz: “A educação sexual na Alemanha foi moldada por Helmut Kentler e Uwe Sielert”.¹²⁴

Herrath é coautor do livro *Lisa & Jan (Lisa and John's Sex Education Book for Children and Their Parents)*, publicado pela editora Beltz Verlag, no mercado há um quarto de século.¹²⁵ Frank Ruprecht ilustrou o livro em cores. As imagens mostram:

Durante a brincadeira, uma menina abre sua vagina diante do olhar de outra menina, que está com uma das mãos nos órgãos genitais. Um menino se masturba com um ursinho de pelúcia no braço. Seis adultos e quatro crianças brincam nus na piscina. Um menino olha para a vagina exposta de uma menina. Duas crianças nuas se abraçam. Um menino está com a mão no pênis de outro menino. Uma mãe sorri ao ver a filha e o filho se masturbarem no chuveiro. Uma criança observa seus pais tendo relações sexuais.

Até agora, a colaboração de décadas entre Uwe Sielert, o “papa” da educação sexual da Alemanha, defensor e organizador do abuso (homos)sexual de crianças, não pareceu incomodar nenhuma figura pública ou os meios de comunicação — as complicações são muito mais profundas do que parecem à primeira vista. Às claras, Frank Herrath descreve a rede de educação sexual que Sielert construiu: fundador do Instituto de Educação Sexual em Dortmund e da Sociedade para Educação Sexual (a GSP), funcionário de longa data do Centro Federal de Educação em Saúde (de 1989 a 1992), para o qual criou inúmeros folhetos que ainda jorram nas instituições de ensino do país.

Essa rede se estende para além da Alemanha. Em 2009, foi fundada a Sex Education Alliance, uma fusão de associações profissionais na Alemanha (GSP), na Áustria (Plataforma para Educação Sexual, Criação e Educação no Castelo de Hofen, Voralberg), na Suíça (Sedes), e no Tirol do Sul (Plataforma para Educação Sexual).

Uwe Sielert conseguiu inserir o conteúdo de educação sexual nas escolas e o treinamento de educadores sexuais de acordo com os princípios do seu mentor Kentler. Envoltos pela aura de “ciência” moderna, essa rede onipresente e apoiada pelo Estado promove a revolução sexual através da sexualização de crianças forçada pelo governo.^{[126](#)}

Antje Elsbeck é uma cuidadora experiente e dirige há muito tempo uma pré-escola para a organização de bem-estar dos trabalhadores na

Renânia do Norte, Vestfália, Alemanha. Ela é formada pelo Instituto de Educação Sexual. Em entrevista publicada no *Das Kita-Handbuch* [Manual da creche], ela diz:

A sexualidade faz parte [da brincadeira das crianças]. As crianças se despem quando brincam de médico [...]. Dizemos a elas que nenhum objeto deve ser inserido na vagina ou no pênis, porque podem se machucar. Isso é uma preocupação dos pais [...]. Se as crianças estão brincando no corredor e querem se despir, cuidamos para que não o façam em horários em que haja visitas [...]. Digo aos pais que não proibimos que as crianças troquem de roupa ou brinquem nuas no cantinho da encenação.¹²⁷

Antje Elsbeck pensa que a educação sexual no jardim de infância faz parte da educação social e da formação da personalidade. As crianças devem conhecer e aceitar o seu próprio corpo e deixar de lado ansiedades e inibições.

Com a disposição dos nossos quartos, oferecemos às crianças a possibilidade de brincar sem serem perturbadas. Oferecemos um ambiente seguro (cantinhos de carinho, cobertores, nichos, luz reduzida). As crianças têm à disposição diversos materiais propícios à educação sexual (artigos de fantasia, maletas médicas, bolas de massagem, rolos, esponjas, penas, música, espelhos, materiais sensoriais etc.).

Para onde quer que olhemos, seja a Pro Família (a sucursal alemã da Planned Parenthood), a associação de bem-estar dos trabalhadores, os Serviços Sociais das Mulheres Católicas, a Donum Vitae, a Caritas ou a Diakonia, veremos organizações que trabalham baseadas num conceito hedonista de sexualidade. Reduzem a sexualidade à luxúria física, destroem os limites naturais da modéstia e, assim, acabam com a integridade humana, porquanto as pessoas não só têm um corpo, mas também um coração que anseia por amor, lealdade e família. Este conceito desmoralizado e desmoralizante de família, tal como ensinado pelo Instituto de Educação Sexual na Alemanha, na Suíça, na

Áustria e na Itália durante 40 anos, foi estabelecido com estreita cooperação do governo como base para a educação sexual em pré-escolas e escolas primárias.

- Tudo o que for desejado pela luxúria é permitido.
- As crianças têm “direito à sexualidade” desde o nascimento.
- As crianças devem estar familiarizadas com a “diversidade sexual” (lgbtqi) em palavras e atos.
- Isto significa, como explica Uwe Sielert no apêndice do livro *Lisa & Jan*: “Naturalmente, as crianças descobrem esse prazer por si mesmas se forem decididamente acariciadas, de forma antecipada, pelos pais [!]. Se não souberem o que é luxúria, também não haverá brincadeiras sexuais”.
- Os “jogos sexuais” facilmente conduzem à violação de crianças por parte de outras crianças. Numa pré-escola de uma igreja numa grande cidade da Alemanha, uma mãe descobriu que havia uma sala reservada para as crianças se despirem.¹²⁸ Os pais não tinham sido informados disso em nenhum momento. Quando questionou, a mãe foi informada de que isso fazia parte do conceito educativo.
- Era supostamente importante responder ao desejo natural das crianças de se despir e se descobrir sexualmente.
- A área foi intencionalmente deixada sem supervisão por certo tempo para que as crianças pudessem se sentir tranquilas (as cortinas também podiam ser puxadas).
- As crianças foram autorizadas a olhar “o que elas têm”, mas não deveriam tocar umas nas outras.
- Era melhor que isso acontecesse numa sala protegida, em vez de no banheiro.
- Deste modo, as crianças aprenderiam a dizer “não”, o que faz parte do trabalho de prevenção.

A mãe que se deparou com dois meninos nus em uma das salas da pré-escola conversou com a mãe do menino mais novo. Descobriu que o menino mais velho o havia convencido a se despir, porque queria “beijar-lhe o bumbum” e “chupar-lhe o pênis”.¹²⁹

Essa é a prática de “educação sexual emancipatória” ou “educação sexual para a diversidade” que se estabeleceu na Alemanha e na maioria dos países ocidentais.

Com a sexualização das crianças começando na pré-escola, surge um novo problema — como distinguir, de forma prática, entre “brincar de médico” e uma agressão sexual? Não deveria haver nenhum tipo de agressão, mas “muitas meninas e meninos sofrem violência sexual não apenas por parte de adultos, mas também, o que é desesperador, de crianças da sua idade ou mais velhas”. Portanto, são combinadas algumas regras com as crianças, como:

- Cada menino ou menina determina com quem gostaria de brincar de médico.
- Meninas e meninos se acariciam e exploram uns aos outros apenas enquanto isso for agradável para eles e para outras crianças.
- Ninguém insere nada no ânus, na vagina, no pênis, na boca, no nariz ou nas orelhas de outra criança.

A obrigação de respeitar essas regras não é eficazmente imposta às crianças. A restrição legal do desejo sexual também não funciona bem com os adultos, como demonstra o abuso sexual desenfreado de crianças.

Numa pré-escola católica Montessori em Colônia, Alemanha, em fevereiro de 2019, ocorreram repetidas agressões por parte de uma menina e de um menino de 5 anos a crianças menores: eles inseriram gravetos nas vaginas e ânus das crianças. Doze crianças de oito famílias foram afetadas e — com preensivelmente — os pais deixaram de confiar nos cuidadores. Houve conflitos violentos que resultaram na necessidade de as doze vítimas abandonarem a pré-escola, enquanto os agressores de 5 anos foram transferidos para outro grupo.^{[130](#)}

É provável que a maioria dos pais envie os seus filhos para a pré-escola na expectativa de que lá lhes será oferecida uma variedade de

atividades adequadas à sua idade. A maior parte das crianças provavelmente vem de famílias que lhes permitem crescer livres da sexualidade dos adultos, que respeitam os seus sentimentos de pudor e que respondem às suas perguntas sobre a origem dos bebês de maneira adequada à idade. A criança ter de discutir sobre “regras para brincar de médico” e poder frequentar cantinhos de abraço com música suave e luzes fracas é um ataque intolerável aos direitos dos pais.

Parece especialmente cínico quando isso é descrito como “prevenção”. A destruição sistemática da noção de vergonha prepara as crianças para o abuso pedófilo. Muitas crianças sofrem com a falta de cuidados e segurança em famílias desestruturadas. As crianças sexualizadas já não conseguem distinguir entre o benevolente toque de afeto de um adulto e uma insidiosa tentativa de preparação para o abuso sexual.

Uma nova porta de entrada para o abuso sexual é o conceito de *brincadeira original*. Como as crianças muitas vezes vivem sem pais para brincar, lutar ou fazer-lhes cócegas, desconhecidos podem se oferecer para compensar isso, rolando com elas, deixando-as montá-los, abraçando-as e participando de atividades físicas com elas.¹³¹ Em alguns estados alemães, a *brincadeira original* foi proibida porque pode ser usada para oportunizar agressões sexuais.¹³²

Não faz muito tempo, as pessoas falavam em “inocência das crianças”. Isso queria dizer que elas ainda não tinham entrado nos domínios da sexualidade, em que uma pessoa pode facilmente aguentar a culpa de não ter aprendido a controlar os seus impulsos sexuais e a garantir que a sexualidade se torne uma expressão holística do amor entre duas pessoas. No passado, antes da “libertação sexual”, o ambiente das crianças era protegido de palavras, imagens e piadas sexuais, para que elas pudessem crescer sem se preocupar com essas coisas. Hoje, os adultos ficam surpresos ao descobrir com que tipo de imagens, palavras e sons as crianças são confrontadas desde a pré-escola.

Inclusão

A inclusão é uma ideia maravilhosa: todos deveriam pertencer a algo, ninguém deveria ser deixado para trás e todos deveriam receber justiça por meio da criação de igualdade (de oportunidades).

A vida oferece um lugar para a inclusão — a família. Adultos e crianças vivem sob o mesmo teto, talvez com os avós não muito longe. A família convive com e a partir das diferenças de gênero, idade, caráter, habilidades, interesses e opiniões, podendo tolerar tudo isso, pois seu pertencimento não é questionado. No seio da família, o equilíbrio das relações múltiplas está sempre em fluxo e deve ser reiteradamente procurado, o que exige, para todos os envolvidos, crescimento interior.

Com a sociedade geral em declínio, a coesão da família muitas vezes se perde para sempre. Mas o anseio por inclusão, por pertencimento, estes permanecem. Agora o Estado intervém para garantir a inclusão: inclusão de crianças com deficiência mental e física na escola regular e de crianças migrantes que ainda não aprenderam o idioma. O possível benefício humano da inclusão tem um preço elevado: um grupo pouco experimenta além do fracasso, e o nível de aprendizagem dos outros diminui.^{[133](#)}

Contudo, nas pré-escolas e escolas primárias, não se trata apenas da inclusão de crianças deficientes e migrantes, mas também da inclusão da “diversidade de identidades sexuais”. O que o bilhete de “inclusão” proporciona pode ser visto nos esforços do governo vermelho-verde da Alemanha em Berlim para “remover barreiras em relação à diversidade de gênero e às estruturas familiares” na pré-escola.

Na primavera de 2018, a comissão do Senado de Berlim para a educação, a juventude e a família publicou um “folheto de 140 páginas para as equipes de cuidados educacionais pré-escolares”. O título é:

Murat interpreta a princesa, Alex tem duas mães e o nome de Sophie agora é Ben; o autor está categorizado como “queer”. O título deixa claro o que as crianças aí irão aprender: que é adequado, normal e aceitável um rapaz (muçulmano) gostar de vestir roupas de princesa; que Alex tem duas mães lésbicas e Sophie mudou de gênero. Isto deve ser apoiado pela equipe educacional LGBTQI para promover a “diversidade colorida” de “crianças de gênero variado” com idades entre 3 e 6 anos — mesmo que as crianças não tenham interesse nisso — porque pode muito bem acontecer que “mais tarde elas se identifiquem como lésbicas, gays ou bissexuais”.¹³⁴

Não é apenas no governo vermelho-verde de Berlim que as crianças em idade pré-escolar são apresentadas às diversas “orientações sexuais” — gays, lésbicas, bissexuais e transexuais — e educadas para aceitá-las. Por toda parte estão recebendo livros ilustrados nos quais um príncipe se casa com outro, e nos quais as famílias com dois pais ou duas mães são mostradas como sendo completamente normais, enquanto a família verdadeiramente normal, com pai, mãe e filhos é retratada como sendo um modelo ultrapassado. A família dividida (pais solteiros), a família adotiva (colcha de retalhos) e a “família” com dois “pais” do mesmo sexo (família arco-íris) são na realidade famílias desfeitas nas quais ocorreram divisões que causam dor a todos os envolvidos, principalmente as crianças. Se as famílias desfeitas em que as crianças devem viver são representadas como “normais”, então a sua dor já não tem lugar e não pode ser expressa — a não ser na forma de sintomas mentais e físicos. É disso que falam as estatísticas mostradas no início deste livro.

A desestabilização da identidade de gênero de meninos e meninas numa idade em que estão prestes a se identificar com o seu gênero natural — altura em que a menina quer ser como a mãe e o rapaz como o pai — é um grave ataque às crianças.

Livros de figuras mostram crianças “andróginas”, e a criança que olha para eles não sabe se é menino ou menina. Uma fada desce do céu e

diz: “Só você sabe o que você é”. (Na *internet* há uma variada seleção de livros de figuras de transgêneros para os pequeninos).

Participação

O meio preferido de inclusão é a *participação*. As crianças da creche e da pré-escola devem estar envolvidas em todas as decisões nas instalações: compra de alimentos, higiene, roupas, móveis e estabelecimento de regras.

A influente fundação Bertelsmann está comprometida com isso. A creche supostamente é o berçário da democracia.^{[135](#)} Aqui, as crianças de 0 a 6 anos devem aprender a fazer valer o seu “direito” contra os adultos na participação de decisões. Porque: “A democracia é criada na creche quando as crianças têm direito e capacidade — neles sendo apoiadas — de negociar e participar das decisões que as afetam”.^{[136](#)} Os adultos são chamados a entregar o poder às crianças, esclarecendo os direitos das crianças com relação a eles, introduzindo comitês de participação confiáveis e permitindo e contestando reclamações. O autor é um educador social chamado Rudiger Hansen, do Instituto de Participação e Educação, que, assim como a Sociedade para Educação Sexual, também fica em Kiel.

No Congresso sobre os Direitos da Criança, realizado em Munique, em fevereiro de 2019,^{[137](#)} a Dra. Elke Möller-Nehring, psiquiatra infantil e juvenil, e a Sra. Elisabeth Suntinger, diretora de pré-escola — ambas mães de três filhos — informaram sobre os novos regulamentos que as autoridades governamentais criaram para as crianças. O “direito à participação e reclamação” deve estar ancorado no estatuto da creche, caso contrário ela não receberá recursos. “As vias processuais e as responsabilidades pelo estímulo às reclamações [!], pela aceitação e

análise destas últimas e pelo monitoramento dos resultados devem ser representadas de forma transparente nas instalações”. As regras e constituições devem ser elaboradas com as crianças. Deveria haver parlamentos infantis, conselhos de grupo, assembleias gerais, votações e eleição de delegados.^{[138](#)}

Uma constituição de creche significa: “As crianças devem ser capazes de decidir por si mesmas se, quando e por quem as suas fraldas serão mudadas. A equipe educacional reserva a si o direito de determinar quando a fralda de uma criança será trocada se, do seu ponto de vista, a saúde da criança ou de outras pessoas estiver gravemente ameaçada pela exclusão da criança”.^{[139](#)}

As crianças pequenas são arrancadas do seu ambiente familiar antes que possam controlar seu esfíncter, e então são autorizadas a decidir se, quando e por quem suas fraldas serão trocadas na creche ou na pré-escola, onde em geral há poucos cuidadores cuidando de muitas crianças. Será que essa insanidade ideológica pode ser superada?

Essas tenras crianças querem ter suas fraldas trocadas pela mamãe ou pelo papai, e quando as fraldas estão cheias, o ideal é que a troca seja acompanhada de carinhos e brincadeiras que as façam rir. Mas ninguém pergunta sobre as necessidades básicas da criança. Tiram-lhe aquilo de que ela realmente precisa e, no lugar, oferecem-lhe a “co-decisão”, o que não é desejável nem praticável.

O psiquiatra infantil e a diretora da pré-escola explicaram que as crianças ficam completamente sobrecarregadas com isso. Com a ficção dos processos de decisão democráticos, os cuidadores violam o seu dever de cuidar. A criança aprende que a sua vontade supera a tudo, que tudo gira em torno dos seus próprios desejos, de modo que o normal egoísmo infantil se solidifica em seu caráter. Isso não produz personalidades que possam manter a democracia — muito pelo contrário: é um terreno fértil para personagens totalitários que usarão qualquer poder disponível para garantir que a sua própria vontade seja feita.

As crianças precisam ser educadas para agir em comunidade e saber que a gratificação adiada é necessária para uma vida bem-sucedida. Isso só é possível numa relação estável e de confiança, com uma pessoa de referência que seja confiável e esteja sintonizada com as necessidades da criança, mas que também exija que ela aprenda a conter os seus impulsos, a se submeter quando necessário, a servir à comunidade, e a ser compreensiva e respeitosa com os outros.

O modelo de *participação* nada mais é do que um novo manto “democrático” para a educação infantil antiautoritária, que foi praticada nos jardins de infância alternativos da geração dos anos 60 e causou danos permanentes às crianças. É uma educação para a rebeldia e a hostilidade pela qual as crianças, os seus professores, os seus pais e toda a sociedade terão de pagar enquanto viverem. Aldous Huxley, que profeticamente previu o Admirável Mundo Novo, disse:

Dar demasiada liberdade às crianças e cumulá-las de responsabilidades é impor uma tensão que muitas delas consideram angustiante e até exaustiva. Excetuando-se os casos excepcionais, as crianças gostam de ter segurança, de sentir-se apoiadas por uma firme estrutura de leis morais e até mesmo de regras de boa conduta.^{[140](#)}

Os adultos não podem, de forma alguma, ceder o seu poder, porque as crianças não têm autoridade sobre eles e tendem a se transformar em tiranas rebeldes que tornam a vida miserável tanto para os pais quanto para elas próprias. Elas são conduzidas a esse comportamento destrutivo pelo desenraizamento, pelo *stress*, pela sexualização e pela prematura participação em decisões.

É claro que os pais e cuidadores não devem ser abusivos no exercício de sua autoridade com a imposição de punições que prejudiquem a dignidade da criança, façam-na temer adultos que ela pense serem todo-poderosos, recear que a tranquem no armário ou que a humilhem verbal e fisicamente. Se os próprios pais e cuidadores não aprenderem a virtude do autocontrole e do amoroso cuidado aos

pequenos, dependentes e frágeis, nenhum parlamento infantil será capaz de lhes ensinar isso.

Quanta alegria traz a experiência de ter filhos bem-educados e ligados aos pais; que os admiram, os ouvem, dizem “por favor” e “obrigado”; que podem ficar em segundo plano quando os adultos falam uns com os outros; que têm boas maneiras à mesa e podem comunicar-se com adultos sem abdicar de sua liberdade interior.

Os pais que não desejam que seus filhos fiquem constantemente sob *stress*, sejam sexualizados com palavras, imagens e ações, e sejam criados para a rebeldia, devem considerar minuciosamente qualquer pré-escola que estejam cogitando e não ter medo de perguntar concretamente quais são as suas opiniões sobre “brincar de médico”, despir-se, cantinhos de carinho, masturbação, transgenerismo, inclusão de identidades sexuais e modelos de participação. Talvez os pais tenham sorte e encontrem uma boa pré-escola perto de casa, possivelmente particular ou paroquial, se puderem pagar. Mas é preciso ter cuidado também aí: uma pré-escola que se autodenomina “cristã” — seja ela católica ou protestante — pode há muito não ser cristã no que diz respeito à educação sexual. A classificação nada significa. Os pais devem fazer perguntas capciosas, mesmo se as considerarem exageradas ou desnecessárias. É melhor que o pai faça isso, e não a mãe, porque é dele a missão de proteger a família.

Pré-escola em casa

Existe uma outra possibilidade: não mandar as crianças para a pré-escola, se não houver obrigatoriedade por parte do governo.

Um grupo de pais que optou por isso é a base para uma “vida sem pré-escola”.^{[141](#)}

- Sem *stress*! Viver em paz com as crianças.
- Resposta imediata às necessidades das crianças.
- Ser capaz de consolar as crianças.

- Observar-lhes o biorritmo. Sem brigas na hora de levantar.
- Opções de recolhimento para as crianças, períodos de descanso conforme for necessário.
- O lar como um lugar protegido para haver brincadeiras e aprendizagem despreocupadas.
- Brincadeiras autônomas, incentivo à concentração.
- Muito tempo ao ar livre, vivenciando a mudança das estações na natureza.
- Assumir tarefas em casa que sejam apropriadas à idade.
- Sem lutas por reconhecimento em grandes grupos de colegas.
- Desenvolvimento de competências sociais através do exemplo de irmãos mais velhos.
- Respostas a questões sobre sexualidade que sejam adequadas à idade.
- Nenhuma doutrinação de ideologia de gênero.
- Nenhuma sedução à sexualização.
- Desenvolvimento individual sem comparações e críticas.
- Relacionamentos amorosos e estáveis, em vez da mudança de cuidadores remunerados.
- Transmissão dos valores, costumes, tradições e crenças familiares.

Frequentemente as circunstâncias não permitem essa solução. Mas muitas vezes os pais nem sequer pensam nisso, porque a criança, afinal, precisa de “escolaridade”, e cuidadores qualificados podem educá-la melhor do que a mãe e o pai, e também porque a criança “precisa de outras crianças”. Os pais que reconheceram que os seus filhos pequenos precisam *deles* mais do que tudo, de um pai e de uma mãe que sejam amorosos, não estão sozinhos. Encontrarão outros pais com quem poderão construir uma rede social para o seu próprio sustento e para criar um ambiente social para as crianças. Em troca do sacrifício que os pais fazem pelo bem dos filhos, estes os recompensarão com um relacionamento vivo, amoroso e duradouro.

Educação infantil e persistência

Segundo o filósofo Immanuel Kant, os seres humanos são as únicas criaturas que precisam ser educadas. No início, a criança reconhece apenas as suas próprias necessidades: fome, sede, sono, proximidade com a mãe. Ela é totalmente “egoísta”. Durante pelo menos um ano, as necessidades do bebê devem ser atendidas imediatamente, 24 horas por dia, para que ele não se deixe dominar pelo medo existencial. Mas no segundo ano, a criança começa a esbarrar no “não” dos pais e deve, a partir de então, aprender a aceitar limites, o que, inicialmente, faz de boa vontade. Por volta da época em que tem 2 anos, para desgosto dos pais inexperientes, chega o *terrible two*, e a criança diz “não” de maneira absurda, barulhenta e incessante.

Os pais responsáveis estão sempre se equilibrando entre atender às necessidades e estabelecer limites. Feliz é a criança cujos pais (ou cuidadores) não sucumbem à tentação do autoritarismo, mas, em vez disso, dão à criança *tempo* para se submeter às suas exigências. Uma criança que consegue desenvolver confiança básica ama seus pais, espera o bem deles e está fundamentalmente pronta para segui-los.

Em seu livro *12 regras para a vida*, Jordan Peterson conta como lutou durante uma boa hora para que seu filho de 2 anos comesse de maneira adequada. O pai, investindo tempo e determinação, venceu a batalha. O título do capítulo é: “Não deixe seus filhos fazerem nada que faça você desgostar deles”.

Os pais não gostam de crianças que se atiram aos gritos no chão do supermercado, que gritam num restaurante, que arrancam toalhas de mesa, mordem, dão murros e transformam toda a comunicação cotidiana numa luta por poder.

Como as crianças deveriam ser educadas? A criança deve se tornar uma boa pessoa, certo? “Um adulto determinado, capaz de se sacrificar tanto pelo seu próprio bem-estar como pelo bem-estar dos outros”, foi o que disse Fröbel.

Fröbel usa uma palavra que saiu completamente de moda: sacrifício. Até para o próprio *bem* é necessário aprender o sacrifício, para que os objetivos possam ser alcançados. Uma pessoa é capaz de abrir mão de algo pequeno agora para ganhar algo melhor no futuro? Ela pode adiar a gratificação imediata para atingir uma meta?

Um dos testes de personalidade mais famosos é o “Teste do Marshmallow”: um pedaço de doce é colocado ao alcance de uma criança de 4 anos, que é informada de que, se conseguir evitar comê-lo, poderá pegar dois deles mais tarde. Treze anos depois as crianças, todas jovens adultas, foram entrevistadas e os resultados foram surpreendentes: as crianças que, aos 4 anos, tinham controle sobre seus impulsos e evitaram pegar o doce imediatamente, tiveram mais sucesso na educação, conseguiam se concentrar melhor, eram mais inteligentes e autoconfiantes, tinham melhores habilidades sociais, lidavam melhor com contratempos e *stress* e eram menos propensas a ser dependentes químicas. Entre os 25 e 30 anos, tinham menos probabilidade de ser obesas, seu nível educacional era mais elevado e conseguiam manter relacionamentos melhores.^{[142](#)}

Tenho certeza de que todos os pais desejam que seus filhos estejam entre aqueles que podem adiar gratificações, porque esperam que eles tenham todos os atributos que essa habilidade básica traz consigo. Eles devem começar a aprender quando ainda são pequenos, porque não dá para ensinar novos truques a um cão velho. Crianças que se sentem seguras e amadas podem fazer isso muito melhor, porque não se encontram num estado de necessidade crônica que as obrigue a agarrar-se a alguma coisa na vã esperança de preencher a lacuna deixada em sua alma.

O autocontrole é necessário para a prática da virtude da moderação. Durante a adolescência, quando a criança se mostra refratária às diretivas dos pais, as piores tentações batem à porta: álcool, tabaco, drogas, jogos de computador, celulares, sexo, pornografia. Feliz é o jovem que aprendeu a moderação, a abnegação e a capacidade de dizer

não. E feliz é o pai que conseguiu permanecer como conselheiro ao lado desse filho em crescimento.

A moderação é uma das quatro virtudes cardeais, sendo as outras três a sabedoria, a justiça e a coragem. As virtudes cardeais são assim chamadas porque são os pontos centrais de uma existência nobre e permitem a tomada de decisões virtuosas na vida cotidiana. Todos os pais não teriam orgulho de seus filhos (e de si mesmos) se estes fossem moderados, sábios, justos e corajosos?

8. DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA

Destruir a noção de vergonha significa dissolver toda a ordem sexual e conjugal — na verdade, toda a ordem social.

— Dietrich Bonhoeffer

O que os jovens querem para o futuro? “Um relacionamento seguro” e “uma boa vida familiar”. Isso foi o que 90% dos entrevistados disseram no mais recente Estudo Shell da Juventude, realizado em 2019.¹⁴³ Quase 70% desejam ter seus próprios filhos e mais da metade até prefere o “modelo tradicional com um chefe de família provedor”, no qual a mãe permanece em casa com seu filho de 2 anos e o pai trabalha em tempo integral. Isso mais uma vez confirma o que todas as pesquisas com jovens costumam mostrar: eles anseiam por um casamento estável e pela construção de uma família.

O que a maioria dos pais quer para seus filhos? O filho ou filha se dedica aos estudos, conhece o mundo, estabelece boas amizades, segue seus interesses, casa e alegra os pais com netos. Isso mostra que a vida é sustentável a longo prazo, horizontalmente, através do vínculo entre duas pessoas e a rede de suas famílias, e verticalmente, através da conexão de passado, presente e futuro.

Os pais não querem que seu filho ou filha se envolva em relacionamentos sexuais já a partir dos 14 anos; que se torne pai cedo ou faça um aborto; que lhes apresente um parceiro do mesmo sexo; ou que tenha como pai de seus netos um doador de esperma anônimo. Eles também não querem que seu filho se torne uma “mulher” ou que sua filha se torne um “homem”. Mesmo que muitos deles cedam à constante pressão da mídia para aceitar a “diversidade de gênero”, definitivamente não é isso o que eles desejam para o futuro de seus próprios filhos.

A “liberação” dos impulsos sexuais dos limites da proteção social do casamento entre homem e mulher resulta nos desejos dos jovens e de seus pais *não* se realizando. Um fator decisivo para tal é a doutrinação de gênero e a sexualização de crianças e jovens, que, como já descrevemos, começa ainda na pré-escola e continua durante todo o período escolar e universitário.

Uma “parceria confiável” significa um vínculo de lealdade. Se um parceiro trai, a confiança é quebrada. Se ele ou ela diz: “Sou fiel agora, mas amanhã posso não ser”, então a dúvida corrói os alicerces da relação e a confiança tende apenas a diminuir. A “parceria confiável” definitiva ocorre quando ambos os parceiros se comprometem a longo prazo.

Olhamos para as taxas de divórcio e mal acreditamos que o casamento vitalício seja possível. Ainda assim, mais de 50% dos casais ainda cumprem suas promessas.

Para que os desejos da geração jovem sejam realizados, é necessário que as pessoas aprendam a cultivar sua sexualidade de forma a esta se tornar uma expressão pessoal do amor do coração e do corpo — somente então elas serão capazes de viver da maneira que seus corações desejam: em uma parceria e família estáveis. A capacidade de se entregar incondicionalmente a uma pessoa do sexo oposto requer uma educação holística e uma preparação para o casamento, para a paternidade e para a maternidade. Somente assim a sexualidade se

desdobrará em toda a sua alegre força. Para tanto, a sociedade deve manter como objetivo digno a ideia do casamento e da formação da família. A educação para a “diversidade sexual” destrói essa ideia e torna a geração mais jovem incapaz de alcançar seus próprios objetivos de vida.

A adversidade da diversidade

Hoje, a bandeira arco-íris da ideologia de gênero tremula pelo mundo. Sua mensagem: Existe algo chamado “gênero social”, que é separado do sexo biológico, supostamente “atribuído” no nascimento. Entre os dois polos do homem e da mulher, existe a *fluidez de gênero*, uma transição fluida para aqueles que não se sentem pertencentes ao seu próprio sexo, nem homem nem mulher, o qual traz uma “diversidade de gêneros sexuais”. Qualquer pessoa pode livremente escolher seu gênero e mudá-lo quando quiser. A “orientação sexual” — seja *gay*, *lésbica*, *bissexual*, *transexual* ou *queer* — deve ser legalmente protegida contra discriminação. Um “direito humano” para homossexuais e transsexuais se casarem é considerado pela primeira vez na história humana. Existem muitos tipos de famílias, e a família cuja composição é pai-mãe-filhos está afundando sob o horizonte da história.

Em muitos países ocidentais, esse novo conceito de ser humano foi legislado como realidade social. Em 10 de outubro de 2017, o Tribunal Constitucional Federal alemão decidiu que, além de “masculino” e “feminino”, a categoria “diverso” deve ser inserida nos registros de nascimento, óbitos e casamento.¹⁴⁴ Essa decisão do Supremo Tribunal resulta de um plano arquitetado pela juíza constitucional Susanne Baer, ex-diretora do Centro de Competência de Gênero da Universidade Humboldt, a juíza constitucional Gabriele Britz e a

advogada demandante Friederike Wapler.¹⁴⁵ Nos anos subsequentes, a nova opção “diverso” foi escolhida por menos de 200 pessoas. Contudo, agora as empresas são obrigadas a anunciar vagas de emprego como sendo para candidatos dos sexos masculino, feminino e “diversos”.

Nas universidades alemãs, 200 professoras ensinam teorias de gênero fantasiosas que se desvincularam completamente da ciência e da realidade. Seu artificial uso linguístico já entrou no vocabulário das regulamentações legais. Assim, nossos contemporâneos progressistas não falam mais de mulheres, mas sim de “pessoas com úteros”. Isso ocorre porque um homem transgênero, isto é, uma mulher cheia de testosterona, pode ter uma barriga de grávida e “ele” assim se sentiria discriminado se a gravidez fosse limitada a mulheres que aceitam seu próprio gênero biológico.

Se um homem ou mulher pode escolher e mudar seu gênero para algo diverso, então naturalmente ele ou ela pode escolher livremente sua orientação sexual como algo diverso também, bem como, se assim quiser, satisfazer seu desejo sexual com um homem, uma mulher, com os dois ou com gêneros diversos.

Essas novas liberdades e capacidade de autodeterminação fazem parte dos “valores” que a ONU e a UE estão impondo, e nações recalcitrantes, em lugares como a África, são forçadas por chantagem econômica a aceitá-los.¹⁴⁶ Qualquer pessoa que se mantenha fiel aos “modelos de papéis tradicionais”, aos chamados “estereótipos”, à moral sexual cristã e à estrutura familiar de pai-mãe-filhos é considerada “biologicista”, “homofóbica” ou “transfóbica”, sendo dito que ela “discrimina” e “propaga ódio”. Por isso, ela pode ser socialmente evitada, demitida, assediada pelo sistema jurídico e condenada a multas e prisão.

Curiosamente, muitos tribunais e órgãos legislativos assumiram a missão de proteger os interesses de minorias cada vez menores contra “discriminação”, mesmo que isso coloque em perigo os fundamentos

existenciais da sociedade democrática, especificamente a família como “unidade de grupo fundamental natural da sociedade” (Declaração Universal dos Direitos Humanos, art. 16.3).

Para haver êxito na dissolução da identidade de gênero e das estruturas sociais nela fundadas, as pessoas precisam ser convertidas, e quanto mais jovens forem, mais sustentáveis serão as intrusões no seu desenvolvimento mental e neuronal. O método de escolha é a sexualização a partir da pré-escola. A “heteronormatividade” deve ser superada, os estilos de vida homo, bi e transexuais devem ser promovidos, a família com pais heterossexuais e os seus próprios filhos biológicos deve ser “desnaturalizada” pela confusão direcionada de “estereótipos” de identidade sexual em meninos e meninas.

Com várias escalas de radicalismo, as escolas são obrigadas a incluir a sexualidade e a diversidade nos seus currículos. Estes muitas vezes são elaborados por grupos de *lobby* do movimento LGBTQI, que também têm acesso às escolas para ensinar às crianças a “alegria” de um estilo de vida não heterossexual, ajudá-las a “assumir-se” e colocá-las em contato com a comunidade LGBTQI.

Em todos os programas governamentais de educação sexual, as crianças são ensinadas a ser especialistas em contracepção muito antes da puberdade. Nas turmas mistas, faz parte do programa padrão a prática de colocar preservativos em pênis de plástico nas aulas. O principal objetivo de tais exercícios é, longe de ensinar competências que os jovens certamente conseguirão dominar sem instrução escolar, caso necessitem delas, romper os limites da modéstia e enviar a mensagem: A relação sexual é normal e “segura” para os adolescentes. E caso não seja, há sempre a pílula do dia seguinte ou o aborto — a Planned Parenthood, de maneira discreta, irá se livrar desse “amontoado de células”.

O livro de 2008, *Sexualpädagogik der Vielfalt*, da renomada editora Juventa-Verlag, dá uma visão geral dessa “educação sexual neo-emancipativa”.¹⁴⁷ Esta é a “educação desconstrutiva” que “desde a sua

criação, por Helmut Kentler em 1970, tem lutado para libertar as pessoas de sua imaturidade sexual”. “Pensamento e denominação consistentes de diversas possibilidades de preferências sexuais (hétero, homo, bi, poli e pansexual), bem como os diferentes estilos de vida (casal, solteiro, família, família escolhida, colegas de quarto etc.) devem ser praticados” (p. 19).

Nas turmas mistas, a instrução requer métodos imaginativos, como encenações e conversas sobre experiências sexuais com práticas como sexo oral e anal, as zonas erógenas e a melhor forma de estimulá-las, seja através de um vibrador, de bolas vaginais, de látex, com chicote de couro, sadomasoquismo ou representações pornográficas. O livro tem o subtítulo: *Praxismethoden zu Identitäten, Beziehungen, Körper und Prävention für Schule und Jugendarbeit* [Métodos práticos em identidades, relacionamentos, corpo e prevenção para a escola e o trabalho com jovens]. Deveria ter o título: “Métodos práticos para seduzir crianças e jovens a todos os tipos de atividades pessoalmente destrutivas na escola”.

Os autores, Stefan Timmermanns, Elisabeth Tuidier, Mario Müller e Petra Bruns-Bachmann, fizeram ou fazem parte do conselho de direção da Sociedade para Educação Sexual (GSP), fundada por Uwe Sielert, que concede o selo de qualidade “Q” (como em *queer*) em reconhecimento à designação profissional “educador sexual” em toda a Europa. Concomitantemente, alguns dos autores são membros do Instituto de Educação Sexual de Dortmund, e o Dr. Timmermanns também pertence à Aliança Global para a Educação LGBT . Eles colaboram estreitamente com o Centro Federal de Educação em Saúde.

Em outras palavras, esses autores não são raros fetichistas que usam a “dissolução pós-moderna de fronteiras” para tornar as perversões aceitáveis como formas de satisfazer a luxúria. Eles estão entre os estrategistas e ativistas de uma rede de educação sexual que conseguiram colocar a educação sexual escolar sob seu poderio. Navegam usando a bandeira da “ciência”: os seus representantes

ocupam cátedras, criam currículos educativos e selos de aprovação, publicam suas obras por reconhecidas editoras educativas e são consultados pelos políticos como especialistas. Foi assim que conseguiram penetrar até mesmo em escolas paroquiais e pré-escolas. As escolas e instituições educativas se autodenominarem “católicas” já não é garantia de que nelas é praticada uma educação cristã. A probabilidade de as crianças serem confrontadas com conteúdos traumáticos é mais baixa em escolas com elevada proporção de migrantes, porque ninguém quer pôr-se contra os muçulmanos.

Em um parecer jurídico sobre a constitucionalidade e legalidade da educação das crianças em idade escolar para aceitarem a diversidade sexual, o Dr. Christian Winterhoff afirma:

Sobretudo na área da educação sexual, o governo é obrigado à contenção e à tolerância. A escola deve abster-se de qualquer tentativa de doutrinar os alunos com o propósito de defender ou rejeitar um comportamento sexual específico. Deve respeitar a natural noção de vergonha das crianças e deve ter em conta a crença religiosa ou cosmovisão dos pais no que diz respeito à sexualidade. Neste contexto, a instrução escolar com o objetivo de educar os alunos para aceitarem qualquer tipo de comportamento sexual é inconstitucional. As diretrizes governamentais para a educação sexual escolar que professam hétero, bi, homo e transexualidade como formas iguais de expressão sexual violam a proibição constitucional contra a doutrinação. No caso de um conceito de educação sexual doutrinante e, portanto, constitucionalmente inadmissível, as crianças e os pais com valores diferentes têm direito a isenção.

Mas quem se importa? Em toda parte, é feita uma retirada tática diante da resistência pública — o início ocorreu com uma petição do professor de ensino médio Gabriel Stängle em 2013, contra o plano educacional da administração verde de Baden-Württemberg, que foi rapidamente assinada por 200 mil pessoas. Milhares de pais preocupados saíram pacificamente às ruas várias vezes para proteger os seus filhos contra a sexualização forçada e tiveram de ser

protegidos, por centenas de policiais, de uma oposição consumida pelo ódio e pronta para a violência.¹⁴⁸ Toda a resistência à doutrinação sexual de crianças em idade escolar é abafada pelos meios de comunicação ou atribuída ao obscuro mundo dos reacionários que perderam o trem do pós-modernismo.

Os revolucionários sexuais têm o apoio dos governos, das instituições estatais (como o Centro Federal de Educação em Saúde), dos meios de comunicação, dos partidos políticos e das suas fundações, de organizações internacionais como a ONU e a UE, e de inúmeras ONG's (International Planned Parenthood, ILGA).

O ataque global à integridade dos jovens

O pressuposto básico da nova educação sexual é a ideia de que a criança é um ser sexual, que desde o início tem direito à atividade sexual e às experiências da luxúria, tal como os adultos. Qualquer que seja o documento sobre *educação sexual abrangente* (ESA) que escolhamos, todos defendem a mesma coisa: uma nova pessoa sexualizada, sem gênero ou identidade familiar. Essa pessoa pode mudar de gênero. Ele/ ela/diverso reduz a sexualidade à luxúria física, não conhece limites morais para a atividade sexual, impede a procriação utilizando-se da contracepção e do aborto, e considera o casamento entre homem e mulher uma desgastada relíquia patriarcal.

As *Normas para a Educação Sexual na Europa*, publicadas em 2010 pelo escritório regional da OMS e pelo Centro Federal de Educação em Saúde,¹⁴⁹ são um “quadro para decisores políticos, autoridades educacionais e da saúde e especialistas”. A publicação é enfeitada com nomes de editores influentes, mas é na verdade uma publicação

independente que conseguiu entrar em tais currículos educacionais e (parece) legitimá-los.¹⁵⁰ Seu final apresenta uma longa lista de organizações, pessoas, livros e *sites* que apoiam e propagam as *Normas* e as implementam em seus currículos.

As *Normas* mostram uma tabela contendo os tipos de educação sexual adequados a diferentes idades:

- De 0 a 4 anos: Diversão e prazer ao tocar o próprio corpo, masturbação na primeira infância, descoberta do próprio corpo e dos órgãos genitais, prazer da proximidade física, direito de explorar a nudez.
- De 4 a 6 anos: Diversão e prazer ao tocar o próprio corpo; masturbação na primeira infância. Linguagem sexual apropriada. A ideia de que sentimentos sexuais (proximidade, gozo, excitação) são comuns a todos os seres humanos. Relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Diferentes tipos de relacionamento (familiar). Recorra a alguém de confiança quando estiver com problemas. Consciência dos direitos e escolhas.
- De 6 a 9 anos: Mudanças corporais, menstruação, ejaculação. Princípios da contracepção. Diversão e prazer ao tocar o próprio corpo (masturbação/autoestimulação). Lidar com conteúdo sexual. Usar linguagem sexual de forma não ofensiva. Compreensão do “sexo aceitável”. Direitos sexuais das crianças.
- De 9 a 12 anos: Primeira experiência sexual. Prazer, masturbação, orgasmo. Diferenças entre identidade de gênero e sexo biológico. Aceitação, respeito e compreensão da diversidade na sexualidade e orientação sexual. Infecções sexualmente transmissíveis (ist), hiv, gravidez indesejada. Direitos sexuais.
- De 10 a 15 anos: Contracepção ineficaz. Gravidez (também em relações entre pessoas do mesmo sexo). Aborto. Identidade de gênero e orientação sexual, incluindo assumir-se homossexual. Prazer, masturbação, orgasmo.

- 15 anos: Visão crítica das normas culturais relacionadas ao corpo humano. Sexo transacional (prostituição), aceitação de diferentes orientações e identidades sexuais. Direitos sexuais. Direito ao aborto.

A palavra “casamento” não aparece em nenhuma parte do documento. “Paternidade” e “maternidade”, apenas uma vez, no contexto da contracepção e do aborto, como coisas a serem evitadas.

É mencionado apenas um princípio para limitar a atividade sexual: o do consento. Faça apenas aquilo com que o seu parceiro concorda! As estatísticas de abuso sexual mostram que o princípio do consento não pode ser eficazmente aplicado: segundo a ONU, cerca de 20% das mulheres e entre 5 e 10% dos homens foram abusados sexualmente quando crianças. Entretanto, as agressões sexuais entre crianças e adolescentes têm aumentado drasticamente. Será que todos esses agressores ouviram dizer que o ato sexual requer consentimento ou são, pelo contrário, deprava dos escravos de seus próprios impulsos sexuais?

O documento jamais menciona a proibição do sexo entre adultos e crianças. A criança deve aprender a dizer “não” quando não gosta de alguma coisa. Esse é o conteúdo dos programas de prevenção que põem as crianças diante da degeneração sexual, da qual tanto as suas mentes quanto os seus corpos deveriam ser protegidos. Todavia, o efeito de tais programas é o oposto. Uma criança sexualizada cujo sentimento de pudor foi sistematicamente destruído¹⁵¹ não dispõe de um sistema de alerta contra a agressão sexual. Na verdade, não poderia haver melhor preparação para o abuso infantil por parte do pedófilo do que aquela feita através de uma educação sexual fundamentada no prazer — o objetivo declarado de Helmut Kentler, que pode ser considerado o pai da educação sexual como existe hoje.

O que capacita a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Estado alemão a destruir os alicerces do casamento e da família, e com eles toda a sociedade, destruindo assim as condições da próxima geração

(“boas relações familiares”)? Nada os capacita a fazer isso, senão o próprio poder. Aqueles que têm poder neste mundo, as Nações Unidas, a União Europeia, as corporações globais, os gigantes da *internet*, as fundações multibilionárias de Soros, Gates e Rockefeller, as ONG 's de atuação global, como a International Planned Parenthood Federation, todas querem fazer valer os “direitos sexuais e reprodutivos” da juventude do mundo inteiro.

Embora as *Normas* referidas estejam voltadas à Europa, a *Orientação Técnica Internacional sobre a Educação Sexual* tem como alvo todas as crianças e adolescentes entre os 5 e os 18 anos do mundo.¹⁵² Os responsáveis são a UNESCO, juntamente com o UNICEF, a ONUSIDA, a ONU Mulheres e a OMS . A IPPF não é mencionada como editora, mas aparece 20 vezes ao longo do texto do documento. O conteúdo da *Orientação Técnica* de 140 páginas é destinado a ser implementado na legislação, na formação de professores, nas escolas e em outras instituições juvenis não escolares. A palavra “técnico” tem como intenção criar a impressão de que se trata de um conhecimento de valor neutro na promoção da saúde e do bem-estar, sem julgamento de comportamento ou orientação sexual, identidade de gênero ou estado de saúde — homo, bi, trans, anal e oral, o indivíduo autônomo pode escolher qualquer coisa sem ser julgado. Na verdade, tudo isto se trata da dissolução das tradições, dos valores e das normas sociais que formam a identidade, tal como existem entre todos os povos como fundamento para a família e a cultura.

O conteúdo da *Orientação Técnica* é o mesmo das *Normas*: as crianças têm direito à sexualidade e à obtenção das “informações corretas”. A partir dos 5 anos, devem decidir por si mesmas quem pode tocar nos seus corpos, quando e onde, porque todos supostamente “têm o direito de tomar as suas próprias decisões”. Enquanto estão na pré-escola, devem defender os direitos humanos e “identificar injustos papéis de gênero”, antes de serem recrutadas, a partir dos 15 anos, para a “educação entre pares”, isto é, para aconselhar os seus pares sobre questões de cunho sexual. A gravidez é descrita apenas como “não intencional” no contexto das doenças

sexualmente transmissíveis e do HIV ; assim, a defesa contra doenças sexualmente transmissíveis passa a ser mentalmente associada à prevenção da gravidez.

Linguagem enganosa

Não é fácil inverter os critérios das pessoas com relação ao bem e ao mal, para que considerem bom o que costumavam dizer que era mau e vice-versa. Isso requer técnicas sofisticadas de *engenharia social*.

A ferramenta mais importante é a linguagem enganosa. Certos termos são descartados, esvaziados de seu significado original, pervertidos, proibidos, banidos e até arbitrariamente inventados. A linguagem, de que só o ser humano na natureza é dotado e o permite pensar e ter consciência de si mesmo, assim já não serve para comunicar a verdade, tornando-se um meio de deturpação e manipulação que nos faz lembrar da velha frase dos irmãos Marx: “Em quem você vai acreditar, em mim ou nos seus próprios olhos?”. As expressões tornam-se “bombas de fumaça”, levantando uma névoa de falsa virtude para encobrir o mal que pretendem alcançar.

1. Termos que expressam valores tradicionais são postos em suspeição e descartados. Exemplos: virtude, lealdade, abnegação, sacrifício, castidade, pureza.
2. Termos com conotações positivas recebem novo significado e depois passam a ser explorados dessa forma. Exemplos: liberdade, direitos humanos, diversidade.
3. Novos termos são inventados para transmitir novas ideologias. Exemplos: gênero, orientação sexual, identidade sexual, expressão sexual, direitos reprodutivos.
4. Novos termos são introduzidos para difamar os oponentes. Exemplos: homofobia, transfobia, discurso de ódio.

Este tipo de falsificação manipulativa da linguagem pode ser visto num terceiro documento, o *Quadro DA 1 ppf para a Educação Sexual Abrangente E (esa) — Da escolha, um mundo de possibilidades*.¹⁵³ A International Planned Parenthood Federation tem 151 organizações e representações em 180 países, por isso é imenso o seu poder para implementar programas ao redor do mundo inteiro.

A palavra “abrangente” já é um truque. Precisamos exatamente disso — uma educação sexual que considere a pessoa como um todo: corpo, mente e alma, o desejo do corpo por satisfação sexual, o anseio do coração humano por amor, e o espírito como a sede da razão e da vontade humanas. Os seres humanos existem no meio dessa tensão e só podem satisfazer o seu anseio por um amor duradouro se a sua sexualidade for guiada pela razão e pela vontade. O paradoxo da “libertação sexual” é o de que o corpo domina a alma e a torna escrava do impulso sexual físico. Os resultados: vício em pornografia, massivo abuso sexual de crianças, tráfico de seres humanos e prostituição.

A “escolha” é a segunda isca usada para atrair o indivíduo supostamente autônomo para um “mundo de possibilidades”. Todos anseiam por liberdade, porque a dignidade vem da tomada de decisões autodeterminadas. Mas a vida constantemente impõe obstáculos no caminho do livre-arbítrio. Um indivíduo religioso reconhece que existe uma ordem divina e que enquadrar-se nessa ordem exige moderação, mas que ela ao mesmo tempo tende a orientá-lo de forma duradoura em direção à vida em plenitude. Para o pós-moderno que transformou a si mesmo em seu próprio deus, isso é um obstáculo que precisa ser removido do caminho. Não seria maravilhoso viver num mundo de possibilidades ilimitadas e, como promete a Planned Parenthood, ter “controle sobre o próprio corpo e o próprio destino”? A Planned Parenthood alimenta esse anseio no triturador de sua rede mundial de aborto.

A “liberdade de escolha” para matar um bebê no útero é descrita às mulheres e aos jovens de maneira codificada: “saúde reprodutiva e serviços”. No abstruso jargão da ONU e da UE, o acesso universal a

contraceptivos, ao aborto e à educação sexual nas escolas é descrito como “o mais elevado padrão de saúde”. Mas, outra vez, as promessas se revelam armadilhas para as estratégias dos revolucionários sexuais, que dão o oposto do que prometem.

Não existe sexo seguro. O sexo promíscuo levou a uma epidemia de doenças sexualmente transmissíveis — um quarto de todas as adolescentes sexualmente ativas nos EUA as contraíram.¹⁵⁴ A gravidez também pode ser prevenida de forma confiável, como um efeito colateral do sexo, mas produz novos clientes para a indústria do aborto.

Um exemplo especialmente revelador do uso enganoso da linguagem são as “Escadas da Tolerância” de Olsson, apresentadas no *Quadro para a Educação Sexual Abrangente* da Planned Parenthood. A escada que sobe leva da tolerância à aceitação, ao respeito, à compreensão mútua e, por fim, à “celebração da diversidade”. A escada que desce leva da intolerância à antipatia, à homofobia, à discriminação, à estigmatização e, ao fim e ao cabo, ao ódio e à violência.

Parece que o Sr. Olsson nunca assistiu a uma manifestação pró-vida, porque se o tivesse feito, veria que os defensores da vida são pacíficos e respeitosos, ao passo que seus oponentes os bombardeiam com xingamentos odiosos e não raro precisam ser contidos pela presença policial para evitar o desencadeamento de tumultos violentos.

Uma vez que os revolucionários sexuais tenham se estabelecido como “cientistas” e tenham acesso a escolas e pré-escolas, trata-se então de forçar a entrada de suas ideias nos corações das crianças. No jardim de infância isso é bastante fácil. As crianças pequenas ficam nas mãos de seus cuidadores, aprendem pelo exemplo e pela imitação e não conseguem fazer julgamentos próprios. As contradições entre a casa dos pais e o jardim de infância causam confusão e desorientação quando os livros de ficção ou a vida real lhes mostram duas mulheres ou dois homens como “pais” ou quando subitamente têm de chamar de Ben uma mulher chamada Sophie.

As crianças mais velhas, que podem ter sido educadas na pré-escola com o método de “participação” para fazer valer os seus “direitos”, necessitam de uma abordagem mais inteligente. Os educadores sexuais geralmente vêm de fora e parecem “especialistas” muito mais competentes que os professores ou os pais. Ao mesmo tempo, apresentam-se aos estudantes como amigos, indivíduos de confiança e defensores prontos a combater pais rígidos e suas ideias morais antiquadas. Eles conduzem aos seus fins revolucionários os impulsos sexuais precocemente estimulados das crianças. Eis aqui os seus métodos:

- Mostram a sexualidade permissiva como algo normal e popular: “Todo mundo faz isso”.
- Criam pressão grupal.
- Destroem a noção de vergonha brincando com pênis de plástico, vaginas de pelúcia, preservativos, verbalização de procedimentos sexuais em classe e dramatizações e exercícios físicos de cunho sexual.
- Representam de maneira detalhada o comportamento sexual em palavras, imagens e filmes.
- Mostram como efeitos colaterais indesejados do sexo as doenças sexualmente transmissíveis, juntamente com a gravidez.
- Não mencionam em nenhum momento o casamento e a família.
- Dão a entender que estruturas familiares decadentes são desejáveis.
- São adeptos da educação por pares: formação e utilização de adolescentes da mesma idade para a educação sexual. [155](#)

Que ninguém se deixe enganar pela propaganda que mostra essa educação sexual como algo moderno, esclarecido, “científico” e agradável aos jovens, e ao mesmo tempo os seus oponentes como obstinados fundamentalistas. A sexualização das crianças e a desestabilização da sua identidade de gênero é um ataque aos fundamentos morais da pessoa, da família e da sociedade — com

algumas consequências previsíveis e outras imprevisíveis. As crianças são privadas de sua infância alegre e despreocupada ao serem mergulhadas no pântano moral da sociedade hipersexualizada. A autoridade dos pais na criação dos filhos é minada com a punção da noção de vergonha e o incitamento à exigência dos “direitos das crianças”. As capacidades das crianças ficam enfraquecidas se elas tiverem de enfrentar dramas de relacionamento e profundas decepções espirituais muito cedo.¹⁵⁶ A doutrinação mental que encoraja os jovens a “assumir” sua sexualidade ou até mesmo a passar por cirurgias de “mudança de sexo” frustram os seus desejos de ter um futuro com uma família feliz.

Os educadores sexuais que gostam de se apresentar como “cientistas” adorariam mostrar estudos que demonstram que as famílias são mais estáveis, as crianças mais felizes, os transtornos mentais em menor número, as capacidades aumentadas e a incidência do uso de drogas e de crimes inferior nas crianças programadas para ter experiências sexuais desde a mais tenra infância. Mas não podem, porque tais estudos não existem.

A última moda: transgenerismo

De repente o transgenerismo apareceu na boca de todos. A “mudança de sexo” tornou-se moda entre os adolescentes, especialmente entre as meni nas. Alexander Korte, chefe da ala de psiquiatria infantil do Hospital Municipal de Munique, afirma que os casos de crianças que não conseguem se identificar com o seu gênero biológico quintuplicaram desde 2013.¹⁵⁷ No Reino Unido, 97 crianças e adolescentes procuraram ajuda num relevante centro em 2010, ao passo que em 2017–2018 o número foi de 2.519. O termo profissional utilizado para denominar esse tipo de transtorno é *disforia de gênero*.

Vinte anos atrás essa palavra não existia e o transtorno era raríssimo. O que aconteceu?

Para saturar toda a sociedade com a ideologia de gênero, a ONU e a UE têm promovido a dissolução dos “estereótipos de gênero” há décadas. Rosa para meninas e azul para meninos era, supostamente, uma inadmissível definição do sexo da criança “atribuído” no nascimento. Eles afirmam que uma criança não vem ao mundo como menino ou menina, mas que aqueles ao seu redor lhe atribuem o gênero como se fosse um rótulo. Como já demonstrado, o enfraquecimento da identidade de gênero começa na pré-escola. Há pais que dão aos filhos nomes de gênero neutro para que as crianças no futuro possam decidir o que querem ser. Aí são semeadas as sementes da confusão de identidade no coraçãozinho maleável e vulnerável da criança.

As elites do poder político nos países ocidentais estão promovendo a dissolução da identidade de gênero: o ex-presidente dos EUA, Barack Obama, deu início à próxima fase de lançamento do foguete LGBTQI um dia depois de a Suprema Corte ter legalizado o “casamento” entre pessoas do mesmo sexo, em 26 de junho de 2015. Obama deu início à “batalha do banheiro”, pois decretou que as escolas permitissem que estudantes transexuais usassem o banheiro ou vestiário que quisessem. Isso significava que um menino que afirmasse ser menina poderia tomar banho com as meninas — por decreto presidencial.

Na Escócia, o Ministério da Saúde exige desde 2016 que as escolas apoiem as crianças na mudança de gênero, mesmo sem o conhecimento ou a aprovação dos pais.¹⁵⁸ Resumo da história: Charlie sai para a escola com roupas de menino, lá veste roupas de menina, é chamado de Rosie e depois veste novamente suas roupas de menino e volta para casa. Dessa forma, Charlie fica “protegido” de seus pais, que não aprovam sua disforia de gênero.

Em 2018, a organização esportiva universitária do Canadá adotou uma “política transgênero inclusiva”.¹⁵⁹ todos os atletas podiam competir pela equipe que representava o gênero de sua escolha.

Obviamente, as feministas estão se rebelando contra isso, e começaram a ser chamadas, portanto, de transfóbicas.

Na entrevista ao *Der Spiegel* citada acima, o psiquiatra infantil Dr. Korte fala de um “fenômeno *zeitgeist*” em cuja criação a mídia teve papel fundamental.

A questão do transgênero está sendo fortemente divulgada nos dias que correm, sobretudo no YouTube e no Instagram. Existem vários meninos trans que são estrelas nesses canais e atuam como influenciadores digitais. Garotas trans participaram do “Next Top Model” alemão. Essas pessoas hoje são vistas como modelos. A adolescência é uma fase de reinvenção parcial. Para os adolescentes, a identidade pode ser uma questão em aberto. O transgenerismo veio para dar-lhes um novo modelo de identidade.

Todo esse alarde é compreensível: numa sociedade em que a família está em franca decadência, há muitas crianças e adolescentes com graves problemas psicológicos. As crianças muito cedo têm acesso à *internet* e logo se deparam com a mensagem: “A razão de todos os seus problemas é você hoje ser do sexo errado. Mude, e ficará bem”. Como não conseguem mudar a situação familiar, caem no artil de que podem mudar de gênero. Essas crianças e suas famílias necessitam urgentemente de ajuda terapêutica.

Depois de assumirem sua nova identidade, imediatamente recebem excessivas doses de atenção — na família, na escola e na *internet* —, caindo na traiçoeira sedução: *então*, com uma só cajadada mudarei de gênero e enfim serei feliz.

Escolas, médicos, terapeutas e meios de comunicação tornaram-se colaboradores da causa por não quererem ser acusados de “discriminação” e “transfobia”. Os pais são pressionados a apoiar os filhos na transformação de gênero — a criança pode até cometer suicídio se os pais não concordarem em utilizar nelas os hormônios inibidores da puberdade.

O problema: esses hormônios tornam os jovens inférteis durante toda a vida e lhes causam numerosos e graves efeitos colaterais, tais como um elevado risco de doenças cardíacas e circulatórias, trombose, acidente vascular cerebral, osteoporose, distúrbios de crescimento e câncer. A pessoa se transforma em um paciente crônico, que diariamente deve tomar hormônios e cuja energia vital é dedicada à frívola batalha para mudar de gênero. Antes *e depois* da transição, a taxa de suicídio de transexuais é oito vezes maior do que a média da população — 41% contra 5%.^{[160](#)}

Essa decisão traz consequências irreversíveis e recai sobre as crianças numa idade em que a lei as considera demasiado imaturas para conduzir um carro ou comprar álcool. A American College of Pediatricians já alertou enfaticamente contra essas experiências, que não têm base científica.^{[161](#)}

No Reino Unido, nos últimos três anos, 35 psicólogos abandonaram o Serviço de Desenvolvimento de Identidade de Gênero (SDIG), a principal instituição na realização da “reatribuição de gênero” em crianças. Falam de um “escândalo médico” e não querem mais carregar nenhuma culpa a respeito disso. No entanto, evitam o público, pois podem sofrer perseguição por parte do *lobby* transgênero. Em 2009, o SDIG tratou 77 crianças, porém em 2018–2019 foram 2.590, com uma lista de espera de mais outras 3.000 crianças, meninas em sua maioria. Não lhes é oferecida a psicoterapia, embora seja o trauma psicológico, incluindo o abuso sexual, que leve à rejeição da criança ao seu próprio gênero.

Há vítimas da ideologia transgênero que levantam a voz. Uma dessas vítimas é Walt Heyer.^{[162](#)} Ele viveu todas as crises e reviravoltas da vida transgênero, até que, após a mudança cirúrgica de homem para “mulher”, acabou por aceitar novamente o seu natural gênero masculino. Agora ele viaja ao redor do mundo, repleto de dolorosa compaixão, para ajudar as pessoas a retomarem o controle de suas vidas: *Retome sua vida. Outros o fizeram. Você também pode.*^{[163](#)}

A boa notícia: mais de 90% dos jovens que duvidam do seu gênero durante a adolescência se estabilizam outra vez, por si mesmos, em sua identidade biológica imutável — desde que não caiam nas mãos de um médico ou num ambiente social que lhes permita levar uma vida de decisões destrutivas.

... E desde que não tenham uma mãe que dê ao filho o nome de Luna aos 3 anos, vista-o com roupas de menina e o matricule na escola como menina. Fala-se ultimamente de James, filho de uma pediatra do Texas. A criança não tem nenhuma relação de parentesco com a mãe, pois foi criada a partir da doação de óvulos alheios. Sua mãe legal queria dar-lhe hormônios inibidores da puberdade já aos 7 anos, mas o pai, aliás divorciado da mãe, a impediu, e o caso foi parar no tribunal em outubro de 2019: 11 dos 12 jurados decidiram que a mãe tem o direito de iniciar a “mudança de sexo” do filho.

A indignação irrompeu em todo o país. Em poucos dias, uma petição para salvar James da castração química recebeu 211.000 assinaturas.¹⁶⁴ O senador Ted Cruz se imiscuiu no caso e exigiu que o governo evitasse que James fosse usado como cobaia pela agenda da esquerda. Pouco depois, um tribunal de recursos decidiu que a “mudança de sexo” não poderia ocorrer sem o consentimento do pai.

James teve sorte por um tempo, mas ainda outro juiz reverteu mais uma vez a decisão do tribunal de recursos e devolveu à mãe todo o poder de decisão. Seu pai ainda está lutando, mas autoridades poderosíssimas estão colocando obstáculos em seu caminho. Numa entrevista, ele disse o seguinte:

Este caso vai acabar na Suprema Corte do Texas, e eu ficarei surpreso se não chegar aos tribunais federais e até mesmo à Suprema Corte dos eua. Mas estou pronto e disposto a ir até lá, porque quero proteger todas as crianças dos Estados Unidos dessas abomináveis práticas da comunidade médica. Precisamos da aprovação de uma lei contra isso, que não deveria acontecer com nenhuma outra criança.¹⁶⁵

Como é possível que em poucos anos a destruição da própria identidade de gênero — com graves consequências para toda a vida — tenha se tornado moda entre os jovens, passando a ser apoiada pelo governo e pelos meios de comunicação? Como é possível que nem os tribunais nem as autoridades médicas tenham intervido e evitado os grandes danos causados às crianças?

Em um manual de 65 páginas criado por um dos maiores escritórios de advocacia do mundo, juntamente com a Thomson Reuters Foundation (mídia) e uma organização de jovens LGBTQI, são apresentadas estratégias e táticas para alterar as consciências das massas, os direitos de criação dos filhos por parte dos pais, e a legislação. O documento tem o título: *Somente adultos? Boas práticas no reconhecimento legal do gênero dos jovens.*¹⁶⁶

Um grande obstáculo ao direito à livre escolha de gênero para crianças e jovens são os direitos dos pais que se recusam a dar consentimento. O manual explica táticas comprovadas para que grupos de pressão impeçam o surgimento de resistência e fala a respeito de como as leis podem ser implementadas antes mesmo de o público ter qualquer conhecimento delas.

- Sair na frente do governo e publicar propostas legislativas progressistas antes que ele o faça.
- Esconder a campanha por detrás da cortina de fumaça de outra campanha que goze de ampla aceitação. Por exemplo: direitos dos transexuais no meio da campanha pelo casamento entre pessoas do mesmo sexo.
- Evitar reportagens nos meios de comunicação e, em vez disso, fazer *lobby* junto a determinados políticos, individualmente.

Se o debate entre os grupos de interesse que são afetados for substituído por estratégias de manipulação habilmente desenvolvidas, e os políticos e juízes estiverem prontos para participar, então a democracia será esvaziada por dentro até que finalmente não haja mais direito à diferença de opiniões ou a ações divergentes.

Isto diz respeito a crianças e jovens, a suas vidas, aos seus futuros, e, portanto, ao futuro de toda a sociedade. Eles têm sido abusados por ativistas da ideologia transgênero que carecem por completo de consciência.¹⁶⁷ Essas pessoas sabem que a destruição da identidade de gênero lhes dá a arma de que precisam para destruir a família nuclear. Já não são as condições naturais da existência humana que determinam o que são o homem e a mulher, o casamento, a paternidade e a família, mas sim o Estado, que se arroga o direito de anular essas condições mediante a imposição de uma legislação autoritária. Quando o Estado se coloca acima da natureza, a serviço de uma ideologia, não há mais nada que não esteja ao seu alcance.

Os custos são incomensuráveis. Trata-se de algo que atinge a estabilidade familiar, a saúde mental e física das crianças; que faz com que o financiamento de programas sociais seja ainda mais dispendioso; que prejudica a justiça e o Estado de direito.

9. DIREITOS DAS CRIANÇAS — O ESTADO CADA VEZ MAIS INVASIVO

Sem a família tradicional composta por mãe, pai e filhos, não pode haver Estado. Sem a família, uma comunidade se torna um formigueiro de seres desindividualizados. Sem a família não há resistência à doutrinação dos ideólogos.

— Josef Kraus, educador, comentarista e psicólogo

Quem não gostaria que as crianças tivessem uma vida boa — que o seu bem-estar fosse garantido e que elas fossem protegidas de influências que prejudicam o seu desenvolvimento para se tornarem pessoas maduras e responsáveis? De acordo com a

Constituição alemã, este é um direito e uma obrigação dos pais até que os filhos atinjam a maioridade legal e assumam o poder de decisão sobre suas próprias vidas.

Como os pais educaram a criança e em geral a amam, eles são quem têm o maior interesse, no decorrer da vida, em seu bem-estar. Nada lhes dá mais satisfação do que ver seus filhos prosperarem.

Direitos das crianças na Constituição?

Estes são os direitos que a Constituição da República Federal da Alemanha estabelece para o casamento, a família e os filhos, no artigo 6, parágrafo 2º:

1. O casamento e a família estão sob a proteção especial do Estado.
2. O cuidado e a educação dos filhos são um direito natural dos pais e o seu primeiro e mais importante dever. A comunidade estadual zela por suas atividades.
3. As crianças só podem ser separadas de sua família contra a vontade de seus guardiões legais se estes falham no cumprimento do dever ou se, por outras razões, houver perigo de negligência.
4. Toda mãe tem direito a proteção e cuidado por parte da comunidade.

Se o governo seguisse isso, teríamos uma sociedade em que o casamento, a família, as mães e os filhos seriam respeitados, incentivados e apoiados — para benefício de todos. O governo criaria condições materiais e sociais sob as quais as famílias pudessem prosperar — em especial um sistema social, fiscal e de pensões que compensasse adequadamente o trabalho com a própria família. O

governo respeitaria o princípio da subsidiariedade e não assumiria tarefas ou responsabilidades que a própria família pudesse assumir. O governo respeitaria o direito dos pais de criar e proteger os seus filhos de acordo com os seus próprios ideais, porque saberia: a família não deve nada ao Estado, mas sim o Estado e a sociedade é que dependem das indispensáveis conquistas da família.

Em vez de implementar os princípios da Constituição, há anos os partidos de esquerda vêm fazendo pressão para que os direitos especiais das crianças se tornem constitucionais. A esquerda e os verdes amam as crianças de maneira extraordinária? Estão empenhados em fortalecer as famílias constituídas por pai, mãe e filhos, cujos benefícios para as crianças mil vezes já foram apresentados? Como é que os “direitos das crianças” se enquadram na estrutura da vida dos pais e das crianças?

Direitos são baseados em julgamentos de valor. Que valores devem ser aplicados através dos direitos das crianças? Direitos de quem contra quem?

O documento de base para os direitos da criança é a Convenção das Nações Unidas para os Direitos da Criança, que entrou em vigor em 1990 e foi ratificada pela Alemanha em 1992. A convenção aparenta ser um documento favorável às crianças, mas se olharmos mais de perto, ficaremos com algumas dúvidas.

- A criança deve ser protegida da discriminação (Art. 1).
Pergunta: Já não é a criança protegida de discriminação, assim como todas as outras pessoas o são?
- O bem-estar da criança deve ser prioridade em todas as medidas governamentais (Art. 3.1).
Pergunta: Prioridade sobre quem?
- A criança “que é capaz de formar sua própria opinião” tem o direito “de expressar essa opinião em todos os assuntos que a afetam e deve ser ouvida” (Art. 12). Pergunta: Como é que

uma criança pode formar sua própria opinião? E quem deveria ouvi-la?

- A criança “deve ter acesso a informação e a materiais de diversas fontes nacionais e internacionais” (Art. 17).

Pergunta: E se os pais limitarem seu acesso aos meios de comunicação em massa?

- A criança tem direito ao “mais elevado nível alcançável de saúde e acesso a serviços de saúde”. Para tanto, os países signatários devem “desenvolver programas de educação e planejamento familiar” (Art. 24).

Pergunta: Isso quer dizer educação sexual, contracepção e aborto?

- Os objetivos educacionais e as instituições devem “corresponder aos padrões mínimos exigidos pelo Estado” (Art. 29).

Pergunta: Quais são os objetivos educacionais do Estado? E se esses objetivos forem de encontro aos dos pais?

Para que tal convenção fosse aceita na Assembleia Geral da ONU por representantes de 193 países, as palavras tiveram de ser escolhidas com muito cuidado. É por isso que à primeira vista sua formulação parece inofensiva e digna de aprovação. Mas uma análise mais atenta revela que a terminologia confusa pode tornar possível que: menores de todas as idades tenham o direito de fazer valer os seus desejos — influenciados por educadores sexuais, grupos de colegas, pelo Facebook e pela mídia — contra os seus pais através da intervenção estatal. Os maleáveis termos usados pela convenção dos direitos da criança na verdade se tratam de espaços reservados para conteúdo revolucionário que vira de cabeça para baixo os valores básicos da sociedade.

Em 2013¹⁶⁸ e 2016,¹⁶⁹ uma proposta de lei para a adoção dos direitos das crianças na Constituição alemã foi apresentada no Bundestag, mas infrutiferamente, porque nas audiências da comissão os especialistas expressaram claramente não ter interesse em alterar a Constituição. Enfatizaram unanimemente que a Constituição não continha lacunas.

As crianças são seres humanos e os direitos humanos se aplicam incondicionalmente a todas as pessoas, não precisando ser definidos separadamente para grupos específicos. Em 26 de junho de 2013, o Prof. Gregor Kirchhof, especialista constitucional, expôs o fato de que a proteção constitucional abrangente para as crianças seria até enfraquecida por esses novos direitos e que a relação entre pai e filho seria “incorporada na lei”.¹⁷⁰

As opiniões negativas dos peritos jurídicos não pareceram perturbar os promotores dos direitos das crianças. Durante anos, a União Democrata Cristã (UDC) da Alemanha atuou como uma barreira contra esses objetivos vermelho-verdes, mas o muro acabou por ser rompido e os direitos das crianças foram adotados no acordo de coligação entre UDC e SPD, em 2017. Em novembro de 2019, a ministra da justiça Christine Lambrecht (SPD) realizou outra tentativa de “promover os direitos fundamentais das crianças”. Um novo parágrafo deveria ser inserido no Artigo 6 da Constituição: “Toda criança tem direito ao respeito, à proteção e à promoção dos seus direitos fundamentais, incluindo o direito de desenvolver sua própria personalidade autônoma na comunidade social”. Novamente surgem algumas perguntas: O que significa “autônomo” e quem é a “comunidade social”? A criança não é, antes de tudo, de responsabilidade dos pais até completar a maioridade legal? O dever deles é criar os filhos em colaboração com a escola, para que, como adultos, possam por si mesmos assumir responsabilidades na sociedade.

Havendo direitos, pode também haver processos. Exatamente quem irá processar quem pelos direitos das crianças? No relatório final do grupo de trabalho dos estados federais, “Os Direitos da Criança na Constituição”, de 14 de outubro de 2019, é dito que: “O menor que já é legalmente competente deve poder exercer autonomamente os direitos a ele atribuídos [!], e que, em caso de “conflito de interesses entre a criança e seu tutor, será nomeado um tutor suplementar ou outro representante legal, a não ser que de outra forma estabeleça o julgamento”.¹⁷¹

Diferenças de opinião entre pais e filhos sobre o que a criança deve e pode fazer, ou não deve e não pode fazer, surgem o tempo todo. Não se trata de “conflitos de interesse”, mas sim dos desafios diários que fazem parte da criação dos filhos. Um “tutor suplementar” nomeado pelo governo minaria a autoridade dos pais para criar os seus filhos sem que houvesse nenhuma justificativa de abuso ou negligência.

Os pais nunca são perfeitos e sempre cometem erros — muitas vezes erros graves. Como as pessoas infelizmente não são totalmente boas, as famílias não são tão somente um lugar de força e apoio, mas também podem ser um lugar de privações e traumas. Mas isso é motivo suficiente para que o Estado assuma a criação de nossas crianças? Os funcionários do Estado cuidarão melhor da criança do que os próprios pais dela? Eles podem também ser pessoas cheias de mágoas, mas diferem dos pais em um aspecto importante: os pais deram vida aos filhos, os conhecem e os amam. O Estado não pode amar. Os pais passam suas vidas se preocupando com o bem-estar de seus filhos. O Estado atua por meio de funcionários remunerados. Finge ser um super-pai que sabe qual é a maneira correta de educar os filhos e quais valores lhes devem ser transmitidos.

O que acontece na vida real quando um filho menor de idade recebe um “tutor suplementar” para fazer com que sua vontade seja cumprida? Algo deste tipo, por exemplo: Karl, de 12 anos, acredita que precisa, mais do que tudo, ter um celular, porque todo mundo tem um e se ele não tiver será excluído do grupo de WhatsApp dos amigos. Os pais não querem que ele tenha um celular porque, entre outros motivos, desejam protegê-lo da pornografia. Eles acreditam que a pornografia prejudica permanentemente o bem-estar da criança, mas não recebem nenhum apoio para proteger os seus filhos.

Karl foi informado na escola de que a Constituição lhe garante o direito de acesso à informação. Então ele exige que seus pais lhe concedam esse direito. Os pais recusam. Karl resolve ir ao escritório de bem-estar juvenil, onde recebe um “tutor suplementar” como consultor jurídico. O Tribunal de Família determina que os pais de

Karl devem dar-lhe um celular. A relação entre os pais e seu filho é, portanto, abalada.

Ou Sophie, de 13 anos, que quer se tornar Ben e tomar hormônios inibidores da puberdade. Os pais não concordam com a decisão. Sophie os processa por seu “direito ao desenvolvimento de uma personalidade autônoma”. Os pais são forçados a permitir que a filha adolescente faça algo que provavelmente a deixará infértil e aumentará em oito vezes o risco de ela cometer suicídio — consequências das quais querem proteger a filha de 13 anos.

Se o Estado quisesse realmente dar apoio ao bem-estar da criança, teria de fortalecer a família, porque nada prejudica mais esse bem-estar do que uma família desfeita. A instituição dos “direitos das crianças” na Constituição cria uma barreira intransponível na relação entre pais e filhos. Caso os pais “violem os direitos das crianças”, o Estado assume a custódia como último recurso.

“Custódia” do Estado

Segundo o artigo 6 (2) da Constituição, o Estado é o guardião do bem-estar da criança. Naturalmente, o Estado deve intervir quando as crianças são abusadas ou sofrem negligência.¹⁷² Mas o Estado tende a exercer sua tutela de forma extensiva e sem nenhum controle. Na Alemanha, 25.664 crianças foram detidas sob custódia em 2005, 84.230 em 2016 e 52.590 em 2018.¹⁷³ A maior parte do aumento em 2016 deveu-se a “refugiados menores que viajavam sozinhos”, mas mesmo quando esse grupo é subtraído, o número de casos ainda impressiona. Os custos chegam a mais de nove bilhões de euros por ano, um negócio que emprega centenas de milhares de pessoas. Há pouca transparência ou controle, como aponta um estudo do Instituto

Econômico Alemão.¹⁷⁴ 41% das crianças e adolescentes acabam por regressar às suas famílias. Para 59%, o vínculo familiar foi rompido para sempre.

Os gabinetes de assistência social à juventude operam numa zona de poder cinzenta. Na verdade, na Alemanha, uma decisão judicial deve ser tomada um dia após o início da ação. Daí, os gabinetes de bem-estar dos jovens fazem o que querem com relação aos direitos de visita, à designação a um dos pais, ou à separação permanente, e até mesmo à liberação para a adoção. Os recursos dos pais nos tribunais são demorados e dispendiosos. Não existem critérios claros nem um tribunal superior para aconselhar e monitorar os gabinetes de assistência social à juventude.

Um caso que atraiu a atenção da mídia internacional e expôs a arbitrariedade do Estado alemão foi o da família Wunderlich. Os pais lutaram durante anos para poder educar seus filhos em casa. O ensino doméstico é proibido na Alemanha, mas permitido em quase todos os outros países europeus. (Nos Estados Unidos existe um movimento em favor da educação domiciliar em franco crescimento, incentivando os jovens a aprenderem de forma independente e a adquirirem competência social, e eles acabam sendo bastante procurados pelas universidades de elite).

Em agosto de 2013, 30 agentes policiais e assistentes sociais invadiram a casa da família Wunderlich e levaram os seus quatro filhos sob custódia — um evento traumático para toda a família. Só meses depois os pais conseguiram recuperar os filhos, com a condição de os enviarem para escolas públicas. Os Wunderlich não tiveram outra escolha, mas continuaram a lutar pelo direito ao ensino domiciliar. O caso chegou ao Tribunal Europeu dos Direitos Humanos (TEDH), que decidiu contra a família em janeiro de 2019, apesar de as crianças terem sido consideradas bem-educadas e socialmente competentes. Assim, o TEDH não tocou mais na proibição ao ensino domiciliar que vigora na Alemanha. Mas o caso Wunderlich não acaba

aí — poderia ainda ir para a Grande Câmara do Tribunal Europeu de Direitos Humanos.^{[175](#)}

Diante da intrusão cada vez maior do Estado nos direitos dos pais, e da queda drástica dos padrões do sistema educacional alemão,^{[176](#)} o ensino domiciliar daria aos pais a opção — mediante um grande compromisso de responsabilidade pessoal — de cuidar da educação de seus próprios filhos. O coronavírus deu sua vigorosa e surpreendente contribuição na primavera de 2020: Em muitos países ao redor do mundo, as escolas e creches ficaram fechadas por meses, e todos os pais foram forçados a estudar em casa — além de trabalhar em casa, uma tarefa irrealizável. A proibição estatal ao ensino domiciliar pode continuar após isso?

Provavelmente não existe nenhum outro país em que os direitos dos pais sejam tão violados quanto no modelo democrático da Noruega.^{[177](#)} A agência estatal para o bem-estar infantil, chamada *Bernavernet*, define arbitrariamente o que é bom ou mau para uma criança. Se a *Bernavernet* concluir que falta união entre pais e filho, ou que a condição mental da mãe não é suficientemente boa para ela cuidar de seu bebê, ou que a educação é demasiado cristã, ou que o castigo corporal moderado é incompatível com a lei de proteção à criança, então a *Bernavernet* retira as crianças da família, coloca-as em lares de adoção ou as manda direto a famílias adotivas, limita a visitação dos pais a algumas horas por ano e interpreta os protestos destes como recusa à cooperação. Muitos pais atingidos por isso têm de fugir da Noruega para que o Estado não prenda seus filhos. Um filme da ARTE TV mostra a incompreensível violação dos direitos dos pais e do bem-estar das crianças.^{[178](#)} Todos os anos, 44.000 famílias são expostas às investigações da *Bernavernet*; e mais de 2.000 crianças foram detidas sob custódia em 2015. Vinte e seis casos encontram-se agora pendentes no Tribunal Europeu de Direitos Humanos.

O caso Bodnariu atraiu atenção da mídia internacional. Em 2015, agentes em dois carros pretos apareceram na frente da fazenda da

família, contaram aos pais que suas duas filhas já haviam sido buscadas na escola, levaram dois filhos com eles, e no dia seguinte retornaram e tomaram o bebê de apenas três meses. A ofensa dos pais: criar os filhos na fé cristã e estabelecer pontuais limites físicos. Mas desta vez a *Bernaivernet* foi longe demais: houve protestos internacionais e manifestações diante das embaixadas norueguesas, de Barcelona a Washington.

O TEDH já havia rejeitado processos contra a *Bernaivernet*, mas a direção do vento começava então a mudar. Em junho de 2018, o Conselho da Europa publicou um relatório crítico sobre os ataques de *Bernaivernet*, o que levou o TEDH a novamente retomar o caso de Trude Strand Lobbe. Durante a gravidez, a jovem mãe pediu ajuda ao gabinete de bem-estar juvenil e recebeu uma unidade de vida assistida. Algumas semanas depois do nascimento do filho, sua intenção era voltar a viver de forma independente. Mas foi impedida de fazê-lo. O escritório de bem-estar juvenil levou embora o seu bebê, concedeu-lhe apenas algumas horas de visitação por semana e ao fim entregou a criança para a adoção. Passados onze anos, a Grande Câmara do TEDH decidiu favoravelmente à Sra. Strand Lobben. Foi uma vitória importante, que, no entanto, não trouxe seu filho de volta, pois ele já havia sido adotado.¹⁷⁹

Nenhum país europeu foi tão longe quanto a Escócia em sua tentativa de eliminar completamente os direitos dos pais e estabelecer autoridade de supervisão estatal sobre todas as crianças. A Escócia queria ceder cada criança já desde o nascimento a uma “pessoa eleita” designada pelo Estado, que monitoraria as “condições de vida da criança”. Os processos chegaram ao Supremo Tribunal do Reino Unido. Em um memorável acórdão, o tribunal rejeitou tal atrocidade com uma justificativa que ignora os limites do politicamente correto:

Pessoas diferentes crescem de modos diferentes. A primeira coisa que um Estado totalitário tenta fazer é colocar as crianças sob seu domínio, afastá-las da família, influências consideradas insubordinadas e desviantes, e doutriná-las com a cosmovisão

daqueles que exercem o poder. Dentro de certos limites, a família deve poder criar os seus filhos como achar mais apropriado.^{[180](#)}

As exigências levantadas pelos partidos de esquerda para fortalecer os direitos das crianças e enfraquecer os direitos dos pais nada têm a ver com o bem-estar das crianças, e sim, muito mais, com uma tentativa do Estado de “colocar as crianças sob seu domínio, a fim de doutriná-las com a cosmovisão daqueles que exercem o poder”.

Carta dos Direitos da Família

Em 1983, o Pontifício Conselho para a Família apresentou a Carta dos Direitos da Família ao público e aos governos. A carta explica os direitos naturalmente conferidos à família, que sempre se aplicam independentemente de quaisquer sistemas governamentais ou cosmovisões.

Os direitos promulgados nessa carta estão inscritos na consciência das pessoas e nos valores gerais da humanidade [...]. Em última análise, esses direitos pertencem à lei que o Criador inscreveu nos corações de todos os seres humanos. A sociedade é chamada a defender esses direitos contra todas as violações, a respeitá-los e a promovê-los em sua totalidade.^{[181](#)}

As declarações mais importantes da Carta:

- A família tem por base o casamento.
- A família, sociedade natural, existe antes do Estado ou de qualquer outra comunidade e possui direitos inerentes que são inalienáveis.
- A família constitui, muito mais do que uma mera unidade jurídica, social e econômica, uma comunidade de amor e

solidariedade, singularmente adequada para ensinar e transmitir valores culturais, éticos, sociais, espirituais e religiosos essenciais para o desenvolvimento e o bem-estar dos seus membros e da sociedade.

- A vida humana deve ser respeitada e protegida desde o momento da concepção.
- O respeito à dignidade do ser humano exclui qualquer manipulação experimental ou exploração do embrião humano.
- Posto que deram vida aos filhos, os pais têm o direito original, primário e inalienável de educá-los; portanto, devem ser reconhecidos como os primeiros e principais educadores de seus filhos.
- As famílias têm direito a condições econômicas que lhes garantam um padrão de vida adequado à sua dignidade e seja suficiente para o pleno desenvolvimento.

Estes são os direitos inalienáveis da família, que se centram no bem-estar da criança e da família. Os pais, que assumem a responsabilidade por seus filhos de um modo que muitas vezes beira o heroísmo, estão sob pressão e devem lutar constantemente para proteger os seus direitos familiares contra a intrusão do Estado e de uma sociedade moralmente corrupta. É a guerra mais importante que podem travar, porque a sua primeira responsabilidade é para com os seus filhos. Todavia, há um direito da criança que na verdade deveria ser protegido pelo direito internacional e pelas constituições: o direito da criança à sua linhagem familiar. Desde que a inseminação artificial se tornou uma possibilidade (1960), o direito da criança aos seus pais biológicos tem sido cada vez mais comprometido, de modo que agora uma criança criada dessa forma deve crescer em meio ao caos legal, social e psicológico de múltiplas mães e pais. Isso lhe nega um direito humano fundamental. A criança se torna um produto, cujos componentes são comprados no mercado de fertilidade. O direito humano à linhagem familiar deve ser garantido por lei.

10. DESUMANIZAÇÃO DIGITAL

Os celulares estão sentados na sela e cavalgam a humanidade. É por isso que precisamos de um movimento político e social — de temperança digital, por assim dizer — para recuperar algum controle que seja.

— Ross Douthat, *The New York Times*, 11 de março de 2017

Que bênção é a internet! Imagine se a pandemia do coronavírus tivesse eclodido antes da transformação digital e o confinamento de 2020 tivesse ocorrido sem que tivéssemos os meios digitais de comunicação. Nada de trabalho em casa, nada de escolaridade virtual sob a tutela digital de professores, nada de conferências virtuais, nada de chamadas no Skype com familiares e amigos, nada de compras online, nada de serviços religiosos remotos, nada de debate público sobre a restrição dos nossos direitos democráticos básicos por decretos emergenciais do governo. Graças à internet, apesar do distanciamento social, pudemos manter contato virtualmente.

Mas quanto mais o tempo passa, mais óbvio se torna que a eliminação do contato físico mutila e diminui fundamentalmente o ser humano. Somos seres de carne e osso e só podemos viver nossa humanidade se percebermos os outros com todos os nossos sentidos — se os virmos, ouvirmos, cheirarmos e tocarmos.

A pandemia elevou a níveis extremos o que a revolução digital vinha há muito tempo fazendo: desenraizar as pessoas do tempo e do lugar ao qual pertencem, desencarnar e vaporizar a pessoa real que está presente aqui e agora, que assume responsabilidades e compartilha alegria e tristeza com os outros. O resultado é um novo tipo de desumanização digital.

Como não sou uma nativa digital e não pertenço à geração que, cheia de curiosidade, toca botões e telas desde a infância, ainda estou surpresa com a forma como a *internet* superou os limites do espaço e do tempo, o que eu realmente não esperava que acontecesse antes da vida após a morte. Fico feliz com a troca instantânea de mensagens, de fotos e vídeos em todo o mundo, e suspiro ao ver a quantidade de informações que inundam a minha tela, sejam elas solicitadas ou não.

As invenções tecnológicas em si são neutras. A grande questão é se as pessoas têm maturidade moral para beneficiar a humanidade com elas.

A Apple lançou o seu celular no mercado em 2007. Desde então, mais de quatro bilhões de pessoas o utilizam, metade delas durante mais de cinco horas por dia.¹⁸² O celular foi precedido pela invenção dos computadores pessoais na década de 1980. (Ainda lembro da enorme caixa debaixo da mesa, dos sons emitidos pelo *modem* e do constante desafio de ter de aprender a mexer em novos dispositivos). Depois veio a World Wide Web, na década de 1990, com manuais cada vez mais fáceis de usar.

Em 2019, cerca de 6% das crianças de 6 a 7 anos na Alemanha já tinham seus próprios celulares. Entre as crianças de 8 a 9 anos, eram 33%, entre as de 10 a 11 anos, 75%, e entre as de 12 a 13 anos, 95%.¹⁸³

O que a revolução digital está fazendo com as crianças e adolescentes?

Milhares de pesquisas científicas investigaram os efeitos da nova atividade principal da maioria das pessoas na terra. Elas passam a maior parte do tempo olhando para telas: TV, *laptops*, *tablets*, celulares e consoles de *videogame*.

Os estudos documentam os efeitos prejudiciais no desenvolvimento cerebral das crianças, nas funções cerebrais dos adultos, na saúde, na mente e no comportamento social, com efeitos em toda a sociedade. Parece que as possibilidades técnicas aparentemente ilimitadas de

obter informação, se comunicar e se entreter, bem como a manipulação, colocaram a humanidade num estado de intoxicação, no qual ela fica cega para enxergar o pisca-alerta e as luzes de aviso.

Doentes por causa das mídias digitais

Ouvimos com frequência que devemos digitalizar as coisas mais rápido, em especial as escolas. Mas será que a mudança da aprendizagem, que será transferida da relação professor-aluno para o computador, e a mudança da vida social para as redes sociais são favoráveis à criação de jovens responsáveis, capazes, amigáveis e felizes?

Abaixo estão listados os riscos do uso excessivo de celulares e computadores, conforme foram resumidos pelo Dr. Manfred Spitzer e documentados por muitos estudos científicos:^{[184](#)}

- Falta de exercício, favorecendo o aparecimento de problemas posturais.
- Miopia.
- Obesidade.
- Pressão alta.
- Pré-diabetes.
- Falta de sono (o que causa fadiga diurna).
- Comportamento de risco no trânsito.
- Déficit de atenção.
- Ansiedade.
- Depressão (incluindo automutilação).
- Ideias suicidas.
- *Stress*.
- Dependência (computador, celulares, *internet*, jogos).
- Intenso consumo de álcool e tabaco.

- Fracasso escolar, incluindo aí o abandono dos estudos.
- Aumento da agressividade.
- Menos empatia pelos pais e amigos.
- Diminuição do poder de tomada de decisão independente.

A lista clama por medidas educativas e protetivas. Os pais e adolescentes são educados a respeito disso? Não! A Organização Mundial da Saúde e o governo estão tomando medidas para conter os danos a uma geração inteira? Não! Existem campanhas que alertem sobre os riscos do uso de celulares? Não! A responsabilidade recai sobre os pais que, conhecendo os perigos, estão desesperados para proteger seus filhos das tóxicas influências dos meios de comunicação digitais.

Os fatores mais importantes relativos a esses graves danos a longo prazo para a saúde física e mental e para o comportamento social são:

- A idade do usuário: quanto mais jovem, pior.
- A duração média do uso: quanto mais tempo, pior.
- O contexto socioeconômico: quanto mais baixos forem o nível econômico e a condição social, mais cedo, por mais tempo e de maneira mais indiscriminada é o uso da mídia por parte de pais e filhos.
- O conteúdo: quanto mais brutal, pior.

Mudanças no cérebro

O cérebro de um recém-nascido pesa 250 gramas, mais que triplica de tamanho no primeiro ano de vida, e continua seu rápido crescimento até o sexto ano. Ninguém aprende tanto em tão pouco tempo quanto uma criança pequena. Tudo o que a criança experimenta, aprende, sente, vê e compreende forma ligações no cérebro. As experiências traumáticas no primeiro ano deixam marcas indeléveis. Embora o cérebro praticamente pare de crescer por volta dos 20 anos, ele continua sendo um órgão flexível, capaz de aprender e de mudar ao longo da vida. *Use ou perca* é o lema do cérebro até a

velhice. Se e quando o cérebro de uma pessoa idosa se limita a perceber o presente imediato, o aparecimento da demência também depende das impressões da infância e da diversidade e intensidade das exigências do cérebro.¹⁸⁵ O cérebro nunca está cheio, porém pode ser “esvaziado” pelo uso de mídia, e então abastecido com lixo.

Modernos processos de imagem nos permitem observar o cérebro e determinar quais áreas estão mais ou menos ativas. Isso permite tirar conclusões sobre os efeitos do uso das mídias digitais. O *New York Times* noticiou um estudo realizado com crianças de 3 a 5 anos: quanto mais as crianças pequenas são expostas à tela — 41% têm vários dispositivos em seus quartos —, pior é o desenvolvimento das partes físicas correspondentes ao discurso e à linguagem.¹⁸⁶

Os danos ao desenvolvimento natural e saudável das crianças dão início a um declínio que começa quando elas são pequenas e olham, hipnotizadas, para as telas, e o “cordão umbilical”, ou a comunicação com a mãe, é cortado. Em vez de atenção constante, reação imediata às suas declarações e necessidades, olhares e gestos amorosos, segurança física e conforto, a criança é exposta à solidão das telas desde a infância. Quanto menos a mãe fala com a criança quando a TV está ligada, mais graves são os efeitos.¹⁸⁷

Em 2017, Marlene Motler, secretária antidrogas do governo federal alemão, apresentou os resultados do estudo BLIKK :¹⁸⁸ 5.573 pais e seus filhos, com idades entre 0 e 13 anos, foram perguntados a respeito de sua interação com as mídias digitais. 70% das crianças em idade pré-escolar usam os celulares dos pais durante mais de 30 minutos por dia. O estudo mostra a relação entre o uso da mídia por pais e filhos e a condição física e psicossocial das crianças. Eis aqui os resultados:

- Distúrbios alimentares e do sono em bebês, se a mãe usa mídias digitais quando está cuidando de seus filhos (por exemplo, se ela mantém o Facebook ativo enquanto amamenta).

- Distúrbios no desenvolvimento da linguagem devido ao uso diário de telas digitais.
- Hiperatividade e problemas de concentração em crianças de 2 a 5 anos de idade.
- Problemas de saúde mental em decorrência da inquietação e da distração (um precoce sinal de que irão se desenvolver outros distúrbios no futuro).
- Problemas de saúde mental em crianças de 8 a 13 anos que usam mídias digitais por mais de 60 minutos por dia.
- Excesso de peso ou obesidade devido ao aumento do consumo de doces e refrigerante combinado à falta de exercício. (De acordo com o Instituto Robert Koch, 15% das crianças apresentam excesso de peso e 6,3% delas são obesas — o dobro de 20 anos atrás).

A secretária federal antidrogas vê a necessidade de tomar medidas para o combate a esses problemas:

O estudo mostra as consequências para a saúde que as crianças podem sofrer se forem deixadas sozinhas no desenvolvimento de seus hábitos midiáticos sem a tutela dos pais, professores e médicos. É urgentemente necessário alertar os pais a respeito do uso da mídia. As crianças pequenas não precisam de celulares. Primeiro devem aprender a ficar de pé com segurança e com os próprios pés na vida real. O resultado é que já é tempo de dar mais atenção à utilização das mídias digitais — por parte dos pais, das escolas e de outras instituições educativas, mas também por parte dos políticos. No futuro, a utilização das mídias digitais deverá ser incluída em investigações de detecção precoce nas crianças em geral e em estudantes.

Os resultados do estudo BLIKK confirmam os estudos de longo prazo do prof. Christakis e sua equipe nos Estados Unidos.¹⁸⁹ O consumo precoce de TV, entre 1 e 3 anos, leva a distúrbios de atenção e hiperatividade (TDAH) por volta dos 7 anos. Quanto maior o uso da mídia, pior é o efeito. Cerca de um terço das crianças que assistem a

duas horas de TV por dia antes do segundo ano de vida acabam desenvolvendo TDAH aos 7. Em 2007, Christakis conduziu outro estudo com 1.800 crianças americanas, o qual mostrou que crianças abaixo dos 3 anos ficam sentadas em frente à TV durante uma média de duas horas por dia.¹⁹⁰ Isso prejudicará a sua capacidade para lidar com a matemática, a fala e a leitura aos 7 anos, independentemente da sua inteligência e da classe social dos seus pais.¹⁹¹

Se as crianças do ensino fundamental passarem muitas horas por dia na frente de telas, há um grande risco de falharem na vida. Um grupo de pesquisadores na Nova Zelândia, liderado por J. Hancox, mostrou num estudo, em 2004 e 2005, que crianças e jovens entre 5 e 15 anos que passavam mais de três horas por dia na frente da TV tinham menos probabilidade de, chegados aos 26 anos, terem terminado os estudos escolares, ao passo que os que passavam menos tempo vendo TV tinham, em sua maioria, diploma universitário.¹⁹²

Os estudos de Christakis e Hancox foram feitos antes de os celulares dominarem o mundo. As pessoas não tinham tv's em seus bolsos. Desde que os celulares se tornaram disponíveis, o uso de mídias digitais por várias horas ao dia, tanto pelas crianças quanto por seus pais, disparou.

Pais estressados de crianças estressadas com a creche, a pré-escola e o ensino fundamental entregam seus filhos às mídias digitais. Elas acalmam a criança por um tempo — mas a que preço! Pelo alívio momentâneo, pais e filhos pagam com uma crescente probabilidade de perturbações mentais e problemas de saúde: contínua inquietação da criança, incapacidade de brincar normalmente, distúrbios do sono, TDAH, falta de concentração, excesso de peso, miopia e maior propensão para a aquisição de vícios.

O uso das mídias por parte dos pais

O perigo para as crianças não reside apenas na duração da utilização de mídias digitais, mas também na forma como os pais utilizam essas

mesmas mídias.¹⁹³ O estudo BLIKK mostrou que os bebês têm dificuldade para se alimentar e para dormir se a atenção da mãe estiver no celular e não no filho. Esse tempo precioso não é realmente gasto com a criança se a mãe ou o pai usam celular ou *tablet* para navegar na *internet* e dela só desviam a atenção quando a criança expressa choramingando, gritando, chorando ou com outros sinais de desconforto o sofrimento por ter sido abandonada. Os pais muitas vezes respondem com raiva, repreendendo os filhos.

Quanto mais os pais usam as mídias digitais na presença dos filhos, mais difícil eles acham que é a criação desses filhos. Eles não reconhecem que sua própria distância emocional é o que torna essa criação difícil. Isso dá início a um círculo vicioso: o uso de celulares pelos pais, comportamento desordeiro por parte da criança, mais uso de mídia pelos pais, mais uso pelas crianças... O que está acontecendo com a criança? Por que ela está tão inquieta? Por que não pode brincar por si mesma, sem o uso de telas? Por que ela sempre parece tão triste? Por que na escola estão reclamando de sua agressividade? Não deveríamos levá-la a um terapeuta?

Mesmo as refeições em família — que se tornaram raras em muitos lares — deixaram de trazer união, porque o celular na mesa constantemente interrompe a comunicação. Alguém está sempre com o nariz no telefone — o que é observável onde quer que as pessoas se reúnam: em estações de trem, aeroportos, parques, cafés e em idas da família ao McDonald's. Os pais dão o exemplo e os filhos seguem.

Só um segundo para olhar a mensagem de texto, só uma resposta rápida, só uma verificação rápida no Facebook, tenho de atender esta rápida ligação... Tudo rápido e tão simultâneo quanto possível, na equivocada suposição de que não irá afetar quem o acompanha no momento. Na verdade, as pequenas interrupções matam a união. *Multitarefa* é do que precisamos agora para acompanhar o ritmo frenético do mundo digital. Alimente o bebê enquanto lê mensagens, coma e verifique *e-mails*, atenda ligações e responda a mensagens em qualquer lugar, com música de fundo.

O resultado é a incapacidade para concentrar-se. A atenção está desgastada e a capacidade de distinguir o que é e o que não é importante desapareceu. Muitos já não suportam o silêncio ou a solidão. A capacidade de concentração e de distinguir o que é importante e o que não é são condições essenciais para a força de caráter e a tomada de decisões livres. Tais coisas permitem o pensamento crítico, a autodeterminação e a orientação a objetivos. Como é que uma criança vai voltar sua atenção a um objetivo e direcionar suas energias por muito tempo se constantemente se permite ser desviada e, desde a pré-escola, não consegue se interessar pelas brincadeiras?

Solitárias e viciadas

As crianças crescem. Elas querem fazer o que todo mundo faz, e seus pais lhes querem dar o que outros pais dão aos seus filhos — ou seja, consoles de *videogame* e jogos de computador. Quase 40% dos meninos de 10 anos (e 16% das meninas) têm algum *videogame* no quarto.^{[194](#)}

O que uma criança faz com um *videogame*? Ela aperta botões e toca uma tela. Suas habilidades motoras finas não se desenvolvem. Sua respiração é ofegante, seus olhos ficam tensos, a atividade muscular é quase nula, bem como sua percepção do mundo exterior — e não há nada além de isolamento e solidão.

Se o jogo incluir redes virtuais com outros jogadores, existe a ilusão de pertencimento a uma comunidade. Mas, quando o *videogame* é desligado, horas depois, vem a solidão novamente: nada de falar, rir, caminhar, correr, lutar, nada de árvores, nada de campo, nada de esforço físico, nada de leitura, nada de desenvolvimento de habilidades artesanais ou de atividades musicais — nada de lição de casa.

O jovem jogador come *fast-food* distraidamente, mal se move, dorme pouco e não tem vontade de fazer nada além de jogar aquele jogo. O corpo fica cada vez mais gordo e flácido, os olhos ficam míopes (na Coreia do Sul, o país com maior densidade de celulares, 95% das pessoas com menos de 20 anos são míopes), as notas escolares diminuem, a entrada em grupos reais se torna mais rara — é de admirar que a depressão seja tão comum entre os jovens?

Uma pesquisa feita pela Bitcom, um grupo cujos interesses giram em torno da economia digital, mostrou que os jogos fazem parte do cotidiano da grande maioria dos jovens — eles jogam, em média, duas horas por dia.¹⁹⁵ Entre os jovens de 16 a 18 anos, um terço joga mais de três horas por dia, sendo que os rapazes o fazem muito mais do que as moças.

O jogo *online* World of Warcraft é um grande chamariz. Está no mercado alemão desde 2005 e é permitido para crianças a partir dos 12 anos. Um dos *trailers* mostra chamadas de proporções cósmicas, cenários de ameaças sobre-humanas, caretas satânicas, mulheres joviais e, no meio disso tudo, clarões que dizem: “ CEM MILHÕES DE JOGADORES... JÁ COMEÇARAM A AVENTURA... AGORA É SUA VEZ ”. De início, o menino de 12 anos pode jogar de graça por um mês. Depois disso, é altamente provável que ele se torne um entusiasta do jogo e convença seus pais a pagar de 11 a 13 euros por mês para ele continuar a jogar.

World of Warcraft foi projetado para viciar as pessoas. Quanto mais tempo a criança jogar, maior será a recompensa. Se não jogar regularmente, fica para trás. Para chegar à liderança do grupo, precisa jogar durante meses em uma comunidade de jogadores virtuais que será prejudicada caso ele saia. A lancinante dor da solidão, do vazio e do desamparo de uma criança abandonada, seja num cortiço ou numa casa luxuosa, é aplacada pelas ameaçadoras fantasias de poder e violência durante o jogo, apenas para reaparecer quando tudo acabar.

Os pais passam algumas poucas horas tranquilas longe da criança. Será que eles estão cientes do perigo de perder o filho para os jogos? Os estudos da Hancox (vide acima) mostram: para cada hora adicional de utilização das telas, o vínculo com os pais pode diminuir em 13% e o risco de perder a ligação com colegas e amigos pode aumentar em 24%.

Os jogos têm efeitos negativos no desempenho escolar. Um estudo feito pelo Instituto de Pesquisa Criminológica da Baixa Saxônia, liderado por Christian Pfeiffer, analisou em profundidade o fraco desempenho dos estudantes alemães nos exames do PISA de 2006. Cerca de um quinto dos estudantes da Alemanha — que já foi uma nação-modelo — caiu no “grupo de risco” em ciências naturais, leitura e matemática.

O que causou isso? Os cientistas sociais, em uníssono, concluíram: “Quanto mais tempo os estudantes passam consumindo mídia, e quanto mais brutal é o seu conteúdo, mais caem as suas notas escolares”.¹⁹⁶

Não só o tempo jogando, mas a intensidade da violência dos jogos também tem influência na deterioração do desempenho acadêmico. Os pesquisadores conjecturam que o conteúdo emocionalmente estressante prejudica o processamento de informações fundamentais no cérebro e enfraquece a capacidade de concentração.

Os jogos violentos dominam a mente dos jovens e entorpecem os sentidos, impedindo-os de perceber sentimentos mais sutis. Isso prejudica a formação de relacionamentos, que requer a capacidade de perceber os outros com sensibilidade.

Um indivíduo acostumado a ver cenas de violência e crueldade em telas se tornará mais indiferente à violência real no futuro.¹⁹⁷ É isso o que queremos? Queremos que não apareça ninguém para ajudar quando, no parquinho, alguém caído no chão levar um chute no rosto? Que todos no metrô fiquem em silêncio enquanto um velho apanha?

Queremos uma sociedade cada vez mais grosseira e brutal? Ninguém quer isso. Por que os jogos violentos não são totalmente proibidos? Depois do próximo massacre, os políticos voltarão a assistir às cerimônias fúnebres, sentados nos bancos com rostos sombrios, e deixarão que os seus porta-vozes anunciem que é preciso fazer alguma coisa em relação aos jogos violentos.

O uso excessivo de mídia pode levar ao vício. Seja qual for o vício — *internet*, celular, jogos, sexo ou drogas —, a pessoa deixa de ter controle sobre o próprio comportamento. O vício significa a perda do livre-arbítrio. Para se sentir bem, o viciado precisa fazer algo que o prejudique. O sistema hormonal de recompensa do cérebro começa a falhar, de modo que a pessoa precisa de estímulos cada vez mais fortes.

O estudo *Game Over*, de 2016, realizado pela DAK, uma empresa de assistência médica alemã, classifica 8,4% dos jovens do sexo masculino entre os 12 e os 25 anos como viciados em jogos, ao passo que apenas 2,9% das meninas e mulheres o são.¹⁹⁸ Os jovens viciados em jogos têm cada vez menos contato com amigos e familiares, acabam brigando constantemente com os pais, mal aparecem nas refeições em família e têm pior desempenho escolar.

Os que correm maior risco são os jovens de classes menos escolarizadas. Quanto mais baixas forem as condições sociais e econômicas da família, mais excessivo e descontrolado será o uso de mídia. De acordo com o estudo de Pfeiffer, um menino de 10 anos proveniente de uma família com baixa escolaridade e antecedentes migratórios, numa cidade do norte da Alemanha, consumirá cerca de quatro horas de mídia por dia escolar. Por outro lado, uma menina nativa do sul da Alemanha, da qual pelo menos um dos pais concluiu o ensino médio, consome apenas algo em torno de 45 minutos de mídia.

As meninas têm mais interesse em interações sociais e, portanto, estão um pouco à frente no uso das redes sociais. No geral, 85% usam redes sociais. Os dados estatísticos sobre o uso diário de Facebook,

Instagram, WhatsApp, Messenger etc. oscilam entre duas e três horas. Quanto mais tempo os jovens passam nas redes sociais, menos amizades de verdade eles têm. Isso deixa sobretudo as meninas tristes e deprimidas. O tamanho da área do cérebro relacionada a interações sociais é reduzido, diminuindo assim as habilidades sociais.^{[199](#)}

Ter muitos “amigos” *online* implica *status* e popularidade, mas no que diz respeito a relacionamentos sociais satisfatórios, são como tentar saciar a fome mascando chicletes. A constante estimulação digital pode esconder o vazio da vida social de uma pessoa e, portanto, tornar-se viciante. As pessoas podem até mesmo não usar nomes reais, e querem sempre parecer bem na frente de seus “amigos”. Elas mostram seu lado bom ou inventam um lado bom que não existe na realidade — mais um motivo para não se encontrarem na vida real. Dificilmente conseguem falar de maneira aberta sobre problemas sérios. Assim que alguém começa a irritá-las, elas clicam para sair de suas contas ou bloqueiam aqueles a quem consideram inconvenientes.

Pessoas que têm amigos na vida real, com quem se encontram em lugares reais — com frequência e tempo suficientes para que cresça e se aprofunde uma relação — também podem discutir notícias nas redes sociais sem sofrer nenhum ostracismo social.

Cyberbullying

Em público, costumava haver freios sociais, porque quem falava ou escrevia era visto como ser humano. Mas isso desapareceu com o anonimato na *internet*. Foi aberto caminho para um novo tipo de crueldade social, o *cyberbullying*. A *internet* se tornou o que era o pelourinho na Idade Média, com a diferença de que a *internet* é visível no mundo inteiro. O *cyberbullying* afeta os adultos no ambiente de trabalho, tal como afeta os jovens nas escolas. Um levantamento da

Forsa, feito para uma empresa de assistência médica alemã, apurou que 32% dos jovens entre os 14 e os 20 anos já foram vítimas de *cyberbullying*, e uma em cada cinco crianças do ensino fundamental já foi ameaçada ou insultada via celular. E 10% deles admitem que já praticaram *bullying*.²⁰⁰

O *bullying* é um tipo de assédio intencional de longo prazo ao qual um ou mais membros pertencentes a uma comunidade são submetidos sem ser capazes de se defender. Provocar, ridicularizar, ignorar, evitar, empurrar, olhar de maneira desagradável e proferir comentários zombeteiros são coisas que sempre foram comuns em salas de aula, mas, com a *internet*, as possibilidades de exposição e humilhação não se limitam mais ao grupo social imediato. Não há limites e eles podem se alastrar como um incêndio. O Facebook tem um vídeo alemão, “Aufstehen gegen Mobbing”²⁰¹ [Levantemo-nos contra o *bullying*], que trata da crueldade do *bullying*.

Sob uma falsa identidade, são espalhados rumores, publicadas informações confidenciais, exibidas fotografias com comentários maliciosos, muitas vezes com insultos sexistas, talvez até fotografias de nudez que qualquer pessoa pode ver, “curtir”, comentar e partilhar. Antes havia ao menos refúgio dentro de casa, mas não na era dos celulares.

Todo mundo quer pertencer a um ambiente social. Para tanto, as pessoas estão dispostas a esconder as próprias opiniões e uivar como lobos. As pessoas aguentam ser consideradas estranhas, mas certamente ser humilhadas por todo o grupo pode ter consequências gravíssimas. Ausência na escola, diminuição dos níveis de desempenho, insônia, ansiedade, desolação, dores de cabeça, dores estomacais, depressão prolongada e até suicídio. Uma vez que alguém se torna vítima de *bullying*, faça o que fizer, não consegue se desvencilhar desse papel de vítima. A vítima de *bullying* deve recorrer a autoridades fora do grupo — professores, organizações de assistência e até mesmo à polícia.²⁰² É crucial que a vítima trabalhe em conjunto com os pais e professores e que todo o grupo seja incluído.

Não são apenas os gordos, os burros e os impopulares que se tornam vítimas de *bullying* — também é possível ser alvo de ataques por ter uma beleza extraordinária ou ser muito bem-sucedido.

No *bullying* há uma distribuição de papéis: além do agressor e da vítima, há aqueles que ficam atrás, pendurados no cabo de reboque do agressor e se sentem poderosos por isso. Depois, há as pessoas que silenciosamente recuam e também, muitas vezes, alguém corajoso que sai em defesa das vítimas.^{[203](#)}

O *cyberbullying* é tão disseminado que existem muitas organizações de ajuda e prevenção contra ele. A escola deve reagir ao primeiro sinal de que uma turma está prestes a se desintegrar devido ao *bullying*. O pior método é retirar a vítima da aula, porque o agressor se sente vitorioso e o grupo descobre que o *bullying* funciona, resultando na exclusão da vítima. O *bullying* é um sinal para o aprofundamento das questões relativas ao comportamento social nas escolas, para o aumento da conscientização sobre ele e para transmitir exemplos positivos.^{[204](#)}

Fabricantes globais de consciência

As conclusões são alarmantes: a excessiva utilização das mídias digitais para entretenimento e comunicação afasta os jovens de si próprios, dos seus pais e dos amigos. Os meios que anteriormente eram centrais para o envolvimento cultural, como a leitura e a escrita, se deterioraram. Quase 20% das crianças em idade escolar na Alemanha são analfabetas funcionais. Agora são trocadas apenas informações digitais. *Emojis* engraçados evitam que as pessoas tenham o trabalho de formular frases. A gramática e a ortografia são truncadas ou simplesmente não são seguidas, e os alunos não as dominam quando necessário, como em provas por escrito ou em entrevistas orais.

Os relacionamentos se tornam mais superficiais ou são completamente rompidos. A solidão espreita nos minutos vagos e leva a pessoa — agora um *usuário* — a um vicioso círculo de uso cada vez mais prolongado das mídias digitais, com conteúdos que afetam a sua personalidade de maneira cada vez mais profunda. O usuário vive em um mundo delirante que jamais poderá satisfazer seus verdadeiros anseios — o da amizade, o de reconhecimento, o de amor, o de vivacidade, o de viver em um mundo interessante e cheio de desafios emocionantes que desenvolvam suas forças para que ele possa resistir aos contratempos e infortúnios e deles tirar lições.

Se a pessoa não tem nada disso, fica nas mãos dos grandes manipuladores. Tudo quanto abafa os anseios insaciáveis ou satisfaz com ilusões entra no espírito e na psique do usuário, que não percebe suas fraquezas e, portanto, não consegue ver que está sendo usado.

A manipulação é a arte de dirigir os outros de acordo com os próprios interesses, sem que eles saibam. Edward Bernays, sobrinho de Sigmund Freud, explica os métodos da manipulação em massa no seu famoso livro *Propaganda*, publicado em 1928 (!). A técnica de manipulação da consciência das massas é chamada de *engenharia do consentimento*. Ele escreveu:

A manipulação consciente e inteligente dos hábitos e opiniões organizados das massas é um elemento importante na sociedade democrática. Aqueles que manipulam esse mecanismo invisível da sociedade constituem um governo invisível que é o verdadeiro poder governante do nosso país [...]. Em quase todos os atos da nossa vida cotidiana, seja na esfera política ou dos negócios, na nossa conduta social ou no nosso pensamento ético, somos dominados por um número relativamente pequeno de pessoas [...] que compreendem os processos mentais e os padrões sociais das massas. São eles que puxam os fios que controlam as mentes do público.²⁰⁵

Mark Zuckerberg faz parte desse “número relativamente pequeno de pessoas que compreendem os processos mentais e os padrões sociais

das massas”... e as controla. Nos seus sonhos mais loucos, Bernays não teria imaginado os métodos de manipulação disponibilizados e utilizados após a invenção da *internet*, 80 anos depois — por uma empresa privada que pode dirigir a consciência e o comportamento de (até agora) mais de metade da humanidade, sem que as pessoas percebam.

Ele criou o Facebook em 2004. Segundo relatos, inicialmente ele só queria conectar os alunos de sua faculdade, mas ao mesmo tempo sonhava que um dia o mundo inteiro estaria conectado. Todavia, ele nunca imaginou que “seríamos nós”.²⁰⁶ Num espaço de 15 anos, Mark, o estudante, tornou-se um dos homens mais poderosos do mundo: em 2019, 2,7 bilhões de pessoas usaram o Facebook (incluindo os seus outros serviços, um crescimento de 9% em um ano), 381 milhões na Europa (metade de todos os residentes). A empresa teve receita de 162 bilhões de dólares, com crescimento de dois dígitos em relação ao ano anterior, 34 bilhões em lucros, sem o pagamento de impostos.

Tudo o que os 2,7 bilhões de pessoas postam, curtem, veem e pesquisam no Facebook é salvo. Os grandes alquimistas de dados combinam isso com outros serviços, como o WhatsApp, e criam um perfil contínuo de cada utilizador individual. Muitos usuários não sabem que seus dados pessoais são a moeda usada para pagar por esses fantásticos serviços “gratuitos”. Como diz o ditado na indústria tecnológica: “Se você não está pagando pelo produto, você é o produto”. Vocês são os produtos que os gigantes da *internet* estão vendendo. Com base nos nossos dados pessoais, que eles recolhem, notícias, publicidade e preços de bens de consumo podem ser oferecidos pessoalmente, o que significa que são perfeitamente adaptados ao gosto individual e — totalmente despercebidos — às intenções sociopolíticas dos gigantes da *internet*. A decisão independente sobre o que queremos saber é substituída pelo que “deveríamos” saber (veja abaixo). Os aplicativos tornam a vida tão simples que nos esquecemos de como viver com simplicidade.

Dispositivos com reconhecimento de voz, que fazem tudo o que é possível sob demanda, ao mesmo tempo gravam tudo o que dizemos em particular se estiverem conectados à *internet*. Já se foi o tempo em que as pessoas pensavam que a polícia secreta era responsável por coisas assim. Tudo isso produz *big data*, que pode ser usado para muitas coisas.

Esses dados podem informar aos fabricantes ou prestadores de serviços sobre o nosso comportamento de compra, de modo que os preços de uma passagem aérea ou de uma reserva de hotel sejam diferentes para um sujeito avaro e para um comprador preocupado com qualidade.

Os nossos dados podem ser vendidos a bancos e empresas que queiram saber algo sobre a nossa fiabilidade creditícia.

Os dados podem ser vendidos a políticos que queiram ganhar eleições, como ocorreu com o grande comerciante de dados Cambridge Analytica, que se descuidou e teve de encerrar as atividades.

As eleições podem ser vencidas por meio da *indução*: pequenos empurrões, contínuos e imperceptíveis, levam o usuário a uma decisão de votação específica.

A pressão para a conformação pode ser criada através de *curtidas*: se tantos dos meus amigos do Facebook curtiram Greta Thunberg, também acho que ela é legal, e, portanto, vou faltar à escola nesta sexta-feira, para salvar o mundo.

Os *rankings* das ferramentas de busca podem ser manipulados. O que aparece na primeira página de resultados influencia mais as decisões de compra e a formação de opinião do que o que aparece na terceira página.

Exércitos de trolls podem ser usados para espalhar desinformação a pessoas específicas.

Os *bots* podem ser usados para multiplicar notícias e mensagens automaticamente, para que seja aumentado o entusiasmo em torno de uma pessoa ou evento.

Declarações politicamente incorretas podem ser classificadas como *discurso de ódio* e censuradas.

Há muito mais que pode ser feito sem que o usuário explorado tenha a menor ideia. A manipulação funciona no escuro e foge da luz. Julia Kruger, especialista científica em política na *internet*, escreveu o seguinte:

O que deveria ser motivo de maior preocupação é o fato de os métodos de seleção e coordenação de notícias serem desenvolvidos e introduzidos sem qualquer transparência ou consentimento. Apesar dos grandes riscos e problemas de manipulação, o Facebook recusa o acesso a dados relevantes por parte do público, de investigadores e especialistas [...]. Experimentos sobre a utilização dos meios de comunicação para fins políticos são vendidos como forma de promover a liberdade e a democracia. Em verdade, faltam completamente contra os princípios básicos da democracia: separação de poderes, controle da autoridade do Estado e participação.^{[207](#)}

Em outras palavras: a democracia se torna um teatro de marionetes. As pessoas que controlam os cordelinhos estão tão escondidas no mundo digital como o marionetista está no teatro. Por trás da manipulação, das opiniões, das tendências, das campanhas, das necessidades, das decisões de compra e do comportamento eleitoral, há julgamentos de valor. Quais? Quem os faz?

Logicamente, Mark Zuckerberg quer apenas o que é melhor para nós. Ele nos informa:

Sentimo-nos responsáveis por garantir que os nossos serviços não sejam apenas divertidos de usar, mas também bons para o bem-estar

das pessoas. A pesquisa mostra que pode ser bom para o nosso bem-estar usarmos as redes sociais para nos conectarmos com pessoas de quem gostamos. Pode ser que nos sintamos mais conectados e nossa solidão diminua, o que está correlacionado com medidas de felicidade e saúde a longo prazo.²⁰⁸

As pesquisas e o senso comum também mostram que é prejudicial para a nossa saúde e para a nossa felicidade passarmos muitas horas por dia no mundo virtual, com “amigos” virtuais, em vez de em relações no mundo real com pessoas reais.

Mark Zuckerberg acredita que não é possível chegar a uma definição explícita de valores para a população mundial. Também não é necessário, porque os gigantes da *internet*, a ONU e a UE, a maior parte da mídia, as empresas globais, as fundações multibilionárias e as universidades, todos concordam: a população deve ser reduzida, o aborto é um direito humano, a agenda LGBTQI deve ser apoiada, a dissolução da identidade nacional através da migração é um imperativo humano, salvar o clima é uma questão de sobrevivência para a humanidade, os homens são algozes e as mulheres, suas vítimas, a direita é má e a esquerda é boa.

Zuckerberg e seus companheiros são os criadores do chamado *mainstream*. Ele agora, generosamente, irá introduzir um *ranking* para usuários: estes devem julgar por si próprios se confiam numa determinada fonte de notícias. As massas deveriam decidir juntas quais notícias são impor tantes, aceitáveis e “verdadeiras”. Isso completa o círculo. As pessoas são separadas das coisas que formam suas identidades: crenças, família, nação, gênero. Elas cambaleiam em suas juventudes sem nenhuma conexão ou instrução, e procuram refúgio entre pessoas da mesma idade, que são igualmente carentes e solitárias. Nenhum núcleo interno firme pode se formar para capacitá-las a julgar por si mesmas, então elas continuam carentes, depressivas e cada vez mais facilmente seduzíveis. Assim, a população se torna uma massa flexível à manipulação por corporações da *internet*, que lhes fogem totalmente ao controle. Com métodos altamente desenvolvidos

de direcionamento da consciência e de comportamento, as pessoas agem como os novos senhores do mundo querem que elas ajam; então lhes é concedida a “liberdade” de decidir quais informações são verdadeiras ou falsas.

11. PORNOGRAFIA — CORRUPÇÃO DA ALMA DAS CRIANÇAS

Não é a geração mais jovem que está se deteriorando — ela só apodrece se os adultos já estiverem podres.

— Montesquieu

“A dignidade humana”, diz o primeiro artigo da Constituição alemã. Por que alguém tem dignidade? Porque é uma pessoa com livre-arbítrio e razão. Não é um objeto a ser usado para qualquer propósito. Usá-lo é ir contra sua dignidade.

Saber disso não requer nenhuma Constituição ou filosofia, apenas a pergunta: “Eu gostaria de ser usado para algum propósito?”. Todos encontrarão a resposta em seus corações: “Não, não quero ser usado — quero que a minha dignidade seja respeitada”.

Usar uma pessoa quer dizer que essa pessoa se torna um instrumento para fins definidos por outra. Ela é transformada em um objeto.

Existe uma desproporção de poder entre o usuário e o usado. Nem mesmo uma criança quer ser usada. Uma boa educação depende de o adulto, que detém o poder, respeitar a criança impotente.

A pior forma de desrespeito à dignidade humana é a escravidão: “Você pertence a mim”. Já a maior forma de respeito pela dignidade

humana é o amor: “Eu pertenço a você”.

Onde se encaixa a pornografia nesse espectro? A pornografia é uma representação visual do comportamento sexual feita para produzir excitação sexual no espectador. O sexo obceca as pessoas e as afeta em todos os sentidos. Se uma pessoa tenta separar o corpo da alma, o amor foge horrorizado.

Em dezembro de 2019, qualquer um que pesquisasse “XXX” no Google, a abreviatura utilizada para pornografia, teria obtido 1.420.000.000 resultados. Em abril de 2020 esse número já era de 1.900.000.000. Um terço das pesquisas feitas na *internet* procuravam por pornografia. Isso significa que o lado positivo da nossa sociedade, em que reside a dignidade das pessoas, e seu direito de existir, paira sobre um submundo sombrio, no qual a dignidade de uma pessoa é destruída — não apenas a dignidade das mulheres que são humilhadas, degradadas, espancadas, amarradas, amordaçadas e torturadas para despertar a luxúria sexual em milhões de espectadores, mas também a dignidade de quem se satisfaz diante da tela. Eles não encontram paz, mas podem deslizar por uma escorregadia ladeira rumo ao vício e ao crime.

Por trás de tudo isso está uma indústria mundial de bilhões de dólares, na qual os homens tratam as mulheres e as *crianças* como lixo. O mercado da pornografia infantil está em franco crescimento. Só na Alemanha a polícia recebeu 35.000 queixas em 2017. Destes, 14.900 casos foram verificados, enquanto 40% deles sequer foram verificados.^{[209](#)} Na UE, centenas de milhares de crianças são traficadas. Milhares de pessoas foram raptadas e desapareceram para sempre.^{[210](#)}

A pornografia infantil está se espalhando pela *internet*. Em 7 de outubro de 2019, o *New York Times* informou: “No ano passado, as empresas de tecnologia relataram a existência de mais de 45 milhões de fotos e vídeos *online* de crianças sendo abusadas sexualmente — mais do que o dobro do que fora encontrado no ano anterior”.

Quando a polícia investigou assustadores casos de abuso infantil na cidade alemã de Bergisch Gladbach em 2020, deparou-se com 30.000 suspeitos — e não, não se trata de um erro de impressão, foram mesmo trinta mil! O que veio à tona foi “profundamente angustiante”, disse o ministro da justiça da Renânia do Norte, Vestfália. “Temos de compreender que o abuso infantil na *internet* é muito mais frequente do que pensávamos”.

Uma sociedade que nada num esgoto de obscenidades não é capaz de proteger as crianças da pornografia. Mesmo que pais responsáveis não deem um celular aos seus filhos e o seu acesso à *internet* seja limitado por filtros contra pornografia e violência, algum colega da escola pode mostrar-lhes vídeos pornográficos.

Há 11 anos (2009), metade de todas as crianças entre os 11 e os 13 anos tinham visto imagens ou filmes pornográficos,^{[211](#)} muitas delas quando eram ainda mais novas.^{[212](#)} Entre os jovens de 13 a 19 anos, a pornografia na *internet* faz parte da vida cotidiana — e a tendência é o consumo aumentar.^{[213](#)}

O primeiro contato com a sexualidade num contexto de violência, humilhação e perversidade pode ser traumatizante — tanto mais quanto mais nova for a criança. As meninas geralmente ficam enojadas com isso e, portanto, são menos ameaçadas do que os meninos, mas entre estes a repulsa logo é superada pela excitação sexual.

Num artigo *online*, publicado no jornal alemão *Die Zeit*, o escritor Anselm Neft descreve o início da própria educação sexual, iniciada aos 9 anos, com imagens pornográficas, numa “atmosfera de curiosidade, vergonha e degradação”.^{[214](#)} Os meninos que se gabavam de já ter dormido com meninas tornaram-se seus heróis, ao passo que as meninas que haviam dormido com eles eram “vadias”. “Achei repugnante o modo como as mulheres eram tratadas na pornografia, mas ao mesmo tempo aquilo também me excitou [...]. O sexo se tornou onipresente, aleatório, impessoal, obsessivo e desprovido de significado”. O autor explica que, no complexo processo de tornar-se

homem, “o consumo de pornografia foi um rápido atalho para a instauração de um sentimento de masculinidade [...] sem nenhuma obrigação emocional, devoção ou vulnerabilidade da minha parte”. Um homem precisa de pornografia porque se sente pequeno, e se sente pequeno porque precisa de pornografia. Um modelo de negócios de primeira, projetado para fazer com que os clientes voltem sempre.

A pornografia realmente causa dependência e altera a química do cérebro. O sistema de recompensa hormonal do cérebro fica hiperativado e passa a exigir doses cada vez maiores. Na pornografia, a substância viciante é a ultrapassagem das fronteiras sexuais: primeiro as mulheres como vítimas, depois as crianças, em seguida os bebês — e metade do mundo assiste a essas coisas. A parte mais insidiosa da pornografia é que mesmo que o sujeito tenha conseguido se desvencilhar dela, ele continua a ser perseguido pelas imagens ao longo de anos e décadas, porque elas ficam gravadas no cérebro. Em contraste com o corpo, que pode expelir certas quantidades de substâncias venenosas, essas imagens que desencadeiam fortes emoções de choque, medo, ameaça e excitação sexual deixam marcas indeléveis no cérebro. Elas ressurgem de forma angustiante, mesmo depois de a sexualidade há muito ter se tornado uma expressão de devoção amorosa a uma pessoa do sexo oposto.

Quão terrível é quando uma criança obtém as suas primeiras impressões do maravilhoso fenômeno da sexualidade através de imagens de abuso brutal e descaradas exhibições de atos íntimos! Em nenhum lugar a pessoa fica tão fragilizada quanto nesse “jardim” de intimidade, onde só o amor deve ser a chave de abertura para a proteção da dignidade da pessoa. A criança fica emocionada, chocada, envergonhada e sente que é culpada, assim não contando nada aos pais. Mas, como tudo o que é proibido é atraente, especialmente para os rapazes, e porque tornar-se homem tem algo a ver com “fazer tantas coisas proibidas quanto for possível, como beber, fumar, parecer descolado, magoar a si mesmo e aos outros” (Anselm Neft), então surge uma força viciante para aqueles que se iniciam no mundo da masturbação: a autossatisfação como forma de saciedade da

insegurança e da falta de sentido a curto prazo. O sexo é, assim, desvinculado do seu propósito real, da devoção a uma pessoa real e da criação dos filhos. O sexo se torna uma fuga da solidão em direção à solidão.

Nos jovens, o consumo de pornografia leva a:

- Fixar a sexualidade na ideia de tudo girar em torno de impulsos satisfatórios.
- Estereótipos de gênero: o homem como ser brutal e machista, a mulher como um objeto sexual a ser humilhado.
- Insegurança como homens ou mulheres, porque pensam que não são suficientemente viris ou bonitos para atender aos padrões da sociedade.
- Sexo precoce descompromissado, sem relacionamento, sexo de risco com mudança de parceiros.
- Expectativas pervertidas no que diz respeito ao parceiro real.
- Representar na realidade o que é visto na pornografia.
- Abuso sexual de crianças por crianças.
- Desconsiderar a ideia do casamento e da família como modelo para a própria vida.^{[215](#)}

Se os políticos abordarem esse assunto, verão que na maioria das vezes se trata de acabar com a pornografia infantil e o consumo de pornografia por adolescentes. Mas as crianças fazem o que os adultos fazem. As crianças são curiosas e querem explorar o mundo. Elas querem trazer à luz os segredos dos adultos. Mas a degradação do sexo também afeta os adultos.

A pornografia é um assassino de primeira ordem do casamento e da família. Aqueles que consomem pornografia se distanciam emocionalmente de seus parceiros. Eles se tornam incapazes de amar e de expressar o seu amor com ternura e respeito profundo. Confrontam suas esposas com pedidos sexuais perversos e acabam por perder o interesse nelas e nos filhos. Vivem num contínuo estado de adultério

virtual, que mais cedo ou mais tarde se transforma em adultério real... e por fim em divórcio.^{[216](#) [217](#)}

Quanta ironia! Quanta hipocrisia! O mundo fala de dignidade durante o dia e à noite viola essa mesma dignidade. O mundo diurno luta para libertar as mulheres da opressão patriarcal, e o mundo noturno degrada as mulheres e as transforma em objetos de brutal exploração sexual. Durante o dia, o feminismo degrada os homens e os torna fracos, e à noite os chama de estupradores.

Poderia a pornografia ser a vingança de homens que já não são respeitados como lutadores, protetores e pais?

O que os pais podem fazer?

Não existe solução simples. Estamos no meio da revolução digital e ela continua avançando. As crianças devem aprender “competências midiáticas”, como se costuma dizer. Naturalmente, as crianças devem aprender a lidar com as mídias digitais, porque elas fazem parte de nossa vida. As pessoas que quisessem resolver o problema evitando-o teriam de viver isoladas, como os Amish, que até hoje não usam eletricidade.

Sem dúvida, o uso de mídias digitais por parte das crianças deve ser monitorado: é preciso esperar o máximo possível para lhes dar celulares. O acesso à *internet* deve ser permitido apenas em uma área por onde todos transitam na casa. Com filtros para impedir que vejam sexo e violência. Sem celulares na escola, sem celulares no quarto.

O fato de a nossa sociedade não estabelecer limites à contaminação por pornografia não é um sinal de liberdade, mas sim de perda maciça de liberdade em decorrência de um vício. A produção e a utilização de pornografia devem ser proibidas e penalizadas, porque destroem indivíduos, famílias, crianças e toda a sociedade.

A questão crucial para os pais é: será que a criança conseguiu desenvolver a sua própria consciência para distinguir o certo do

errado, para escolher o que é bom, para dar prioridade às amizades reais em detrimento das virtuais, às brincadeiras verdadeiras em vez dos botões do controle de *videogame*, ao movimento real em vez da mobilidade virtual? Para tanto, a criança precisa de autocontrole, da formação da consciência, dos interesses como motivação para conquistas e da boa autoestima, que advém de tudo isso. Portanto, os jovens precisam de um vínculo ininterrupto com os pais, e saber que estes os amam pelo que eles são.

12. DIVÓRCIO — O INCRUENTO SACRIFÍCIO DE CRIANÇAS

Senti-me arrancado como uma árvore cujas raízes ficaram pairando no ar. Meu universo foi reduzido a pedacinhos. Fiquei com medo — nada mais era certo ou previsível. Perdi a confiança em mim e nos outros. Sempre senti que algo ruim poderia acontecer a qualquer momento. Não havia mais volta para casa.

— Testemunho de uma vítima do divórcio, *Primal Loss*

Um homem e uma mulher se conhecem. Uma chama se acende em seus corações. As pessoas costumam dizer que o Cupido atirou suas flechas e fez nascer essa atração irresistível. A palavra latina *cupidus* significa sensual, apaixonado.

Leva algum tempo até os dois se desvencilharem da cegueira causada pela flecha do Cupido, para acordarem e verem que devem pôr-se diante de Deus e da comunidade e dizer “Eu aceito”, até que a morte os separe. Os dois passam no teste aos olhos um do outro. Eles se casam e partem juntos para a grande aventura de serem pais.

Nasce uma criança. Com profundo espanto, eles olham para o pequeno ser indefeso em seus braços, que depende totalmente de seu amor e cuidado. Os pais estão preparados para fazer grandes sacrifícios pelo filho e obter a mais profunda alegria através do vínculo existencial e indissolúvel com a criança enquanto ela cresce.

No triângulo com mãe e pai, um menino ou menina aprende o que é ser homem ou mulher. Eles aprendem a iniciar relacionamentos com o sexo oposto. Eles encontram lugar entre os irmãos. Nesta forma frágil chamada de família, a criança aprende continuamente, em especial com o que vê e vivencia — muito mais do que com o que os outros dizem.

Em toda família há conflitos. Todos nascemos egoístas e entramos no casamento com marcas e lesões que podem virar tudo de cabeça para baixo. Pode haver desordem e problemas na casa da família: falta energia, o fogão deixa de funcionar, as portas emperram, o porão fica úmido — e é função dos pais colocar tudo de volta em ordem, especialmente para drenar o porão inundado de sua psique. Os pais mostram aos filhos, por meio do exemplo, como resolver conflitos, como restaurar a paz antes que seja tarde demais? Na verdade, os filhos aguentam muita coisa e perdoam quase tudo aos pais, desde que tudo possa ser consertado e as coisas voltem ao normal: *nós pertencemos um ao outro!*

O divórcio destrói os alicerces. Parte da casa, talvez até a casa inteira, se torna inabitável. Um ou mais membros da família se mudam para sempre. *Nós já não pertencemos um ao outro!* Pai e mãe foram a base da existência da criança, deram-lhe segurança, proteção, um lar, uma identidade e um sentimento de pertencimento. Se os pais se separarem, a criança perde a segurança, a proteção, o lar, a identidade e o sentimento de pertencimento. Ela perde o chão sob os seus pés. Para uma criança, o divórcio é um terremoto cujas consequências continuarão durante décadas de sua vida.

Por que a nossa sociedade considera apenas a “felicidade” dos pais e ignora o sofrimento dos filhos? Por que os filhos, que ainda têm toda a vida pela frente, sacrificam sua felicidade e as suas oportunidades para que um de seus pais seja mais feliz em um novo relacionamento, ou no próximo ou no seguinte? A relação parental se baseia na livre decisão de criar um vínculo para o resto da vida. A relação da criança com os pais não depende de seu próprio arbítrio e não pode ser revogada. A criança é obrigada a viver em meio aos escombros do casamento.

Eis aqui algumas consequências possíveis: depressão, ansiedade, solidão, baixa autoestima, fracasso escolar, incapacidade de resolver conflitos, automutilação, suicídio, doenças crônicas, abuso de drogas e álcool, condenações criminais, sexo precoce e promíscuo, aborto, pobreza, incapacidade de se relacionar com outras pessoas, divórcio no próprio casamento e, portanto, outra geração de filhos do divórcio.

Trata-se de um acrescido risco de desestruturação das vidas das vítimas de divórcio, mas não é inevitável. Esses riscos estão documentados por uma ampla variedade de estudos científicos. A situação inicial, os cenários, o comportamento dos pais divorciados e a reação dos filhos são diferentes em cada caso individual. Muitas crianças são resilientes e podem sair mais ou menos ilesas disso tudo. Mas todos terão o tapete puxado e precisarão transitar ao longo da vida entre os pais divorciados e os futuros parceiros destes, os irmãos e todos os novos “parentes”.

Por que a sociedade não vê nada de errado quando os pais esperam que os seus filhos aguentem tudo isso e exigem que eles aceitem sem reclamar? Viver a partir de agora com apenas um dos pais; trocar de casa a cada duas semanas, fazer parte de uma família retalhada; ter de aceitar o novo parceiro da mãe ou do pai, mesmo quando isso dilacera-lhes o coração?

A resposta é tão simples quanto difícil de enxergar — para que a questão da culpa nunca seja levantada. Muitos estados dos EUA eliminaram o princípio da culpa no divórcio por volta de 1970. Na

Alemanha, basta que um casal viva separado durante um ano, após o qual um dos parceiros pode divorciar-se mesmo contra a vontade do outro.

Uma amnésia coletiva avessa à culpa se alastrou por toda parte. Divórcio? Sem problemas! Um carrossel de amantes, filhos fora do casamento, coabitação sem casamento — não há problema para ninguém, nem mesmo para pessoas de alto escalão do governo.

Se um pai de três filhos descobre a sua verdadeira identidade depois dos 50 anos e contrai um novo “casamento” com um homem, seu círculo social e os meios de comunicação em massa, e talvez sua própria esposa, são pródigos em compreensão para com ele, tal como aconteceu com a família real do Reino Unido em 2018: Lord Ivar Mountbatten, primo da rainha, pai de três filhas, divorciou-se de sua esposa e “casou-se” com um homem numa cerimônia religiosa. Sua esposa Penny o acompanhou até o altar e o entregou ao namorado. Alguém perguntou às três filhas como foi a experiência para elas? Mas os sentimentos das crianças não contam... a vida lhes dá limões e elas têm de fazer limonada.

A lei passou para o lado dos adultos e lhes garante todos os tipos de necessidades emocionais e sexuais, com o mínimo de complicações possível.

Não há dúvida: pode haver, nas famílias, abuso emocional, físico e sexual que torne a separação imperativa — até mesmo para o bem dos filhos. Mas essa não é senão uma pequena parcela dos casos — menos de 10% deles. Na maioria das vezes, a separação é justificada pelo “amor”. Ou ele “não está mais lá” ou trocou de objeto. Mas a falta de amor não isenta ninguém de culpa. É apenas uma ocultação. O amor emocional não é um polo magnético para o qual a consciência pode determinar sua própria direção — é apenas um sentimento passageiro que não tem memória e cega as pessoas no início das relações.

O divórcio é como um vírus infeccioso contra o qual não há meios de se proteger. Todo mundo conhece casais divorciados e todo mundo conhece filhos de pais divorciados.

A opção paira como um fantasma sobre o casamento.

Em números:^{[218](#)}

- Em 2018, havia vinte milhões de casais registrados na Alemanha, dos quais 83% são casados. Destes, 56% não têm filhos. 3,3 milhões vivem juntos sem estar casados. Destes, 68% não têm filhos.
- Em 2017, 74% dos filhos menores cresceram com ambos os pais (como filhos biológicos, enteados ou filhos adotivos).
- Em 1961, a Alemanha registrou 700.000 casamentos e 135.000 divórcios. Em 2016 foram 410.000 casamentos e 162.000 divórcios. Isso significa que entre 1961 e 2016 a porcentagem de casamentos que terminaram em divórcio cresceu de 19% para 40%.
- Metade dos casais divorciados tinha filhos. Em 2016, 132 mil crianças eram órfãs filhas de pais divorciados. Desde 1991, em toda a Alemanha, houve mais de quatro milhões de vítimas de divórcio.
- Entre 2007 e 2017, o número de casais que coabitam aumentou em 31%, e o número de casais com filhos menores aumentou em 38%, indo para 934 mil.
- Uma em cada cinco crianças — isto é, 2,4 milhões — vive com apenas um dos pais, em nove de cada dez casos, a mãe. A maioria dos pais solteiros recebe auxílios governamentais.
- A parcela de casais do mesmo sexo é de 1,8%. Entre os casais com filhos, 0,15% são do mesmo sexo.
- A duração das relações de coabitação é consideravelmente mais curta do que a dos casamentos, e o risco para os filhos de os pais se separarem é 90% maior do que para filhos nascidos no casamento.^{[219](#)} Eles não aparecem nas estatísticas de divórcio.

Testemunhos do sofrimento dos filhos de pais divorciados

O quanto os filhos sofrem pode ser visto no livro *Primal Loss — The Now-Adult Children of Divorce Speak*. (Abaixo, os filhos adultos de pais divorciados serão referidos como “ACD”).²²⁰ A editora, Leila Miller, fez estas perguntas, entre outras, a 70 pessoas cujos pais se divorciaram, divórcios estes que ocorreram em diferentes momentos da infância:

- Que efeito teve sobre você o divórcio dos seus pais?
- Qual é a diferença, para você, do sentimento com relação ao divórcio que tinha na infância e o que tem agora, depois de adulto?
- O divórcio dos seus pais afetou o seu próprio casamento ou a sua visão sobre o casamento?
- O que você gostaria de dizer às pessoas que acreditam que “as crianças são resilientes”, “elas ficam felizes quando seus pais estão felizes” e “os filhos de pais divorciados ficarão bem e viverão uma vida bem-sucedida”?
- O que você mais deseja que os adultos de nossa sociedade saibam a respeito de como o divórcio afeta as crianças?

Eis aqui o que os adultos disseram, anos e décadas após o divórcio de seus pais:

- Dói, dói, dói.
- As crianças não são resilientes. Crianças são frágeis.
- Quero que os adultos saibam que o divórcio arrasa as crianças. Destrói as estruturas de seu ser. Permeia todos os aspectos de suas vidas.
- Superem o egoísmo e aprendam a sofrer um com o outro.

Famílias cortadas ao meio

Há uma razão pela qual a palavra “pais” é usada assim no plural. Cada pai é e continua sendo apenas uma parte do todo. A criança precisa do espaço entre pai e mãe para se desenvolver e se encontrar como homem ou mulher.

O divórcio é como uma fissão nuclear. Não há mais um único polo, mas dois que mutuamente se repelem. Todas as relações em uma família divorciada mudam, e muitas são destruídas mesmo se os pais tentam evitar conflitos, o que muitas vezes não é possível, mesmo que tenham a melhor das intenções.

Até a relação com os irmãos muda. Eles não são mais uma comunidade unida sob o teto dos pais. Podem agora ser separados uns dos outros e divididos entre os pais. Eles estão em lados opostos emocionalmente? Será que uma criança mais velha de repente tem de assumir deveres e responsabilidades pelas crianças mais novas? Às vezes, os irmãos podem ficar juntos e aumentar sua proximidade, mas geralmente ficam reduzidos à solidão, traumatizados.

Quando era pequeno, me desliguei de minhas emoções, porque aquilo era demais para mim. (acd)

Todos são obrigados a tomar partido: avós, irmãos, amigos e conhecidos. E as crianças estão divididas entre tudo isso. Elas são como bolinhas de pingue-pongue jogadas entre o pai e a mãe, tentando manter o apego a ambos os pais para não perder a base de sua própria existência.

*Quero agradar a ambos. Não quero incomodar nenhum deles. Quero que ambos sejam felizes, para que nenhum fique triste por minha causa.*²²¹

O pensamento principal da criança é: meu pai ou minha mãe me abandonou. O que eu fiz? É minha culpa? As crianças se torturam com

sentimentos subconscientes de culpa por uma situação em que são as verdadeiras vítimas.

De uma hora para outra, ficam sozinhas com um dos pais, geralmente a mãe. O pai se muda. Muitas vezes, o divórcio é acompanhado por uma ruptura financeira entre os pais, que agora vivem separados, gerando efeitos negativos sobre os filhos. Na Alemanha, 40% das mães solteiras recebem seguro-desemprego. A conversa sobre “pobreza infantil” faz parecer que as crianças têm independência e obscurece a causa principal: a dissolução familiar. Os pais divorciados devem manter duas famílias, fazer pagamentos de pensão alimentícia, e podem ter de dar apoio financeiro aos filhos do novo relacionamento. Os pais solteiros têm de trabalhar o dia todo e, muitas vezes, não há ninguém em casa para cuidar dos filhos, a não ser telas luminosas.

Todos os envolvidos ficam sobrecarregados. A dor da mãe enche a casa como uma fornalha ardente, e ninguém reconhece a dor do filho. Ninguém está lá para ajudá-lo a lidar com as suas mágoas. Mesmo que ele já seja um adolescente quando o divórcio acontece, continua a precisar da ajuda de ambos os pais para navegar do período confuso da adolescência até a idade adulta.

Muitas vezes fiquei triste, mas nunca, nunca falei sobre meus sentimentos ou procurei entender minhas próprias emoções. Não tenho certeza se isso teve alguma coisa a ver com o fato de eu ter me tornado promíscua a partir do ensino médio, sempre buscando amor e carinho. (acd)

A criança não quer tomar partido, mas é obrigada a fazê-lo, direta ou indiretamente. Ela tem de aceitar o novo parceiro da mãe ou do pai, e se esforça profundamente para isso, ao mesmo tempo compartilhando do sofrimento e da solidão do cônjuge abandonado.

A guarda conjunta também é difícil: os pais dividem a custódia e os custos de sustento, com a criança alternando entre casas a cada uma

ou duas semanas. De uma forma ou de outra, a criança pode manter o relacionamento com ambos os pais, mas a que custo? Arrumar suas coisas quinzenalmente, não poder encontrar os amigos onde mora, ter de se inserir em outra família sem reclamar. Ou, em algumas famílias americanas desestruturadas, a criança fica num lar permanente e o pai ou mãe sai de casa a cada duas semanas para dar lugar ao outro progenitor que tem a custódia.

Parecemos resilientes porque não expressamos as nossas emoções nem as nossas mágoas. Por quê? Porque nossos pais negarão os nossos sentimentos com sua opressiva e indiferente propaganda “contra meu casamento com seu pai/mãe”, fazendo lavagem cerebral em nós, levando-nos a adentrar um universo paralelo em que ouvimos os gritos: “não tenho direito de sentir-me arrasado porque meus pais são divorciados”, já que os meus pais estão felizes com isso e só os sentimentos deles importam! (acd)

A família adotiva

Muitas vezes o cônjuge que vai embora já tem um novo companheiro ou imediatamente inicia um novo relacionamento. Ele ou ela faz uma pausa e começa uma nova vida num outro lugar. Surge uma família adotiva. Talvez o novo parceiro traga filhos da relação anterior para o relacionamento, talvez ambos o façam, e talvez acabem tendo filhos juntos — como no desfecho da velha piada: “Os seus filhos e os meus filhos estão batendo nos nossos filhos”. Talvez eles se casem e os filhos tenham de participar do casamento.

O termo inventado para esse conglomerado de pessoas feridas é “família de retalhos”. Isso evoca a imagem de uma linda colcha feita de diversos quadrados de tecido. A palavra “adotiva” traz associações diferentes, sobretudo a desagradável madrasta dos contos de fadas, que é a personificação do mal. Relacionamentos por adoção são relacionamentos familiares sem vínculo sanguíneo. Eles geralmente não vão tão bem.

Madrastas e padrastos em geral têm boas intenções ao começar em seu novo papel como parte do tapete de trapos que agora é sua família. Seu amor pelo novo cônjuge os torna dispostos a aceitar seus filhos e a ser um segundo pai ou uma segunda mãe. As crianças podem ser mimadas com presentes. As pessoas fazem o seu melhor.

Apenas *uma* mãe e *um* pai seriam suficientes para a criança. E apenas *uma* casa. Duas casas *não* constituem um lar. O coração da criança sangra. Ela sente com cada fibra de sua existência que esse estranho ou estranha não deveria estar ao lado de sua mãe ou de seu pai. Dói-lhe ter de experimentar essa “nova felicidade” na qual ela é tão infeliz, assim como seu pai que foi deixado.

Sou um homem de 39 anos e nunca me sentirei confortável em ver minha mãe com outro homem ou meu pai com outra mulher. (acd)

Frequentemente, ambos os pais brincam de cabo de guerra com a criança. Esta quer fazer o que é certo para ambos, porque caso contrário perderá a mãe ou o pai. Não tem permissão para mostrar seu sofrimento, mas sofre e tem de fingir o contrário. Ela sente que não é senão um obstáculo para o novo relacionamento.

A felicidade do atual casal romântico sempre supera a felicidade do filho. Sempre. (acd)

Os relacionamentos em uma família adotiva são sempre complexos e tensos. Ninguém queria que fosse assim — nem o novo casal, nem o parceiro que foi deixado, nem os filhos abandonados. A nova família não tem por base a lealdade, o esforço, o sacrifício, o crescimento e a constante luta por amor, mas sim uma pilha de fragmentos deixados por promessas desfeitas, deslealdade, egoísmo e autorrealização a qualquer preço. Como pais, o homem e a mulher no novo relacionamento não tiveram a capacidade de conduzir o navio da família para desviar das pedras que se interpuseram no caminho, então onde eles conseguirão a força, a sabedoria e o altruísmo necessários para guiar os membros feridos da família adotiva?

Para piorar a situação, com todos os novos casamentos após o divórcio, há meios-irmãos, enteados, filhos do primeiro e do segundo e do terceiro casamentos também — todos os quais devemos considerar membros da “família”, mesmo quando nossos pais rejeitaram a noção mesma e o alicerce da família, ou seja, o casamento para a vida toda. E então, só para tornar as coisas ainda mais divertidas: temos alguns pais que não se casaram outra vez. Portanto, estão sozinhos, solitários e confiam em nós para preencher esse vazio — que nunca poderemos preencher, porque não podemos ser o cônjuge sempre presente. E então nos sentimos culpados por não estar mais preocupados, presentes ou os apoiando em seu novo namoro ou casamento. (acd)

Todos foram magoados. Sob a tentativa de consertar tudo, fervilha um mar de sofrimento, reprovação, sentimentos de culpa, ira, ciúme, lealdades contraditórias e irresolvidas.

Ele idolatra o filho do primeiro casamento e o prefere em relação a mim. Ele não diz nada quando, na manhã de domingo, o menino liga o cd player tão alto que nosso bebê acorda de seu sono, e então tenho de ouvir que, para começo de conversa, não quero o menino aqui, que ele é apenas uma criança, apesar de tudo, e não há por favor ou obrigado. A segunda família sempre fica em segundo plano — a mãe da criança ainda adora meu parceiro. Essa dor e angústia nos olhos dela fazem com que me sinta culpada por ter despedaçado uma família, o sonho de ser sua mulher aos poucos desaparece, e agora ela nos trouxe os dois meninos com tdah, porque não os aguenta mais, eles precisam de limites, mas temos ideias diferentes acerca disso. Sou sempre a vilã, eles são desavergonhados e desrespeitosos comigo, mas o pai deles sempre os desculpa — sua consciência pesada parece tão forte que ele nem percebe como sua nova família está se afastando cada vez mais. Não, eu não amo o filho dele. Conto as horas enquanto ele está aqui. Eu já teria ido embora há muito tempo se não amasse tanto esse homem. Não importa o que eu faça, de alguma forma é sempre errado.^{[222](#)}

Expor o sofrimento das crianças não significa negar que também existem famílias fragmentadas que, depois de muitos anos, conseguiram relaxar até certo ponto umas com as outras, celebrar juntas os dias comemorativos e talvez até construir relacionamentos mais íntimos. Isso só acontece quando os elementos constitutivos conseguem perdoar, pedir perdão, reconduzir suas próprias vidas e reconhecer o sofrimento daqueles que tiveram de se adaptar a uma nova família. A primeira esposa e seus filhos estão no banco da frente. A segunda esposa sempre ficará no banco de trás. Se ela não conseguir aceitar que é a número dois, pode se tornar gananciosa e querer tudo para si quando da leitura do testamento. Viver de forma destrutiva o insatisfatório anseio de ser o único é ter uma imagem distorcida do anseio do coração humano por um amor verdadeiro e constante.

O divórcio, para os adultos, é uma crise que eles mais cedo ou mais tarde superarão. Às vezes ficam realmente felizes na sua nova vida e conseguem superar os desafios da segunda parceria. Já para as crianças, o divórcio não é um mero acontecimento que elas podem enfrentar aos poucos e logo deixar para trás, pois representa uma contínua mudança do panorama e das suas condições de vida. A tentativa dos pais de se separar de maneira suave pode transformar-se numa completa guerra. Os pais iniciam novos relacionamentos e talvez enteados e meios-irmãos tenham de encontrar seu lugar no novo sistema familiar, talvez várias vezes. Os avós tomam partido e possivelmente se afastam do neto. Muitas vezes o pai se distancia do relacionamento e da responsabilidade para com o filho. Este então deve adaptar-se continuamente a novas constelações sociais e emocionais numa idade em que necessita de sua energia e do apoio dos pais para amadurecer e se tornar um adulto independente.

O que diz a ciência sobre o sofrimento dos filhos de pais divorciados

A primeira pesquisadora social a quebrar o tabu da discussão acerca do sofrimento das vítimas de divórcio foi a psicóloga americana Judith Wallerstein. Começando no início da década de 1970, quando as taxas de divórcio começaram a acelerar, ela realizou um estudo de longo prazo com 130 vítimas de divórcio, no qual as questionou em intervalos regulares ao longo de 25 anos.^{[223](#)}

As crianças com desenvolvimento normal tinham entre 2 ½ e 6 anos de idade quando os pais se separaram permanentemente. O mundo tornou-se perigoso para elas. As crianças sentiram-se solitárias e abandonadas e foram deixadas para serem cuidadas por estranhos ou irmãos mais velhos. Vinte e cinco anos depois, elas contaram sobre sua tristeza, raiva impotente e sentimento de exposição. O trauma retornou em pesadelos durante anos.

Na adolescência, as crianças apresentaram menor resistência às drogas, ao álcool e à atividade sexual precoce. Um terço dos inquiridos não recebeu nenhum tipo de educação após o ensino médio e 40% deles ficaram abaixo do nível socioeconômico de seus pais. Um quarto dos pais deixou de sustentar os filhos depois de eles terem completado 18 anos, e o contato diminuiu com o passar dos anos. As relações com os padrastos e irmãos adotivos eram quase sempre difíceis e o pingue-pongue entre as duas famílias era exaustivo. As crianças deixadas para trás assumiram a responsabilidade emocional pelo pai abandonado. Densas sombras foram projetadas sobre as ideias do próprio casamento e da constituição de uma família. “Serei traído e deixado à própria sorte se permitir que alguém se aproxime de mim ou se me casar?”. Esses eram seus medos angustiantes.

Judith Wallerstein colocou o dedo numa ferida — a ideia de que apenas as necessidades dos pais importam e de que os filhos devem se resignar o mais rápido possível. Os tribunais, os advogados e os assistentes sociais presumiam que a criança recuperaria rapidamente o equilíbrio assim que a então crise do divórcio passasse. Muitas vezes esse não é o caso dos cônjuges que se divorciam, e quase nunca o dos filhos.

Em contraste com a experiência dos adultos, o auge do sofrimento da criança não é alcançado quando a crise é mais aguda e depois diminui progressivamente. Pelo contrário, o divórcio é uma experiência cumulativa para a criança. Seus efeitos aumentam com o passar do tempo. Em cada fase do desenvolvimento, as consequências são sentidas de modo diferente [...]. Nos primeiros 30 anos da vida do filho, os efeitos do divórcio dos pais repercutem de maneira contínua.^{[224](#)}

Isso não significa que todos os filhos de pais divorciados se tornem adultos tristes e fracassados. Mas o divórcio dos pais lança uma sombra sobre sua existência.

Muitos estudos confirmam os resultados de Wallerstein. Na década de 1990, Paul Amato e Bruce Keith conduziram uma meta-análise (um resumo dos resultados de pesquisas existentes) de 92 estudos que comparavam as diferenças entre crianças de famílias intactas e as que eram filhas de pais divorciados. Todos os estudos mostraram que: “A ideia de que o divórcio parental tem somente leves consequências a longo prazo para o desenvolvimento da criança contradiz esta relevante pesquisa”.^{[225](#)} Como reagimos quando a base da nossa existência entra em colapso? Geralmente com ansiedade e depressão. E as crianças também! Os estudos científicos mostram que filhos de pais divorciados têm maior probabilidade de se sentir tristes, ansiosos, deprimidos ou solitários. Sua autoestima e autoconfiança vão por água abaixo. Eles temem a rejeição e se afastam de amigos e familiares. Ou podem tornar-se combativos e violentos, muitas vezes autodestrutivos ou suicidas.^{[226](#)}

As crianças que roubam, esmurram, agitam a turma, zombam dos outros, expelem palavrões sexistas e racistas raramente vêm de famílias nas quais se sentem seguras e amadas, onde os pais transmitem segurança e autoconfiança e onde limites são estabelecidos.

O trauma do divórcio aparece no desempenho escolar. Uma criança deprimida e ansiosa, que tem seus alicerces existenciais abalados, além de tudo não consegue aprender. Sua energia é absorvida pelo caos interno e externo de sua vida. Os filhos do divórcio geralmente ficam atrasados na escola. Eles tendem a faltar à aula ou até mesmo a desistir completamente dos estudos, e é raro receberem treinamento ou irem para a faculdade depois do ensino médio, porque simplesmente não conseguem.

Os distúrbios mentais aparecem em sintomas físicos. O risco de TDAH (em meninos), anorexia e bulimia (em meninas), automutilação, asma e câncer é consideravelmente maior do que entre crianças de famílias que tenham permanecido inalteradas. Um estudo demonstrou que sua expectativa de vida diminui em quatro anos e meio.^{[227](#)}

O que as pessoas fazem quando não conseguem suportar sua dor? Elas fumam, pegam garrafas e bebem até desmaiar, usam drogas, desenvolvem distúrbios alimentares e até se machucam. O abuso de drogas é quatro vezes maior em filhos de pais divorciados do que entre filhos de famílias que permanecem intactas.

Assim, eles enveredam por um caminho escorregadio e muitas vezes caem em atividades criminosas, especialmente quando o pai é ausente.^{[228](#)}

Um filho de pais divorciados anseia por amor e cuidado. Ele viu um amor fragmentado entre os pais, num casamento em que muitas vezes um dos cônjuges foi infiel. Nenhuma ideia de bom casamento lhe foi transmitida. Durante muitas horas ao dia, a vida privada, que na verdade deveria ser um refúgio, é inundada pela TV com dramas

sexualizados de relacionamentos rompidos. Estes são modelos que fazem com que todos os tipos de comportamentos destrutivos, desenfreados e egoístas pareçam “normais”.

Depois de a criança ter sido sexualizada na escola, a puberdade abre a oportunidade de fugir da depressão e do desamparo através das relações sexuais. Geralmente dois adolescentes pobres e feridos, sedentos por amor, acabam na cama — e logo ficam amargamente desapontados. O sexo pode tornar-se viciante, o que aliviará a dor a curto prazo, mas lançará a pessoa num caos interior e exterior ainda pior, que tenderá a diminuir o respeito dela por si mesma.

As relações sexuais precoces são mais comuns entre filhos de mães solteiras. Quanto mais cedo o pai sair de casa, maior será a probabilidade de a filha ter relações sexuais e acabar grávida. As meninas que crescem sem pai têm sete vezes mais risco de engravidar na adolescência.^{[229](#)}

Os filhos de pais divorciados temem profundamente que seu próprio casamento também desmorone. Eles podem confiar pouco no parceiro e recear que seu futuro casamento seja repleto de conflitos, de infidelidade ou de abusos, e que acabem deixando seus cônjuges.

Esses não são medos infundados. Os filhos que sobreviveram ao divórcio dos pais têm o dobro da probabilidade de se divorciarem quando se casarem.

É preciso destacar mais uma vez: estamos falando de riscos e probabilidades estatísticas, não de inevitabilidades causais. Toda configuração é única, assim como as relações das pessoas afetadas. Por vezes há pessoas prestativas fora da família, por vezes os irmãos ajudam uns aos outros, por vezes a vítima do divórcio desenvolve uma firme determinação em relação ao casamento e à paternidade, que para ela devem ser fiéis e indissolúveis. Algumas pessoas encontram o caminho em direção a Deus, são ajudadas e acabam sendo curadas.

Pais, cadê vocês?

Milhões de crianças crescem sem pai. Na maior parte dos divórcios, o pai vai embora e a mãe fica sozinha com os filhos. Os filhos de mães solteiras muitas vezes não têm uma relação consistente com nenhum homem até a idade adulta, não só porque quase todos os seus cuidadores são mulheres, mas também porque três quartos dos professores também o são. O fato de, no nosso sistema educacional, os meninos serem deixados para trás pelas meninas, obterem notas piores e com mais frequência abandonarem a escola sem se formarem tem sido alardeado aos quatro ventos. O motivo: os meninos estão em desvantagem na pré-escola e no ensino fundamental porque já não podem agir como meninos.

As oportunidades das crianças vítimas do desmantelamento e da eliminação da paternidade na vida decrescem enormemente. Elas sofrem com:

- Mais pobreza.
- Mais problemas comportamentais.
- Mais gravidezes na adolescência.
- Mais vitimização sexual.
- Mais abuso de drogas e de álcool.
- Mais obesidade.
- Mais abandono escolar.
- Mais delinquência juvenil. [230](#)

Se olharmos para os antecedentes familiares dos grupos de risco, veremos que a situação é ainda mais dramática. A grande maioria destas crianças e adolescentes sofreadores vem de famílias sem pai:

- 63% dos jovens que cometem suicídio.
- 76% dos que abandonam a escola.
- 74% das adolescentes que engravidam.

- 90% das crianças que fogem e ficam desabrigadas.
- 70% dos jovens residindo em instalações governamentais.
- 85% dos jovens reclusos.
- 75% dos jovens em centros de reabilitação de drogas.
- 88% das crianças e dos adolescentes desajustados.^{[231](#)}

Por trás desses números há uma grande miséria que desvia as crianças e os adolescentes do caminho certo na vida, com consequências imprevisíveis para as gerações futuras e para a sociedade como um todo. Em pouco tempo, essas crianças e adolescentes atingirão a maioridade e serão cidadãos plenos nesta democracia. Quão responsabilmente eles se comportarão? Quão capazes e dispostos a alcançar o sucesso eles serão? Se quiserem ter filhos, que tipo de pais e mães eles se tornarão?

Para as moças, o pai não é menos importante do que para os rapazes, mas a relação com o sexo oposto é mais complicada, porque existe uma subcorrente erótica que não deve transbordar as margens. O pai é o primeiro amor de uma menina, e as suas primeiras relações com os homens serão mais tarde influenciadas pela dinâmica da sua relação com o pai. Ela reconhece a sua beleza através dos olhos do pai. A sua autoconfiança também depende significativamente do fato de ela admirar o pai e de o seu forte e admirado pai a reconhecer, encorajar e ter confiança de que ela pode fazer algo notável. Essa confiança do pai é como um cheque em branco para o futuro que a criança vai descontar com o passar do tempo. O pai confia apenas no filho ou também na filha para resolver problemas de aritmética, manusear ferramentas, vencer partidas esportivas e assumir responsabilidades? O fato de o pai dizer: “Estou orgulhoso de você” é um bilhete grátis para o sucesso.

Nenhum pai forte usa o poder verbal ou físico para bater ou humilhar um filho. Um pai forte impõe limites, porque é capaz de impor limites a si próprio. Ele exige desempenho e disciplina porque ele próprio é capaz de desempenho e disciplina. Um pai forte tem um coração compassivo e respeita a personalidade do seu filho. Não

domina a criança, mas explica-lhe com firmeza e paciência o que faz e o que espera dela. Um pai forte apoia a sua mulher, e sua mulher o apoia. Ele protege a sua família.

Duas mães e dois pais — nenhuma diferença?

As pessoas ficaram tão embriagadas com o espírito do progresso técnico que pensam que também podem sujeitar a natureza humana ao seu poder: eu decido se sou homem ou mulher. Eu decido se meu filho ainda não nascido pode viver, deve morrer ou se será produzido em laboratório. Eu decido o que é um casamento e o que é uma família. Eu sou meu próprio deus.

No início do terceiro milênio depois de Cristo, os tribunais e os legisladores decidiram que o casamento é para *todos*. Ao longo de toda a história ocidental, o casamento foi o vínculo entre um homem e uma mulher que estavam prontos a dar a vida aos filhos e a criá-los até a idade adulta. O *casamento* — fundamento da família — é agora, por lei, permitido a dois homens ou duas mulheres, e também àqueles que já foram mulheres e agora são homens ou que já foram homens e agora são mulheres. Isso levanta a questão acerca do que realmente constitui a vida e a existência — o poder linguístico e jurídico dos políticos e juízes, ou a realidade de um corpo de carne e osso?

Desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, ocorreu uma profunda transformação, que Grégor Puppink, diretor do Centro Europeu de Direito e Justiça, descreve desta forma:

Embora os direitos humanos declarados em 1948 expressassem os direitos naturais dos seres humanos, desde então a difusão do

individualismo deu origem a direitos não naturais, como o direito à eutanásia e ao aborto, que, por sua vez, deram origem a novos direitos trans-humanos que levam à redefinição dos direitos autorizados pela natureza: o direito à eugenia, o direito a uma criança ou o direito à mudança de sexo. Esse desenvolvimento atesta uma mudança profunda na compreensão da dignidade humana, que é cada vez mais reduzida à vontade do indivíduo ou da mente dos seres humanos em oposição ao seu corpo, representando toda a negação da natureza e a restrição da existência humana como libertação e progresso.²³²

As sociedades têm valores fundamentais que as mantêm unidas se forem partilhados pela grande maioria da população. Esses valores têm suas raízes na religião de cada sociedade. Para a única cultura europeia de sucesso, foi o Cristianismo. As pessoas sabiam que havia um Deus justo e misericordioso acima delas, que estabelecia limites a caprichos arbitrários. Mas, no mundo ocidental, a fé cristã está prestes a desaparecer devido a um apego impróprio ao espírito da época. Isso faz decair os valores fundamentais que unificaram a sociedade. As sociedades sem religião têm vida curta, porque tudo o que resta são indivíduos lutando por poder e por privilégios. Se tais privilégios não forem concedidos, o grito será estridente: *Direitos humanos! Igualdade! Discriminação!* A palavra latina *discrimen* significa distinção. Não são mais permitidas distinções entre uma forma social em que as crianças vêm ao mundo e que é boa para elas, e outra forma social que nunca produz crianças e que, portanto, é ruim para elas.

Assim, por decisão judicial e decreto legislativo, mesmo dois homens ou duas mulheres podem ir ao juiz de paz e casar, ser abençoados por pastores protestantes e talvez, em pouco tempo, até por padres católicos, se prevalecerem aqueles que querem transformar a Igreja de último bastião da razão num seguidor cego da última moda social.

Quem se casa afirma ter “direito a um filho”. Se um “casal” do mesmo sexo, que não pode naturalmente ter filhos, for recusado, isso constituirá “discriminação” e uma violação de um suposto “direito

humano” *do adulto*. Mas não existe tal direito a filhos em nenhuma Constituição nacional nem em nenhuma declaração internacional de direitos humanos. Ele existe apenas na mentalidade individualista da sociedade ocidental.

Para realmente implementá-lo, dois homens ou duas mulheres têm de seguir o caminho da reprodução artificial ou da adoção.

Dois homens precisam comprar óvulos e alugar um útero para ter um filho. Apenas um deles será o pai biológico. O desajuste entre os pais está incluído no bolo. Com quem se parecerá a criança?

Duas mulheres precisam comprar sêmen. Ou apenas uma é mãe, ou há uma mãe principal e uma mãe secundária. Ou as duas praticam uma espécie de maternidade compartilhada. Uma doa os óvulos e a outra carrega a criança. Mesmo aqui a dinâmica familiar está acentuadamente distorcida no que diz respeito à mãe biológica e à sua parceira. Com quem se parecerá a criança? O ministro da justiça alemão propôs um projeto de lei para incluir duas mães e nenhum pai na certidão de nascimento da criança, embora a razão e a realidade indiquem que deve haver um pai *em algum lugar*.

Outra possibilidade é a adoção. Com base no princípio do “nariz de camelo debaixo da tenda”, a adoção de crianças por parceiros do mesmo sexo que vivem juntos foi legalizada na Alemanha em três etapas:

Em 2005, a adoção de enteados — um dos parceiros poderia adotar o filho do outro.

Em 2013, a adoção sucessiva — o filho *adotado* de um parceiro poderia ser adotado pelo outro.

Em 2017, o direito completo à adoção — parceiros do mesmo sexo poderiam adotar conjuntamente filhos não-biológicos.

Alguém pergunta como vão as coisas para as crianças? Uma criança cresce com mãe e pai. O casamento vai mal e os pais se separam, o que é traumático para qualquer criança. O filho é cedido ao pai, que estabelece nova parceria com um homem, ou à mãe, que inicia nova parceria com uma mulher. A criança poderia, de alguma forma, se adaptar aos pais separados, mas a adoção pelo novo parceiro corta a relação com o pai ou com a mãe que foi deixado ou deixada. Como a criança é dependente, deve aceitar o novo parceiro do pai ou da mãe como “segundo pai” ou “segunda mãe”.

Até agora os critérios para adoção têm sido rigorosos. Geralmente, os pais adotivos têm de ser casados e capazes de “aceitar emocionalmente a criança como se fosse sua e oferecer-lhe condições adequadas de socialização”. Agora a criança pode ser adotada por dois “pais” ou duas “mães”. Não apenas perde os pais, mas os arquétipos de pai e mãe são dissolvidos, e a criança é obrigada a crescer num ambiente homossexual, que entre os homens é geralmente promíscuo.^{[233](#)}

De que forma o menino ou a menina se sentirão quando os novos pais forem buscá-los na escola ou quando eles quiserem levar amiguinhos para casa? Como a criança lidará com seus sentimentos de tristeza, depressão, desamparo e perda de direção, se todos disserem: “É completamente normal! Está tudo bem! É tudo de bom!”, mesmo que nada esteja normal e tudo esteja desordenado? Como serão formadas as relações com os parentes, com os muitos avós que a criança tem agora, ou com aqueles parentes que rejeitam esse estilo de vida e que nada têm a ver com ela? Que cosmovisão a criança forma — consciente ou inconscientemente? No que ela pode confiar e como deve se desenvolver?

“Nenhuma diferença”?

Existem muitos estudos científicos sobre como as crianças se comportam com “pais” do mesmo sexo. O problema é que o princípio fundamental da ciência de lutar pela verdade objetiva tem sido gradualmente destruído pelo politicamente correto. O dinheiro, a

posição acadêmica e a publicidade estão todos reservados àqueles que apoiam a agenda do movimento LGBTQI . Aqueles que abertamente se opõem a ela com argumentos válidos não recebem dinheiro, não conseguem posições acadêmicas e estão fora da publicidade, tendo de lidar com a difamação e, possivelmente, a perda de seus empregos no processo. É por isso que os meios de comunicação em massa apresentam os chamados estudos científicos que aparentemente provam que é tudo a mesma coisa para as crianças, quer elas cresçam com os seus pais biológicos, quer um “casal” do mesmo sexo tenha assumido o papel. As universidades e a mídia alardeiam: “Nenhuma diferença!”, “nenhuma diferença!”.

Num parecer de peritos sobre a decisão da Suprema Corte dos EUA quanto ao “casamento” entre pessoas do mesmo sexo, em 2015, os renomados professores Loren Marks, Mark Regnerus e Paul Sullins declararam:

O suposto consenso de que as crianças não sofrem com nenhuma desvantagem tendo pais do mesmo sexo trata-se tão somente de um produto, não de uma investigação científica objetiva, e sim de uma intensa politização das agendas de pesquisa nas associações de ciências sociais. [...] Dadas as crescentes evidências dos efeitos prejudiciais causados às crianças criadas em famílias com pais do mesmo sexo, pode-se dizer que as leis estaduais que restringem o casamento a parceiros do sexo oposto têm uma base racional.^{[234](#)}

O cientista social Mark Regnerus se tornou conhecido mundialmente porque ousou refutar a ideia politicamente correta de que “não há diferença” com base numa investigação científica séria (*New Family Structure Study*).^{[235](#)} Foram feitas tentativas de acabar com o seu trabalho científico, mas os seus resultados mostraram-se inequívocos contra a torrente de críticas ideológicas.

Todas as desvantagens que as crianças de famílias heterossexuais desestruturadas têm em comparação com as de famílias intactas

também ocorrem com crianças que crescem em lares chefiados por pais do mesmo sexo — além de algumas outras:

Pior desempenho escolar, transtornos mentais, depressão e, à medida que envelhecem,²³⁶ maior tendência ao suicídio, à obesidade, à vitimização sexual,²³⁷ a se identificarem como *gays* ou lésbicas, a ter parceiros sexuais do mesmo sexo. Quando adultos, é mais provável que sejam solteiros, infiéis e que tenham contraído doenças sexualmente transmissíveis. Com mais frequência recebem assistência social, são mais propensos a consumir álcool, cigarros de marijuana, a passar mais tempo em frente a telas luminosas e a cometer crimes.

Nenhuma diferença? Realmente nenhuma diferença?

Qual é a opinião das crianças afetadas, agora crescidas, a quem ninguém perguntou se queriam ser separadas de seus pais biológicos e criadas por dois parceiros do mesmo sexo?

Eis aqui o que Katy Faust, que cresceu num lar lésbico após o divórcio dos seus pais, disse aos juízes da Suprema Corte:

Somos feitos para conhecer e ser conhecidos por nossos pais. Quando um deles se ausenta, essa ausência deixa uma ferida aberta por toda a vida. [...] A criação de políticas que intencionalmente privem as crianças dos seus direitos fundamentais é algo que não devemos apoiar, incentivar ou promover. [...] Leva-nos muito além da nossa filosofia de “viver e deixar viver”, para uma terra na qual a nossa sociedade promove uma estrutura familiar onde as crianças *sempre* sairão perdendo.²³⁸

As vítimas da imprudente afirmação do poder dos adultos à custa das crianças arriscam a sua existência social e profissional se falarem sobre os seus sofrimentos. Dawn Stefanowicz, que cresceu sob o teto de um pai homossexual promíscuo, no entanto o fez:

Quando crianças, não temos permissão para expressar a nossa discordância, a nossa dor e a nossa confusão. A maioria dos filhos adultos de famílias homossexuais não se sente segura ou livre para expressar publicamente as suas histórias e desafios ao longo da vida; eles temem perder carteiras profissionais, não conseguir mais empregos em suas respectivas áreas, ser afastados de alguns membros da família ou perder qualquer relacionamento que tenham com seus pais *gays*.^{[239](#)}

Mais uma vez, Katy Faust, que em vão tentou abrandar os corações dos juízes que pretendem virar de cabeça para baixo a estrutura básica da sociedade:

Estamos agora normalizando uma estrutura familiar em que a criança, dia após dia e sempre, é privada da influência de um dos dois sexos e da relação com pelo menos um dos progenitores naturais. A nossa cultura agora diz às crianças que elas não têm direito a uma estrutura familiar natural e aos seus pais biológicos, mas que, na verdade, devem ceder às necessidades sexuais dos adultos.

Que expressão encantadora: “família arco-íris”. Supõe-se que seja colorida e divertida a experiência em famílias onde as crianças são deliberadamente retiradas da presença de pelo menos um dos pais, nas quais é impedida de crescer na “triangulação” entre pai e mãe. Na realidade, contudo, essas famílias não são coloridas, mas sim monocromáticas, porque os pais têm apenas um sexo. Que golpe de gênio usar o símbolo do vínculo entre Deus e a humanidade (Gn 9, 8–17) para legitimar um estilo de vida ao qual o conceito bíblico de casamento se opõe de maneira profunda.

O desejo de procriar e ter filhos está ancorado na vontade de vida de cada pessoa, tal como a necessidade de amar os filhos. Quando isso não for possível, seja numa relação heterossexual ou homossexual, os direitos da criança dependente não devem ser sacrificados às necessidades dos adultos — por respeito à dignidade da criança.

13. A FAMÍLIA — O BIÓTOPO HUMANO

Os jovens devem ser tratados com respeito, porque como é possível saber se o futuro não será melhor do que hoje?

— Confúcio

A sociedade está numa encruzilhada: continuar a difamar a família nuclear composta por pai, mãe e filhos, chamando-a de ultrapassada, levar famílias com mais de dois filhos à pobreza, produzir cada vez mais crianças infelizes com patologias comportamentais e, assim, gerar miséria sem fim e problemas insolúveis em toda a sociedade — ou seguir o outro caminho e realmente promover as condições de que as famílias necessitam para sobreviver e prosperar. Para tanto, os políticos devem enfim acabar com o domínio das ideologias que destroem a família e com os lobbies que fomentam essas mesmas ideologias. 70% das crianças na Alemanha vivem com pais casados, mesmo nos dias de hoje, e mais da metade de todos os casamentos prosperam e não terminam em divórcio. Eles devem ser fortalecidos porque, de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a família é “a unidade grupal natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado”.

A família é anterior ao Estado. Este depende da família, e não o contrário. Todo mundo tem pai e mãe e deve sua existência à fusão do espermatozoide do pai com o óvulo da mãe. O novo ser humano é “osso do osso” dos seus pais biológicos. Portanto, em cada coração humano existe um desejo ardente de ser amado e cuidado pelos pais e de ver na sua unidade a imagem espelhada da sua própria existência ontológica. Se o vínculo entre os pais for rompido, por qualquer motivo, isso causará um grande sofrimento, em primeiro lugar para a criança, mas também para os pais, cujo desejo por um amor

duradouro acabará frustrado. Isto leva a uma crescente desintegração de toda a sociedade. Portanto, a batalha pela família é a mais importante do nosso tempo.

Medidas concretas para o fortalecimento da família devem incluir:

- Cursos aprofundados de preparação para o casamento.
- Proteção do direito da criança à vida desde a concepção.
- Empréstimos para famílias em seu início e apoio à aquisição de casa própria com redução progressiva e reembolso de acordo com o número de crianças.
- Redução progressiva de impostos segundo a quantidade de filhos e até isenção total.
- Verdadeira liberdade de escolha entre cuidar dos filhos em casa e o cuidado externo através de apoio financeiro igualitário.
- Crédito de pensão adequado para anos passados cuidando de crianças em casa.
- Auxílio eficaz para reentrada no mercado de trabalho após afastamento para cuidar dos filhos.
- Educação familiar em vez de educação sexual na escola.

Na Europa, um país implementou muitas dessas medidas e pode ser considerado um laboratório quanto à sua eficácia — a Hungria. Os resultados mostram que as medidas pró-família podem conduzir a mudanças espetaculares em poucos anos: a taxa de divórcios caiu quase um quarto na Hungria, e o número de casamentos aumentou quase em metade. O número de abortos diminuiu em um terço e a taxa de natalidade passou de 1,23 filhos por mulher para 1,5. Esse ainda não é o nível suficiente para reposição, mas o navio está dando meia-volta.

Mesmo que os políticos da maior parte dos outros países europeus estejam arrancando das famílias os fundamentos materiais e sociais, ninguém pode impedir um homem e uma mulher de formar seu

próprio biótopo familiar. Isto requer um objetivo de vida, determinação, coragem e confiança nas forças do bem nesta vida.

Um casamento estável e sem conflitos é a condição prévia mais importante para o desenvolvimento das crianças. Por esta razão, é crucial escolher um parceiro de forma consciente. Quando alguém diz: “Eu te amo”, pode ser enganação. Já quando é dito: “Quero casar com você”, a coisa começa a ficar interessante. Compartilhamos do mesmo objetivo de vida? Compartilhamos dos valores mais importantes? Como conciliaremos os trabalhos familiar e profissional? Quantos filhos queremos? Como iremos criá-los? Este livro deve fornecer bastante material para esclarecer as posições dos possíveis cônjuges. Vale a pena conversar sobre tudo antes de casar.

Se os dois lados forem aprovados no teste, e ambos concordarem total e completamente com o “até que a morte nos separe”, será então lançada a base para a construção de uma família forte. Uma casa de pedra é desejável, mas uma casa de amor é o que determina tudo. Deve ser preenchida com o riso das crianças — com brincadeiras e trabalho, com carinho e conversa, reconciliação após conflito, amigos das crianças e dos pais, músicas e festas, união inquebrantável — em uma palavra, com vida. O amor dos pais um pelo outro cria as condições para que os filhos cresçam e prosperem. Eles consideram esse amor óbvio e indissolúvel. Os laços familiares são fortes e duradouros. Se forem rompidos, as crianças ficam profundamente desapontadas. Elas merecem que eles sejam confiáveis.

Os pais que desejam criar filhos saudáveis, capazes e amorosos só terão sucesso se não fizerem o que “todo mundo” está fazendo e não se permitirem ser desencaminhados pela propaganda do governo e da mídia.

Eles colocarão o filho no centro de suas vidas e se concentrarão em garantir que suas necessidades básicas sejam satisfeitas.

Eles não entregarão o filho pequeno aos cuidados coletivos de estranhos — como poderiam perder o riso, o primeiro passo e as primeiras palavras de seu bebê? Como poderiam privar-se da experiência do amor incondicional dos seus filhos e não dar à criança o seu próprio amor incondicional como pai e mãe? Como poderiam destruir a confiança da criança, possivelmente para sempre?

Eles protegerão a inocência e a pureza dos seus filhos e não permitirão que a sexualização na pré-escola e na escola primária destrua sua noção de vergonha e atrofie sua alma a ponto de a visão do casamento e da família ser obscurecida e de ser impedida a necessária formação do seu caráter.

Eles não aceitarão que a identidade de gênero de seus filhos, como menina ou menino, seja intencionalmente prejudicada.

Na pré-escola e na escola primária, defenderão os seus direitos, como pais, de criar os seus filhos de acordo com os seus próprios valores.

Eles tornarão acessível aos seus filhos a riqueza da vida real: a descoberta da natureza, o entusiasmo pelos esportes e pela música, o florescimento de seus talentos, o incentivo à sua sede de conhecimento, as habilidades manuais e amizades reais em vez de virtuais.

Eles irão ensinar-lhes a lidar com os meios digitais, para que estes sirvam à consecução das tarefas e objetivos de vida das crianças, em vez de se tornarem um simples e viciante substituto para uma insatisfeita vontade de viver.^{[240](#)}

Eles farão tudo o que estiver ao seu alcance para proteger as almas dos seus filhos de serem contaminadas pela pornografia ou pelo abuso sexual.

Eles prepararão os seus filhos para as batalhas culturais do nosso tempo, para que não fiquem impotentes e expostos à manipulação ideológica. Isto nunca deve ser uma forma de doutrinação por parte

dos pais, mas sim uma educação para um pensamento claro e um envolvimento em discussões abertas adequadas à idade.

Eles estarão determinados a superar os conflitos no casamento e a não se divorciar.

Tudo isto só poderá ter êxito se os filhos se sentirem amados, seguros e respeitados no vínculo matrimonial dos pais.^{[241](#)}

Que desafio! O que antes era normal é hoje considerado uma tarefa hercúlea. A maior parte da população gostaria de alcançar esses objetivos, se o turbilhão da revolução cultural da nossa era não tornasse isso tão difícil. É fundamental criar e ampliar redes de famílias que unam forças para apoiar umas às outras nas condições adequadas de existência e na vida prática do dia a dia.

Precisamos de mães que criem um ninho acolhedor para os seus filhos e de pais que vejam a proteção da família como a sua principal tarefa. Como dizem os anúncios: “Você não precisa ser perfeito para ser um pai perfeito”. E existe o amor abnegado que cresce com os filhos e que um dia prova ser de fato abnegado ao deixá-los ir embora. Quase nada traz tão desafiadoramente a necessidade de transformar o próprio caráter e comportamento da mesma forma que a educação dos filhos. A recompensa pelos sacrifícios que os pais fazem será a profunda satisfação de terem criado filhos bons e capazes, o amor dos netos e o cuidado dos filhos pelos pais quando deles precisarem na velhice. Toda família saudável é sal e luz para o mundo. Todo jovem saudável é um bastião para o mundo.

14. A CRIAÇÃO DOS FILHOS — TORNANDO-OS FORTES PARA O

FUTURO

ENTREVISTA COM JULIA

CALINESCU²⁴²

Julia é uma mulher atraente de 37 anos e mãe de quatro filhos entre 4 e 13 anos. Ela quer dar aos seus filhos amor e segurança, juntamente com os valores que os tornarão fortes para o futuro. Foi por isso que ela optou por educá-los em casa.

Ela é casada com Dan há 14 anos. Eles são romenos. Julia cresceu em Toronto e estudou na Universidade de York, tendo se especializado em estudos franceses e estudos europeus. Ela esperava seguir uma carreira diplomática.

A família de Dan emigrou da Romênia em 1992, foi para um campo de refugiados na Bélgica, depois foi enviada de volta para a Romênia, até que finalmente emigrou para o Canadá, em 1994. Ele estudou engenharia de *software* na Universidade de Toronto e atualmente é vice-presidente de uma empresa internacional de TI.

Dan e Julia se conheceram em Toronto em 2006. Ambos vieram de famílias difíceis e tiveram infâncias muito estressantes. Dan era ateu, Julia era uma católica não praticante que, no entanto, sempre foi apegada aos seus valores morais. Eles lidaram com seus pontos de vista divergentes de maneira intensa, porque ambos estavam sinceramente buscando a verdade. Depois de três anos, Dan se converteu e eles se casaram numa paróquia ortodoxa. No casamento, a fé se lhes tornou cada vez mais importante. Foram os escritos de João Paulo II que os trouxeram de volta à Igreja Católica.

Apesar dos momentos difíceis que passaram enquanto cresciam, eles têm um casamento e uma família profundamente satisfatórios e aconselham outras pessoas acerca de problemas domésticos.

As pessoas reagem de maneira diferente às crises e às más experiências vivenciadas na infância. Muitas são resilientes e tomam as rédeas da vida, mas outras se afundam na depressão e se deixam levar por comportamentos autodestrutivos. O que tornou vocês dois resilientes?

Julia: Passamos por muita coisa — problemas nas nossas famílias de origem, falência, assimilação a culturas estrangeiras — e tudo isso tendo quatro filhos pequenos. Passamos por tudo isso por um único motivo: queremos que o que nos acontece sempre seja motivo de crescimento. Se houver trauma, supere o trauma! Se houver uma crise, supere a crise! Nós dois já passamos por tanta coisa que simplesmente tivemos de mudar a nós mesmos. O que me ajudou foi a minha fé: mesmo quando as coisas parecem ruins, tudo pode mudar e voltar a ficar bem.

Por que você decidiu educar seus filhos em casa?

Julia: Eu não sou uma mãe do tipo *homeschooler*. Sou mais uma ativista, uma empreendedora. Estudei para entrar na carreira diplomática. Ao mesmo tempo, queria casar e ter filhos. Desde a infância, meu principal valor na vida foi um dia poder proporcionar aos meus filhos um lar feliz e harmonioso. Queria compensar o mal que sofri.

Quando voltamos para a Romênia, percebemos que simplesmente não havia boas escolas por lá. Ainda existe esse vestígio do comunismo. Tudo o que conta, onde prevalece a mentalidade comunista, é que você é melhor que os outros e pode desprezá-los. As pessoas diziam: “Mas você está tirando seus filhos do sistema”. Eu respondia: “Você pode citar algum grande romeno que tenha se

desenvolvido neste sistema? Por que eu deveria expor meus filhos a isso?”.

Na educação domiciliar, você e seu marido assumem total responsabilidade pela criação de seus filhos. O que faz você ter tanta certeza de que é uma boa mãe e professora?

Julia: No começo eu não tinha certeza. Lembro do primeiro ano com Raissa, nossa filha mais velha. Eu estava cheia de sentimentos de culpa e de dúvida. Aos 23 anos, não me sentia preparada ainda, e temia que tudo o que eu fizesse pudesse dar errado. Nenhum dos meus amigos ou irmãos tinha filhos. Eu não tinha noção de nada e me perguntava do que era capaz. Então disse a mim mesma: *Ok*, talvez eles venham a ser as crianças mais imbecis do mundo, mas saberão o que significam o amor e a segurança e quais valores são os certos. Matemática, ciências naturais e história podem ser pesquisados no Google, mas não o amor, a segurança e uma vida familiar feliz. Pensei no pior cenário possível, que, como era de se esperar, não se realizou. Hoje Raissa me explica o espectro eletromagnético e a sucessão das dinastias chinesas.

Enquanto jovem mãe, não me restava nada além de confiar no instinto. Lembro-me de como, para mim, era importante manter as coisas calmas em casa. Os bebês precisam de sons suaves e harmoniosos. A primeira vez que levei Raissa ao shopping, ela tinha oito semanas de vida. Saí apressada do lugar, porque era barulhento e caótico demais para ela.

Quando Dan e eu porventura discutíamos, sempre tentávamos manter a voz baixa. Naturalmente, ela não entendia nada, mas eu não queria que ela tivesse a sensação de haver alguma desarmonia entre nós.

O mundo inteiro me disse que eu era louca e superprotetora. Eu não sabia se eles estavam certos ou não. Segui minha própria intuição.

Lembro-me de como fui para a floresta com Raissa, carregando-a. Eu lhe mostrava os pássaros, chamando atenção para o seu chilrear. Cantava e dançava com ela e sempre me perguntava: o que está se passando na cabeça dela agora? Como ela está experimentando o mundo? O que ela pode ver e entender?

Sempre tive convicção de que as coisas boas que semeamos darão bons frutos.

Queria um lar cheio de paz e alegria, pois era isso o que me havia faltado. Minha inocência, minha liberdade, minha curiosidade sobre o mundo foram tão sufocadas e espezinhadas que eu mal podia esperar para ver o meu filho viver e respirar.

Raissa tem agora 13 anos. Ela tem um coração muito terno e sensível. Não gosta de nada feio, não quer ver agressões em filmes, não quer ver violência ou sexo. Nunca tivemos TV, mas assistimos a filmes com as crianças. Se algo impróprio aparece, ela desvia o olhar e protege Caterina, a mais nova, para que também não veja. Ela também não quer ler nenhum livro que a confronte com o mal. Sua alma é atraída pelo belo, pelo bom e pelo pacífico. Como é de se esperar, estou tentando prepará-la para o mundo real também.

E de que maneira?

Julia: Quero que tenham almas sensíveis, mas que também sejam fortes. É tudo uma questão de hora certa. Observo com muito cuidado as coisas para as quais as crianças estão preparadas e o que é adequado para suas idades.

Elas sabem que houve perseguição comunista e que pessoas foram torturadas, mas não falo dos métodos de tortura. Sabem sobre o aborto. Têm uma vaga sensação de que de alguma forma a mulher, com esse procedimento, se livra do filho, mas não sabem como isso acontece. Eu nunca teria coragem de dizer à minha filha que algumas mulheres fazem isso pouco antes do nascimento de seus filhos. Eu já era adulta quando ouvi falar disso pela primeira vez, e lembro o

quanto me chocou. Meus filhos descobrirão tudo isso algum dia, mas eu lhes contarei essas coisas aos poucos e não os sobrecarregarei. Vejo pais sendo tão imprudentes com os filhos, simplesmente jogando tudo sobre eles, expondo-os a males perturbadores como se fossem de ferro. Por que incutir medo e despertar a curiosidade pelo horror em uma criança?

Por exemplo: eu não queria contar aos meus filhos de 3 e 4 anos que há pais que se divorciam. Nem mesmo queria que eles tivessem noção de que isso poderia acontecer com mamãe e papai. Trata-se de um pensamento aterrorizante para uma criança: posso acordar uma manhã e descobrir que mamãe ou papai se foram. Quando eles tinham 7 ou 8 anos eu lhes disse que os pais de algumas crianças optam por não morar juntos. É claro que essa é uma escolha egoísta, porque a criança agora tem de dividir-se entre os dois. Ela não tem mais um lar. Eles ficaram muito chocados com o fato de haver pais que fazem isso. Aos 4 anos, teriam ficado horrorizados; teriam pensado que existe o perigo de isso acontecer com eles. Aos 8, conseguiram compreender que os adultos são capazes de tomar esse tipo de decisão, independentemente dos filhos.

Mais tarde, conversamos sobre os motivos pelos quais as pessoas se divorciam. Não falei nada sobre casos amorosos, mas disse isto: as pessoas pensam que têm direito à felicidade. Vocês veem que mamãe e papai às vezes discutem e precisam resolver as coisas. Vejam vocês quatro. Vocês ficam com raiva e tristes quando não têm permissão para brincar ou quando alguém os machuca. Se vocês pudessem, provavelmente diriam uns aos outros: estou indo embora. Não gosto mais de você porque você é muito mau. E todos vocês têm os mesmos pais e os mesmos valores. Mas imaginem duas pessoas que vêm de famílias completamente diferentes, com experiências de vida completamente diferentes. É um desafio para nós? Sim! Vocês ficam irritados, tristes, chateados? Sim! Mas seu irmão ou irmã não irá embora de repente. Vocês precisam resolver isso juntos. É a mesma coisa quando os adultos são casados. Se eles falharem, serão as crianças que sofrerão no final.

Então eles começaram a prestar atenção nos nossos amigos que passaram por divórcios, porém sempre perguntavam: mamãe, por que eles fizeram isso? Por que não foram capazes de suportar a própria infelicidade por um tempo? Com uma criança de 4 anos eu não poderia ter tido uma conversa assim. Eles conhecem duas meninas cujos pais são divorciados, e elas são muito difíceis de suportar. Meus filhos dizem: “Talvez, se papai tivesse nos deixado, fôssemos iguais”.

É realmente necessário ter cuidado com o que é dito a uma criança. Não percebemos quão frágeis são os seus corações. Às vezes não sei o que se passa dentro delas. O principal é que estou lá e converso com elas e as seguro quando elas têm de lidar com alguma coisa. Quando eu era criança e por algum motivo chorava, o que me diziam era: “Pare de chorar! O que é que você tem?!”. Isso foi tão cruel... As crianças são muito sensíveis e não devem ser maltratadas, nem abandonadas ao consumo de todos esses desenhos horríveis e grotescos e livros infantis cheios de escuridão e ocultismo.

Qual é o momento certo de explicar a sexualidade?

Julia: Quando olho para a minha infância, sinto que é extremamente necessário proteger a inocência dos meus filhos. Mantenho-os longe de histórias de amor romântico. O amor romântico é sempre dramático. Eles não precisam disso na infância. Foi uma grande bênção termos tido dois meninos depois de Raissa. Eles têm um forte sentimento de irmandade. Aprendem e brincam juntos, mas nós, as mulheres da família, temos os nossos próprios interesses, assim como também os têm o pai e os meninos. Raissa hoje tem 13 anos.

Até hoje ela vê os meninos como irmãos, essas pessoas que estão sempre em movimento, barulhentas e indisciplinadas. Ela não sente atração por “meninos”. Ainda é muito inocente. O mesmo acontece com os nossos filhos. São muito sensíveis à imodéstia e não gostam quando veem mulheres vestidas de maneira inadequada.

Eu não sabia quando seria o momento certo para conversar com eles sobre sexualidade. Na verdade, eles nunca perguntaram de onde vêm os bebês, apenas como eles saem. Quando lhes contei, eles ficaram surpresos, mas isso não alterou sua noção de vergonha.

Certa feita, quando estivemos em Roma, conhecemos Christine Vollmer, membro do Pontifício Conselho para a Família. Ela estudou com Victor Frankl e é fundadora de um projeto internacional chamado “Alive to the World”. Perguntei-lhe: qual é o momento certo para contar às crianças algo sobre sexualidade?

Ela respondeu: “As crianças têm uma imaginação fértil. Se você contar a elas, sua imaginação irá muito além do que foi contado. Elas não compreendem o aspecto físico, nem o aspecto emocional, nem a dimensão espiritual. Se você apenas tratar dos fatos físicos, irá colocá-las em grande perigo. Quando chega a puberdade, quando surge o desejo pelo sexo oposto, é aí que faz sentido falar-lhes sobre sexualidade”.

Isso fez sentido para mim. Se você explicar apenas o lado biológico às crianças, separará a experiência do corpo, da alma e do espírito. Sexo não é uma coisa enquanto amor e família são outra. Sexo, amor e família caminham juntos.

Como ainda não sinto que nenhum dos meus filhos tenha já qualquer atração pelo sexo oposto, permaneço à espera de que isso aconteça, antes de os orientar nessa questão a respeito de marido e mulher.

Desse modo, ainda não os apresentei a essa área central da experiência humana. Mas estamos falando de amor, sacrifício, fidelidade e felicidade a longo prazo. Eles veem Dan e eu nos beijarmos, darmos as mãos e nos abraçarmos, mas sempre associando isso ao casamento. Estamos lhes ensinando os tipos de afetos adequados nas diferentes relações — entre mãe e filho, irmãos, mãe e pai. A única razão pela qual Raissa quer se casar é porque ela quer ter

filhos. Um dia, aliás em breve, ela perguntará e então lhe contaremos sobre a beleza e a alegria da sexualidade no casamento.

Você disse que o sistema educativo romeno não apresenta números dignos de nota. Você quer que seus filhos alcancem algum tipo de grandeza?

Julia: Quero que meus filhos reconheçam seu propósito na vida e tenham forças para cumpri-lo. Para serem capazes disso, eles devem ter uma aguda consciência do que é certo e do que é errado, e a força para fazer o bem.

Raramente forço meus filhos a fazer alguma coisa. Mostro-lhes as consequências das suas decisões. Sabemos que o córtex pré-frontal das crianças não está totalmente desenvolvido. Elas não conseguem avaliar riscos e consequências nem fazer planos de longo prazo. Os pais são seus olhos para o futuro. Estes têm experiência de vida e podem lhes dizer: se fizerem isto, haverá estas consequências, e quando fizerem aquilo, terão de enfrentar estas outras consequências. Podemos ver mais à frente do que as crianças. Mostramos-lhes que frutos a ação correta produzirá e qual será o preço se escolherem o caminho mais fácil.

Os pais sempre dizem: mas eles são apenas crianças! Os adolescentes sempre fazem coisas idiotas... Meninos serão meninos. Penso comigo mesma: estão todos loucos? Realmente acreditam que essa pessoa algum dia conseguirá separar a adolescência do restante da vida? Tive colegas que eram “apenas adolescentes” e que agora estão na cadeia. Como você, enquanto pai ou mãe, pode não deixar claro para a criança aonde uma decisão a levará? Muito cedo, as crianças têm consciência de certo e errado. Já aos 2 anos, elas sabem com muita precisão quando estão fazendo algo que não está certo.

Por exemplo, era muito importante para mim que os meus filhos aprendessem a amar bebês. Depois que cada irmãozinho nasceu, mostrei aos filhos mais velhos o milagre que estava acontecendo.

“Vejam o que o bebê pode fazer agora. Vejam como o bebê é indefeso e como depende dos nossos cuidados. Ele não sabe o que vocês sabem, não tem o que vocês têm, mas vocês podem dar-lhe aquilo de que ele precisa. Vejam como ele é inocente — em seu sorriso, é possível ver um pedaço do céu”. Todos os meus filhos adoram bebês, até os meninos. Quando veem um bebê, querem segurá-lo. Todos amam Catarina, nossa filha mais nova.

Meus filhos devem saber que não são o centro do universo. Às vezes os filhos mais velhos sentem que eu amo mais o bebê do que a eles, porque a filha mais nova está sempre comigo, sou muito paciente com ela e faço tudo quanto ela precisa que eu faça. Aí eu falo para as crianças mais velhas: vocês também são assim com ela. Vocês brigam entre si e se machucam, mas nunca fazem isso com ela. Todos nós a amamos mais porque ela é muito terna e indefesa. Damos mais a quem precisa de mais.

Se você ensinar as crianças a amar os bebês, elas saberão o que é o amor — elas conhecerão a beleza do amor e do sacrifício.

Se o amor é a coisa mais importante que você ensina aos seus filhos, qual é a segunda?

Julia: A segunda coisa mais importante é a liberdade. O maior presente que Deus nos deu é a liberdade.

Isso nos torna diferentes dos animais. Temos livre-arbítrio. Se tudo o que tivéssemos fosse vida, seríamos como animais. Mas temos livre-arbítrio, por isso somos mais que animais. Para sermos verdadeiramente humanos, como Deus quer que sejamos, temos de ser livres. Quando aprendemos sobre liberdade, aprendemos a dizer não às coisas. Nossa força é mais importante que o doce. Os filhos aprendem que dizer “não” não é uma forma de privação, mas sim uma maneira de se fortalecer.

Ouçó pessoas me dizerem: espere até eles serem adolescentes! Hormônios são hormônios! E eu lhes respondo: desde os 3 ou 4 anos

meus filhos aprendem que têm livre-arbítrio e que podem prescindir, se necessário, de seus desejos. Depois de terem praticado dizer “não” durante dez anos, os seus hormônios não terão sobre eles o mesmo poder que teriam sem esse tipo de preparação.

Seus filhos dizem “não” para você?

Julia (rindo): Claro que sim. Disciplina é importante. Mas, em primeiro lugar: deve haver alegria na família. Estamos aqui para alegrarmos uns aos outros. Praticamos esportes juntos, subimos em árvores, jogamos futebol, nadamos, fazemos passeios e viagens. Na hora da limpeza, coloco música latina animada. Todos nós limpamos juntos e nos divertimos fazendo isso — pelo menos na maior parte do tempo. Eu diria que na nossa casa há alegria em 80% do tempo. Aprender, brincar, comer, trabalhar juntos.

Mas há coisas que precisam ser feitas, sejam elas divertidas agora ou não, e não são negociáveis. Eu sou bastante dura, e Dan também. Sou a mãe e Dan é o pai. Meus filhos sabem que sou assim e entendem quando não há saída. Digo-lhes: “Se vocês começarem a negociar comigo, não irá adiantar, de qualquer maneira terão de fazer o que devem e ainda se meterão em problemas. Quando é hora de limpar, é hora de limpar. Se não terminarem os trabalhos escolares, terão de fazer suas tarefas”. Eu decido o que vai à mesa nas refeições. Se eles disserem: “Não gostamos”, então respondo: “Não perguntei. Há um chefe aqui e não é nenhum de vocês”. Faço o que posso para que eles comam saudavelmente e ainda gostem da comida, mas não consigo satisfazer todos os seus desejos o tempo inteiro.

Em situações normais, meus filhos raramente ouvem “não”. Tento evitar o confronto. Se eles querem doces, digo: “Tudo bem, amanhã depois do almoço”. Se querem brincar fora de casa, digo: “Tudo bem, depois que você terminar isso ou aquilo”. Dessa forma, eles entendem o que é prioritário. Não digo: nada de doce! Sem tempo para brincar! Tudo tem seu momento. Se ouvirmos “não”, nos fechamos para dentro e nos fixamos nisso. É o que quero evitar.

Por exemplo: Dominic quer usar botas no verão. Eu digo: “Claro, você pode calçar as botas quando a neve chegar. Depois construiremos um boneco de neve e andaremos de trenó”. Ele imagina tudo isso e esquece completamente que queria calçar as botas. Ou Castian, que é o mais teimoso de todos. Eu digo: “Partimos em cinco minutos”. Ele responde que será em cem mil minutos. Retruco: “Tudo bem, vou contar: 60 mil, 70 mil, 80 mil, 100 mil”. Ele fica feliz por conseguir seus cem mil minutos.

Qual o papel do pai na sua família?

Julia: Enquanto a mãe cuida dos bebês, tem alguém que cuida da mamãe. É uma coisa linda para o casal. Muitas vezes os casamentos fracassam no primeiro ano porque o marido sente ciúmes do filho: os filhos recebem algo que eu não recebo. Ele deveria, em vez disso, dizer: minha esposa se doa muito aos filhos. Eu preciso me doar muito a ela. Penso que o papel do pai, no primeiro ano de vida da criança, é doar-se, assim como no caso da mãe.

Quanto mais velhos os filhos ficam, mais importante o pai se torna. Quando Dan chega em casa, sempre há muitas saudações. Então eu posso sair de cena.

Além das brincadeiras diárias com as crianças, Dan leva alguma delas para passear pelo menos uma vez por mês, e os dois conversam sobre tudo o que passa pela cabeça da criança. A criança tem o pai só para ela. Há coisas sobre as quais elas conversam com ele e não me contam.

O mundo sentimental do pai é diferente. A mulher geralmente segura o bebê voltado para ela, enquanto o homem segura o rosto do bebê para o mundo. A função da mãe é proteger a criança e a do pai é mostrar-lhe o mundo. Uma criança doente sempre precisará da mãe, enquanto o pai tem uma ludicidade que a maioria das mulheres não tem. As crianças precisam de tempo para conversar e brincar com ambos os pais.

E quanto aos amigos fora da família?

Julia: Isso não é tão simples. Meus filhos estavam no acampamento de verão e, quando voltaram, disseram: “Você não acreditaria em como as crianças são rudes. Elas sempre querem ser melhores que as outras — essa é a única coisa que conta. Elas estão sempre pensando em algo que seus pais nunca deveriam descobrir. O padre explicou-nos o Pai Nosso e perguntou: ‘Quem procura o pai quando tem um problema?’, e das 80 crianças, ninguém além de nós levantou a mão. Então ele perguntou: ‘Quem vai até a mãe?’. Cerca de dez responderam”. Raissa disse: “Não sei como viveríamos se não tivéssemos você e papai para conversar”.

Nossos filhos confiam em nós. Uma noite, às 11 horas, Raissa veio chorando até nós e disse: “Mãe, estou tão triste”. Perguntei-lhe por quê. Ela respondeu: “Por tantas pessoas estarem sofrendo, há muita dor”. Eu disse: “Isso é verdade e fico feliz por você estar ciente disso, mas você sabe que tem tantos dons e talentos a ponto de tornar mais alegre a vida ao seu redor. E se você tornar mais alegre a vida do seu entorno, essas pessoas tornarão mais alegres as vidas de outras pessoas, e se você fizer a sua parte, e eu a minha, e o papai a dele, haverá menos sofrimento”.

Na manhã seguinte, ela disse: “Obrigada, mamãe, por me dizer aquilo ontem à noite. Quero fazer a minha parte”. As crianças precisam saber que são ouvidas. Não podemos fazer o sofrimento desaparecer. Mas podemos estar lá para ouvi-las.

Você se preocupa com a hora em que o primeiro de seus filhos for sair de casa?

Julia: Não! Mal posso esperar! Honestamente, mal posso esperar que eles estejam no mundo. Há tantas coisas que quero fazer... Já estou trabalhando nos meus planos. Quero construir um centro cultural e ensinar as pessoas a realizar seus sonhos. E mal posso esperar para ver cada um deles sair e cumprir com suas missões. Estou muito animada para ver Raissa administrando seu clube de inglês da biblioteca local.

Ela ensina inglês de conversação para crianças por meio de histórias inspiradoras.

Você acha que os seus filhos estão preparados para enfrentar todo o mal e todas as tentações?

Julia: No momento, não estão preparados, ainda temos mais cinco ou seis anos até que estejam. Estou muito confiante. Investimos muito neles, mais do que o suficiente para lidar com o mundo. Todos os dias temos uma hora de aula de teologia em que uso nossa fé para ilustrar como funciona a política e a família e mostrar o que é a Igreja. Procuro sempre fazê-los entender que existe algo maior que o prazer. Para que Deus nos preparou?

Eles não conhecem todos os horrores do mundo, mas entendem muito bem como opera o mal e como Deus opera. Quando se depararem com o mal, não ficarão oprimidos, mas saberão enfrentá-lo bem.

Obrigado pela conversa, Julia.

CONCLUSÃO: POR ÚLTIMO, MAS NÃO MENOS IMPORTANTE

Caros leitores,

Os meus mais calorosos agradecimentos por terem lido este livro. Não é fácil expormo-nos à contradição existente entre a realidade e os anseios do coração, e, ao mesmo tempo, talvez reconhecer as coisas em que falhamos e as coisas em que alguém falhou em relação a nós.

As coisas não vão bem para grande parte das nossas crianças e jovens, como mostram os resultados das pesquisas apresentadas nas páginas iniciais deste livro. Se surgiu em vocês o desejo de melhorar a vida das crianças, então valeu a pena eu escrever este livro e vocês o terem lido. As crianças precisam da seguinte mensagem: “Como é maravilhoso que você exista! Eu quero o seu bem. Estou disposto a me sacrificar por isso”. O “sim” que damos a uma criança é ao mesmo tempo uma afirmação redentora para nós mesmos.

O mundo em que vivemos — aquele em que as crianças nascem — se despedaçou e expôs a arbitrariedade das decisões humanas. O que deveria estar unido, foi separado: o corpo da alma, o homem da mulher, a sexualidade da fertilidade, a procriação da sexualidade, a criança dos seus pais biológicos. Não é hora de juntar novamente as coisas que pertencem umas às outras — corpo e alma, homem e mulher, sexualidade e fertilidade, pais e filhos?

A ruptura que provocou todos os outros colapsos é o fato de que as pessoas se afastaram muito de Deus. Ele pode realmente existir — o Criador do céu e da terra, de cada pessoa, um Deus misericordioso com as melhores intenções em relação às pessoas, a vocês, a mim. O constante murmúrio de Deus paira no ar e acompanha as pessoas onde quer que elas estejam.

Não já tentamos por tempo suficiente resolver tudo com nossas próprias mãos? Não ficou claro, de forma geral e individual, que nossa compreensão não é suficientemente abrangente, nossa vontade não é suficientemente altruísta, nosso coração não é suficientemente compassivo para encontrar soluções para os problemas aos quais nos sujeitamos?

Um vírus em 2020 nos tirou de nossa arrogância, pondo-nos no limite, o qual talvez antes não soubéssemos qual fosse. É como se houvéssemos redes coberto que somos seres humanos mortais, que pusemos na balança tudo o que era precioso para nós — a democracia, os direitos humanos, a liberdade religiosa, os direitos humanos, a

existência econômica de milhões de cidadãos —, com consequências imprevisíveis.

Subitamente, de um dia para o outro, pais, mães e filhos estavam todos em casa. O mundo inteiro foi forçado a trabalhar em casa e a estudar em casa. Dependendo das relações externas e internas, para muitos pais e filhos foi uma carga de *stress* quase insuportável, e para outros uma nova e feliz descoberta da vida familiar e uma oportunidade para pais, mães e filhos reordenarem a forma como utilizam seu tempo. Para muitos que vivem sozinhos ou que estavam encerrados em lares de idosos, o fantasma da solidão tornou-se o único companheiro.

Aprenderemos com isso? Reconhecemos os sinais dos tempos? Estaremos prontos para integrar nossas vidas de volta à correta ordem de Deus? Ouvimos Jesus batendo à porta, Aquele que deseja cear conosco, ele conosco e nós com Ele (Ap 3, 20)?

Estou ciente de que é inoportuno falar de fé. Mas não tenho mais nada a dizer se me perguntarem sobre a esperança que me anima. “Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela, porém, não caiu, porque estava edificada na rocha” (Mt 7, 25). Todos têm a opção de continuar tentando, de construir na estabilidade terrena, ou de dar um grande salto de fé e construir a sua vida sobre os mandamentos e promessas de Deus. Existe um Deus, Ele é amor e nos criou por amor. Ele se fez carne, compartilhou a vida do povo, foi crucificado e ressuscitou dos mortos.

Para aqueles que acreditam nisso, não existe passagem de primeira classe na vida, e assim como todas as outras pessoas, estão sujeitos a sofrimentos imprevisíveis. Mas eles vivem com a esperança inabalável e com o repetido lampejar de um raio de certeza: Deus nos conhece, Deus nos guia, Deus nos surpreende com sua misericórdia.

Gabriele Kuby, julho de 2020

NOTAS DE RODAPÉ

[1](https://www.dak.de/dak/download/kinder-und-jugendreport-2104098.pdf) DAK Kinderund Jugendreport 2018. <https://www.dak.de/dak/download/kinder-und-jugendreport-2104098.pdf>

[2](https://www.dak.de/dak/download/folienvortrag-greiner-2104096.pdf) Wolfgang Greiner, Kinder-und Jugendreport der DAK 2018, Schwerpunkt: Familiengesundheit, Folienvortrag, <https://www.dak.de/dak/download/folienvortrag-greiner-2104096.pdf>

[3](https://www.kindergesundheit-info.de/fuer-fachkraefte/grundlagen/daten-und-fakten/kiggs-studie/) <https://www.kindergesundheit-info.de/fuer-fachkraefte/grundlagen/daten-und-fakten/kiggs-studie/>

[4](https://www.bundesaerztekammer.de/fileadmin/user_upload/downloads/04PraeventionstagungLeidl.pdf) https://www.bundesaerztekammer.de/fileadmin/user_upload/downloads/04PraeventionstagungLeidl.pdf.

[5](https://www.dak.de/dak/download/dak-kinder-und-jugendreport-2019-2168336.pdf) DAK Kinderund Jugendreport 2019. <https://www.dak.de/dak/download/dak-kinder-und-jugendreport-2019-2168336.pdf>

[6](https://www.aerzteblatt.de/nachrichten/99917/Mehr-Entwicklungsstoerungen-bei-Schulanfaengern) Heilmittelbericht des Wissenschaftlichen Instituts der AOK . <https://www.aerzteblatt.de/nachrichten/99917/Mehr-Entwicklungsstoerungen-bei-Schulanfaengern>

[7](https://www.aerzteblatt.de/nachrichten/99917/Mehr-Entwicklungsstoerungen-bei-Schulanfaengern) Heilmittelbericht des Wissenschaftlichen Instituts der AOK . <https://www.aerzteblatt.de/nachrichten/99917/Mehr-Entwicklungsstoerungen-bei-Schulanfaengern>

[8](https://www.dak.de/dak/download/ergebnisbericht-2090980.pdf) <https://www.dak.de/dak/download/ergebnisbericht-2090980.pdf>

[9](#) Andreas Strom, *Beiträge zur Gesundheitsökonomie und Versorgungsforschung* (Band 23), Bielefeld & Hamburg 2018, Kinderund Jugendreport der DAK 2018.

[10](https://www.bundesaerztekammer.de/fileadmin/user_upload/downloads/04PraeventionstagungLeidl.pdf) https://www.bundesaerztekammer.de/fileadmin/user_upload/downloads/04PraeventionstagungLeidl.pdf

[11](#) *Marcha dos Pinguins*, filme de Luc Jacquet, Oscar 2005.

[12](#) Joseph Ratzinger (Bento XVI), *Values in a Time of Upheaval*, Ignatius Press, San Francisco, 2006.

[13](http://www.medizininfo.de/annasusanna/anatomie/zyklus.shtml) <http://www.medizininfo.de/annasusanna/anatomie/zyklus.shtml>.

[14](#) Kathrin Löther, “Journalismus als Familienkiller” [O jornalismo como assassino da família], em: *Message, Internationale Zeitschrift für Journalismus*, fevereiro de 2010.

[15](#) Robert Spaemann, prefácio à obra de Gabriele Kuby, *The Global Sexual Revolution — Destruction of Freedom in the Name of Freedom*, LifeSite, Kettering, OH , 2015.

- [16](https://www.hli.org/resources/contraceptive-brief-condoms/) <https://www.hli.org/resources/contraceptive-brief-condoms/>.
- [17](https://www.welt.de/gesundheit/article196762017/Geschlechtskrankheit-Sprunghafter-Anstieg-der-Syphilis-Faelle-in-Deutschland-und-Europa.html) <https://www.welt.de/gesundheit/article196762017/Geschlechtskrankheit-Sprunghafter-Anstieg-der-Syphilis-Faelle-in-Deutschland-und-Europa.html>.
- [18](https://www.gesundheitsamt-bw.de/lga/DE/Themen/Infektionskrankheiten/sexuell_uebertragbare/Seiten/HPV.aspx) https://www.gesundheitsamt-bw.de/lga/DE/Themen/Infektionskrankheiten/sexuell_uebertragbare/Seiten/HPV.aspx.
- [19](https://www.spiegel.de/gesundheit/sex/chlamydien-die-unterschaetzte-geschlechtskrankheit-a-1165250.html) <https://www.spiegel.de/gesundheit/sex/chlamydien-die-unterschaetzte-geschlechtskrankheit-a-1165250.html>.
- [20](https://www.hli.org/resources/contraceptive-brief-condoms/#_edn15) Prefácio aqui: https://www.hli.org/resources/contraceptive-brief-condoms/#_edn15.
- [21](#) Helen Singer-Kaplan, *The Real Truth about Women AND AIDS*, Simon & Schuster, Nova York, 1987.
- [22](https://www.hli.org/resources/the-difference-one-racist-made-margaret-sangers-world/) <https://www.hli.org/resources/the-difference-one-racist-made-margaret-sangers-world/>.
- [23](#) *Visão geral:* <https://www.hli.org/resources/negative-effects-of-the-pill/> *Câncer:* Ficha informativa do Instituto Nacional do Câncer de 31.01.2017: <https://www.cancer.gov/about-cancer/causes-prevention/risk/hormones/oral-contraceptives-fact-sheet>. <https://www.lifesitenews.com/news/using-contraception-increases-breast-cancer-by-50-new-study-finds> *Glaucoma:* Associação Americana de Pesquisa do Câncer (AACR): <https://abcnews.go.com/blogs/health/2013/11/18/birth-control-pills-maydouble-glaucoma-risk/> *Doença cardíaca:* <https://www.goredforwomen.org/en/know-your-risk/risk-factors/birth-control-and-heart-disease> *Embolia, acidente vascular cerebral, hipertensão:* <https://www.lifesitenews.com/news/new-contraceptives-raise-risk-of-blood-clots-by-50-to-80-percent-british-st> *Redução na fertilidade:* <https://www.timeslive.co.za/sunday-times/lifestyle/201407-02-oral-contraceptive-use-could-diminish-fertility-study/> <https://www.lifesitenews.com/news/contraceptive-pill-may-damage-womens-fertility-study>.
- [24](https://www.cancer.gov/about-cancer/causes-prevention/risk/hormones/oral-contraceptives-fact-sheet) <https://www.cancer.gov/about-cancer/causes-prevention/risk/hormones/oral-contraceptives-fact-sheet>.
- [25](#) Lionel Tiger, *The Decline of Males*, Golden Books, Nova York, 1999.
- [26](#) Janet Smith, *Contraception: Cracking the Myth*, CD , Lighthouse Catholic Media.
- [27](https://royalsocietypublishing.org/doi/abs/10.1098/rspb.1995.0087) <https://royalsocietypublishing.org/doi/abs/10.1098/rspb.1995.0087>.
- [28](https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fnins.2018.01041/full) Fronteiras na Neurociência, 02.11.2019: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fnins.2018.01041/full>.
- [29](#) J. D. Unwin, *Sex and Culture*, Oxford University Press, Oxford, 1934.
- [30](#) “Federação Internacional de Planejamento Familiar” — ne.
- [31](#) O Papa João Paulo II assumiu como missão de vida esclarecer a verdade da *Humanae vitae* com muitas instruções, como as suas encíclicas *Veritatis splendor* e *Familiaris consortio*.

Com a Teologia do Corpo, deixou à Igreja um tesouro que seu biógrafo George Weigel chamou de “bomba-relógio que mudará toda a teologia”.

[32](#) Josef Rötzer, *Natürliche Empfängnisregelung. Die sympto-thermale Methode, der Partnerschaftliche Weg*, Herder Verlag, Munique, 2013. Uma extensa bibliografia e conselhos estão disponíveis aqui: Institut für Natürliche Empfängnisregelung, INER : <https://iner.org>.

[33](#) Ajuda com gravidez indesejada: Sundays for Life: <https://sundaysforlife.org/de/hilfe/beratungsstelle/de-Tausend-plus>: <https://www.1000plus.net>.

[34](#) https://www.focus.de/familie/100-000-fehlen-experte-sicher-in-deutschland-treiben-vielmehr-frauen-ab-als-die-statistik-zeigt_id_6582349.html.

[35](#) Manfred Spieker, *Der Verleugnete Rechtsstaat — Anmerkungen zur Kultur des Todes in Europa*, Ferdinand Schöningh Verlag, Paderborn, 2011, 2ª edição, p. 17 ss.

[36](#) <https://www.zeit.de/news/2019-02/27/zahl-der-abtreibungen-minimal-gesunken-en-190227-99-158013>. Em números absolutos, a maioria dos abortos é realizada no estado federal mais populoso, Renânia do Norte-Vestfália, com cerca de 22 mil. No que diz respeito aos nascimentos, o quadro é diferente. As últimas estatísticas disponíveis são de 2017. Os números mais elevados provêm de Berlim e Bremen, onde foram realizados 230 e 208 abortos para cada 1.000 nascimentos. Na Baviera e em Baden-Württemberg, por outro lado, ocorreram apenas 88 e 96 abortos para 1.000 nascimentos, respectivamente.

[37](#) <https://www.destatis.de/DE/Themen/Gesellschaft-Umwelt/Gesundheit/198Schwangerschaftsabbrueche/Publikationen/Downloads-Schwangerschaftsabbrueche/schwangerschaftsabbrueche-2120300187004.pdf?blob=publicationFile>.

[38](#) <http://curia.europa.eu/juris/document/document.jsf?docid=111402&do-clang=DE>.

[39](#) Tribunal Europeu de Direitos Humanos, em 18 de outubro de 2011, no caso *Brustle versus Greenpeace e.V.*

[40](#) Esta representação do desenvolvimento do embrião é baseada em: Michael Kiworr, *Neun Monate bis zur Geburt*, Bernardus Verlag, Mainz, 2016.

[41](#) Todos os grupos parlamentares pró-vida, Câmara dos Comuns, Reino Unido, *Foetal Sentience & Pain*, março de 2020. <https://lordalton.files.wordpress.com/2020/03/2020pro-life-appg-report-on-foetal-pain.pdf>.

[42](#) Manfred Spieker, *Der verleugnete Rechtsstaat — Anmerkungen zur Kultur des Todes in Europa*, a. a. O.

[43](#) Acórdão do Tribunal Constitucional Federal de 28 de maio de 1993, 2 BvF 2/90 e 4, 5/92, <http://www.servat.unibe.ch/dfr/bv088203.html>.

[44](#) Rainer Beckmann, “Selbstbestimmung’ über das Leben Ungeborener”, a. a. O., p. 67.

[45](#) Stefan Rehder, “Entschuldigt Euch!”, em: *Die Tagespost*, 15 de janeiro de 2020. <https://www.die-tagespost.de/leben/glauben-wissen/Entschuldigt-Euch;art4886,204637>.

[46](#) Cobertura contínua em www.lifesitenews.com.

[47](#) Reportagem atual em LifeSiteNews.com.

[48](#) “Ärzte für das Leben”, Síndrome Pós-Aborto: <https://aerzte-fuer-das-leben.de/fachinformationen/schwangerschaftsabbruch-abtreibung/post-abortion-syndrom-pas/>.

[49](#) Manfred M. Muller, *Fünf Schritte-Die Heilung der Abtreibungswunden*, Immaculata Verlag, Salzburgo, 2015, 3ª edição.

[50](#) <https://www.spiegel.de/gesundheit/schwangerschaft/kuenstliche-befruchtung-2015-wurdenmehr-als-20-000-babys-geboren-a-1183272.html>.

[51](#) Dietrich von Hildebrand, *Sittliche Grundhaltungen*, Verlag Josef Habbel, Regensburg, 1969, p. 20.

[52](#) Desde 2018, no entanto, o anonimato do doador de esperma deixou de ser garantido na Alemanha. Foi criado um registro nacional de doadores de esperma, que guarda 110 anos de dados pessoais de doadores e receptores de esperma. As crianças criadas depois de 2018 têm acesso a ele quando completam 16 anos. As crianças nascidas antes disso podem exigir que a clínica de reprodução divulgue os dados desde 2019. Em janeiro de 2019, o Supremo Tribunal Federal Alemão decidiu que a clínica de reprodução tem a obrigação de informar os descendentes concebidos através de doação anônima de esperma. A sentença diz que o direito da criança de conhecer a sua filiação supera o direito do pai ao anonimato e à confidencialidade médica (XII ZR 71/18).

[53](#) O filme *A teoria sueca do amor* mostra a miséria e a solidão da perda do amor: <https://www.youtube.com/watch?v=CfyKYeaZcIM>.

[54](#) <https://www.welt.de/wissenschaft/article150528268/Ein-Designerbaby-nach-Bauplan-fuer-140-000-Dollar.html>.

[55](#) <https://www.familienplanung.de/kinderwunsch/behandlung/chancen-und-risiken/schattenseiten-behandlung/>.

[56](#) <https://www.familienplanung.de/kinderwunsch/seelische-belastungen/partnerschaft/>.

[57](#) <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3650450/#FN01>.

[58](#) <https://www.aerzteblatt.de/archiv/134267/Praenatest-Kleiner-Test-grosse-Wirkung>.

[59](#) Karlton Terry, *Implantation Journey — The Original Human Myth*: http://www.ippe.info/publications/articles/implantation_journey.html.

[60](#) Barbara Luke et al., “Risk of severe maternal morbidity by maternal fertility status: a US study in 8 states”, em: *American Journal of Obstetrics & Gynecology*, fevereiro de 2019:

[https://www.ajog.org/article/S0002-9378\(18\)30894-9/fulltext](https://www.ajog.org/article/S0002-9378(18)30894-9/fulltext).

[61](#) Yue-hong Lu, Ning Wang, Fan Jin, “Long-term follow-up of children conceived through assisted reproductive technology”, em: *Journal of Zhejiang University Science B*, maio de 2013: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3650450/#FN01>.

[62](#) Theo A. Meister et al., “Association of Assisted Reproductive Technologies With Arterial Hypertension During Adolescence”, em: *Journal of the American College of Cardiology*, setembro de 2018: <http://www.onlinelacc.org/content/72/11/1267?download=true>.

[63](#) Ehrentraud Hömberg, “Fertilitäts therapie: Produziert sie psychisch gestörte Kinder?”, em: *Medscape*, 22.01.2020: <https://deutsch.medscape.com/artikel/4902394>.

[64](#) <https://www.dimdi.de/dynamic/de/weitere-fachdienste/samenspender-register/>.

[65](#) As crianças nascidas depois de julho de 2028 poderão visualizar o registro de doadores de esperma quando tiverem 16 anos, o que significa que isso não ocorrerá antes de 2034.

[66](#) G. Huther e I. Krens, *Das Geheimnis der ersten neun Monate — Unsere frühesten Prägungen*, Beltz-Verlag, Weinheim, 2011, 4ª edição.

[67](#) P. Fedor-Freybergh: “Die Schwangerschaft als erste ökologische Situation des Menschen”, in: L. Janus et al., *Seelisches Erleben vor und während der Geburt*, LinguaMed, Neu-Isenburg, 1997, p. 15.

[68](#) https://www.haufe.de/recht/familien-erbrecht/leihmutterschaft-vom-menschenrechtsgerichtshof-ausgehebelt_220_395494.html.

[69](#) <https://www.welt.de/vermishtes/article207998275/Leihmutterschaft-und-Corona-Mehrals-100-Babys-sitzen-in-der-Ukraine-fest.html>.

[70](#) A autora possui um contrato fotocopiado entre uma agência de maternidade de aluguel, os “pais em potencial” e a mãe de aluguel em ucraniano e inglês.

[71](#) “Secret diary of a surrogate mother”, in: *The Guardian*, 4/27/2013. <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2013/apr/27/secret-diary-of-a-surrogate-mother>.

[72](#) <https://www.kath.net/news/60177>.

[73](#) <https://lifecodexx.com/praeatest-jetzt-in-deutschland-oesterreich-liechten-stein-und-in-der-schweiz-verfuegbar/>.

[74](#) <https://standpointmag.co.uk/issues/may-2016/text-may-2016-catherine-macmillan-saying-yes-to-sara/> Ver também: *Dear Future Mum*: <https://www.youtube.com/watch?v=Ju-q4OnBtNU>.

[75](#) Louann Brizendine, *The Female Brain*, Nova York, 2007, Morgan Road Books.

[76](#) Hanne K. Götze, *Kinder brauchen Mutter. Die Risiken der Krippenbetreuung — Was Kinder wirklich stark macht*, Ares Verlag, Graz, 2011, p. 49.

⁷⁷ Cf. Christa Meves, *Geheimnis Gehirn. Warum Kollektiverziehung und andere Unnatürlichkeiten für Kleinkinder schädlich sind*, Resch-Verlag, Gräfelfing, 2005.

⁷⁸ Comunicado de imprensa do UNICEF : <https://www.unicef.org/press-releases/sweden-norway-iceland-and-estonia-rank-highest-family-friendly-policiesoecd-and-eu>.

⁷⁹ No original, “barefoot and in the kitchen”. A expressão “barefoot, pregnant and in the kitchen” [descalça, grávida e na cozinha] está associada à ideia de que o papel social das mulheres se restringiria ao ambiente doméstico — ne.

⁸⁰ Comunicado de imprensa do Ministério Federal Alemão para Famílias, Mulheres Idosas e Jovens (BMFSFJ), 2 de setembro de 2019.

⁸¹ Livros recomendados sobre creches: Hanne K. Götze, *Kinder brauchen Mutter, Die Risiken der Krippenbetreuung — Was Kinder wirklich stark macht*, Ares-Verlag, Graz, 2011; Christa Meves, *Geheimnis Gehirn, Warum Kollektiverziehung und andere Unnatürlichkeiten für Kleinkinder schädlich sind*, Resch-Verlag, Gräfelfing, 2005; Nicole Struber, *Die erste Bindung, Wie Eltern die Entwicklung des kindlichen Gehirns prägen*, Klett-Cotta, Stuttgart, 2016; Serge Sulz, — *Schadet die Kinderkrippe meinem Kind? Worauf Eltern und ErzieherInnen achten und was sie tun können*, CIP Medien, Munique, 2018; — *Risiken der Betreuung in Kinderkrippen, Neue empirische Studien*, CIP Medien, Munique, 2018; — *Kinderkrippe als toxischer Dauerstress für Kinder*. Palestra no Congresso Psicossomático, Eichstätt 2018: http://dgkjf.de/wp-content/uploads/Sulz-Kinderkrippe-als-toxischer-Dauerstress-Psychosomatik-Kongress-2018_2.pdf.

⁸² https://www.berlininstitut.org/newsletter/anzeige.html?tx_news_pi1%5Bnews%5D=730&tx_news_pi1%5Bcontroller%5D=News&tx_news_pi1%5Baction%5D=detail&cHash=444aed4e79d207d7424e91aee9ea9d3b0.

⁸³ Rainer Böhm, “Die dunkle Seite der Kindheit”, em: *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 4 de abril de 2012.

⁸⁴ <https://www.faz.net/aktuell/feuilleton/debatten/demographie-unser-verschwinden-wuerde-gar-nicht-auffallen-1330352-p4.html>.

⁸⁵ <https://www.i-daf.org/aktuelles/aktuelles-einzelansicht/archiv/2018/01/22/artikel/kinderund-armut-was-macht-familien-arm.html>.

⁸⁶ <https://www.bmfsfj.de/bmfsfj/themen/familie/kinderbetreuung/mehr-qualitaet-in-derfruehen-bildung/das-gute-kita-gesetz/mehr-qualitaet-und-weniger-gebuehren/das-gutekita-gesetz—fuer-gute-kitas-bundesweit/128214>.

⁸⁷ Serge Sulz, *Risiken der Betreuung in Kinderkrippen*, p. 10.

⁸⁸ Citado em Sulz, Eichstätt 2018.

⁸⁹ Sulz, *Risiken der Betreuung in Kinderkrippen*, p. 14.

⁹⁰ NICHD , estudo de longo prazo: D. L. Vandell, J. Belsky et al., “Do Effects of Early Child Care Extend to Age 15 Years? Results from the NICHD Study of Early Child Care and Youth

Development”, in: *Child Development*, 8 (3), 737–56.

[91](#) Estudo de Quebec. Baker M., Gruber J., Milligan K. (2008), “Universal Child Care, Maternal Labor Supply and Family Well-Being”, in: *Journal of Political Economy*, 116, 709–45.

[92](#) Karl Brisch & Theodor Hellbrugge, *Bindung, Angst und Aggression: Theorie, Therapie und Prävention*, Klett-Cotta, Stuttgart, 2010.

[93](#) Sulz, Eichstätt 2018.

[94](#) DAK Gesundheitsreport, 2019.

[95](#) <https://www.aerzteblatt.de/nachrichten/99917/Mehr-Entwicklungsstoerun-gen-bei-Schulanfaengernhttps://>.

[96](#) <https://www.tagesspiegel.de/gesellschaft/panorama/heilmittelbericht-der-aok-jeder-vierte-erstklaessler-erhaelt-sprachtherapie/14992804.html>.

[97](#) Manfred Spreng, *Es trifft Frauen und Kinder zuerst, Wie der Genderismus krank machen kann!*, Logos Editions, Ansbach, 2016.

[98](#) Sulz, Eichstätt, 2018.

[99](#) Wiener Krippenstudie, 2007–2012.
<https://bildungswissenschaft.univie.ac.at/psychoanalytische-paedagogik/forschung/abgeschlossene-projekte/wiener-kinderkrippen-studie-wiki-die-eingewohnungsphase-von-kleinkindern-in-kinderkrippen/>.

[100](#) Alisa Samuel & Kurt Wedlich, “Zuwendung und ihre Konsequenz für Kinder in Kinderkrippen — Ergebnisse einer psychologischen Pilotstudie zur pädagogischen Grundsituation”, em: Serge Sulz (Projektleiter), *Risiken der Betreuung in Kinderkrippen*, Neue empirische Studien, CIP -Medien, Munique, 2018.

[101](#) Serge Sulz, Eichstätt, 2018.

[102](#) Torsten Kunz, “Gesundheit in Kindertageseinrichtungen”, em: Martin R. Textor & Antje Bostelmann (Ed.), *Das Kita-Handbuch*: <https://kindergartnopaedagogik.de/fachartikel/ausbildung-studium-beruf/berufsbild-arbeitssituation/1556>.

[103](#) Mads Kamper-Jørgensen et al: “Population-Based Study of the Impact of Childcare Attendance on Hospitalizations for Acute Respiratory Infections”, em: *Pediatrics*, vol. 118, n. 4, 2006, 1439–46.

[104](#) Sinal de creche do dgkjf: <http://dgkjf.de/wp-content/uploads/dgkjf-Kinderkrippen-Ampelfur-Rat-suchende-Eltern.pdf>.

[105](#) Sulz, Eichstätt, 2018.

[106](#) Sulz, *Risiken der Betreuung in Kinderkrippen*, 2018, p. 15.

[107](#) Michael Huter, “Kindheitsforscher warnt: Hört auf, eure Kinder in Kitas zu geben!”, em: *Focus online*, 09.04.2020.

[108](#) Christian Bachmann et al, “The cost of love: financial consequences of insecure attachment in antisocial youth”, em: *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 1.10.2019.

[109](#) 2 BvR 2347/15.

[110](#) Citação retirada do livro de Christoph Arnold, *Their Name is Today, Reclaiming Childhood in a Hostile World*, Plough Publishing House, Walden, Nova York, 2014, p. 16.

[111](#) Em 1950, o sociólogo de Harvard David Riesman lançou o livro *The Lonely Crowd*, que se tornou *best-seller*. Riesman distingue entre três tipos — pessoas que agem de acordo com a tradição, com princípios internos ou que são controladas por outros. A pessoa orientada para dentro se concentra em valores interiores, como a verdade, a beleza e a justiça. A moral que a orienta se pauta na consciência. A pessoa cujo foco se dirige aos outros se concentra nas opiniões e comportamentos alheios, e para ela o pertencimento e a aceitação são aspirações de suma importância. Ela se deixa guiar pela ansiedade. Riesman não era ainda capaz de imaginar a extensão da dependência causada pelos meios digitais.

[112](#) <https://www.zeit.de/gesellschaft/familie/2019-08/kinderbetreuung-kita-kindergarten-einrichtung-erziehung-kleinkinder/seite-2>.

[113](#) <http://www.kindergaerten-in-aktion.de/praxis-alltag-in-kindertageseinrichtungen/stressund-entspannung/stressverhalten-bei-kindern-1>.

[114](#) <https://www.watson.de/leben/meinung/563489785-kinder-unter-stress-erzieherin-warumdie-kindheit-mit-dem-besuch-der-kita-endet>.

[115](#) <https://www.nestbau-familie.de/fakten/stress-fuer-kleine-kinder/stressfaktoren/>.

[116](#) Manfred Spreng, *Es trifft Frauen und Kinder zuerst*, Logos Editions, Ansbach, 2015.

[117](#) “Nenhuma força política na Alemanha trabalhou tão arduamente pelos interesses dos homens pedófilos como o Partido Verde. Em meados da década de 1980, funcionou temporariamente quase como um braço parlamentar do movimento de pedofilia”. <https://magazin.spiegel.de/EpubDelivery/spiegel/pdf/948655>.

[118](#) Christa Meves, *Manipulierte Maßlosigkeit*, Herder-Verlag, Munique, 1971; *Wer Wind sät ... Folgen der Entschämung und Jugendverführung*, Christiana-Verlag, Stein am Rhein, 1998; *Verführt. Manipuliert. Pervertiert*, Resch-Verlag, Grä-felfing, 2003.

[119](#) Helmut Kentler, *Sexualerziehung*, Rowohlt Taschenbuch, 1970.

[120](#) https://www.uni-hannover.de/fileadmin/luh/content/webredaktion/universitaet/geschichte/helmut_kentler_und_die_universitaet_hannover.pdf.

[121](#) <https://dx.doi.org/10.18442/129>.

[122](https://de.wikipedia.org/wiki/Uwe_Sielert) https://de.wikipedia.org/wiki/Uwe_Sielert.

[123](#) Frank Herrath, “Freundliche Begleitung. Wie man ein Pädagogikfeld bestellt. Beitrag zur Festschrift für Uwe Sielert”, Renate-Berenike Schmidt, Elisabeth Tüder, Stefan Timmermanns, (Ed.), *Vielfalt wagen*, Berlin, 2009.

[124](#) https://www.isp-sexualpaedagogik.org/downloadfiles/Frank%20Herrath%20-%20Beitrag%20Festschrift%20Uwe%20Sielert%202009_1260308349.pdf.

[125](#) Frank Herrath, Uwe Sielert, *Lisa & Jan, ein Aufklärungsbuch für Kinder und ihre Eltern, Bilder von Frank Ruprecht*, Beltz Verlag, Weinheim and Basel, 1991.

[126](#) Ver a coletânea de ensaios *Die missbrauchte Republik. Aufklärung über die Aufklärer*, Ed. Andreas Späth. Verlag Inspiration, Un Limited, Londres, Hamburgo, 2010. Isso também inclui a obra de Gabriele Kuby, *Sexualization of Children and Teenagers by the State*.

[127](#) <https://www.kindergartenpaedagogik.de/fachartikel/bildungsbereiche-erziehungsfelder/geschlechtsbezogene-erziehung-sexualerziehung/1197>.

[128](#) Os pais são conhecidos da autora.

[129](#) Isso aconteceu pouco antes do *lockdown* em decorrência do coronavírus, de modo que a disputa sobre o conceito de educação sexual não poderia ser continuada imediatamente.

[130](#) <https://www.spiegel.de/lebenundlernen/schule/koeln-kita-kuendigt-mutmasslichen-missbrauchsoffern-a-1254158.html>.

[131](#) https://de.wikipedia.org/wiki/Original_Play.

[132](#) Em transmissão da rede de TV alemã ARD, Kontraste, em 24 de outubro de 2019, os pais relataram que seus filhos sofreram violência sexual durante “brincadeiras originais”. Veja também: “Friedliches Spiel oder Türöffner für Übergriffe”, em: *Der Spiegel*, 25 de outubro de 2019.

[133](#) Cf. Michael Felten, *Die Inklusionsfalle. Wie eine gutgemeinte Idee unser Bildungssystem ruiniert*, Gutersloher Verlagshaus, 2007.

[134](#) https://www.queerformat.de/wp-content/uploads/mat_kita_QF-Kita-Handreichung-2018.pdf, p. 19.

[135](#) https://www.partizipation-und-bildung.de/pdf/Hansen_Knauer_Sturzenhecker_Kinderstube%20der%20Demokratie.pdf.

[136](#) https://www.bertelsmann-stiftung.de/fileadmin/files/Projekte/Jungbewegt/Sommerakademie_2017/Anlage_7_Fachforum_III_Hansen_Wagner.pdf.

[137](#) Palestras no Congresso pelos Direitos da Criança, em 27 de fevereiro de 2020: <https://demofueralle.blog/2020/02/27/familie-am-abgrund-videos-der-symposiums-vortraege/>.

- [138](http://www.bagljae.de/downloads/114_sicherung-der-rechte-von-kindern-in-kitas.pdf) http://www.bagljae.de/downloads/114_sicherung-der-rechte-von-kindern-in-kitas.pdf.
- [139](https://www.ifp.bayern.de/index.php) Muitos materiais podem ser encontrados no site do Instituto Estatal de Educação Infantil da Baviera: <https://www.ifp.bayern.de/index.php>.
- [140](#) Huxley, Aldous, *Ends and Means*, Oxford University Press, 1946, p. 178.
- [141](https://www.kindergartenfrei.org/index.php?id=3) Vgl. <https://www.kindergartenfrei.org/index.php?id=3>.
- [142](https://lexikon.stangl.eu/3697/marshmallow-test/) Mischel, Walter. *The Marshmallow Test: Mastering Self-Control*. Estados Unidos: Little, Brown, 2014. <https://lexikon.stangl.eu/3697/marshmallow-test/>.
- [143](#) *Shell Jugendstudie*, 2019, Beltz-Verlag.
- [144](#) 1 BvR 2019/16.
- [145](#) Ronald Berthold, “Mau und Frann”, em: *Die Junge Freiheit*, 22 de maio de 2020, p. 6.
- [146](#) Obianuju Ekeocha, *Target Africa: Ideological Neocolonialism in the Twenty-First Century*, Ignatius Press, San Francisco, 2018. Prefácio à edição espanhola da obra de Gabriele Kuby, em Homo Legens Publishers, Madri, 2019.
- [147](#) Stefan Timmermanns, Elisabeth Tuijer, Petra Bruns-Bachmann, Carola Koppermann, Mario Muller, *Sexualpädagogik der Vielfalt, Praxismethoden zu Identitäten, Beziehungen, Körper und Prävention für Schule und Jugendarbeit*, Juventa-Verlag, Weinheim e Munique, 2008.
- [148](https://demofueralle.blog/eine-seite/) <https://demofueralle.blog/eine-seite/>.
- [149](https://www.bzga-whocc.de/fileadmin/user_upload/WHO_BZgA_Standards_deutsch.pdf) https://www.bzga-whocc.de/fileadmin/user_upload/WHO_BZgA_Standards_deutsch.pdf.
- [150](#) Para uma análise das contradições jurídicas, ver Silvia Behrendt, “Sexualpädagogik im Kontext der Schule. Über die Notwendigkeit zur Lösung einer Diskrepanz”, em: *Schule & Recht*, n. 1, ano 2019.
- [151](#) Sigmund Freud: “Vimos por experiência que [...] qualquer atividade sexual prematura prejudica a educabilidade da criança”. (Gesammelte Werke, S. Fischer-Verlag, vol. v , p. 136).
- [152](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260770) <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260770>; Gabriele Kuby, “Zu-griff auf die Jugend. UN-Genderprogrammierung durch Sexualerziehung”, em: *Die Junge Freiheit*, n. 51, 14 de dezembro de 2018.
- [153](https://www.ippf.org/sites/default/files/ippf_framework_for_comprehensive_sexuality_education.pdf) https://www.ippf.org/sites/default/files/ippf_framework_for_comprehensive_sexuality_education.pdf.
- [154](https://www.cdc.gov/std/stats17/adolescents.htm) <https://www.cdc.gov/std/stats17/adolescents.htm>.
- [155](#) A Pro Familia treina alunos a partir dos 15 anos como “educadores de pares” ou “especialistas em sexo”, que depois dão aulas de educação sexual na escola por conta própria. O

Centro Federal de Educação em Saúde da Alemanha tem instruções que dizem: Educação entre Pares — um manual para profissionais, Best. N° 13300721. Rede internacional: Youth peer education Network (Y-Peer): www.youth-peer.org/web/guest/ypeer-toolkit.

[156](#) Robert Rector & Kirk A. Johnson, *Teenage Sexual Abstinence and Academic Achievement*, 27 de outubro de 2015: <http://www.heritage.org/Research/Reports/2005/10/Teenage-Sexual-Abstinence-and-Academic-Achievement>.

[157](#) Alexander Korte, “Wir erleben einen enormen Zulauf an Jugendlichen, die ihr Geschlecht wechseln wollen”, entrevista em: *Der Spiegel*, 26 de julho de 2019.

[158](#) <https://www.centralsexualhealth.org/media/8009/guidance-for-schools-trans-gendervariance.pdf>.

[159](#) https://usports.ca/uploads/hq/Media_Releases/Members_Info/2018-19/Press_Release_-_Transgender_Policy.pdf.

[160](#) Lawrence S. Mayer, Paul R. McHugh, “Sexuality and Gender, Findings from the Biological, Psychological, and Social Sciences”, em: *The New Atlantis*, n. 50, outono de 2016. National Transgender Discrimination Survey, Williams Institute, University of California, Los Angeles, 2014.

[161](#) <https://www.acpeds.org/wordpress/wp-content/uploads/7.16.19-Surgeon-General-letter1963-v4.pdf>.

[162](#) <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2017/feb/03/experience-i-regret-transitioning>.

[163](#) <https://sexchangeregret.com>.

[164](#) <https://www.change.org/p/save-6-year-old-boy-ja-d-y-from-chemical-castration>.

[165](#) https://www.youtube.com/watch?time_continue=81&v=3lly46yZzsA.

[166](#) *Only Adults? Good Practises in Legal Gender Recognition of Youth*. https://www.iglyo.com/wp-content/uploads/2019/11/IGLYO_v3-1.pdf. Um relatório sobre isso aqui: <https://blogs.spectator.co.uk/2019/12/the-document-that-reveals-the-remarkable-tactics-of-trans-lobbyists/>.

[167](#) Cf. Tapio Puolimatka, *Transideologie*, Ruhland-Verlag, Bad Soden, 2019, prefácio de Gabriele Kuby.

[168](#) https://www.bundestag.de/dokumente/textarchiv/2013/45426229_kw26_pa_recht_kinderrechte-212880.

[169](#) <https://www.bundestag.de/dokumente/textarchiv/2016/kw04-pa-familie-402682>.

[170](#) BT-Drs. 17/10118, 17/11650, 17/13223.

[171](#) Abschlussbericht der Bund-Länder-Arbeitsgruppe “Kinderrechte im Grund-gesetz”, 14 de outubro de 2019. [https://www.bmjv.de/SharedDocs/Downloads/DE/News/PM/102519_Abschlussbericht_Kinderrechte.pdf? blob=publicationFile&v=2](https://www.bmjv.de/SharedDocs/Downloads/DE/News/PM/102519_Abschlussbericht_Kinderrechte.pdf?blob=publicationFile&v=2).

[172](#) Cf. Michael Tsokos e Saskia Guddat, *Deutschland misshandelt seine Kinder, Mehr als 200.000 Kinder werden pro Jahr Opfer von Gewalt durch Erwachsene*, Droemer-Verlag, Munique, 2014.

[173](#) <https://de.statista.com/statistik/daten/studie/12982/umfrage/inobhutnahmen-minderjaehriger-durch-jugendaemter/>.

[174](#) <https://www.faz.net/aktuell/gesellschaft/menschen/kindesinobhutnahmen-nach-der-geburt-getrennt-15806437.html>.

[175](#) A Alliance Defending Freedom International forneceu assistência jurídica à família Wunderlich: <https://adfinternational.org/news/deutsche-homeschooler-er-wagen-berufung-nach-entscheidung-des-europaischen-gerichtshofes-fur-menschenrechte/>.

[176](#) Josef Kraus, *Wie man eine Bildungsnation an die Wand fährt*, Herbig-Verlag, Munique, 2017.

[177](#) Steven Bennett, *Stolen Childhood: The Truth about Norway’s children welfare system*, Emira Press, 2019.

[178](#) https://www.youtube.com/watch?v=ePDr1JKzJKY&fbclid=IwAR3lSMn5BK2CLZK8akNzL4x30rJigeNs6-aKqF39SBPlDO9DSH_uvrDK0cc.

[179](#) Robert Clarke, “Norway’s Bernavernet and The Future of Parental Rights”, em: *The Public Discourse*, 21 de outubro de 2019. <https://www.thepublicdiscourse.com/2019/10/57789/>. Em muitos casos, a Alliance Defending Freedom International ajuda as pessoas afetadas na luta pelos direitos e liberdade dos pais e liberdade de religião.

[180](#) <https://www.supremecourt.uk/cases/docs/uksc-2015-0216-judgment.pdf>.

[181](#) Em 1983, o Pontifício Conselho para a Família apresentou a Carta dos Direitos da Família ao público e aos governos. http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_19831022_family-rights_en.html.

[182](#) Muitos números apresentados neste capítulo vêm de livros do pesquisador do cérebro Dr. Manfred Spitzer, que passou anos usando seu profundo conhecimento e dados abrangentes de centenas de estudos científicos para lutar contra a *demência digital* e a *epidemia de celulares*. Desejo expressamente agradecer ao Dr. Spitzer pelo seu trabalho educativo sobre os perigos da digitalização. Manfred Spitzer, *Digitale Demenz. Wie wir uns und unsere Kinder um den Verstand Bringen*, Droemer-Verlag, Munique, edição de bolso, outubro de 2014 (publicado pela primeira vez em 2012); Manfred Spitzer, *Smartphone Epidemie. Gefahren für Gesundheit, Bildung und Gesellschaft*, Klett-Cotta-Verlag, Stuttgart, edição em brochura, 2018/2019.

[183](https://de.statista.com/statistik/daten/studie/1106/umfrage/handybesitz-bei-jugendlichen-nach-altersgruppen/) <https://de.statista.com/statistik/daten/studie/1106/umfrage/handybesitz-bei-jugendlichen-nach-altersgruppen/>.

[184](#) *Smartphone Epidemie*, p. 113.

[185](#) *Smartphone Epidemie*, p. 149.

[186](http://www.nytimes.com/2019/11/04/well/family/screen-use-tied-to-childrens-brain-development.amp.html) <http://www.nytimes.com/2019/11/04/well/family/screen-use-tied-to-childrens-brain-development.amp.html>; Estudo: John S. Hutton et al. “Associations Between Screen-Based Media Use and Brain White Matter Integrity in Preschool-Aged Children”, em: *JAMA Pediatrics* 2019.3869.

[187](#) Alan L. Mendelsohn et al, “Infant Television and Video Exposure Associated With Limited Parent-Child Verbal Interactions in Low Socioeconomic Status Households”, *Arch Pediatr Adolesc Med*, maio de 2008; 162 (5): 411–17.

[188](https://www.drogenbeauftragte.de/presse/pressekontakt-und-mitteilungen/archiv/2017/2017-2-quartal/ergebnisse-der-blick-studie-2017vorgestellt.html?L=0) <https://www.drogenbeauftragte.de/presse/pressekontakt-und-mitteilungen/archiv/2017/2017-2-quartal/ergebnisse-der-blick-studie-2017vorgestellt.html?L=0>.

[189](#) Christakis, D. A., Zimmerman, F. J., Di Giuseppe, D. L., & McCarty, C. A. (2004). “Early television exposure and subsequent attentional problems in children”, em: *Pediatrics*, 113(4), 708–13.

[190](#) Zimmerman, F. J. & Christakis, D. A., “Children’s television viewing and cognitive outcomes: A longitudinal analysis of national data”, in: *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 159 (7), 619–25, 2005.

[191](#) Manfred Spitzer, *Digitale Demenz*, p. 138.

[192](#) Hancox, R. J., Milne, B. J., & Poulton, R., “Association between child and adolescent television viewing and adult health”, em: *Lancet* 364, 257–62, 2004.

[193](#) Manfred Spitzer, *Smartphone Epidemie*, capítulo 4.

[194](#) Christian Pfeiffer, Thomas Mößle, Matthias Kleimann & Florian Rehbein, *Die PISA-Verlierer — Opfer ihres Medienkonsums*, Kriminologisches Forschungsinstitut Niedersachsen e. V. (KFN), Hanôver, 2007.

[195](https://www.bitkom.org/Presse/Presseinformation/Kinder-und-Jugendliche-zocken-taeglich-rund-zwei-Stunden.html) <https://www.bitkom.org/Presse/Presseinformation/Kinder-und-Jugendliche-zocken-taeglich-rund-zwei-Stunden.html>.

[196](#) Christian Pfeiffer et al.

[197](#) Manfred Spitzer, *Digitale Demenz*, p. 199.

[198](https://www.drogenbeauftragte.de/presse/pressekontakt-und-mitteilungen/archiv/2016/2016/jeder-12-junge-suechtig-nach-computerspielen.html?L=0) <https://www.drogenbeauftragte.de/presse/pressekontakt-und-mitteilungen/archiv/2016/2016/jeder-12-junge-suechtig-nach-computerspielen.html?L=0>.

[199](#) Manfred Spitzer, *Digitale Demenz*, p. 123.

- [200](#) Manfred Spitzer, *Digitale Demenz*, p. 12.
- [201](https://www.facebook.com/BestTrendVideos/videos/588522614986049/) <https://www.facebook.com/BestTrendVideos/videos/588522614986049/>.
- [202](http://www.schule-atmosfairisch.de) www.schule-atmosfairisch.de.
- [203](https://www.jugendschutz-niedersachsen.de/wordpress/wp-content/uploads/2010/10/korn-mobbing.pdf) Stefan Korn et al, *Mobbing in Schulklassen — systematische Schikane*: <https://www.jugendschutz-niedersachsen.de/wordpress/wp-content/uploads/2010/10/korn-mobbing.pdf>.
- [204](https://www.buendnis-gegen-cybermobbing.de) <https://www.buendnis-gegen-cybermobbing.de>.
- [205](#) Edward Bernays, *Propaganda*, H. Liveright, Nova York, 1928, p. 71.
- [206](https://www.facebook.com/notes/mark-zuckerberg/bringing-the-world-closer-together/10154944663901634/) <https://www.facebook.com/notes/mark-zuckerberg/bringing-the-world-closer-together/10154944663901634/>.
- [207](https://netzpolitik.org/2018/kommentar-die-oeffentliche-meinungsbildung-wird-fuer-facebook-zum-experimentierfeld/) Julia Kruger, *Die öffentliche Meinungsbildung wird für Facebook zum Experimentierfeld*: <https://netzpolitik.org/2018/kommentar-die-oeffentliche-meinungsbildung-wird-fuer-facebook-zum-experimentierfeld/>.
- [208](https://www.facebook.com/zuck/posts/10104413015393571) <https://www.facebook.com/zuck/posts/10104413015393571>.
- [209](https://www.bka.de/DE/Presse/Listenseite_Pressemitteilungen/2018/Presse2018/180606_KinderpornografieKlarstellung.html;jsessionid=D6CF159F4C61CAFC19F6EC957FAF5287.live2291?nn=29858) https://www.bka.de/DE/Presse/Listenseite_Pressemitteilungen/2018/Presse2018/180606_KinderpornografieKlarstellung.html;jsessionid=D6CF159F4C61CAFC19F6EC957FAF5287.live2291?nn=29858.
- [210](https://ecpat.de) <https://ecpat.de>.
- [211](https://www.nytimes.com/interactive/2019/09/28/us/child-sex-abuse.html) <https://www.nytimes.com/interactive/2019/09/28/us/child-sex-abuse.html>.
- [212](https://www.safersurfing.org/mallorca-erstkontakt-zu-pornos-bereits-mit-acht/) <https://www.safersurfing.org/mallorca-erstkontakt-zu-pornos-bereits-mit-acht/>.
- [213](http://www.hdm-stuttgart.de/grimm/grimm_pornogra-fie_praesentation.pdf) Petra Grimm, Michael Müller, Stefanie Rhein, *Porno im Web 2.0. Welche Rolle spielen sexualisierte Webinhalte in der Lebenswelt von Jugendlichen?*, um estudo feito por NLM e BLM : www.hdm-stuttgart.de/grimm/grimm_pornogra-fie_praesentation.pdf.
- [214](https://www.zeit.de/kultur/2018-03/pornografie-aufklaerung-sexualitaet-frauen-erniedrigung) <https://www.zeit.de/kultur/2018-03/pornografie-aufklaerung-sexualitaet-frauen-erniedrigung>.
- [215](http://aifs.gov.au) Um relatório do governo australiano traz um bom resumo da pesquisa: <http://aifs.gov.au>.
- [216](https://www.focus.de/panorama/welt/befragung-aus-grossbritannien-jede-dritte-frau-sieht-sich-mindestenseinmal-pro-woche-pornos-an_id_5496121.html) O consumo de pornografia já não é exclusivamente masculino. https://www.focus.de/panorama/welt/befragung-aus-grossbritannien-jede-dritte-frau-sieht-sich-mindestenseinmal-pro-woche-pornos-an_id_5496121.html.
- [217](https://www.safersurfing.org/loveismore/) Tabea Freitag, *Fit for Love? Praxishandbuch zur Prävention von Internet-Pornografie-Konsum*, Fachstelle Mediensucht, Hanôver. Ver também: *Love is more, Safer Surfing*, <https://www.safersurfing.org/loveismore/>.

[218](#) Micro-censo do Gabinete Federal de Estatísticas alemão.

[219](#) Relatório do Instituto IONA sobre a Pesquisa Global de Família e Gênero: <https://ionainstitute.ie/wp-content/uploads/2019/03/IONA-cohabitation-flyer-LR.pdf>.

[220](#) Leila Miller (Ed.), *Primal Loss — The Now-Adult Children of Divorce Speak*, LCB Publishing, Phoenix, Arizona, 2017.

[221](#) Anabel, filha de pais divorciados, em filme sobre guarda compartilhada: *Heute Mama, morgen Papa — Der Streit ums Wechselmodell*: <https://www.youtube.com/watch?v=2sl9Hruqw78>.

[222](#) Citações de depoimentos de madrastas neste *blog*: <https://stiefmutter-blog.com/2014/12/05/stiefkinder-sind-die-neuen-schwiegermutter/>.

[223](#) Judith S. Wallerstein, Julia M. Lewis, Sandra Blakeslee, *The Unexpected Legacy of Divorce: A 25 Year Landmark Study*, Hyperion, Nova York, 2000. Prefácio aqui: <http://www.agsp.de/html/a10.html>.

[224](#) <http://www.agsp.de/html/a10.html>.

[225](#) Paul R. Amato e Bruce Keith, “Parental Divorce and Adult Wellbeing: A Meta-Analysis”, em: *Journal of Marriage and Family*, vol. 53, n. 1, fevereiro de 1991, p. 43–59. http://slatestarcodex.com/Stuff/divorce_paper.pdf.

[226](#) Os resultados dos estudos científicos estão documentados neste *site*: <https://marri.us/wp-content/uploads/The-Effects-of-Divorce-on-Children.pdf>. Caso sejam citadas outras fontes, elas serão indicadas em notas de rodapé separadas.

[227](#) Leslie R. Martin, Howard S. Friedman, Kathleen M. Clark, e Joan S. Tucker, “Longevity Following the Experience of Parental Divorce”, em: *Social Science and Medicine* 61 (2005): 2182.

[228](#) Cynthia Price e Jenifer Kunz, “Rethinking the Paradigm of Juvenile Delinquency as Related to Divorce”, em: *Journal of Divorce and Remarriage* 39 (2003).

[229](#) <https://cdn2.hubspot.net/hubfs/135704/NFIFatherAbsenceInfoGraphic071118.pdf>.

[230](#) <https://cdn2.hubspot.net/hub/135704/file-396018955-pdf/RyanNFIFatherAbsenceInfoGraphic051614.pdf>.

[231](#) <http://www.vaterlos.eu/wenn-kinder-ohne-vater-aufwachsen/>.

[232](#) Grégor Puppink, *Les droits de l’homme dénaturé*, Le Cerf, Paris, 2018. Citado de tradução ainda não publicada para o alemão.

[233](#) Cf. Gabriele Kuby, *The Global Sexual Revolution*, capítulo 10.

[234](#) *Brief of amici curiae American College of Pediatricians*, Family Watch International, Loren D. Marks, Mark D. Regnerus e Donald Paul Sullins. Ver também: Paul Sullins, “It’s Time

to Promote Good Social Science on Same-Sex Parenting”, em: *The Public Discourse*, 17 de maio de 2019.

[235](https://www.focusonthefamily.com/faith/key-findings-of-mark-regnerus-new-familystructure-study/) <https://www.focusonthefamily.com/faith/key-findings-of-mark-regnerus-new-familystructure-study/>.

[236](https://www.thepublicdiscourse.com/2016/06/17255/) Mark Regnerus, “The Data on Children in Same-Sex Households Get More Depressing”, em: *The Public Discourse*, 26 de junho de 2016. <https://www.thepublicdiscourse.com/2016/06/17255/>.

[237](#) Em seu livro *Die dunkle Seite der Kindheit* [O lado negro da infância], Dirk Bange cita um estudo de Russell: uma em cada seis meninas que tinham um padrasto foi abusada por ele antes dos 14 anos, mas “apenas” uma em cada quinze meninas o fora por seu pai biológico. Um estudo realizado na Inglaterra e no País de Gales mostra que 32% das crianças que cresceram com pelo menos um padrasto foram vítimas de abuso, contra 3% das crianças que viviam com os pais biológicos.

[238](http://www.thepublicdiscourse.com/2015/02/14370/) Katy Faust, *Dear Justice Kennedy: An Open Letter from the Child of a Loving Gay Parent*, em: *The Public Discourse*, 02.02.2015, <http://www.thepublicdiscourse.com/2015/02/14370/>.

[239](https://www.lifesitenews.com/news/quartet-of-truth-adult-children-of-gay-parents-testifyagainst-same-sex-mar) <https://www.lifesitenews.com/news/quartet-of-truth-adult-children-of-gay-parents-testifyagainst-same-sex-mar>.

[240](#) Um livro em inglês que pode ser útil, sobre como lidar com os meios digitais na família, é o de Andy Crouch, *The Tech-Wise Family*, Baker Publishing Group, Grand Rapids, 2017.

[241](#) De grande ajuda para pôr tudo isso em prática é o livro de Katy Faust, *Them Before Us. Why We Need a Global Children’s Rights Movement*, Post Hill Press, Nova York, Nashville, 2021.

[242](#) Entrevista realizada pela autora, em inglês, no mês de abril de 2020.